

A PAZ TEM SEU PREÇO



WEREWORLD



A GUERRA DOS WERELORDS



CURTIS JOBLING

Benvirá



CURTIS JOBLING



A GUERRA DOS WERELORDS

Tradução
Alexandre Boide

Benvirá



Av. das Nações Unidas, 7221, 1º Andar, Setor B
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05425-902

SAC 0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h às 18h

www.editorasaraiva.com.br/contato

Presidente Fernando Shayer

Vice-presidente Claudio Lensing

Diretora editorial Flávia Alves Bravin

Editoras Débora Guterman

Paula Carvalho

Tatiana Vieira Allegro

Editora de arte Deborah Mattos

Suporte editorial Juliana Bojczuk

Preparação Alessandra Miranda de Sá

Revisão Laíla Guilherme

Tulio Kawata

Diagramação Johannes C. Bergmann

Imagem de capa Andrew Farley

Impressão e acabamento

ISBN 978-85-5717-191-6

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Jobling, Curtis

Guerra dos Werelords, A / Curtis Jobling ; tradução de Alexandre

Boide. – São Paulo : Benvirá, 2017.

432 p. (Wereworld; 6)

ISBN 978-85-5717-191-6

Título original: *Wereworld - War of the Werelords*

1. Literatura inglesa - Ficção. I. Título. II. Boide, Alexandre

CDD-823

17-1458 CDU-82-3 (410)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa - Ficção

Copyright de texto e ilustrações © Curtis Jobling, 2013.

Copyright da ilustração de capa © Andrew Farley, representado por Meiklejohn.co.uk.

Publicado originalmente na Inglaterra em língua inglesa por Penguin Books Ltd.

Título original: *Wereworld – War of the Werelords*

Todos os direitos reservados à Benvirá,

um selo da Saraiva Educação.

www.benvira.com.br

1ª edição, 2017

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

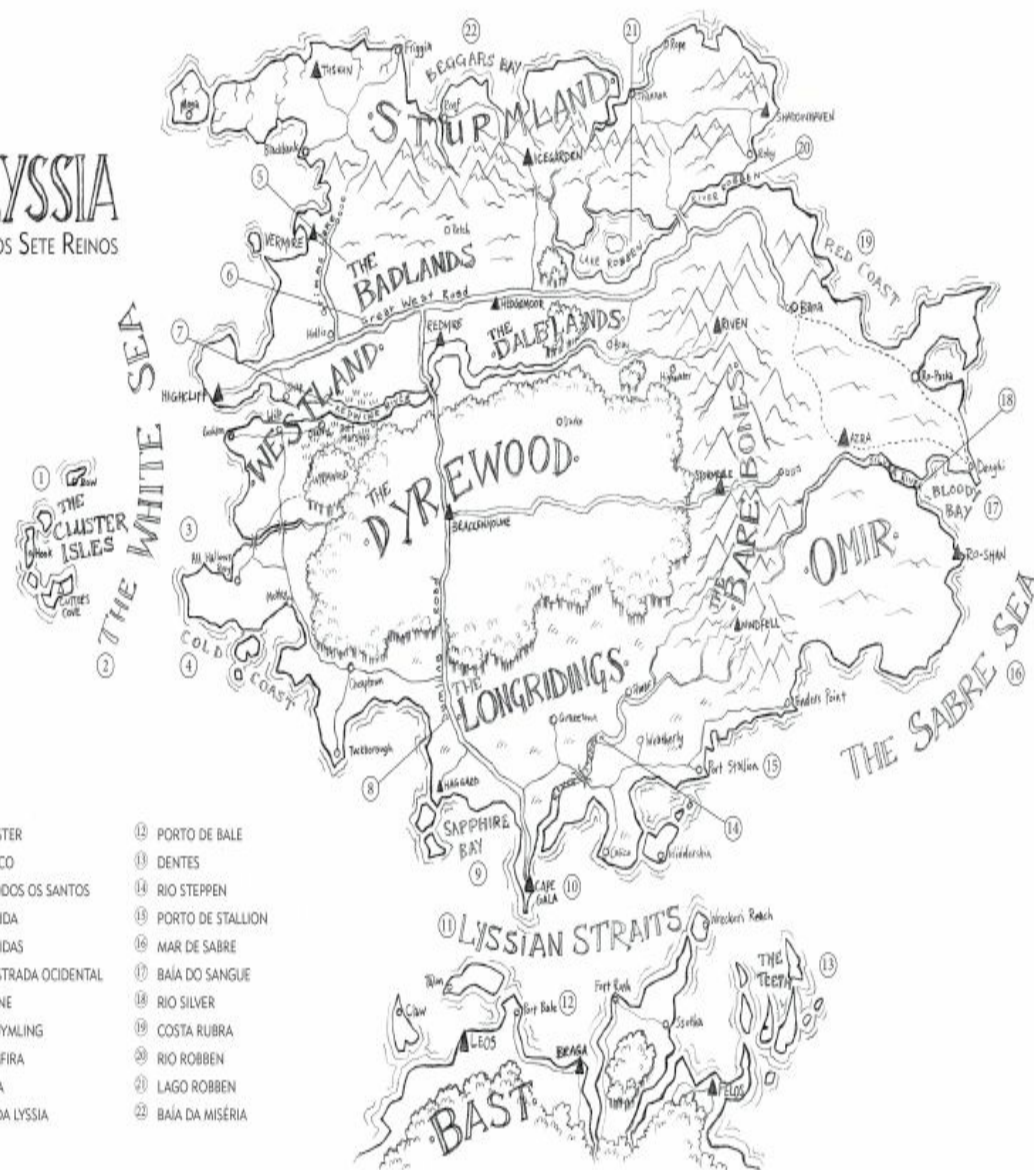
CL 670734

Este é para você, sra. Bling! JJJ.

LYSSIA

E OS SETE REINOS

- | | |
|----------------------------|----------------------|
| 1 ILHAS CLUSTER | 12 PORTO DE BALE |
| 2 MAR BRANCO | 13 DENTES |
| 3 BAÍA DE TODOS OS SANTOS | 14 RIO STEPPEN |
| 4 COSTA GÉLIDA | 15 PORTO DE STALLION |
| 5 TERRAS ÁRIDAS | 16 MAR DE SABRE |
| 6 GRANDE ESTRADA OCIDENTAL | 17 BAÍA DO SANGUE |
| 7 RIO REDWINE | 18 RIO SILVER |
| 8 ESTRADA DYMLING | 19 COSTA RUBRA |
| 9 BAÍA DA SAFIRA | 20 RIO ROBBER |
| 10 CABO GALA | 21 LAGO ROBBER |
| 11 ESTREITO DA LYSSIA | 22 BAÍA DA MISÉRIA |



Sumário

Lista de personagens

PARTE I: O RETORNO DO LOBO

1. O Curral do Touro
2. Charme matador
3. Uma onda de aço
4. A paciente prisioneira
5. A isca e o anzol
6. Diante dos portões de Azra
7. O Cavaleiro Lupino
8. A única opção

PARTE II: OS CAMINHOS SÃO TRAÇADOS

1. Esturricado
2. Farpas e espinhos
3. Pai e filho
4. Acerto de contas
5. Ruínas
6. O porto das almas perdidas
7. O encontro noturno

PARTE III: SANGUE DERRAMADO

1. De passagem
2. No limite
3. Filho Cinzento
4. A fazenda e o fogo
5. Hedgemoor
6. A batalha da Falha de Bana
7. Lar desfeito
8. Aliados relutantes
9. O Sharklord e a Hawklady

PARTE IV: A SORTE ESTÁ LANÇADA

1. Carne vermelha
2. Fora das montanhas

3. Enfrentamentos
4. Uma mãozinha inesperada
5. O senhor de todos os Leões
6. O artesão e a cirurgiã
7. A escolha mais simples
8. Migalhas da mesa
9. A união

PARTE V: A BATALHA DA PEDRA PRETA

1. Enfim, o encontro
2. Os três lados da batalha
3. Decolagem
4. Uma novíssima união
5. O fim da longa espera
6. Tremores

PARTE VI: A GUERRA DOS WERELORDS

1. Uma recepção fria
2. Palavras convincentes
3. O golpe mais cruel
4. Uma onda de esperança
5. Lágrimas de sangue
6. O chamado do sono eterno
7. Luz contra noite
8. O último adeus

PARTE VII: O PREÇO

1. A garota na árvore
2. A caçada ao Lobo

Lista de personagens

O LOBO E SEUS ALIADOS

Drew Ferran, o último dos Lobos cinzentos, legítimo herdeiro da Westland.

Werelords dos mares

Conde Vega, o príncipe dos piratas das Ilhas Cluster, marechal do mar do Lobo, antigo capitão do *Turbilhão*, membro do Conselho Lupino. Sharklord.

Barão Bosa, a Baleia de Moga, capitão do *Beluga*, antigo pirata.

Florimo, navegador. Ternlord.

Casper, antigo camareiro do *Turbilhão*. Filho de Vega e Shah. Hawklord.

Fíbios dos Brejos de Bott

Kholka, Marshman fíbio.

Shilmin, sua esposa.

Khilik, seu filho.

Shoma, outro Marshman fíbio.

Werelords de Azra

Rei Faisal de Azra, legítimo rei de Omir. Jackal-lord.

Vizir Barjin de Azra, conselheiro mais próximo de Faisal. Jackal-lord.

Lady Hayfa, a Hiena, governante de Ro-Shann e responsável pelo cerco a Azra. Werehyena.

Lord Canan de Omir, governante de Pasha, rei rebelde envolvido na guerra civil contra o rei Faisal. Doglord.

Kara, filha de Faisal. Jackal-lady.

Aliados bastians do Lobo

Lady Opal, a Beldade de Bast, irmã de Onyx. Pantherlady.

Lord Chollo, Cheetalord das Ilhas Dentes.

Alto Lord Tigara, Ancião dos Tigres, avô de Taboo. Tigerlord.

Hawklords

Lady Shah, curandeira, herdeira de Windfell. Hawklady.

Conde Carsten, líder dos Hawklords, irmão do barão Baum. Eaglelord.

Barão Baum, líder dos Hawklords, irmão do conde Carsten. Eaglelord.

Bearlords da Dyrewood

Lady Whitley, filha de Bergan, batedora dos Mantos-Verdes.
Duque Bergan de Brackenholme, membro do Conselho Lupino.
Duquesa Rainier, esposa de Bergan. Foxlady.
Barão Redfearn de Darke-in-the-Dyrewood, irmão de Bergan.
Lord Broghan, filho de Bergan, comandante dos Mantos-Verdes, falecido.

Ursos Brancos de Icegarden

Duque Henrik, Lord de Icegarden, primo do duque Bergan.
Lady Greta, magíster, irmã de Henrik, prisioneira do barão Hector.

Gatos Selvagens de Robben

Bethwyn, dama de companhia de Lady Greta.
Barão Mervin, governante de Robben, pai de Bethwyn.

Staglords de Stormdale

Duque Manfred, membro do Conselho Lupino.
Lord Reinhardt, filho de Manfred, líder em exercício de Stormdale.
Lord Milo, filho de Manfred, irmão mais novo de Reinhardt.
Magíster Wilhelm, curandeiro, tio de Hector. Boarlord.

Lobos brancos de Shadowhaven

Miloqi, vidente.
Mikotaj, irmão de Miloqi, conhecido como Morte Branca.

Outros Werelords vivos

Lady Gretchen de Hedgemoor, ex-noiva de Lucas, amiga de Drew. Werefox.
Lord Conrad de Cabo Gala. Horselord.
Lord Eben de Haggard. Ramlord.
Taboo, neta de Lord Tigara, gladiadora de Scoria, sobrevivente da Fornalha.
Tigerlady.
Krieg, gladiador, sobrevivente da Fornalha. Rhinolord.
Beemote, gladiador, sobrevivente da Fornalha. Mammoth-lord.
Duque Brand de Calico. Bull-lord.

Werelords falecidos

Wergar, o Lobo, antigo rei da Westland, pai de Drew, deposto e morto pelo rei Leopold.
Rainha Amelie, Loba branca, rainha da Westland, viúva de Wergar e Leopold, mãe de Drew e Lucas. Morta por Hector.
Conde Mikkell, irmão do duque Manfred, morto pelos Doglords antes da batalha de Highcliff. Staglord.

Barão Ewan de Haggard, pai de Lord Eben, magíster, morto pelo conde Kessler. Ramlord.

Lord Dorn, filho do duque Brand, morto pelo conde Kessler em Haggard. Bull-lord.

Rufus Rubro, morto na batalha de Brackenholme. Hawklord.

Aliados humanos

Trent Ferran, irmão adotivo de Drew, antigo membro dos Mantos-Rubros, Cavaleiro Lupino.

Djogo, antigo capitão dos mercenários do conde Kessler e feitor de escravos, agora amigo de Drew.

Capitão Eric Ransome, antigo pirata, capitão do *Turbilhão*.

Figgis, imediato do *Turbilhão*.

Baba Soba, sábia do povo romari.

Yuzhnik, engolidor de fogo romari.

General Harker, comandante da Guarda em Brackenholme.

General Reuben Fry, arqueiro da Sturmland.

Bo Carver, Lord dos ladrões.

Pick, menina ladra.

Lars Steinhammer, ferreiro sturmiano.

Ibal, antigo membro da Guarda Javalina de Hector, agora aliado de Bergan.

Mack Ferran, pai adotivo de Drew, pai de Trent. Morto pela Guarda Leonina.

Tilly Ferran, mãe adotiva de Drew, mãe de Trent. Morta por Vanmorten.

OS CATLORDS E SEUS ALIADOS

Leões de Leos

Alto Lord Leon, Ancião dos Leões, pai de Leopold, avô de Lucas.

Leopold, o Leão, rei deposto da Westland, pai de Lucas. Morto por Lucas.

Rei Lucas, autocoroado rei da Westland, filho de Leopold e da rainha Amelie e meio-irmão de Drew.

Lord Luc, sobrinho de Leon, membro da elite da Guarda Leonina.

Lord Lex, sobrinho de Leon, membro da elite da Guarda Leonina, irmão de Luc.

Werelords aliados dos Leões

Lord Ulik de Fim do Mundo, o Macaco Pelado. Apelord.

General Clavell, irmão do general Skeep. Canelord.

Panteras de Braga

Alto Lord Oba, Ancião das Panteras, pai de Lord Onyx e Lady Opal.
Lord Onyx, a Fera de Bast.

Werelords aliados das Panteras

Tenente Ithacus, mensageiro do Alto Lord Oba. Vulturelord.
Conde Costa, membro do conselho de guerra de Onyx. Vulturelord.
General Skean, membro do conselho de guerra de Onyx. Canelord.
General Gorgo, membro do conselho de guerra de Onyx. Hippolord.
Barão Overmeir, das Planícies Dilapidadas. Membro do conselho de guerra de Onyx. Buffalolord.
Lady Giza, membro do conselho de guerra de Onyx. Weregazelle.

Aliados humanos das Panteras

Xerife Muller, bandido das Terras Áridas. Membro do conselho de guerra de Onyx.
Major Krupha, comandante dos Mantos-Rubros. Membro do conselho de guerra de Onyx.

Tigres de Felos

Marechal de campo Tiaz, líder dos Fúrias de Felos. Tigerlord.

Werelords aliados dos Tigres

General Primus, primo de Onyx. Pantherlord.
Lord Urok, o Orangotango de Fim do Mundo. Apelord.

Guepardos de Dentes

Lord Chang, filho de Lord Chollo. Falecido.

Reis Ratos

Vanmorten, Lord Chanceler da Westland, membro mais poderoso da família do Rei Rato.
Vankaskan, magíster praticante de necromancia, antigo mestre de Hector. Morto por Drew.
Vorjavik, marechal de guerra, morto por Lord Reinhardt na batalha de Stormdale.
Vorhaas, irmão gêmeo de Vorjavik, comandante do exército do Leão nas Dalelands. Morto por Trent Ferran.

Os Wyldermen e sua deusa

Vala, maligna deusa serpente idolatrada pelos Wyldermen. Morta por Drew.
Coração Negro, líder dos Lobos Selvagens.

Werelords de Scoria

Lord Ignus de Scoria, proprietário da Fornalha. Lizardlord.

Conde Kessler de Haggard, feitor de escravos. Goatlord. Morto pelo Beemote.

Nos mares

Marechal do mar Scorpio, antigo comandante da frota bastian e capitão do *Imperatriz Bastian*. Fishlord.

Lord Ghul, o Kraken, Squidlord das Ilhas Cluster e marechal do mar da frota do Leão. Falecido.

Lord Hackett, comissário de Angra do Veleiro. Crablord. Falecido.

Olho Morto, capitão do *Cão do Inferno*. Sharklord. Falecido.

O BOARLORD E SEUS ALIADOS

Barão Hector, magíster praticante da necromancia conhecido como Mão Negra, herdeiro de Redmire, antigo membro do Conselho Lupino, líder dos ugris. Boarlord.

Vincent, o vil, fantasma do irmão gêmeo morto de Hector.

Crowlords

Lord Flint, filho do conde Croke, líder dos Corvos de Riven. Morto por Hector.

Aliados humanos do Javali

Ringlin, capitão da Guarda Javalina. Morto por Hector.

Dois Machados, guerreiro ugri.

PARTE I

O retorno do Lobo





1

O Curral do Touro

A jovem deteve o passo na beira do cais, parando por um momento para observar o fluxo constante de homens armados no atracadouro. A cidade-fortaleza do duque Brand, o Werebull, fora libertada com a destruição pela armada do Lobo da frota de embarcações bastians. A Baía de Calico parecia um arrecife fraturado com mastros enegrecidos e embarcações em situação de seminaufrágio, seus pedaços retorcidos de madeira surgindo em meio às ondas como os dedos de um afogado. Um ou outro barco de pesca se arriscava em meio aos destroços — os esperançosos pescadores pouco a pouco reconquistavam o mar dos invasores derrotados e se dirigiam às águas mais profundas. Ela viu um pequeno barco passar ao lado de um navio de guerra que projetava uma imensa sombra sobre a superfície, o *Nêmesis*. Os pescadores saudaram os homens a bordo do *Nêmesis*, uma tripulação mista de lyssianos e bastians que navegara com a jovem em nome do Lobo. Os tripulantes acenaram em resposta, gritando palavras de incentivo à embarcação que se dirigia ao alto-mar.

Ela admirava o otimismo dos pescadores, a atitude determinada daquela gente que fora prisioneira na própria cidade durante tanto tempo; admirava sua capacidade de retomar o trabalho poucos dias depois que Scorpio, o tirano marechal do mar, fora derrubado. Sentiu-se esperançosa, algo que lhe era incomum e a que precisava tentar se readaptar.

— Está pronta, milady?

Whitley se virou para o capitão Ransome e observou o velho pirata alisar o bigode grisalho. Ele a esperava na ponte levadiça que ligava a fortaleza ao

cais do outro lado das muralhas. Outros navios sob seu comando permaneciam ancorados em alto-mar, mas sua carga humana se espalhava pelo porto. Não havia sinal da frota do barão Bosa por ali; Whitley esperava encontrar o triunfante Werewhale de Moga à sua espera, mas infelizmente ele já estava outra vez no mar perseguindo os inimigos. Voltou sua atenção para a exótica procissão de soldados que passava. Whitley já testemunhara a marcha dos Elmos-Dourados dos Werepanthers e dos Mantos-Rubros do Leão pelo solo lyssiano, mas ali havia uma espécie diferente de guerreiros bastians: os Fúrias, soldados dos Tigerlords, que carregavam, cada um, um par de espadas idênticas. Eram menos numerosos que seus primos, mas sua reputação era igualmente temível. Enquanto os Fúrias e suas armaduras de couro atravessavam a enorme ponte levadiça de madeira rumo à cidade, os homens de Calico os observavam, com desconfiança e do alto da muralha, entrando em seus domínios.

— Acha que eles estão contentes em ver mais bastians desembarcando aqui, Ransome? — ela perguntou, posicionando-se ao lado do capitão enquanto eram envolvidos pela sombra da guarita e das gigantescas muralhas de arenito.

— Se tivessem algum temor em relação a nós, não abririam o portão, milady — disse o velho capitão do mar. — Pode até haver bastians entre nós, mas os homens de Calico viram nosso amigo barão Bosa aniquilar a frota de Scorpio, o marechal do mar. Eles têm razão em ser cautelosos, depois de tudo por que passaram, mas mesmo assim considero esta uma recepção calorosa. Duvido que o duque Brand receberia o Werefish assim de braços abertos.

— Eu estava esperando um rei, e me mandam uma menina?

Whitley atravessou o salão conhecido por todos em Calico como Curral do Touro, e as pessoas ali reunidas abriram caminho animadamente para permitir sua passagem. O capitão Ransome seguia a seu lado, mantendo as costas eretas e o queixo erguido enquanto os dois se aproximavam da mesa do duque. Apesar de ter idade para ser avô dela, o antigo pirata havia provado seu valor para a jovem de Brackenholme inúmeras vezes, inclusive ajudando a salvá-la das mandíbulas do terrível Sharklord Olho Morto. Havia apenas uma pessoa que ela preferia a seu lado, mas que no momento se encontrava em uma terra distante.

— Posso até ser uma menina, mas falo em nome do Lobo e do meu pai, o Lord de Brackenholme.

Sua voz se ergueu acima do burburinho no Curral do Touro, e todos os

olhares se voltaram para o grandalhão que falava de trás da enorme mesa. Ele ergueu a cabeça calva e soltou um risinho de deboche quando a jovem parou a poucos passos de distância. Seu pescoço perdia-se em meio à massa de músculos que se projetava de seus ombros. Ele usava um comprido manto preto, preso por uma corrente de ouro na altura da garganta, e o barrado da peça, feito de pele de arminho, chegava até o chão. Pela postura dos membros da corte, ficou claro que o duque contava com a obediência absoluta de todos ali. Se era por medo ou por respeito, Whitley ainda não tinha como saber.

— Filha de Bergan? — questionou o duque Brand.

— Lady Whitley, Alteza — respondeu a jovem, fazendo uma mesura. — Obrigada por abrir os portões de Calico para nossos homens. Somos gratos por sua hospitalidade.

— Você fez bem em mandar um mensageiro com antecedência — disse Brand com aspereza. — Se chegassem sem aviso, teríamos explodido vocês com a pólvora dos bastians.

— Está falando da pólvora que meu amigo barão Bosa tomou da frota de Scorpio?

O Touro fez uma careta ao ouvir o comentário, mas Whitley não se conteve.

— Não existe motivo para ter medo dos meus homens, Alteza.

— Quem disse que estou com medo, pequena Ursa?

— Os guerreiros que sem dúvida nenhuma foram vistos comigo são aliados do Lobo e juraram sua lealdade em nome do Alto Lord Tigara, o Weretiger de Felos.

— É bem estranho que aqueles que eram nossos inimigos agora sejam considerados aliados, Lady Whitley — comentou o duque.

— Em meio aos ventos da guerra, as alianças podem oscilar como o capim sobre as Longridings, Alteza, de forma imprevisível e às vezes fortuita. O Fórum dos Anciãos dos Catlords se desfez, e o continente de Bast está imerso em conflitos. Os Leões e as Panteras estão em guerra, e os Tigres de Felos agora são leais a Lord Drew. Eles são nossos aliados, Alteza.

Whitley não estava disposta a se deixar intimidar pelo Werebull. Ela amadurecera muito desde o início da guerra, e seus dias de aprendiz de batedora agora eram uma lembrança distante. O que tinha testemunhado seria suficiente para aniquilar qualquer espírito mais fraco. Não havia nada a temer na figura de Brand.

— O barão Bosa já seguiu seu caminho, ouvi dizer — ela continuou.

— De fato — respondeu o duque. — Falou que tinha peixes maiores a fisgar na Costa Gélida. Dizem que mais bastians estão a caminho do nosso litoral. Sou grato ao Werewhale e à sua frota pela oportuna incursão à Baía de Calico. Se eles não tivessem vindo em nosso auxílio naquele momento, só Brenn sabe qual seria o destino de meu povo.

— Na verdade, Alteza, os navios da frota de Bosa são do Lobo. O barão é um homem de Drew, já tendo jurado sua lealdade ao verdadeiro rei da Westland.

— E por que esse rei Lobo não vem aqui nos mostrar sua cara? Não mereço uma aparição do lendário filho de Wergar, o licantropo que é a razão por trás dessa guerra infeliz?

— Lord Drew está em outra missão — respondeu Whitley, esforçando-se para conter a irritação. Não queria ter saído do lado de Drew, mas as circunstâncias os haviam obrigado a seguir caminhos separados. — Ele viajou para o Reino do Deserto de Omir, enquanto eu vim para Calico com os recém-libertados Lords das Longridings. Meu caminho agora aponta para o norte, Alteza, rumo a Sturmland, onde nossos inimigos nos aguardam.

— Seus inimigos são problema seu, milady — retrucou o Touro. — Já suportei essa guerra mais do que meu estômago permite. Você tem minha bênção para seguir rumo ao norte.

Whitley ficou perplexa.

— Não vim aqui pedir sua bênção, Alteza! — ela esbravejou. — Vim aqui pedir soldados.

— Você trouxe seus próprios soldados, pelo que vi. Não vejo motivo para levar os meus também.

— Existem motivos *de sobra* para que os homens e as mulheres das Longridings se juntem à nossa marcha para o norte. Como você mesmo viu, meus soldados são guerreiros bastians que se tornaram nossos aliados contra um inimigo comum.

— Mais bastians combatendo na Lyssia? Ora, não era justamente disso que precisávamos? — ironizou Brand. — Não vejo como os guerreiros do Tigerlord podem ser a solução para nossos problemas. Os Mantos-Rubros do rei Lucas e os Elmos-Dourados de Lord Onyx ainda estão espalhados pelos Sete Reinos.

— Os Fúrias são apenas uma pequena parte da solução de nossos problemas — rebateu Whitley, cerrando os punhos e dando um passo à frente, para se inclinar sobre a mesa.

Brand a dispensou com um gesto de mão.

— Siga para o norte, milady, com seus amigos do sul a seu lado. As Longridings não queriam fazer parte desta guerra. Fomos arrastados para ela contra nossa vontade.

— A guerra era inevitável, com ou sem a aparição de Drew na Westland. O rei Leopold era só o primeiro passo da invasão dos bastians.

— E essa invasão está em frangalhos! Você mesma disse: os Catlords estão divididos; suas alianças estão desfeitas! Que o Leão fique com a Westland...

— Acha mesmo que Lucas vai se contentar só com uma pequena parte do continente? Ele quer dominar tudo, Brand, assim como Onyx. Nossos inimigos podem estar divididos, mas ainda pretendem tomar a Lyssia para si. Eles querem tudo.

— Modere seu comportamento, criança — rosnou o duque. — Duvido que seu pai tenha criado você para falar com seus superiores de forma tão rude.

— No momento, Alteza — ela falou, olhando para os membros da corte reunidos no Curral do Touro —, ainda não vi ninguém que seja superior a mim aqui.

Brand esmurrou a mesa, enfurecido.

— Sua pestinha insolente — bufou. — Vem ao meu palácio para me desrespeitar? — Suas sobranceiras se afastaram, e chifres surgiram de suas têmporas, como duas lanças monstruosas. Os nobres presentes arquejaram e deram um passo para trás, e até mesmo Ransome fraquejou um pouco enquanto o Werebull se transformava diante de todos. Apenas Whitley permaneceu imóvel, os pés cravados no chão e os olhos fixos no duque, apesar do coração disparado dentro do peito. “Talvez eu *devesse* ter medo do Touro no fim das contas...”

Brand agarrou a mesa e a empurrou para o lado, perdendo a cabeça diante da demonstração de desprezo da garota de Brackenholme. Suas poderosas pernas estavam transformadas, e os cascos fendidos se arrastavam no chão como o aço contra a pedra.

— O que Sua Alteza parece ter esquecido — ela gritou — é que só conquistou sua liberdade por causa de Lord Drew! Foi a frota do Lobo que veio em seu auxílio, destruindo as embarcações de Scorpio. Diga-me: em que situação estava o povo de Calico antes de Bosa atracar na baía e libertá-lo do cerco de Scorpio? Antes que o Lobo vencesse sua batalha em seu lugar?

Whitley fora obrigada a se mover quando o Werebull tentou agarrá-la,

esquivando-se de seus braços e circulando ao redor dele. Com passos leves e ágeis, obrigou-o a continuar se virando o tempo todo, ridicularizando sua fúria diante dos cortesãos trêmulos e cabisbaixos. Alguns cavalheiros e damas presentes gritaram de pânico. Whitley notou uma gritaria e um tumulto na entrada do Curral do Touro, mas sua atenção estava voltada apenas para o duque e seus terríveis chifres.

— É assim que você encara uma guerra, duque Brand? — ela berrou. — Se escondendo atrás de suas muralhas enquanto outros homens, homens melhores, abrem mão da própria vida? — Virou-se para a multidão acovardada. — E quanto aos outros Lords das Longridings? Para se beneficiar do abrigo do Touro de Calico é preciso baixar a cabeça ao passar pela porta? Nenhum de vocês vai nos ajudar?

— Cale-se, menina ordinária! — rugiu o Werebull, pisoteando o chão e baixando a cabeça, dominado pela raiva. — Pare de falar, ou juro que...

— O quê? — ela rugiu de volta, a pelagem marrom começando a cobrir sua pele. — Vai me atacar? Você deve pensar que pode comigo, Brand, já que sou apenas uma garota. Talvez ache que não sou uma oponente digna do antes poderoso Lord das Longridings? Bom, uma coisa eu garanto — ela falou, as garras e os dentes se expandindo e se preparando para a batalha —, você não vai se esquecer de mim tão cedo.

Quando o Werebull avançou em sua direção, Whitley deu um pulo bem alto e segurou a cabeça monstruosa de Brand. Os dois continuaram atracados, a Bearlady agarrada ao duque com todas as forças, sob o olhar perplexo dos presentes. Ela prendeu Brand em uma gravata, ajustando a posição para um lado e para o outro enquanto o duque tentava se desvencilhar da pressão. Os cascos fendidos de Brand se cravaram no chão, produzindo um ruído intenso que ecoou pelo Curral do Touro enquanto os dois duelavam. Quando enfim conseguiu se soltar, o duque se estatelou de costas contra uma reentrância na parede, fazendo o reboco se desprender com o impacto. Teve que se esforçar para ficar de pé, berrando com os guardas.

— Me deem um machado! — bufou. — Agora!

Antes que algum soldado pudesse obedecer, um Horselord de cabeleira loira abriu caminho até os dois combatentes. Estava parcialmente transformado e mais do que pronto para um embate, os olhos fixos no Touro.

— Perdeu o juízo, duque Brand? — questionou o defensor de Whitley, as narinas dilatadas e o rosto comprido contorcido de raiva. — Eu volto para sua corte e o encontro tentando matar nossa convidada?

— Ela não é minha convidada — bufou Brand, olhando feio para o Werestallion posicionado entre ele e a garota. — Saia da frente, Conrad.

— Por quê? — questionou o Horselord. — Para que você possa atacá-la?

— Para que eu possa expulsá-la de minha cidade! — gritou o Touro.

— Então vai ter que expulsar meus irmãos e a mim também — retrucou Conrad, aos poucos reassumindo a forma humana enquanto moderava seu temperamento. — Whitley é uma amiga do povo das Longridings. É nossa aliada.

— Sua aliada, jovem Horselord.

— Nossa aliada — repetiu Conrad, apontando para a jovem cuja pelagem começava a se retrair. — Os Ursos de Brackenhholme sofreram mais do que qualquer outro nesta guerra, mas continuam lutando mesmo assim. Vi o irmão dela ser morto pelas mãos do rei Lucas, além de vários outros de seu povo sendo assassinados no meio da rua em Cabo Gala. Devemos a eles nossa liberdade, Alteza. Não a trate desse jeito. O Lobo é nosso aliado.

— Seu aliado, talvez — retrucou o Touro, reassumindo a forma humana enquanto mais fragmentos se desprendiam da parede de tijolos às suas costas. — Mas não meu. Você se lembra de meu filho, menina?

Whitley balançou a cabeça, sem saber se de fato o conheceria.

— Acho que não.

— Ele estava sob a tutela do barão Ewan, o Hamlord de Haggard. Era pouco mais que um menino. E então conheceu seu amigo, o Lobo. A morte veio logo em seguida, Bearlady. Ele pegou em armas junto com Drew Ferran e pagou o preço com a vida. Nunca vou me esquecer do Lobo, nem do que aconteceu com meu filho.

Whitley se concentrou em suas lembranças, mas elas estavam enevoadas e distorcidas. Os acontecimentos sombrios que haviam levado à morte de Lord Dorn estavam soterrados em meio a centenas de outros que testemunhara depois disso. Mas Brand dizia a verdade. O jovem Touro ajudara Drew a libertar os prisioneiros do Goatlord Kessler em Haggard. Dorn fora morto enfrentando uma das batalhas de Drew quando era pouco mais que um menino, tendo a mesma idade do Lobo.

— Pode ir com ela se quiser, Horselord — murmurou Brand, contrariado, ainda oculto pelas sombras da reentrância da parede contra a qual colidira. — E leve seus irmãos Cavalos junto. Mas não me inclua nisso. Não devo nada ao Lobo.



2

Charme matador

Drew Ferran olhou para o espelho manchado na parede; os lampiões e objetos aleatórios balançando a seu redor enquanto o navio oscilava suavemente eram como um coro irritante. Havia lembranças de todos os Sete Reinos ali, reunidas ao longo dos anos pelo capitão do *Turbilhão*, que as pendurara no teto de sua cabine. Por mais embaçada e gasta que estivesse a superfície do espelho, era impossível confundir o reflexo do jovem postado diante dele. Os cabelos negros já chegavam aos ombros e precisavam desesperadamente de um corte, e uma barba rala se insinuava no queixo. A pele estava bronzeada depois de tanto tempo na estrada e no mar, atravessando oceanos e continentes.

Fazia mesmo quase dois anos que sua jornada tinha começado? Drew fechou os olhos, lembrando-se da fazenda onde havia crescido, da noite de tempestade quando a fera aparecera. Balançou a cabeça e contraiu o rosto diante da lembrança de sua mãe adotiva assassinada, a garganta cortada pelo Ratlord Vanmorten. Drew mudara muito, e não era o único. O que tinha acontecido com seu amigo Hector, o Boarlord de Redmire? Deixara o estudioso amigo em Highcliff, imaginando que lá ele estaria a salvo. Nada poderia estar mais distante da verdade. O caminho de Hector se mostrara obscuro, envolto pela necromancia, e por fim o conduziu ao norte, a Icegarden. Ele ainda estaria lá? Teria mesmo se tornado o monstro que as pessoas afirmavam?

Quando Drew abriu os olhos, não estava mais sozinho. O rosto sorridente do conde Vega aparecia atrás dele no espelho.

— Pelo amor de Sosha, poderíamos até ser parentes! — exclamou o Sharklord, rindo e bagunçando os cabelos do amigo. Ele tinha razão, Drew era obrigado a concordar: os dois tinham um tipo físico parecido.

— Você poderia ser meu pai? — provocou Drew.

— Estava pensando em um irmão charmoso, bonito e ligeiramente mais velho. — Ele deu um tapinha nas costas do jovem. — Vamos. Estão esperando por você no convés.

O calor implacável foi a primeira coisa que sentiu ao subir, castigando o convés do *Turbilhão* com uma mistura de umidade e luz abundante. Havia poucos lugares para se abrigar dos implacáveis raios solares, e Drew imediatamente enrolou seu *kash* no rosto. Poucos tripulantes do navio pirata abriam mão do adereço de cabeça omiriano desde que haviam entrado no Mar de Sabre. O *kash* proporcionava uma proteção necessária contra o calor intenso, principalmente sob o sol do meio-dia. Mas havia outra razão para o jovem Wolflord usar o adereço: o *Turbilhão* estava ancorado nas águas profundas do porto de Denghi, à vista das demais embarcações atracadas na Baía do Sangue. Ser identificado por algum aliado do Leão poderia significar o fim da batalha que estava por vir antes mesmo que começasse.

Drew não era o único a usar um disfarce. O *Turbilhão* também passara por um processo de transformação: suas velas impecáveis tinham sido substituídas por outras, velhas e remendadas, e nos conveses e no casco estavam agora espalhadas redes e armadilhas para lagostas. As armas do convés tinham sido escondidas, e as janelas quebradas, tapadas com tábuas e tapumes. Para o bem e para o mal, não parecia mais a temida embarcação do príncipe das Ilhas Cluster — era só um barco de pesca, desgastado e incapaz de atrair um segundo olhar de quem quer que fosse. Havia mais três naus da frota ancoradas ali perto, todas usando disfarces similares. Duzentos soldados do porto bastian de Felos tinham sido distribuídos pelas embarcações, Fúrias vestidos com armaduras e escondidos nos conveses inferiores, esperando pacientemente para entrar em ação. Só aguardando o derramamento de sangue.

Um bote a remo estava sendo içado para bordo, molhando as tábuas do convés que, sedentas, absorviam a água. Opal, a Pantherlady de Bast, encontrava-se logo ao lado, ocultando sua silhueta escura sob as túnicas que a envolviam e a sombra do mastro. Seus olhos intensos brilhavam pela abertura do *kash*, fixos em Denghi, contraídos e atentos enquanto examinava o porto omiriano. Opal e Figgis, o imediato do *Turbilhão*, voltavam de uma breve

visita aos bares e às tabernas do cais. Enquanto Figgis tagarelava animadamente com Opal, apontando um dedo ossudo em direção à cidade, Florimo só observava. O velho navegador parecia bem à vontade em seu colorido traje omiriano, a costumeira pena cor-de-rosa presa na bandana, uma conveniente marca registrada para um Ternlord. Casper, o membro mais jovem da tripulação, estava agachado sobre os pés descalços, observando os mapas da costa sob o olhar atento de Florimo. O camareiro só descobrira recentemente que era um Werehawk, filho de Vega com uma Hawklady, apesar de o menino não conhecer por inteiro a história de sua mãe nem de seu nascimento. O velho Garajau oferecia orientações de valor inestimável para o pequeno Gavião, que aos poucos ia se acostumando com suas habilidades de aviatropo — algo que o pai de Casper, um Sharklord, não tinha condições de proporcionar.

— O que descobriram em Denghi? — perguntou Drew, juntando-se a Opal na penumbra. — Está tão ruim quanto parece?

— Pior — ela respondeu com sua voz aveludada. — Denghi não está mais neutra. Hayfa, a Hiena de Ro-Shann, tomou a cidade.

— A estrada para Azra é controlada por ela, milorde — acrescentou Figgis. — Os Doglords são tolerados, mas duvido que vá encontrar algum Chacal em Denghi.

A lendária cidade de Azra era o lar do rei Faisal, o Werejackal de Omir. A verdadeira joia do Reino do Deserto era o prêmio que Lady Hayfa realmente desejava. Não satisfeita com a cidade costeira de Ro-Shann, a Werehyenna não descansaria enquanto não tomasse Azra. Com Lord Canan e seus terríveis Doglords, aliados de Hayfa, no controle de um território que se estendia para o norte até a Falha de Bana, o controle de Faisal sobre sua terra natal parecia cada vez mais frágil. Se a estrada para Azra encontrava-se sob o controle da Hiena, seu cerco sobre a cidade estava quase completo.

— Parece que Hayfa e Lord Canan estão dividindo Omir entre si — continuou Figgis —, com a intenção de expulsar os Chacais de Azra e de todas as suas terras.

— A única boa notícia é que não encontramos nenhum sinal de nossos irmãos bastians — falou Opal. — O marechal de campo Tiaz deve estar ocupado com seus homens mais ao norte, acossando os Chacais na Falha de Bana.

No limite norte de Omir, onde as Barebones se erguiam da areia, havia uma alameda estreita que serpenteava entre as montanhas. Desde muitos anos

antes, aquelas terras pertenciam aos ancestrais de Faisal e eram o último refúgio dos viajantes que se dirigiam para o Reino do Deserto. Com o tempo, a cidade de Bana tinha crescido e se expandido nas superfícies rochosas sobre a falha mais abaixo. Quando os Doglords e os Catlords de Bast juntaram forças, a primeira cidade a sofrer fora Bana. Um Tigerlord, o marechal de campo Tiaz, tinha sido enviado por Lord Onyx para assumir o controle da Falha, pois Lord Canan queria que todos os Chacais da cidade fossem exterminados. A cidade estava sob cerco desde o início da guerra.

— As coisas nunca são fáceis — suspirou Drew, coçando o queixo. — E quanto à cidade de Azra em si, o que vocês descobriram? Quando fui embora, pouco antes do inverno, os Hawklords tinham ido socorrer os Chacais. Pensei que eles conseguiriam dar conta dos Catlords.

— Pelo jeito, não — respondeu Opal, incapaz de esconder uma ponta de orgulho na voz. — Azra está cercada pelas forças de Hayfa, e Tiaz e Canan conseguiram atrair a atenção dos Hawklords para outro lugar. Ao que parece, o Chacal acreditava que as muralhas de Azra eram impenetráveis. Confiante de que estava em segurança, não hesitou em mandar seus aliados aviatropos para salvar seus irmãos do norte. Os Hawklords voaram para a Falha de Bana carregando muitos dos melhores soldados do rei de Omir em suas garras. Talvez achassem que libertar os Chacais do cerco seria fácil. Talvez achassem que estavam voando para a vitória, para se livrar de alguns Doglords que arranhavam os portões de Bana. Mas deram de cara com o marechal de campo Tiaz e toda a força de seu exército bastian.

— Preciso acreditar que meus amigos que voaram para o norte ainda estão vivos — disse Drew. — Prometi a eles que voltaria para cá.

— Vi as armas que Tiaz tinha à disposição quando deixou Sturmland pela Grande Estrada Ocidental. Seus aliados voavam para a morte certa.

— Que armas? — perguntou Vega, como sempre irritado com a inclinação da Pantera para o drama.

— Os Abutres Ciganos, por exemplo — retrucou Opal, desdenhosa.

Drew notou a maneira como se falavam, sem nenhuma simpatia. O Sharklord chantageara Opal quando ela havia sido prisioneira em seu navio. Fiel à sua palavra, tomara o caminho de Braga, terra natal da Pantherlady, enquanto Opal guiava Drew até Leos, sede do trono dos Catlords. A tarefa de Drew era criar uma cisão no Fórum dos Anciãos, enquanto Vega raptava os filhos de Opal para garantir sua cooperação. Ambas as missões haviam sido bem-sucedidas: os bastians estavam em guerra uns com os outros, e os filhos

de Opal encontravam-se sob o olhar vigilante dos Tigres em Felos. Apesar de saber que seus filhos estavam em segurança por causa de Vega, ela não disfarçava o ódio que sentia de seu improvável aliado.

— Abutres Ciganos? — questionou Drew, tentando entender a conversa.

— Do Planalto Cigano, no coração de Bast — explicou Opal. — Fica sobre um terreno de floresta, isolado por mil léguas de vegetação. Um lugar seco, inabitável e miserável. Os Vulturelords o chamam de lar.

— E esses Abutres são páreo para os Hawklords?

— Não só são páreo como estão em maior número. Se você espera que os Gaviões das Barebones sejam garantia de vitória em batalhas aéreas nesta guerra, acho que precisa repensar seus conceitos, Wolflord.

— Me chame de Drew, Opal — ele respondeu com um sorriso tenso. — Wolflord é impessoal demais.

— Vou continuar chamando-o de Wolflord até que nosso trabalho esteja concluído.

A risada de Vega soou tão seca quanto o clima ao redor.

— Você faz parecer que estamos tratando de negócios.

— E estamos — ela disse para Vega com um rosnado. — Jamais teria me juntado aos lyssianos por escolha própria. Você me obrigou a isso quando ameaçou meus filhos. Mas o que está feito está feito. Estamos lutando lado a lado contra os Leões e contra meus próprios familiares, as Panteras. Até a poeira baixar e o sangue secar, seremos aliados. Mas quando isso acontecer...

Ela deixou a frase inconclusa pairando ameaçadoramente no ar. Drew engoliu em seco, sentindo a garganta se fechar.

— Pode parar com isso, Opal — rebateu Vega. — Vocês mesmos estabeleceram os padrões de como as guerras são travadas em Bast. Os Catlords passaram os últimos sessenta anos raptando crianças por todo o continente da selva, forçando os outros Lords transmorfos à submissão. Imagino que não deva ser uma sensação agradável provar do próprio veneno. Pode considerar que teve sorte por seus filhos estarem sãos e salvos.

Opal rosnou para Vega quando o capitão se voltou para Figgis.

— Mais alguma coisa, imediato?

— Muitos boatos, capitão, sobre frotas bastians a caminho da Lyssia. Não duvido que nossos próprios navios sejam parte da causa desses rumores, mas precisamos levar em conta que estão falando do Alto Lord Oba e do Alto Lord Leon também: a Pantera e o Leão içaram suas velas rumo à Lyssia, pelo que estão dizendo.

— Devem estar indo diretamente para Highcliff — especulou Drew.

— Os dois? — questionou Vega. — Pouco provável. As Panteras e os Leões são inimigos agora. Caso não estejam se enfrentando no Mar Branco, devem ter escolhido portos diferentes para atracar. Highcliff não é grande o bastante para os exércitos de dois Catlords em guerra. Como não temos nenhum sinal de nosso velho amigo barão Bosa por aqui, podemos imaginar que esteja no encalço de Oba e Leon. O que nos traz ao nosso caso: onde vamos desembarcar?

Ele se virou para o Ternlord.

— Meu caro Florimo, alguma descoberta interessante? Algum lugar propício, para além de Ro-Pasha, onde possamos seguir por terra rumo à Falha?

O navegador tinha voltado pouco tempo antes de uma missão de reconhecimento, à procura de uma passagem segura para entrar em Omir. Ficara ausente por duas noites, guiando-se pela luz das estrelas, escondido das vistas do povo do Reino do Deserto e de qualquer um que navegasse pelo Mar de Sabre.

— Infelizmente, não somos bem-vindos ao norte de Ro-Pasha, conde Vega. Os remanescentes da frota do marechal Scorpio fizeram da Costa Rubra seu lar. Os navios restantes estão ancorados nas praias, abrigando os homens ainda leais a Bast.

— Bosa acabou com Scorpio na Baía de Calico — comentou Drew. — Ele ainda deve estar lambendo as feridas depois da surra que levou da Baleia.

— Então não existe lugar seguro para desembarcarmos? — questionou Vega.

— Não em Omir, milorde — respondeu Florimo. — Além dos navios restantes de Scorpio, ainda existe muita movimentação inimiga, com acampamentos dos Doglords em todas as estradas costeiras, de Ro-Pasha até Bana.

— Deve haver algum ponto de passagem — falou Drew. — Algum lugar não vigiado pelos Doglords nem pelos bastians.

— Se esse lugar existe, eu não vi — disse Florimo com um suspiro seguido de um sorriso. Isso não significava pouca coisa. Não havia em toda a Lyssia olhos mais afiados que os do velho navegador.

— Precisamos continuar procurando — afirmou Drew mesmo assim. — Aposto que um desses capitães bastians poderá nos ajudar, inclusive. Quem sabe não seja possível atrair uma dessas embarcações danificadas para o alto-

mar a fim de conseguirmos a resposta que queremos?

— Está sugerindo um ataque a um dos navios de Scorpio? — perguntou Vega.

— Vamos encontrar resistência — afirmou Florimo.

— Seria uma pena se não encontrássemos — comentou maliciosamente Vega, interrompendo o Garajau.

— A frota de Scorpio está desmantelada e espalhada. Seremos quatro embarcações contra uma.

— Duas — corrigiu Drew.

— Matemática nunca foi meu forte — admitiu Vega —, mas ainda acho que dispomos de quatro navios.

— Só podemos dedicar metade de nossas forças à Costa Rubra — disse Drew. — Os outros dois navios vão para Azra. Temos uma guerra à espera em duas frentes.

— Por acaso me esqueci de dizer que Denghi está sob controle de Lady Hayfa? — questionou Opal. — Nunca sairíamos vivos da cidade. Os Chacais são uma causa perdida. A Hiena está no comando da estrada e dos territórios ao redor de Azra.

— Dos territórios, sim, mas das águas também?

— Explique-se melhor, Wolflord — pediu Opal em um tom de voz bem sério.

Drew apontou para o oeste, para além do porto.

— Já passei por aqui antes, no ano passado, quando conheci o rei Faisal. É só subir o rio Silver. Por lá dá para chegar ao pequeno porto de Kaza, bem perto da cidade do Chacal. Deve ser o melhor local disponível para desembarcarmos.

— E depois? Vamos nos jogar nas lanças dos Cães e das Hienas? — ironizou Opal. — Eu já disse: Azra é um caso perdido. É melhor concentrarmos nossos recursos ao norte, na Falha de Bana. Não que isso vá adiantar muita coisa — ela acrescentou, pessimista.

— E eu já disse que não vou deixar meus amigos na mão. Fiz uma promessa para Faisal e o povo de Omir, e também para todo o povo livre dos Sete Reinos. Vou acabar com a tirania dos Felinos e seus aliados.

Ele se aproximou dela, afrouxando o *kash* para encará-la, e falou em voz baixa, para que apenas Opal ouvisse:

— Você prometeu me servir durante estes dias difíceis, não foi? O tempo dos Catlords acabou; sua união se desfez para sempre. Seu pai e seu irmão

conspiraram contra os felinotropos durante anos. Com a sua ajuda. Você está ao lado do Alto Lord Tigara agora, e o Tigre está comigo. Não vou fazer nenhuma súplica a você, Opal, nem obrigá-la a nada. Só vou pedir que demonstre a honra que seus irmãos de Braga não foram capazes de demonstrar. Lute por mim, Opal. Ajude os Chacais de Azra a derrotar o cerco inimigo. Vou estar à sua espera em Bana. Vou precisar de você no norte em breve.

O fogo nos olhos dela aos poucos se aplacou, à medida que ia assimilando as palavras de Drew. Ela balançou a cabeça em um breve aceno.

— Vou levar dois navios para o rio Silver. Os guerreiros podem se esconder nos porões. Os Fúrias estão ansiosos para entrar em ação. Lord Chollo pode me acompanhar.

Chollo, o Cheetahlord das Ilhas Dentes, que aguardava Opal em outra embarcação, estava diretamente ligado à turbulência existente em Bast. Era uma teia tenebrosa de traições. Chollo era um aliado de longa data de Tigara; os Guepardos e os Tigres eram como irmãos. Quando Opal revelara aos Altos Lords de Bast que o filho de Chollo fora assassinado pelo irmão dela, Lord Onyx, muitos anos antes, isso havia causado furor na corte. Onyx matara o filho de Chollo por ciúme e então conspirara contra Taboo, a neta do Tigerlord Tigara. Lord Chollo agora clamava por vingança. Uma adolescente na época, Taboo fora deportada pelo Fórum dos Anciãos e mandada para a ilha vulcânica de Scoria para lutar em uma arena de gladiadores conhecida como Fornalha. Havia sido lá que Drew conhecera a Weretiger, e uma amizade improvável tinha se estabelecido. Taboo e os outros sobreviventes da Fornalha estavam em algum lugar de Omir — talvez Azra ou Bana —, e cabia a Drew e seus aliados libertá-los.

— Parece um ótimo plano — comentou Drew, arriscando um sorriso, na esperança de que fosse retribuído. Mas se decepcionou.

— Pelo menos é um plano — resmungou ela. — Sharklord, leve seu navio ao promontório. Preciso me juntar a Lord Chollo assim que possível. Minha jornada deve começar.

— Escute só, Opal — disse Vega, acenando com a cabeça para Figgis, que assumira o leme —, ao contrário do meu amigo aqui, não me incomodo de ser chamado de Sharklord. Tenho a ligeira impressão de que você gosta de mim. E posso dizer que entendo o motivo. Sou um ótimo partido; claro que você quer me fisgar.

Drew observou enquanto a tripulação do *Turbilhão* levantava a âncora,

içava as velas para aproveitar o vento fraco e colocava o navio em movimento. Florino se juntou a Figgis no leme, transmitindo as informações que conseguira em sua missão de reconhecimento. Enquanto isso, Vega continuava sua investida sobre Opal, inclinada sobre a amurada da proa, de costas para o pirata. Drew balançou a cabeça.

— Dizem que ele consegue convencer até uma ostra a entregar a pérola — comentou Casper, aparecendo ao lado de Drew.

Estava com o peito estufado, orgulhoso; sua admiração por Vega crescia a cada dia. Foi inevitável para Drew lembrar-se de seu pai adotivo, Mack Ferran, o homem que o criara como seu filho — infelizmente falecido, assim como sua mãe —, e do rei Wergar, assassinado muito antes que Drew descobrisse que era o filho perdido do monarca deposto. Era sorte de Casper ainda ter um pai, apesar do jeito falastrão, e às vezes até ofensivo, de Vega.

Casper se postou ao lado de Drew.

— Ele sempre levou jeito com as mulheres, o meu velho, não é mesmo?

Drew passou a mão pelos cabelos do menino.

— É. Mas, se não tomar cuidado, isso pode acabar com a vida dele.



3

Uma onda de aço

Ele tinha esperado mais.

Sentado em uma sela de couro sobre um cavalo preto, o Alto Lord Oba olhava ao redor, a mão no cabo da foice que levava na cintura. Dirigiu o olhar para a estrada, observando o mar de elmos dourados com plumas negras que o cercavam, marchando para o leste pela Grande Estrada Ocidental.

Dois dias antes, quando haviam chegado a Highcliff, a capital da Westland, Pantherlord Oba e sua guarda pessoal tinham encontrado a Guarda Leonina em pânico e a cidade sob toque de recolher. Os soldados de Lucas, sem saber que a aliança dos Catlords estava desfeita, tinham prestado uma medida humilde e respeitosa a Oba. Não havia nenhum dignitário à sua espera. O jovem rei Leão estava ausente do trono, no campo de batalha, e o filho de Oba — Onyx, a lendária Fera de Bast — permanecia acampado com seu exército nas Terras Áridas, em guerra com o que ainda restava da resistência sturmiana. Highcliff fora deixada praticamente sem proteção, com Onyx concentrado apenas nos inimigos que ainda lutavam nas encostas congeladas das Whitepeaks. Os Mantos-Rubros tinham permanecido de cabeça baixa enquanto os Elmos-Dourados os desarmavam e conduziam à Casa do Traidor, a velha prisão de Highcliff. No fim das contas, as coisas não poderiam ter sido mais fáceis para Oba. O Pantherlord agora estava no controle da capital da Westland.

Depois de dominar a cidade, Oba e seus soldados haviam tomado a Grande Estrada Ocidental em busca de seu filho. “Guarda pessoal” era uma descrição singela demais para o agrupamento de Elmos-Dourados que desembarcara na

Westland com o Alto Lord de Braga. Era um exército particular, recém-chegado de Bast, que fora mantido longe da guerra da Lyssia por tempo demais. Aqueles guerreiros de elmos dourados ajudariam Oba a alçar seu filho à posição que merecia: rei de toda a Lyssia. Os Leões haviam tido sua chance e a tinham arruinado. Leopold não fora capaz de cumprir seu papel; não conseguira controlar os Sete Reinos. Quando os Pantherlords haviam convencido Lucas a matar o próprio pai, esperavam dar início a uma nova era. Mas estavam redondamente enganados, acabaram apenas trocando um louco por outro. Agora era chegado o tempo das Panteras. O mundo estava a seus pés, esperando para ser dominado.

A estrada era tranquila de atravessar, larga o suficiente para permitir a passagem de seis homens lado a lado. A paisagem ao redor era vasta e agradável, como ele ouvira dizer, com um ou outro rochedo cinzento quebrando o predomínio do verde, um lugar muito diferente das selvas cálidas de Bast. Um bosque verdejante acompanhava a estrada à sua direita. Ótimo para caçar, imaginava Oba. Sentia falta das caçadas, e estava ansioso para descobrir o que a Lyssia lhe reservava nesse sentido. Alguns de seus colaboradores mais valorosos cavalgavam a seu lado, Lords transmorfos leais a Braga que o acompanhavam em sua jornada épica. Werelords bastians de todas as formas e tamanhos haviam abandonado os Felinos, desde Mamutes até Primatas, Cobras e Crocodilos. Todos tinham virado as costas para aqueles que haviam sido seus senhores quando o Fórum dos Anciãos estava de pé. Tudo por causa do tal Lobo, Drew Ferran, e de sua própria filha, a maldita Opal. Havia traição mais dolorosa do que a imposta pelo próprio sangue? A jovem estava morta para ele e, se a visse de novo, garantiria que estivesse morta para o restante do mundo também.

Oba se virou para a frente outra vez, observando o sol fraco. Então era aquilo que os lyssianos chamavam de verão. A Pantera sorriu e balançou a cabeça, voltando os pensamentos para sua chegada quase incógnita aos Sete Reinos. Mandara um mensageiro antes, o Vulturelord Ithacus. O aviatropo teria se perdido naquele país desconhecido? O exército de Onyx era mesmo tão difícil de encontrar? Tinha esperado uma grande recepção por parte do filho. Tinha esperado ser acolhido com pompa e escoltado por uma guarda de honra até as Terras Áridas.

Tinha esperado mais.

— Pode autorizar — murmurou Lord Reinhardt, e o sinal silencioso foi dado.

Uma saraivada de flechas saiu do meio das árvores, atingindo a parte

central da comitiva dos bastians. Moitas e arbustos se abriram em meio à passagem dos cavalos saídos da penumbra escura da floresta, avançando sobre as fileiras desordenadas de Elmos-Dourados. Uma centena de Cavaleiros de Stormdale desceram o morro em uma onda de aço reluzente que atingiu em cheio o flanco dos invasores. Por mais famosos e temidos que fossem, os bastians foram pegos de surpresa e não conseguiram responder com uma reação ordenada quando os cavaleiros de armadura interromperam sua marcha.

À esquerda da tropa em pânico surgiram mais lyssianos a cavalo, atacando de uma clareira mantida nas sombras pelos rochedos. Pegaram pelas costas os Elmos-Dourados, que gritavam ao ser atingidos por espadas e cascos. Com os cavaleiros já fora do esconderijo na floresta, os arqueiros avançaram, selecionando seus alvos com cuidado enquanto os bastians corriam para se esconder. Os ruídos eram súbitos e ensurdecedores: cavalos bufando, escudos se partindo, soldados berrando e membros sendo decepados.

Reinhardt estava no coração da batalha. Suas galhadas compridas emergiam orgulhosamente da cabeça, perfurando e rasgando os inimigos de um lado, enquanto do outro fazia o mesmo com sua espada afiada. Outros jovens Cervos transformados participavam da batalha, mantendo-se sempre perto do Lord de Stormdale, usando as próprias armas para aniquilar os homens do sul. Mas os Staglords da Lyssia não eram os únicos transmorfs presentes. Um enorme Werebuffalo avermelhado de Bast, com a cabeleira presa em tranças enfeitadas com contas, brandia seu machado em um arco mortal, derrubando montarias e cavaleiros a seu redor. Um Werepanther mais jovem, com a metade do tamanho da Fera de Bast, também se envolveu na luta, atacando os cavaleiros com suas garras e sua espada em um frenesi de sangue.

Reinhardt impeliu seu cavalo para cima do Búfalo, tentando atrair a atenção do monstro e erguendo a espada para tentar deter o avanço do machado. A poderosa lâmina conseguiu desviar a trajetória da arma, e uma chuva de faíscas caiu sobre Reinhardt. Ele virou o rosto ao sentir o impacto, que o derrubou da montaria e o mandou para o chão. Sacudiu a cabeça, tentando desembaçar a vista, e notou algumas pontas de chifres caídas na terra, a alguns passos de distância.

Reinhardt se esquivou quando a arma do Búfalo baixou em sua direção, abrindo uma fenda na estrada. Ergueu a espada para deter o golpe seguinte, sentindo o impacto reverberar por todo o lado direito do corpo quando a

lâmina do bastian atingiu a sua, impulsionada por dois braços fortes e musculosos. A espada quase escapava da mão do Staglord, que estava atordoado com a força impressionante do inimigo. Escorria sangue sobre o canto de seu olho, ameaçando cegá-lo. A luz do sol se refletiu no machado erguido do Búfalo quando ele desferia uma tentativa de golpe fatal.

O som que Reinhardt ouviu a seguir foi o grito gorgolejante do Búfalo, e depois sua arma despencou no chão, junto com seus antebraços decepados. Quando o Werelord de Bast saiu cambaleando em meio à batalha, deixando para trás seus membros, outro Staglord apareceu em seu lugar. O barão Hoffman estendeu a mão para Reinhardt enquanto sacudia o sangue de sua espada. Reinhardt aceitou a ajuda do tio-avô, ficando de pé.

— Ainda está cedo demais para se deitar, meu sobrinho — disse Hoffman, contemplando o caos ao redor.

— Obrigado, tio! — gritou Reinhardt, esquadrinhando a batalha com os olhos. — Meu irmão... você o viu?

— Milo? — Hoffman de repente pareceu alarmado. — Pensei que o garoto fosse ficar sempre com você.

— Ele estava — bufou Reinhardt, amargurado. — Ele estava.

Para além da luta entre cavaleiros e guerreiros, na parte frontal da coluna sob ataque, o garoto em questão de alguma forma se viu a poucos metros do alto-comando dos bastians. Milo estava a pé, pois perdera a montaria na investida inicial. Recebera instruções para ficar sempre perto de seu irmão mais velho, e os cavaleiros de confiança de Reinhardt haviam se encarregado de ficar de olho no rapaz. Infelizmente, porém, o jovem Cervo dera azar, e seu cavalo tropeçara em um buraco, quebrando a pata antes de entrar no combate. Milo fora ao chão a poucos passos de um ajuntamento de Elmos-Dourados. Parecendo ainda menor sob o manto cinzento, o menino era um alvo insignificante para os guerreiros do sul, que preferiram voltar sua atenção para os ferozes cavaleiros.

Milo saiu correndo pelas fileiras, em busca de uma oportunidade para provar seu valor. Frequentemente subestimado pela pouca idade, ansiava por fazer algo de grande importância: derrubar um oponente poderoso, realizar um feito digno dos livros de história. Reinhardt, seu irmão mais velho, era seu principal censurador, mantendo Milo longe do perigo. Por sorte, o barão Hoffman, seu tio-avô, era mais compreensivo, entendendo o desejo do menino de treze anos de causar boa impressão. Todo cavaleiro precisava testar a si mesmo em algum momento, o barão dizia. E agora Milo se

deslocava por entre a massa de homens em combate rumo ao líder do pelotão bastian.

Inegavelmente o sujeito mais forte do pelotão, o comandante dos Elmos-Dourados estava montado em um enorme cavalo preto que empinava e golpeava o chão com os cascos o tempo todo. O som de suas ferraduras fez Milo estremecer quando, um atrás do outro, os cavaleiros iam caindo diante das patas do cavalo de batalha. A pele negra e suada do homem que o montava reluzia, emitindo um brilho roxo-azulado sob a luz do sol, enquanto ele repelia o ataque dos homens de Stormdale com uma foice prateada. Uma flecha estava cravada na parte inferior de suas costas, e outra em sua coxa, mas ele não parecia incomodado, os dentes afiados de felino escancarados enquanto lutava. Com mais de dois metros de altura, era o maior homem que Milo já vira, e sem dúvida o mais assustador.

O menino vestiu o capuz, afastando o manto do braço em que levava a espada. Os chifres curtos já haviam aparecido em sua testa, mas ele nem sentiu o desconforto habitual da transformação. Milo era um Lord de Stormdale: o Cervo era um direito seu de nascença, uma herança, um dom. O manto cinzento flutuava às suas costas, revelando a armadura sobre o peito, um cervídeo empinado sobre as patas traseiras estampado no aço polido. Em uma das mãos, levava uma lâmina curta. A espada ameaçava cair de sua mão, e o garoto sentiu o peso do medo e da dúvida quando o homem sobre o cavalo cravou os olhos nele.

“Pelo amor de Brenn, *o que* você está fazendo, Milo?” Em um terrível choque de realidade, o rapaz percebeu que cometera um grande erro. O homem grunhiu, e seu rosto estalou e se contorceu, ampliando a transformação do Catlord. Bigodes grossos e pretos emergiram de seu rosto, afiados como agulhas. Os olhos verdes da Pantera reluziram, e suas presas baixaram da gengiva como guilhotinas. O transmorfo ergueu a foice, e o menino saiu de seu estupor. Milo avançou, baixando a lâmina em direção à coxa da Pantera, esperando abrir ali um belo corte. Nesse momento, porém, o cavalo empinou de novo, tentando atingi-lo com os cascos. Antes que pudesse fazer isso, no entanto, a lâmina de Milo encontrou outro alvo, cortando as tiras de couro que mantinham a sela presa. O comandante bastian despencou da montaria, caindo aos pés do jovem e ofegante Cervo.

Seu momento de triunfo não durou muito, pois as garras da Pantera se projetaram imediatamente e o atingiram no peito. Horrorizado, Milo sentiu a pata gigantesca se agarrando à beirada da armadura, perto da axila. As fivelas

cederam, e o aço se envergou quando o Pantherlord cerrou o punho, ameaçando quebrar as costelas do Cervo com as articulações da mão. Milo ainda lutava para conseguir respirar quando o comandante bastian se apoiou sobre um dos joelhos e se inclinou sobre ele. O menino projetou a lâmina contra o braço que o segurava, mas sua trajetória foi desviada pela enorme foice da Pantera. A espada escapou de sua mão e se perdeu em meio ao combate que se desenrolava ao redor, enquanto o bastian erguia Milo pelo queixo.

— Você pode ser pequenino, jovem Staglord — disse o Alto Lord Oba —, mas seus chifres serão um belo troféu mesmo assim! O primeiro transmorfo que mato na Lyssia. O primeiro de muitos...

O discurso triunfante do bastian foi interrompido. O cavaleiro apareceu do nada, golpeando o antebraço de Oba com a espada como se ela fosse um martelo atingindo uma bigorna. Imediatamente, a pressão de Oba em Milo cedeu, e os ossos e os tendões do Werepanther estalaram com o impacto. Somente a pele da Pantera, grossa como uma carapaça, impediu que a espada atravessasse seu braço e fizesse o sangue jorrar do membro fraturado.

Oba lançou um olhar para o cavaleiro. Este usava a mesma armadura dos demais, mas a dele estava suja e manchada de sangue e lama. O elmo era bem diferente dos companheiros, moldado na forma do focinho de um lobo, escondendo seu rosto entre as presas escancaradas de aço. Em seguida, veio o segundo golpe, que acertou o rosto de Oba com a parte cega da lâmina. Uma espada Wolfshead, com as runas prateadas reluzindo em toda a sua extensão.

— De pé, Milo! — gritou Trent Ferran quando a Pantera gigantesca cambaleou para trás. — Fuja! Agora!

O oponente já havia se levantado, avançando agora para Trent com um rugido. O Catlord podia até ser muito mais velho do que o ágil rapaz da Costa Gélida, porém era muito mais experiente em batalhas. Segurando a Wolfshead com as duas mãos, Trent bloqueou o primeiro ataque da Pantera, desviando a foice para um dos lados. Nesse momento, Oba desferiu uma joelhada, atingindo as costelas expostas do jovem e expulsando o ar de seus pulmões. Ele despencou de joelhos, tentando desferir outro soco no brutamontes, dessa vez na região da virilha — humano ou transmorfo, aquele era sempre um ponto fraco. A fera segurou o punho de Trent com o braço quebrado. Os ossos partidos roçavam uns nos outros enquanto Oba mantinha uma pressão brutal, o sangue escorrendo do ferimento, fazendo as articulações da mão do garoto envergarem.

Oba fez uma expressão de surpresa ao ouvir o grito do rapaz, quase um uivo de dor saindo das mandíbulas abertas do elmo de lobo. Então o jovem Staglord saltou sobre as costas da Pantera, golpeando seu pescoço musculoso sem produzir nenhum dano. Oba se virou para se desvencilhar do garoto. Nesse breve intervalo, o Cavaleiro Lupino entrou em ação, ficando de pé e desferindo um golpe de baixo para cima, passando a mão aberta pelo rosto do Alto Lord de Braga. A pele do Catlord se desprendeu em tiras, e os dedos do cavaleiro deixaram sulcos profundos em sua carne.

A Pantera jogou a cabeça para trás com um grito de raiva e dor. O menino imediatamente desceu de seus ombros, indo para o chão. O monstro então levou as mãos — uma boa, a outra quebrada — ao rosto, sentindo o sangue escorrer das bochechas feridas.

Trent segurou Milo pelo pulso e puxou o menino para trás de si ao ver que outros bastians vinham em socorro de seu senhor. Para alívio de Trent, os Cavaleiros de Stormdale vinham logo atrás e o resgataram para suas fileiras junto com o pequeno Staglord. Os Elmos-Dourados batiam em retirada, com os guerreiros a cavalo na retaguarda para garantir a fuga da coluna desordenada. Trent deu mais uma olhada no Werepanther enlouquecido de fúria enquanto seus homens tentavam convencê-lo a montar de novo em seu cavalo. O Alto Lord de Braga esbravejava com eles e os empurrava, limpando o sangue do rosto e olhando para Trent. O jovem da Costa Gélida, irmão do rei Lobo, encarou-o em resposta.

— Ainda vamos nos ver de novo, Cavaleiro do Lobo! — gritou Oba, subindo de volta na montaria, que relinchou violentamente em meio aos Elmos-Dourados em fuga pela Grande Estrada Ocidental. Houve baixas dos dois lados, mas estava claro que a vitória naquele dia era dos Staglords.

— É o que eu espero, velhote! — Trent berrou de volta, arrancando o elmo. Seus cabelos loiros estavam grudados no rosto, molhados de suor e lama. Uma barba por fazer cobria seu queixo e seu pescoço, e ele tinha olheiras semelhantes às de um doente. — Se precisar me encontrar, meu nome é Trent Ferran, irmão do Lobo da Westland. É só perguntar por aí... todos sabem quem sou.

Oba já galopava em seu cavalo, incitado pelos companheiros ansiosos para fugir antes que os cavaleiros voltassem a atacar. A fera continuava a olhar por cima do ombro enquanto se afastava, os olhos vidrados no jovem que o ferira tão gravemente.

— Você acabou de fazer um inimigo, Trent — disse Milo a seu lado.

— Ao que parece, é só isso que eu tenho no mundo — murmurou o jovem exausto.

— Você tem amigos também — garantiu Milo. — Para sempre. Aconteça o que acontecer.

Trent conseguiu abrir um sorriso. Foi quando ele viu sua mão, a que arranhara o rosto da Pantera. Ainda havia pedaços de pele presos em seus dedos, cujas pontas se pareciam mais com garras do que com unhas. Sua pele ardia, febril, e o sangue que percorria seu corpo parecia quente e sobrenatural, proporcionando-lhe poderes sobre-humanos. Depois de ter sido mordido por um dos Lobos Selvagens de Lucas, estava sob o mesmo encantamento sinistro que transformara os Wyldermen. A cada dia, a mudança se intensificava, transformando-o em uma das feras que tanto desprezava. Trent não conseguia sequer imaginar o que se abateria sobre ele quando a lua cheia voltasse. Cerrou o punho e o escondeu sob o manto cinzento.

— Ele está bem! — exclamou Reinhardt, ofegante, aparecendo em meio aos soldados exauridos, mancando de uma perna. — Graças a Brenn — falou, abraçando Milo.

— Graças a Ferran — corrigiu um dos cavaleiros, dando um tapinha nas costas de Trent. — Lord Milo estaria morto se não fosse o raciocínio rápido do Cavaleiro Lupino.

Trent se virou e abriu um sorriso tímido para os companheiros. Reinhardt estendeu a mão para cumprimentá-lo. Trent estava prestes a retribuir o gesto, mas pensou melhor e manteve os dedos escondidos sob o manto. Preferiu fazer uma medida.

— Não foi nada, milorde — disse Trent. — Sua Senhoria estava em perigo, e eu precisei intervir.

— Você está sempre intervindo, Trent — comentou Reinhardt com um sorriso afetuoso.

— É verdade — acrescentou Hoffman, aproximando-se em seu cavalo. — Estou perdendo as contas de quantas batalhas você já decidiu a nosso favor, rapaz. Ainda bem que está do nosso lado, e não do deles.

Os cavaleiros o saudaram, batendo as luvas e gritando o nome de Trent. O rosto do jovem ficou vermelho, mas ele manteve os olhos voltados para o pelotão bastian em fuga pela estrada.

— Nunca vi um humano tão feroz em uma batalha — disse Reinhardt, admirado. — Se não o conhecesse tão bem, Ferran, diria que você também

tem sangue de Lobo!

Sentindo um frio na barriga e um arrepio percorrer sua pele, Trent cerrou os punhos, cravando as unhas nas palmas até quase arrancar sangue. Sorriu para os companheiros de armas, lembrando-se de não mostrar os dentes ao fazê-lo. Seus caninos levemente expandidos eram a última coisa que os Staglords precisavam ver naquele momento.



4

A paciente prisioneira

Balançando as pernas para fora do leito, Gretchen pôs cuidadosamente os pés no chão de terra. Ajeitando o corpo, esperou um instante até recobrar de vez a consciência, sentindo a tontura dominá-la. Agarrou-se à beirada da cama, cravando os dedos na madeira do móvel enquanto respirava fundo. Luzes piscantes flutuaram diante de seus olhos, mas logo se dispersaram, e sua visão voltou ao normal. O olhar da Werefox se voltou para sua perna direita, e ela ergueu a saia marrom para revelar a pele. A cicatriz na panturrilha era visível e horrorosa, costurada de forma tosca mas eficiente. Abaixou a mão, tateando o curativo improvisado. Seus dedos roçaram as extremidades levantadas do local onde a carne fora remendada. Não era obra de um magíster — e ela poderia ficar manca para sempre —, porém sua perna fora salva.

O que não daria para ter Hector por perto com sua maleta de remédios? Mas isso não a ajudaria de verdade, ajudaria? Se os boatos que circulavam fossem verdadeiros, seu velho amigo não existia mais, tendo sido substituído por um praticante de necromancia que atendia pelo nome de Mão Negra. Eles se conheciam desde a infância, e Hector sempre fora gentil e atencioso. O Boarlord poderia mesmo ter aberto mão do dom da cura e abraçado a morte? Gretchen estremeceu. Lembrou-se da noite em que sofrera o ferimento, e seu estômago veio parar na boca. Lucas e seus Lobos Selvagens haviam saqueado a cidade de Bray, aniquilando tudo o que encontraram no caminho, inclusive seu querido Trent Ferran. Ela teria aceitado a morte de bom grado naquela noite — era melhor cair no leito do Redwine do que nas garras de

Lucas. “Há quanto tempo estou aqui?”

Afastando esses pensamentos atordoantes, estendeu a mão e pegou a muleta deixada perto da cama. Feita com um galho de árvore retorcido com um rolo de tecido na ponta, estava caída no chão de terra. Gretchen a posicionou sob o braço e se inclinou sobre a madeira, para apoiar melhor o peso do corpo. Estremeceu com a dor que lhe subiu pela perna e quase foi ao chão. Agarrando com força a muleta, encostou-se na parede, sentindo o toque frio da terra compacta no rosto, acalmando-se e tentando se recompor. Seu corpo estava enfraquecido e desnutrido. A Foxlady não sabia quanto tempo passara de cama. Ervas lhe tinham sido administradas, unguentos lhe haviam sido aplicados e incenso fora queimado, mas não conseguia se lembrar do rosto da pessoa que a curara. Recordava-se vagamente dela em seus sonhos inquietos.

O som de uma risada chamou sua atenção. Ajeitando melhor o corpo, Gretchen se pôs a caminho da coberta esfarrapada pendurada na entrada da cabana, que barrava a entrada da luz do sol. Fez uma careta e grunhiu ao chegar mais perto da saída, parando para afastar o tecido desgastado. A luz do dia a atingiu com toda a força, quase fazendo-a desmaiar. O brilho aos poucos foi se tornando menos intenso à medida que seus olhos se acostumavam ao mundo exterior.

A construção era cercada de juncos e capim alto, oscilando levemente sob a brisa, e as canas dos juncos chegavam a mais de dois metros de altura em alguns lugares. Passarinhos revoavam em meio à vegetação, perseguindo uns aos outros e trinando sem parar. O coaxar constante dos sapos se somava ao ruído de fundo, mas as criaturas se mantinham invisíveis no meio do brejo. Fora o riso de uma criança, porém, que atraíra a jovem de Hedgemoor para fora do confinamento da cabana, rumo à luz do sol. A mãe estava agachada ao lado da fogueira apagada, fazendo cócegas em um garotinho, que rolava na terra úmida, nu como viera ao mundo.

— Quantos anos ele tem?

A mulher ergueu a cabeça de maneira repentina, os olhos arregalados. Ela pegou o menino nos braços, aninhando-o junto ao peito enquanto se afastava da cabana. Gretchen ergueu a mão livre em sinal de paz, segurando a muleta com a outra.

— Por favor, não tenha medo — ela falou, perplexa com a reação da desconhecida.

Gretchen notou a constituição física incomum da mulher, diferente de tudo

o que já vira. Era baixa e robusta, com um pescoço atarracado, ombros largos e cabeça grande. Seus braços pareciam mais compridos que os da maioria dos humanos, e os dedos longos seguravam com força o bebê no colo. As roupas que usava não eram como as que se poderiam encontrar nas Dalelands ou na Westland — uma pele de animal por cima de uma bata de couro. Sua aparência era um tanto selvagem, o que deixou Gretchen alarmada. Agora ela reconhecia sinais mais característicos: a lança com ponta de pedra no chão junto à fogueira, com um berrante de caça ao lado, e o colar de osso no pescoço da mulher. “Uma Wylderwoman? Fui trazida ao acampamento dos selvagens?”

Seus olhos percorreram as extremidades da clareira, à procura de alguma movimentação em meio aos juncos. Gretchen deu um passo cambaleante em direção à mãe com a criança. Ela podia usar a muleta como arma caso os selvagens voltassem, porém teria mais chances se transformando na Raposa. Estava desnutrida e exausta, e a metamorfose certamente esgotaria as poucas energias que lhe restavam, mas pelo menos ela morreria lutando. Seus pés escorregaram enquanto avançava. Apesar do sol forte e quente de verão, o solo ao redor da cabana permanecia úmido e enlameado, coberto por uma fina camada de água.

— Não quero machucar você — disse Gretchen, tentando sorrir e manter a fera sob controle, ao menos por ora. Não queria fazer mal à mulher, mas, se fosse preciso fazer isso para sobreviver aos selvagens e viver para lutar mais um dia, não pensaria duas vezes.

Gretchen testemunhara os atos bárbaros daquele povo, seu canibalismo, a adoração por Vala, a maligna deusa Wyrn. Não muito tempo antes, fora capturada pelos Wyldermen e seria oferecida como sacrifício à Wereserpent se não fosse seu amigo Drew Ferran, que aparecera para salvá-la. E seu tormento nas mãos dos selvagens não tinha terminado por aí; eles a haviam perseguido pela sinistra Dyrewood enquanto estava acompanhada de Trent, o irmão de Drew, quase conseguindo matá-los. Não, já estava cansada de fugir dos assassinos da floresta: era preciso reagir ou morrer tentando.

Gretchen viu os olhos da mulher voltados para a fogueira apagada, claramente interessada na lança caída na lama.

— Não faça isso — disse Gretchen, balançando a cabeça e o dedo indicador, torcendo para que a mulher conhecesse a língua comum. Caso conhecesse, não parecia disposta a ouvir a jovem de Hedgemoor. A mulher se aproximou da arma, prendeu o bebê junto ao peito com um dos braços e, com

a mão livre, preparou-se para pegar a lança. Gretchen se agachou, cerrando os punhos ameaçadoramente enquanto pelos castanhos apareciam em suas costas. Garras surgiram na ponta de seus dedos, e os dentes ficaram afiados como agulhas.

— Pense no seu filho, estou pedindo — ela grunhiu, mas a mulher já se movia.

Gretchen avançou.

A Werefox e a Wylderwoman chegaram à fogueira apagada ao mesmo tempo. Gretchen estendeu a mão, pegou a lança e arremessou-a longe. A arma se cravou na parede de barro seco da cabana. Sentindo-se triunfante com sua pequena vitória, a exausta Werefox se virou de novo para a mulher. Mas havia entendido tudo errado. A mãe estava mais interessada no berrante de caça.

O som estridente do berrante ecoou pelos pântanos, e os passarinhos ao redor saíram voando, todos ao mesmo tempo. Gretchen sentiu o coração se apertar ao se dar conta de que os companheiros da mulher chegariam a qualquer momento. Podia mesmo ficar ali e lutar? Ou seria melhor fugir para os brejos? Sem a menor ideia de onde se encontrava, com certeza só encontraria uma morte lenta e desesperadora por afogamento caso se arriscasse a sair cambaleando pelo banhado.

O chamado do berrante cessou, e a mulher o tirou dos lábios e o arremessou no chão, voltando a segurar o garotinho com as duas mãos. O menino tinha as mesmas feições da mãe — pescoço atarracado, dedos compridos e olhos arregalados para a vulpinotropa parcialmente transformada.

Nesse momento, Gretchen se sentiu invadida por um grande sentimento de pena pela mulher e pela criança, nascidas em um mundo de brutalidade e barbárie. Ela não era sua inimiga. Quanto a si mesma só queria desaparecer daquele lugar e voltar para a estrada a fim de reencontrar seus amigos. E se Trent tivesse sobrevivido ao ataque a Bray? Havia visto quando o jovem tombara diante dos lobisomens monstruosos que tinham atacado a cidade sob o comando do rei Lucas, o Werelion. Poderia ainda estar vivo? Uma faísca se acendeu brevemente em seu coração, a esperança de que algum dia pudesse voltar a estar a seu lado. Mas, em vez disso, o destino colocara em seu caminho o toque de um berrante.

Observou com piedade a fuga da mãe e da criança em direção ao mato alto e oscilante. Gretchen cerrou os punhos, perguntando-se se seria capaz de pôr

um fim à vida dos dois. Caberia a ela decidir quem iria viver ou morrer? Conseguiria mesmo fazer isso? Valeria a pena? Suas mãos se abriram, e a muleta foi descartada no chão. O rosto cheio de lágrimas da mãe empalideceu ao ver os olhos faiscantes da Werefox.

A rede apareceu do nada, capturando Gretchen com uma precisão notável. Havia diversos tipos de objetos pesados amarrados nas pontas, o que fez as cordas a envolverem imediatamente. Conseguiu rasgar algumas partes com as garras, mas acabou indo ao chão, aterrissando de lado sobre a terra molhada, sentindo o ar ser expulso dos pulmões enquanto esperneava e se debatia, indefesa como um peixe fora d'água. A mulher com a criança fugiu para se esconder, mantendo-se a distância e entrando na cabana de barro. Gretchen ouviu passos se aproximando e detendo-se atrás dela. Ainda tentou se virar para ver o selvagem que havia lançado a rede, mas estava imobilizada como um porco esperando o abate. A movimentação atrás dela continuava, ruídos na terra molhada sugerindo que o inimigo se abaixava, projetando uma sombra sobre seu corpo. Conseguiu ouvir a respiração dele atingindo seus cabelos e seu rosto, sentindo seu hálito fétido.

— Se quer me matar e me devorar, faça isso logo, seu Wylderman imundo — ela falou, cuspiendo por entre as frestas da rede junto ao seu rosto. — Espero que morra engasgado comigo.

Sentiu as mãos dele, frias e suadas, tocando seu antebraço exposto. Gritou, provocando um sobressalto na mãe e na criança em seu ponto de observação. A mão com dedos ásperos e cheios de calos a agarrou, virando-a de barriga para cima. O homem a observou, ajoelhado a seu lado, o sol brilhando por cima da cabeça como um halo e imergindo o rosto dele na escuridão.

— Kholka não Wylderman — disse o estranho com sua voz grossa e gutural. — Kholka ser fíbio.

Os dedos compridos continuavam segurando o braço de Gretchen, mantendo-a imóvel enquanto ele a media de cima a baixo. A Raposa ainda era visível à superfície, e uma fina pelagem cobria sua pele. Os dentes e as garras ainda estavam à mostra, mas ela perdera a vontade de lutar. Sentia-se desamparada. A pressão da mão do homem era firme, e ele balançava a cabeça de um lado para o outro enquanto a observava. De repente, chegou mais perto, fazendo-a se encolher de medo. Era possível ver melhor o rosto dele agora, a pele manchada e sem vida. Tinha as mesmas feições da mulher, com olhos grandes e imóveis que a estudavam com atenção. Os lábios eram finos e esticados, retorcidos para baixo, o que lhe dava uma expressão de

tristeza e perplexidade. Ele balançou de leve o rosto tristonho.

— Kholka fíbio — ele repetiu. — Odeia Wylderman. Menina se comporta, então?

Gretchen supôs que se tratasse de uma pergunta, a julgar pela entonação da precária frase na língua comum. Ela balançou a cabeça freneticamente em concordância. O homem ergueu um dedo comprido e coçou a pele solta sob o queixo de modo teatral. Era sem dúvida o homem mais estranho que ela já vira, e Gretchen se sentiu uma tola por confundi-lo com um selvagem.

— Kholka tirar rede. Menina ficar livre. Menina comportada?

Mais uma vez, ela se apressou em confirmar com a cabeça. Com hesitação, os dedos dele se puseram ao trabalho, soltando as cordas que a prendiam. Enquanto isso, Gretchen fez a Raposa recuar. Já dava para sentir a pressão se aliviando enquanto o homem desenroscava a rede de seu corpo. Gretchen se desvencilhou da última parte sozinha, afastando-se com gestos desajeitados. Ele dobrou a rede e a deixou no chão a seu lado.

— Perna de menina — disse Kholka. — Feliz?

Ela olhou para a panturrilha, onde a lama se grudara à ferida.

— Você fez isso? Foi você quem cuidou dos meus ferimentos?

O estranho não respondeu; limitou-se a piscar com movimentos lentos e expressivos. Gretchen olhou para a mulher e o menino, encolhidos na entrada da cabana.

— São sua mulher e seu filho?

Ele piscou outra vez.

— Obrigada... Kholka — ela falou, tentando sorrir, já sem nenhum resquício da Raposa quando se virou para a mulher. — E a senhora me desculpe por tê-la assustado.

— Menina perder tempo — disse o homem. — Esposa de Kholka não falar. Menina conversar com árvore. Árvore falar mais.

Gretchen se esforçou para ficar em pé, escorregando e fazendo uma careta quando apoiou o peso do corpo na perna ferida. Kholka deu um salto à frente, afundando os pés largos na lama para segurá-la pelo braço e ajudá-la a se equilibrar. Como a esposa, vestia-se com peles, e suas pernas estavam descobertas da coxa para baixo. Ela viu a musculatura poderosa que aparecia sob a pele manchada. Aquelas eram, sem dúvida, as pessoas mais estranhas que Gretchen já vira.

— Onde eu estou? — ela perguntou. Kholka inclinou a cabeça com uma expressão confusa. Gretchen apontou para o chão e em seguida girou o

indicador no ar. — Aqui? Onde é?

Kholka a pegou no colo em um gesto inesperado e foi andando em direção à cabana. Agachando-se levemente, saltou mais de dois metros no ar, aterrissando no telhado inclinado. Apoiando-se sobre um dos joelhos, manteve Gretchen sentada em seu colo, como uma criança. A jovem o encarou com surpresa. Ele apontou para além dos juncos, estendendo os dedos compridos e desenhando um arco invisível na direção dos pântanos. A distância, ela conseguiu ver o contorno azulado da Dyrewood, logo reconhecível por sua extensão gigantesca, que preenchia o horizonte.

— Vocês vivem aqui sozinhos? — ela perguntou. — Família de Kholka sozinha?

O homem fez que não com a cabeça, apontando para além do matagal, onde os telhados precários de outras cabanas podiam ser vistos. Estavam por toda parte. Os olhos dela se voltaram de novo para os juncos, onde agora via mais rostos estranhos, escondidos no mato, observando-a com desconfiança do limiar da clareira onde vivia Kholka. Quando tinham chegado ali, Gretchen não sabia. Talvez quando Kholka viera e a prendera com sua rede. Ele não devia estar sozinho naquele momento, era quase certo. O som do berrante devia ter alertado seus vizinhos.

Ela olhou para cima, tentando se localizar. O sol estava diretamente sobre sua cabeça. Isso significava que a floresta ficava ao sul.

— Estamos nos Brejos de Bott? — ela perguntou.

— Brejos de Bott depois de rio — falou Kholka. — Depois de rio.

— Estamos ao norte do Redwine?

Ele piscou.

— Então você pode me levar até meus amigos — ela falou, empolgada. — Me leve até o limite do seu território, e de lá eu sigo sozinha, Kholka.

Ele franziu a testa, olhando para a perna de Gretchen e depois para seu rosto.

— Preciso ir embora — ela disse devagar, falando bem alto, como se isso fosse ajudá-lo a entender melhor. — Tenho que ir — ela insistiu, apontando para o norte.

Kholka sacudiu a cabeça grande, fazendo a papada sob o queixo balançar.

— Isso perigoso. Menina dormir. Menina comer. Menina mais forte.

— Menina ir — ela falou, elevando o tom de voz, irritada com a teimosia do estranho. Moveu-se para a beirada do telhado da cabana, preparando-se para saltar ao chão. Ele a agarrou pelo pulso.

— Não — ele disse. — Perigoso. Menina ficar.

— Não posso ficar — ela falou, puxando o braço, mas incapaz de se livrar da mão dele. — Sei que é perigoso, mas preciso ir. Estamos no meio de uma guerra, Kholka.

— Sem guerra aqui — ele rebateu, balançando a cabeça. — Povo de pântano não lutar. Fíbio de paz.

— Aqui também, Kholka — ela afirmou. — Não pode ignorar o que está acontecendo com seus vizinhos da Westland e das Dalelands.

— Fíbio de paz — ele repetiu.

Ela puxou o braço com força, enfim se desvencilhando da pressão da mão dele, esfregando o pulso dolorido. Gretchen baixou a cabeça, amargurada. Kholka tinha razão; estava fraca e precisava descansar para se recuperar. Com o sol de verão já no céu, não sabia quanto tempo ficara definhando naquela cabana. Mas, por outro lado, ele também estava errado.

— Você está em paz agora, Kholka — ela falou. — Mas pode acreditar que não vai continuar assim. Existe um mundo além dos pântanos, e esse mundo está longe de ser pacífico.

— Fíbio de paz.

Outra vez aquela expressão, como se aquilo fosse capaz de evitar a violência, de impedir o derramamento de sangue.

— Querendo ou não, a guerra está chegando — suspirou ela. — E acho que ser um “fíbio de paz” não vai servir para muita coisa quando os Catlords aparecerem aqui.



5

A isca e o anzol

Para Drew, o *Turbilhão* parecia ser mais versátil em termos de figurino do que uma dançarina de espetáculos. Os apetrechos de embarcação de pesca usados em Denghi haviam sido substituídos por algo menos insalubre. Apenas as velas esfarrapadas permaneciam, as armadilhas de lagostas e as redes de pesca tendo sido jogadas ao mar quando desistiram de desembarcar na cidade portuária. Agora, tecidos omirianos coloridos flutuavam nos mastros sob a brisa. As longas bandeiras vermelhas indicavam se tratar de um navio mercante de óleo de Spyr, sinal de que seu compartimento de carga levava uma mercadoria valiosa. O porão do *Turbilhão* estava cheio de Fúrias, os temidos guerreiros de Felos, e não de frascos do desejado elixir, mas os tripulantes do *Imperatriz Bastian* não sabiam disso. Capitaneado pelo marechal do mar Scorpio, o imenso navio de guerra singrava o oceano em direção ao *Turbilhão*, deixando ondas de espuma branca em seu caminho. Ao conseguir atrair a atenção da principal embarcação bastian, Vega cumprira seu objetivo.

— Como sabe que Scorpio mordeu a isca? — sussurrou Drew. — Ele é o comandante da frota dos Catlords. Tem certeza de que viria atrás de um navio mercante?

— Como acha que as pessoas ascendem em postos na marinha, Drew? — rebateu Vega, agachado ao lado dele, sem tirar os olhos do navio de guerra. — Scorpio não conquistou sua reputação com diplomacia, nem sendo um bom samaritano. Me mostre um oficial da marinha que não seja um pirata, e eu lhe mostro um mentiroso. Está no sangue de Scorpio, assim como no meu.

O sorriso cheio de apetite do Sharklord fez Drew estremecer. Era fim de tarde, e o sol se punha, tingindo o céu de vermelho atrás do *Imperatriz Bastian*. Vega sempre ficava mais agressivo nessas horas, algo a que o jovem Wolflord já estava acostumado. A menção à pirataria claramente incitara algo dentro dele, transportando-o a um passado glorioso em um momento de devaneio. Afinal, antes da guerra, Vega era o príncipe dos piratas das Ilhas Cluster. Sua reputação era sinônimo de sangue.

— E se ele quiser só nos interrogar? Saber o que estamos fazendo aqui?

Vega balançou a cabeça.

— Dê uma olhada na linha que a embarcação está tomando, rapaz. É uma movimentação de batalha: o *Turbilhão* é uma presa fácil aos olhos deles. Só precisamos torcer para que estejam querendo nos interceptar. A pior coisa que poderia acontecer seria um ataque a bombordo, onde estamos desprotegidos. É melhor que venham tentar nos fazer parar. Mantenha o curso, senhor Figgis! — ele gritou na direção do leme, onde o imediato conduzia a embarcação.

— E se eles baterem em nós? — perguntou Drew, apreensivo.

— Aí ficaremos molhados. — Vega sorriu para ele. — Por falar nisso, você sabe nadar?

* * *

Scorpio estava de pé na proa do *Imperatriz Bastian*, o peito estufado e um sorriso no rosto. Era a primeira vez que sorria em semanas, desde os acontecimentos na Baía de Calico. Seu cerco à cidade do Touro estava indo muito bem, com o duque Brand e seus aliados quase morrendo de fome, mas então dera tudo errado. Como o gordo Bosa descobrira o código das bandeiras e alcançara o coração de sua frota, Scorpio jamais saberia. Uma vez lá, o Whalelord e seus aliados haviam atacado com tudo, usando a pólvora para dizimar o cerco. Com sua marinha em ruínas, Scorpio fugira com algumas poucas embarcações, seguindo pelo Estreito da Lyssia para a costa de Omir. Para sua sorte, Bosa não o havia seguido, tendo ficado em Calico. Caso houvesse decidido pela perseguição, o resto da frota agora estaria no fundo do mar.

O navio mercador de óleo de Spyr era uma embarcação leve, construída para ser veloz. Era impossível não rir daqueles omirianos idiotas, ostentando bandeiras vermelhas de seda para sinalizar sua carga preciosa. Achavam que as guildas dos mercadores eram capazes de protegê-los de um saque? Talvez de piratas omirianos, mas o oceano era um lugar bem grande, e nem todo

mundo seguia as mesmas regras.

Scorpio olhou para trás, observando os conveses. Seus homens estavam em polvorosa, prontos para matar. Muitos de seus marinheiros haviam perecido no ataque da Baleia, e uma tripulação reduzida operava o *Imperatriz Bastian*, mas, para uma presa tão fácil, já bastava. Seus homens eram do tipo mais desprezível, e ele nunca deixava passar uma oportunidade de lembrá-los disso. O comandante se deleitava no momento de impor a disciplina, açoitando pessoalmente os faltosos, e com ainda mais gosto depois do fiasco em Calico.

Quanto mais cedo acabasse aquela investida lamentável sobre a Lyssia, mais rápido poderia voltar a Bast e retomar seu verdadeiro trabalho, longe dos olhos dos Catlords. Scorpio era um comerciante de escravos, um mercador de carne, ossos e sangue, e perdera inúmeras oportunidades de negócios enquanto cuidava do desembarque do exército de Onyx no continente do norte. Sem dúvida seu amigo Kessler estaria lucrando horrores com o infortúnio da Lyssia. Scorpio fez um lembrete mental para ter uma conversinha com o conde ao final da guerra.

A luz do dia se esvaía, mas Scorpio conseguira dar uma boa olhada no navio mercante quando o *Imperatriz Bastian* havia chegado mais perto. Era uma bela embarcação, com os contornos suaves e elegantes de um galeão veloz. Talvez tivesse sido usado para fins militares antes. “Que desperdício para uma bela nau de batalha, se for esse mesmo o caso”, pensou Scorpio. As velas remendadas e multicoloridas davam um toque interessante, sugerindo que seu capitão era um sujeito extravagante, que não tinha receio de improvisar nos reparos quando fosse preciso. Dava para ouvir o tremular das bandeiras vermelhas, que anunciavam orgulhosamente a área dos negócios dos omirianos. Tolos. Estranhamente, os mastros e os cabos estavam em ótimo estado, sem nenhum sinal de desgaste. Era esquisito que um capitão mantivesse o madeiramento em tão boas condições quando não parecia nem um pouco preocupado com as velas.

A embarcação estava com o casco bem afundado na água, mais do que seria de esperar de um navio que transportasse óleo de Spyr. Isso despertou a desconfiança do marechal do mar. Notou tábuas pregadas no casco do navio mercante. Estavam posicionadas bem nos locais onde se esperaria ver escotilhas para vigias. Ou canhões.

Quando deu o grito de alerta, já era tarde demais. As tábuas já tinham sido arrancadas, os canhões já haviam sido disparados, e o casco do *Imperatriz*

Bastian estava cravejado de buracos.

Drew e Vega mergulharam na água antes mesmo que o *Turbilhão* fizesse seu ataque-surpresa. Estavam ambos transformados, e o corpanzil poderoso do Sharklord impulsionava o Lobo pela água, exatamente na direção dos agressores. O lusco-fusco do fim de tarde e o mar turbulento ofereciam cobertura de sobra para que se aproximassem do navio de guerra. Drew se agarrava à nadadeira dorsal do Wereshark, cravando as garras da mão na pele cinzenta e dura como quem se prende à própria vida. A Moonbrand, sua espada, flutuava logo atrás, presa à bainha, e, com seu formato hidrodinâmico, a lâmina não acrescentava nenhuma resistência à travessia. Vega nadava a uma velocidade que Drew nunca imaginara ser possível. O Werewolf respirava fundo sempre que surgia a oportunidade, prendendo o ar nos pulmões ao submergir de novo. Sem demora, estavam ao lado do casco incrustado de conchas do navio de batalha.

Apesar de quase ensurdecido pelas ondas e pela movimentação da embarcação, Drew ouviu as explosões inconfundíveis dos canhões do *Turbilhão* disparando. A parede recurvada explodiu diante deles, e o flanco do enorme navio de guerra se abriu com a saraivada surpreendente de tiros da embarcação menor. Os gritos da tripulação preencheram o ar de imediato, assim como o som do ferro e da madeira caindo na água, expondo as entranhas da nau dos bastians. Com um grunhido terrível, o *Imperatriz Bastian* tombou para estibordo assim que o mar preencheu o buraco aberto no casco.

Em meio às ondas, o poderoso Sharklord se virou para o rombo feito na embarcação em vias de naufragar. No convés, era possível ouvir a agitação frenética dos marujos em pânico. Uma voz berrava instruções aos homens, tentando fazê-los voltar a seus postos, mas a tripulação não estava disposta a acatar. O marinheiro que tentava dar ordens logo foi derrubado de seu posto, caindo nas ondas revoltas com um estrondo assim que o Lobo e o Tubarão saíram da água.

Nenhum dos marujos a bordo tinha disposição para lutar. Alguns berraram quando viram os dois transmorfos ensopados a caminho das escadas, outros se encolheram para permitir sua passagem. A Moonbrand estava na mão de Drew, mas os marinheiros abriam caminho para o Lobo e o Tubarão sem a menor resistência.

Na parte superior da nau de guerra, o caos era ainda maior. O *Turbilhão* estava bem próximo agora, e a tripulação do conde vibrou quando viu seu

capitão surgir no convés dos inimigos. Os bastians estavam ocupados baixando os botes salva-vidas por cima das amuradas. Drew viu dois oficiais lutando pelo comando dos homens, um instigando o abandono da embarcação, outro querendo que mantivessem seus postos. Notou o brilho de uma adaga, e o defensor da resistência caiu de joelhos diante do desertor, a mão na barriga ensanguentada enquanto os tripulantes soltavam o bote salva-vidas do suporte.

— O que faremos agora? — grunhiu Drew.

— O que viemos fazer aqui — rugiu Vega. — Vamos buscar as respostas de que precisamos.

— Então temos que pegar um desses oficiais — disse Drew, os olhos amarelados se estreitando ao contemplar o sujeito com a faca ensanguentada.

— Não vim até aqui para pescar peixes pequenos, Drew — rebateu Vega, apontando um dedo cinzento e afiado para o castelo de proa, onde uma figura imponente se ocupava em arremessar marujos escada abaixo, na direção deles. — É dele que estou atrás... O marechal do mar Scorpio, comandante da marinha bastian.

Vega atravessou o convés correndo, com Drew em seu encalço. A rapieira do Tubarão foi desembainhada enquanto os dois passavam pelos marujos que se digladiavam por lugares nos botes salva-vidas. Sem diminuir o passo, Vega desferiu um golpe com a lâmina, acertando o oficial traiçoeiro que acabara de assassinar um companheiro. Drew continuou seguindo o capitão do *Turbilhão*, impressionado com o rastro de sangue que a rapieira deixou em seu caminho. Alguns passos adiante, Drew ouviu o baque pesado do homem caindo sobre as tábuas de madeira junto de seu antigo amigo.

— Marechal do mar Scorpio, pelo que estou vendo! — exclamou Vega, projetando a voz acima da confusão. — Esperava conhecê-lo em circunstâncias menos inclementes. Afinal, não é sempre que comandantes de naus rivais têm a chance de se encontrar pessoalmente para um acerto de contas, não é?

Drew deu uma boa olhada no capitão do *Imperatriz Bastian* enquanto Scorpio arremessava mais dois homens do castelo de proa para bloquear sua passagem. Era um homem particularmente feio, com o maxilar bastante projetado para a frente. Sua garganta inchava e tremia quando ele berrava ordens. O rosto de Scorpio era esburacado e cheio de marcas purulentas. Uma grande quantidade de espinhos já surgia em sua cabeça e nas costas, oscilando de irritação a cada passo dele. Agarrando outro de seus

comandados, Scorpio berrou em seu ouvido, antes de mandá-lo para o convés:

— Atrás deles, seus cães!

— Não é a recepção que eu tinha em mente — comentou o Sharklord, a boca monstruosa se contorcendo em um sorriso assustador. — A hospitalidade bastian não é mais a mesma. O mínimo que eu esperava era que você abrisse uma garrafa de vinho envelhecido!

— Pode parar de se gabar, Sharklord — esbravejou Scorpio, agora sozinho no castelo de proa enquanto uma dúzia de homens ainda leais se posicionavam mais abaixo, erguendo as armas em sua defesa.

— Vocês sabem que não precisam morrer aqui hoje — grunhiu o Werewolf, parando ao lado de Vega e sentindo as tábuas envergarem sob seus pés. Um estalo altíssimo se fez ouvir mais abaixo. A estrutura de madeira do navio cedia sob a força da água.

— Vão poupar a minha vida? — gritou Scorpio.

— Isso vale só para os seus homens, meu caro marechal do mar — explicou Vega.

— Entrem nos botes, se conseguirem um — continuou Drew, passando por Vega e encarando os marujos temerosos. — Nadem até a costa ou se rendam a nós, mas não morram em nome de Scorpio.

— Está subestimando a lealdade da minha tripulação — retrucou o comandante bastian, e mais espinhos apareceram em seu corpo. — Eles são homens corajosos de Bast! Cada um vale por uma dezena de seus vira-latas lyssianos, Lobo!

— Não perguntei de onde eles vêm, Scorpio; perguntei se querem morrer.

O Werewolf deu mais um passo e escancarou os dentes. Os bastians deram uma boa olhada nos enormes caninos e nos incisivos afiados como adagas do lobo, capazes de triturar carne e ossos em uma fração de segundo. A Moonbrand reluzia em sua mão, e o brilho pálido da lâmina projetava uma aura fantasmagórica sobre o licantropo.

— O que vai ser, rapazes? — rosnou o Lobo. — Querem morrer hoje mesmo? Ou preferem que seu fim venha com a velhice, nos braços de suas mulheres?

A tripulação do *Imperatriz Bastian* largou as armas no convés inclinado. Espadas e lâminas tilintaram ao quicar e se arrastar sobre as tábuas instáveis, desaparecendo mais abaixo.

— Covardes! — gritou Scorpio, os olhos esbugalhados, a garganta e o

peito inchando enquanto a pele assumia uma coloração amarelada. Seu rosto agora era violeta e roxo, e a saliva voava dos lábios abertos. — Seus covardes imundos! Vão morrer por causa disso!

Os espinhos mortais do Peixe-Escorpião haviam ocupado todo o seu tronco e se erguiam até a cabeça como os de uma planta venenosa. Ele entrou em ação logo em seguida, empreendendo sua fuga. Vega e Drew foram rapidamente em seu encalço, mas o Werewolf estava bem à frente, chegando ao mar em questão de instantes.

Antes de saltar pela amurada da proa do *Imperatriz Bastian*, Scorpio olhou para trás, berrando uma última ameaça de vingança:

— Vou matar vocês todos! — Depois se virou, preparando-se para o mergulho, mas nesse momento sentiu o lado cego de uma lâmina se chocando com força contra seu rosto. Scorpio cambaleou para trás, estatelando-se no castelo de proa do navio naufragante, cravando os espinhos nas tábuas de madeira e ficando pregado ao chão. Piscou algumas vezes, atordoado, o rosto manchado de sangue enquanto tentava enxergar a figura que pairava no ar sobre a proa do *Imperatriz Bastian*.

— Bom trabalho, Casper — disse Drew, dando uma piscadela para o jovem Gavião, que batia as asas com a espada na mão.

Vega cutucou a barriga do Werewolf caído com o pé, antes de se agachar junto ao marechal do mar.

— Algum discurso de despedida? — Ele ergueu a mão com garras cinzentas e a manteve suspensa no ar, sob o olhar atônito de Scorpio. — Foi uma péssima ideia, não foi?

O punho do Sharklord desceu, mergulhando o Peixe-Escorpião no sono mais profundo e turbulento que já tivera na vida.



6

Diante dos portões de Azra

Para Lady Hayfa, a senhora de Ro-Shann, fora um dia de execuções gloriosas.

A cidade de Azra, outrora considerada a Joia de Omir, era agora um monumento à morte. A população local costumava dizer que, enquanto as muralhas continuassem de pé, a cidade pertenceria aos Chacais. Essa afirmação acabou se revelando falsa. A princípio, os habitantes de Azra haviam demonstrado resiliência e firmeza diante dos inimigos, com a ajuda dos Hawklords das Barebones. Mais ao norte, no entanto, as coisas não iam tão bem. Com a ajuda dos Catlords de Bast, Bana fora atacada pelos aliados de Lady Hayfa, os Doglords, atraindo a atenção do rei Faisal, que enviara a maior parte dos aviatropos ao norte, junto com alguns de seus melhores guerreiros, para retomar o controle sobre a Falha. Ele permanecera no trono na companhia de alguns poucos nobres omirianos.

A cidade do Chacal tinha conseguido sobreviver aos meses mais frios, mas, no último dia do inverno, os exércitos do Cão e da Hiena haviam cercado a cidade por todos os lados. Lady Hayfa direcionara a maior parte do exército para as muralhas ao sul de Azra, enquanto os guerreiros de Lord Canan se concentravam nas defesas ao norte. Isolada do mundo exterior, sem poder contatar seus aliados em Bana, a população de Azra fora minada pela força brutal que a atacava do lado de fora das muralhas. Quando o verão chegou, os canhões dos bastians foram empurrados pelas dunas além da cidade, lançando uma saraivada atordoante de pólvora contra as muralhas e o coração exaurido da cidade. A contagem de corpos foi altíssima, e o rei Faisal

enfim se convenceu a se render, para salvar seu povo. Um trato foi proposto: não se derramaria mais sangue dentro de Azra. Hayfa aceitou os termos do acordo. As lendárias muralhas foram transpostas, e a cidade agora pertencia à Hiena.

Hayfa cumprira sua palavra. Não se derramara mais sangue dentro de Azra. Do lado de fora das muralhas, porém, Hayfa celebrava seu triunfo em grande estilo. Não houve cadafalsos nem discursos para os inimigos da Hiena. Um após o outro, soldados e comandantes do exército de Faisal, além dos nobres que haviam restado na cidade, foram escoltados pelas ruas até o Portão Prateado, ao sul do rio. O povo derrotado de Azra observava amargamente os bravos guerreiros que tinham tentado protegê-lo serem levados para a morte. Uma vez fora da cidade, eram conduzidos pelas dunas até as muralhas que tinham sucumbido. Fileiras de cabeças decepadas haviam sido colocadas diante da estrutura de pedra polida, um símbolo sinistro da vitória de Hayfa.

Agora que os nobres e cortesãos de Azra estavam mortos, Hayfa comparecera em pessoa para testemunhar o grande evento. Tinha mantido distância durante as batalhas, consumida por um pavor mórbido de ser assassinada. Fora preciso que o Chacal se rendesse para ela aparecer no Portão Prateado. Hayfa ordenara que as execuções fossem feitas longe dos olhares da população de Azra. Aquele era o povo da Hiena agora, e a última coisa que ela queria era que as pessoas chorassem sobre o cadáver de seus antigos senhores, transformando-os em mártires. Ainda havia mais ou menos uma dezena de nobres vivos, os mais poderosos e influentes da corte de Faisal. As mortes foram interrompidas com a chegada da senhora de Ro-Shann. A nova rainha de Azra queria saborear o momento.

Cercada dos próprios cortesãos, que tinham vindo a pé de Ro-Shann, Hayfa fora transportada em uma liteira sobre os ombros de escravos omirianos, com cortinas de seda tremulando sob a brisa morna. O comando militar da Hiena a acompanhava. Os prisioneiros ergueram a cabeça quando a procissão parou diante deles. Às suas costas, as muralhas estavam chamuscadas de preto em algumas partes pelo efeito da pólvora e esburacadas em outras pelo impacto.

Do local onde estava ajoelhado na areia, as mãos amarradas junto às costas, Djogo lançou um olhar amargurado para as defesas em ruínas. O mundo estava mudado. O tempo em que aquilo que os lyssianos mais temiam era um cerco com catapultas ficara no passado. A pólvora dos bastians

transformara o caráter da guerra. Os canhões haviam substituído as catapultas, e os cercos eram concluídos com muito mais eficiência. Diante do fim iminente, Djogo se perguntava se havia escolhido o lado certo. Em um passado não tão distante, era um feitor de escravos a serviço do conde Kessler, o Goatlord, um vilão em todos os sentidos da palavra. Mas então conhecera Drew Ferran, e o jovem Lobo da Westland tivera um impacto profundo sobre ele, e não só por ter perdido um olho no confronto com o licantropo. Ele ganhara muito tornando-se um aliado do Lobo: orgulho, autoestima e um amigo de verdade. Por outro lado, juntar-se a Drew em sua batalha contra os Catlords o levava a Azra; à defesa de uma cidade habitada por gente que nem conhecia, contra os Cães e as Hienas.

Djogo olhou para o rei a seu lado. A cabeça do Werejackal se mantinha erguida, o queixo apontado para cima, enquanto os demais a seu redor estavam cabisbaixos. Cordas prendiam os humanos, e para os Werelords haviam usado amarras com fios de prata. Djogo fora de grande valia em Azra, bem aproveitado por Faisal dentro das muralhas. O antigo feitor de escravos era um comandante de talento e um guerreiro destemido, e o Chacal aprendera a confiar nele depois de Djogo mostrar seu valor em diversas ocasiões. As chances de vitória pareciam plausíveis a princípio, mesmo depois de os Hawklords terem sido mandados a Bana com os melhores guerreiros que Faisal fora capaz de reunir. As muralhas imponentes e os arqueiros de mira afiada tinham se mostrado capazes de repelir Hayfa e seus aliados em todas as ocasiões. A chegada dos canhões, no entanto, marcara a derrocada do Chacal.

Djogo viu os olhos de Faisal se estreitarem de desprezo quando as cortinas da liteira se abriram e a Hiena apareceu sob o sol inclemente. Com passos elegantes, a senhora de Ro-Shann se aproximou das fileiras de comandantes humanos e transmorfos rendidos, cercada por guardas e escravos parrudos, um abanando-lhe um leque e outro segurando um guarda-sol sobre sua cabeça.

Quando Djogo bateu os olhos em Hayfa, ficou sem fôlego. Ela era tão linda quanto em suas lembranças de quando o caminho de ambos havia se cruzado, muito tempo atrás. Seu rosto estava pintado de branco, a cabeleira negra presa no alto da cabeça e adornada com uma coroa reluzente. Uma infinidade de pedras preciosas enfeitavam a joia, de todos os formatos, cores e tamanhos, criando um arco-íris que se refletia no vestido branco esvoaçante. A corte da Hiena estava reunida às suas costas. Ela se posicionou

diante de Faisal, enquanto o carrasco se remexia, nervoso, atrás do Chacal ajoelhado, a cimitarra na mão.

— A coroa dele, Majestade — disse um dos cortesãos, dando um passo à frente para entregar o aro de ouro ornamentado que costumava enfeitar a cabeça de Faisal. O olhar da Hiena exalava desprezo, como se Faisal fosse alguma espécie de mendigo.

— Fico honrado por minha morte iminente ter tirado você de sua toca, Hayfa — disse Faisal, atraindo a atenção dela com sua voz aveludada. A túnica do antigo rei estava rasgada, e seu rosto, antes perfeito, encontrava-se agora ensanguentado, obra dos guerreiros de Ro-Shann.

— Sou uma perfeccionista, Faisal.

— Você é uma covarde.

— Quero me certificar de que você vai ser morto.

— Ver minha cabeça cravada em uma estaca não seria prova suficiente para você?

— Em um período de transição como este em Azra, a última coisa de que precisamos é sua cabeça à mostra para todos verem. Seu crânio vai ser jogado em uma cova, sem identificação, em um fim de mundo qualquer em Omir, junto com o resto do corpo.

Djogo viu Faisal engolir em seco. A Hiena se virou para o antigo feitor de escravos e sorriu.

— Ah, e aqui está ele — ela comentou, parando diante de Djogo. — O laçao de Kessler que lutava para o Chacal. Você causou uma bela impressão no meu exército.

— Não sou mais laçao de Kessler — respondeu Djogo, cuspiendo na areia aos pés dela. O Goatlord costumava fazer negócios com a Hiena no passado. — Sou um homem livre, Hayfa.

Ela soltou uma risada contagiante e musical, sendo acompanhada por seus cortesãos.

— Claro que sim. — Ela olhou por cima do ombro dele, para as cordas que o prendiam. — Parece bem livre mesmo.

— Poupe sua saliva, Djogo — disse um prisioneiro ali perto. O vizir Barjin era o conselheiro mais próximo de Faisal, um primo em segundo grau do rei, muito querido pelo povo de Azra.

Hayfa arqueou uma das sobrancelhas para ele.

— Vizir Barjin, certo? — perguntou, abrindo um sorriso enquanto o carrasco andava de um lado para o outro atrás da fila de prisioneiros.

O velho lançou a ela um olhar enviesado.

— Se está aqui para nos matar, faça isso logo e pare com essa...

Suas palavras foram interrompidas pela cimitarra do carrasco, que jogou a cabeça do vizir na areia, diante dos joelhos. Os outros prisioneiros soltaram um arquejo de susto e se viraram para o outro lado a fim de não contemplar mais a terrível cena.

— Tudo tem seu tempo, vizir Barjin — ela disse para a cabeça decepada, que tinha os olhos arregalados, caída na areia. — Tudo tem seu tempo.

— Majestade!

Hayfa e Faisal se viraram em direção à saudação. Um homem com um turbante de um verde vibrante caminhava para eles, a túnica azul e esmeralda sobre os braços robustos, acenando com dedos cheios de anéis. Atrás dele, vinha uma procissão de homens com armas, escoltados de ambos os lados pelos Lanceiros de Denghi, usando armaduras de couro que lhes cobriam o peito e as coxas — um fardamento que Djogo reconheceu de imediato.

— Rainha Hayfa, Luz de Omir e Mãe da Areia!

Hayfa abriu um sorriso presunçoso para Faisal enquanto o extravagante cortesão se aproximava, levantando areia sob os pés e respirando com dificuldade pela boca. Djogo ouviu os passos do carrasco atrás de si e viu o sangue da cimitarra escorrer entre seu corpo e o do rei enquanto o homem sacudia a lâmina. “Eu sou o próximo?”

— Que foi, Aldo? — perguntou Hayfa, enquanto a procissão se aproximava sob o olhar atento dos Lanceiros de Denghi. — Por que está interrompendo meus afazeres em um dia tão glorioso?

O homem se jogou de joelhos no solo diante dela, antes mesmo de se aproximar por completo, mantendo certa distância da rainha.

— Imploro seu perdão, Majestade, mas a lady me garantiu que era um assunto da maior importância.

— Que lady? — esbravejou Hayfa, e seus comandantes se juntaram a seu redor.

Duas figuras se destacaram do grupo que se aproximava, ambas usando *kashes* omirianos para esconder o rosto. Djogo supôs que fossem bastians, assim como os guerreiros que as acompanhavam — os lendários Fúrias de Felos, lar dos Tigerlords. Da dupla oculta atrás dos adereços de cabeça, uma era claramente uma mulher, com movimentos suaves e sinuosos, aproximando-se da comitiva da Hiena de forma quase predatória. Djogo conseguiu ver um pedaço de sua pele sob a túnica dos habitantes do deserto,

tão escura que parecia até arroxeadada sob a luz do sol. Seu coração foi parar na boca. Uma Werepanther?

— Muito bem — disse Hayfa, a ansiedade perceptível na voz com a chegada dos visitantes inesperados. — O que deu em sua cabeça para trazer esses desconhecidos até mim, Aldo? Você se certificou de que não estão armados?

— Sim, Majestade — respondeu humildemente o homem ajoelhado. — Tomei a precaução de confiscar suas armas quando chegaram ao porto de Kaza. Eles foram bastante cooperativos.

Ela lhe lançou um olhar fulminante.

— Nunca confie em alguém que entrega sua lâmina de bom grado. — Virou-se para os recém-chegados, que estavam sob a mira das armas de sua guarda pessoal. — E então? Apresentem-se. E sejam breves. Aliás, já que estão aqui, demonstrem algum respeito pela rainha de Azra.

As duas figuras removeram os *kashes*, desenrolando os tecidos e os deixando sobre o pescoço como se fossem echarpes. A mulher permaneceu de pé, encarando Hayfa em uma postura desafiadora, mas o homem se ajoelhou diante da Hiena com a cabeça baixa. Parecia ter mais de setenta anos, com seus cabelos brancos e a pele cor de oliva enrugada no rosto frágil. Tinha o aspecto de um velhote debilitado, mas o antigo feitor de escravos sabia muito bem como as aparências podiam ser enganosas. Quanto à mulher, apesar de nunca tê-la visto antes — que motivos teria para isso? —, logo a reconheceu como a Beldade de Bast, assim como Hayfa.

— Você trouxe Lady Opal para cá? — questionou Hayfa, perdendo a compostura enquanto seus homens cercavam a Werelady de Bast.

— Pode me chamar só de Opal — respondeu a Pantherlady, erguendo as mãos em um gesto de paz.

— Até onde sei, os bastians são nossos aliados, Majestade — disse Aldo, justificando-se. — A lady falou que trazia uma mensagem urgente!

— Essa lady não é nossa aliada — esbravejou Hayfa, retorcendo o rosto coberto de pó branco. — Ela se voltou contra os seus. Não é mesmo?

— O homem tem razão quanto a uma coisa — disse Opal, enquanto os guardas da Hiena brandiam as lâminas para ela e seus companheiros. Atrás dela, os Fúrias permaneciam cercados pelos Lanceiros, e a tensão pairava no ar. Djogo ergueu a cabeça e viu o carrasco se remexendo atrás dele e de Faisal à medida que a cena se desenrolava.

— E qual seria? — questionou Hayfa.

— Trago uma mensagem urgente, Hayfa de Ro-Shann.

— É *rainha* Hayfa de...

— Você vai me entregar o rei Faisal, vai pegar seu exército, deixando para trás os canhões, e voltar para sua terra imediatamente.

Hayfa rosnou e rugiu, os olhos arregalados, o ultraje logo transformando seu rosto, arruinando a maquiagem. Pelos escuros surgiram em sua pele enquanto o focinho da Hiena se projetava.

— Pensa que pode me dar ordens depois de trair seu próprio irmão e se tornar uma inimiga de seu próprio povo? A notícia já chegou até mim! Você entrou no Fórum dos Anciãos em Leos com o Lobo a seu lado, valendo-se de sua proximidade com os Altos Lords, para cometer traição. Pensou que poderia fazer o mesmo comigo? Vejo que pelo menos não trouxe o Lobo desta vez.

A Werehyena olhou feio para o velho ajoelhado ao lado de Opal com a cabeça baixa sob as lâminas apontadas em sua direção.

— Você aceita meus termos? — questionou Opal com um grunhido grave na voz.

— Termos? — riu-se a Hiena. — Você não tem condições de impor termo nenhum! Não tem nada com que barganhar!

— Isso é um não, então?

— Claro, ora!

— Que seja — sibilou Opal. — Chollo.

Djogo já enfrentara adversários agilíssimos em sua vida, homens que pareciam estar sempre um passo à frente, movendo-se antes mesmo que ele tivesse tempo de pensar. O jovem Lobo fora um desses oponentes, dotado de uma velocidade sobrenatural — até mesmo para um Werelord — que Djogo nunca testemunhara antes. Mas até mesmo os reflexos apurados de Drew Ferran pareciam lentos em comparação com os do velho. Em um momento, ele estava ajoelhado ao lado de Opal. No instante seguinte, desvencilhava-se das lâminas ao redor com um salto de velocidade atordoante. A Hyenalady tombou sobre a areia diante de Chollo quando o Cheetahlord, totalmente transformado, prendeu sua garganta entre as garras.

— A resposta ainda é não? — questionou Opal.

Os guardas de Hayfa pareciam em pânico, sem saber se continuavam apontando as armas para a Pantherlady ou se as voltavam para o velho Werecheetah que havia imobilizado a senhora deles no solo. Opal transformava-se também, e a pelagem negra começou a reluzir sobre sua

pele, assim como seus dentes, quando ela grunhiu ferozmente para a Hiena apavorada. A Beldade de Bast arrancou as roupas e revelou a poderosa musculatura felina que cobria seu corpo.

— O rei! — gritou Djogo quando o carrasco se moveu, decidindo quebrar ele mesmo o impasse.

A cimitarra do carrasco se ergueu atrás de Faisal. Opal chegou até ele em um salto, derrubando vários guardas enquanto ia ao auxílio do rei. Suas garras cortaram o ar, e um estalo nauseante escapou da garganta do carrasco. O homem cambaleou, e sua arma foi ao chão. Com a boca escancarada, sua cabeça se juntou às que ele havia derrubado sobre a areia. Opal estava atrás de Djogo e Faisal agora, e se abaixou para livrar as mãos deles. As cordas e as amarras com fios de prata cederam facilmente, e os prisioneiros foram libertados.

— Devo minha vida a você — murmurou Djogo enquanto encarava a Pantherlady, impressionadíssimo, mas ela não o ouviu. Estava totalmente concentrada na Hiena, que continuava deitada na areia, as garras do Guepardo na garganta. Os Fúrias já se ocupavam de desarmar os Lanceiros que os haviam escoltado até o Portão Prateado, reavendo suas armas e voltando-as contra os inimigos.

— Você vai deixar seus canhões, suas armas e sua dignidade aqui nestas areias — disse Opal, ofegante com a excitação da matança, mas mantendo sua sede de sangue sob controle. — E vai voltar para Ro-Shann agradecida por ainda estar viva, Hiena. Azra pertence aos Chacais outra vez.



7

O Cavaleiro Lupino

Trent passava a pedra de amolar por toda a extensão da espada, deleitando-se com o ruído familiar e reconfortante que produzia. Fechou os olhos, permitindo que a pedra ditasse o próprio ritmo, ouvindo o zunido da Wolfshead sob seu toque e se transportando de volta à fazenda de sua família na Costa Gélida, o barulho do vento na janela do quarto, a chuva batendo no vidro e Drew roncando na cama de cima do beliche. Eram os sons de casa, os sons da família. Porém, havia algo mais, que não deveria estar em seu devaneio. O barulho áspero de alguma coisa sendo arranhada, de unhas contra uma superfície lisa. Era um ruído indesejado, que não combinava com o momento, e vinha da janela. Levantou-se da cama e viu a fera do lado de fora, arranhando o vidro com as garras. O punho do monstro entrou em ação, quebrando a janela e fazendo cair uma mistura de cacos de vidro, sangue e chuva sobre o jovem. O Lobo avançou sobre Trent em sua cama.

Ele deu um grito e saiu de sua fantasia, provocando um sobressalto nos homens reunidos ao redor das fogueiras. Alguns cavaleiros se aproximaram do jovem da Westland, preocupados com sua repentina agitação. Trent abriu um sorrisinho envergonhado para tranquilizá-los e voltou a se concentrar na espada e na pedra. Sua mão direita se abriu, a pedra escapou da trajetória e a palma atingiu o aço. Cerrou o punho, irritado com aquela sua tolice. As pontas dos dedos estavam escuras, as unhas substituídas por garras. “Em que tipo de monstro estou me transformando?” Soltando a espada, olhou para a mão esquerda, com os dois dedos menores faltando. Ele os perdera enfrentando os Wyldermen, quando, junto com Gretchen, tentava sobreviver

na Dyrewood. Gretchen estava morta agora, sem dúvida nenhuma. Lucas e os selvagens da floresta eram responsáveis por todos os sofrimentos e infortúnios que haviam se abatido sobre Trent.

A noite do ataque a Bray, com a cidade incendiada às suas costas, ficaria marcada em sua memória para sempre. A mordida que sofrera dos Lobos Selvagens monstruosos o transformara. Os Wyldermen já eram terríveis por si sós, mas aquelas almas pervertidas tinham sido modificadas pela magia negra. Dava para sentir, dia após dia, seu corpo mudando, uma metamorfose gradual de ser humano em... em quê? Trent não gostava nem de pensar a respeito; não era capaz de transformar seus temores em palavras. Tinha conhecimento suficiente sobre o poder dos transmorfos para saber que era transmitido naturalmente de um Werelord a outro. Mas um humano se transformando? Esse era o tipo de coisa que poderia matar um homem, ou então fazê-lo enlouquecer. A última lua cheia quase significara a morte para ele, trazendo uma febre terrível. Reinhardt e o magíster Wilhelm haviam cuidado de Trent, temendo por seu destino. Quando dera mostras de que sobreviveria, os Cavaleiros de Stormdale comemoraram e agradeceram a Brenn pelo presente. Mas Trent sabia que não era simples assim. Seu corpo aprendera a resistir à febre que o acometia. Na próxima lua cheia, algumas semanas depois, seria diferente. “Aquilo que não o mata só o fortalece”, era um dos ditados do velho Ferran.

Trent olhou para o céu noturno. Ela estava lá no alto, com seu brilho pálido escondido pelas nuvens. Queria vê-la, cheia pela metade, como um olho semicerrado. A lua tinha um estranho efeito sobre Trent: deixava-o em transe, sentindo-se mais poderoso, porém também nauseado. Sua pele ardia e coçava em reação à sua luminosidade, e os pelos se eriçavam no corpo, ficando mais espessos e escuros. “É assim com Drew também?” Ele olhou para o elmo do Lobo junto ao fogo, o brilho amarelo refletido nas feições retorcidas de aço polido. Trent estremeceu.

— Você se cortou?

Trent teve um sobressalto e, quando ergueu a cabeça, viu o garoto Milo de pé a seu lado. O menino tinha o dom de aparecer nos momentos mais inesperados. Caso não conseguisse sucesso como nobre guerreiro, talvez tivesse futuro na Guilda dos Ladrões.

— Foi só um arranhão — respondeu Trent, tentando esconder a mão ensanguentada. — O que está fazendo? Espionando os outros? Não era para estar dormindo?

— O mesmo vale para você — rebateu Milo. — Amanhã vamos começar cedo. Meu irmão diz que tomaremos a Grimm's Lane, porque a Guarda Vermiriana acha que a estrada já é dela. Vamos colocar um pouco de dúvida na mente deles, não vamos?

Trent não tinha como deixar de admirar o otimismo do garoto. Cercado de homens-feitos, Milo fazia sua parte como se fosse um cavaleiro como qualquer outro, embora trinta centímetros mais baixo. O pai de Trent tinha outro ditado: “Se você tem capacidade para fazer uma coisa, então também tem idade”. Ele nunca havia entendido o que isso significava, mas, ao olhar para o cervídeo empinado na armadura de Milo e para a lâmina curta em sua cintura, começava a compreender a frase com mais clareza. Apesar disso, Trent não podia permitir que o menino corresse perigo de novo.

— Tente ficar longe da confusão dessa vez, milorde — aconselhou Trent.

O garoto pareceu ofendido.

— Não estou aqui a passeio. Vim para lutar.

— Para seu próprio bem, mantenha distância da vanguarda. Por favor, não corra tanto risco assim da próxima vez.

— Isso é o que significa ser um cavaleiro, Trent — respondeu Milo, incomodado. — O risco vem naturalmente.

Trent sentiu sua irritação crescer. A insistência do garoto começava a levá-lo ao limite, e bem quando a lua apareceu no céu.

— Escute só, Milo. Da próxima vez que se meter em encrenca, posso não estar lá para ajudar. Não posso continuar pajeando você...

— Ninguém pediu para fazer isso! — gritou o jovem Cervo, atraindo a atenção dos cavaleiros ao redor, que começaram a se levantar.

— Mas foi o que aconteceu! — rosnou Trent, sentindo a cabeça latejar. Seus dentes pareciam grandes demais para caber nas gengivas e roçavam uns nos outros, vertendo sangue em sua boca. Por que estava tão furioso com o menino? Em geral, Trent tinha paciência com Milo, mas não naquela noite; não sob a luz da lua.

— Você não pode me dizer o que fazer, Ferran — rebateu o garoto em um tom petulante, ficando vermelho ao sentir que os outros se aproximavam, atraídos pela gritaria. — Sou um Staglord de Stormdale. Sou seu superior!

— Você é só uma criança — grunhiu Trent, levando a mão ensanguentada à testa, tentando conter a dor de cabeça. Sua mente estava enevoada, e a voz do menino era como uma provocação irritante, uma pulga no lombo de um cão. “Fique quieto, pequeno Lord... FIQUE QUIETO...”

— Você não é muito mais velho que eu — desafiou Milo, encorajado pela presença de uma plateia quando Trent se virou.

O menino não parava: continuava retrucando, como se precisasse dar a última palavra. “Brenn do céu, que ele me deixe em paz.” Os batimentos de Trent estavam acelerados, e seu hálito quente saía em lufadas rápidas e rasas. “Silencie o pequeno Lord.” Seu mundo girava, e a lua lá no alto o sufocava. Sua própria sombra parecia se desfazer em uma substância pegajosa que prendia seus pés no chão.

— Olhe para mim, Ferran — disse Milo, estendendo a mão para bater no ombro do jovem.

Assim que a mão do menino o tocou, Trent se virou e agarrou a armadura do Staglord com seus três dedos. Os cavaleiros ao redor sacaram as armas, mas eram lentos demais para o jovem da Costa Gélida. Contorcendo o corpo, ele ergueu Milo do chão e jogou o outro braço para trás, pronto para atacar. Seus dedos estavam estendidos, as garras à mostra, prontas para desferir um golpe mortal. Parte dele sabia que seu alvo era só um menino — um menino teimoso, um tolo, mas na verdade muito corajoso. A raiva, porém, o dominava. Uma fera rugia em seu coração, querendo despedaçar tudo o que visse pela frente.

— Trent, não!

A voz grossa ecoou pelo acampamento, interrompendo seu ataque. O círculo de cavaleiros que os cercavam com cautela se desfez para permitir a passagem de Lord Reinhardt. A seu lado estavam o magíster Wilhelm e o barão Hoffman. O Staglord mais velho estava transformado, as galhadas imponentes sobre a cabeça majestosa. Reinhardt se mantinha na forma humana, com perplexidade estampada no rosto. A névoa vermelha se dissipou, e Trent piscou algumas vezes, como se só então se desse conta do que acontecia. Por que erguia Milo pela armadura, com sua mão selvagem pronta para atacar?

— O que está fazendo? — murmurou Reinhardt, incrédulo.

— Solte-o! — ordenou Hoffman, os chifres estalando até se mostrarem em toda a sua extensão. — Solte-o agora mesmo, ou, juro por Brenn, acabo com você, rapaz!

Trent olhou de novo para o jovem Werelord suspenso. Milo continuava com os olhos cravados nele. “Por que *ainda* não o soltei?” Enfim largou o menino, e ele foi cambaleando para trás, até parar aos pés de Reinhardt.

— Eu... me desculpem — disse Trent, olhando horrorizado para as mãos

desfiguradas. — Não sei onde estava com a cabeça.

— Eu sei exatamente onde você estava com a cabeça — rosnou Hoffman.
— Essa loucura toma conta de você toda vez que estamos em batalha. Não vejo problema nenhum quando consegue canalizar isso contra os Catlords. Mas se voltar contra os nossos? Contra meus parentes?

A garganta poderosa do velho Cervo rugia.

— Eu juro, milorde — argumentou Trent, olhando para a lua e depois para o Werelord enfurecido. — Perdi a cabeça por um instante, mas já recobrei o juízo. Por favor, acredite em mim, barão Hoffman: jamais machucaria Milo de propósito. Nem nenhum de vocês.

Ele se virou para os cavaleiros ali reunidos, seus companheiros de armas, que o encaravam, todos, com a mesma desconfiança. Olhou para Milo, caído no chão, encarando-o com uma expressão assustada.

— Por favor, milorde — disse Trent com a voz embargada, estendendo a mão trêmula para o menino. — Não tenha medo de mim. Somos amigos, não somos?

— Não é à toa que ele está com medo de você — falou Hoffman, apanhando o escudo polido de um dos cavaleiros. — Veja só a sua aparência!

O Staglord cravou o escudo de aço curvado diante de Trent. O Cavaleiro Lupino contemplou seu reflexo. Foi sua vez de ficar horrorizado. Um rosto irreconhecível o encarava, com pelos ao redor da garganta e descendo pelo peito, o queixo distendido e projetado para a frente. A pior parte eram os olhos. O azul habitual desaparecera, dando lugar a uma cor de âmbar que reluzia sob o brilho do fogo.

— Então é por isso que você vem usando esse elmo o tempo todo — esbravejou Hoffman.

— O que *aconteceu*? — perguntou Reinhardt, ignorando a demonstração de repulsa do tio.

Os ombros de Trent desabaram, e seu queixo tocou o peito. Estava na hora de tirar tudo a limpo.

— Quando vocês me encontraram em Bray, depois de Lucas ter incendiado a cidade, era para eu ter morrido. — Todos os presentes ficaram em silêncio enquanto o jovem falava. — Havia Wyldermen lutando em nome dele, mas não eram como os outros selvagens da floresta. Eram criaturas monstruosas e deformadas, sem mais nenhum traço de humanidade. Não eram mais homens, eram feras... lobos.

— Lobos? — questionou um dos cavaleiros em meio a uma onda de

murmúrios, que Reinhardt silenciou com um gesto de mão.

— Não como Drew — continuou Trent, soltando a armadura e permitindo que fosse ao chão. — Monstros horrendos, sem nada da nobreza do meu irmão, que exterminaram tudo o que encontraram pelo caminho. Fui mordido e massacrado, mas de alguma forma consegui sobreviver. Quando acordei na margem do rio, no dia seguinte, vi isto... — Ele abriu a camisa, expondo sua pele. A cicatriz esbranquiçada deixada pela mordida perto do ombro era visível. — Já tinha cicatrizado. Eu já estava... infectado.

Os cavaleiros deram um passo hesitante para trás a fim de se afastar do guerreiro exaurido. Apenas os transmorfos continuaram por perto.

— Infectado? — questionou o velho magíster Wilhelm, a testa franzida de preocupação.

— Isso mesmo — suspirou Trent. — Acho que meu corpo foi envenenado pela mesma magia selvagem que corre na veia daqueles Wyldermen amaldiçoados. Aquela febre que tive na lua cheia... lembram?

— Sim, claro — respondeu o curandeiro. — Fui eu que cuidei de você.

— Pensei que fosse me matar, mas sobrevivi. Mas, da próxima vez...

— Na próxima lua cheia? — questionou Reinhardt.

Trent fez que sim com a cabeça e falou em um sussurro:

— Tenho medo do que vou me tornar. A cada noite, sinto meu corpo mudar sob a luz da lua. Em pouco tempo, vou estar igual aos Wyldermen de Lucas.

— Então precisa ir embora imediatamente — disse Hoffman de modo abrupto.

— Para onde ele iria? — questionou Reinhardt, virando-se para o tio. — Viramos as costas para os nossos ao primeiro sinal de doença?

— Mas ele não é um dos nossos, é?

— Quando estava ganhando batalha após batalha conosco, lutando em nosso nome, ele era.

— Você não está entendendo, sobrinho. O rapaz está mudando. Em pouco tempo, vai ser um perigo para todos nós tê-lo por perto.

— Não podemos abandoná-lo — insistiu Reinhardt, balançando a cabeça. — Ele é irmão de Drew, pelo amor de Brenn. Deve haver uma cura para isso que o acometeu, não deve?

— A prata? — sugeriu Hoffman, sob o olhar de censura de Reinhardt. — Todos nós já ouvimos falar dos Wyldermen de Lucas... os Lobos Selvagens, como ele os chama. São simulacros distorcidos de licantropos. Se o mestre

Ferran aqui foi infectado, uma morte rápida e humana por uma lâmina de prata não seria a única forma de demonstrarmos nossa compaixão?

— Deve haver alguém que possa ajudá-lo, Trent — disse o magíster Wilhelm, erguendo um dedo ossudo enquanto falava. — As Filhas de Icegarden são as maiores curandeiras dos Sete Reinos. Talvez conheçam uma maneira de reverter os efeitos dessa magia negra que está afetando você.

— O barão tem razão — falou Trent, e todos se viraram para ele. — Vocês não confiam mais em mim, isso está claro. Nem *eu mesmo* confio em mim, por isso preciso ir embora.

— Seria um ato de piedade encerrar seu sofrimento — argumentou Hoffman. — Você é um perigo, Ferran.

Trent olhou feio para o barão.

— Quer tentar, milorde?

— Já chega disso — interrompeu Reinhardt. — E o que vai fazer se perder o controle, Trent? Quem vai detê-lo se, ou quando, a fera começar a tomar conta de você?

— Não se preocupe — respondeu o jovem com tristeza. — Não vou permitir que a coisa chegue a esse ponto.

Reinhardt estremeceu ao entender o que ele queria dizer. Trent foi recolher do chão a velha armadura marrom enquanto arrancava a proteção de metal para as coxas. Espanando a poeira do couro, passou a colocá-la sobre o peito.

Reinhardt foi até ele e o segurou pelo antebraço, o rosto contorcido de tristeza ao ver as feições alteradas do amigo. Trent desviou o olhar, envergonhado com a transformação que o vinha corroendo por dentro.

— Lamento muito, Trent.

— Não precisa lamentar, milorde — respondeu o jovem, desvencilhando-se dos dedos do Staglord. Apanhou sua sela e se dirigiu para o local onde sua montaria estava amarrada. — Não vou acampar aqui hoje. Quero seguir meu caminho o quanto antes.

— Faça o que é certo, Trent Ferran — aconselhou Wilhelm, emanando sabedoria. — Vá para o norte, meu jovem, e procure as Filhas de Icegarden. A duquesa Freya é a mais velha entre elas e uma amiga minha de muitos anos. Se tiver sobrevivido aos horrores impostos por Onyx e o sinistro magíster Mão Negra, pode existir esperança para você em Sturmland.

Trent sorriu ao prender a mochila na parte posterior da sela e desamarrar o cavalo.

— Você não me entendeu, milorde magíster — ele respondeu, subindo no

cavalo e cobrindo a cabeça com o capuz do manto cinzento.

— Como assim? — questionou Wilhelm, confuso.

— Não vou atrás das Filhas de Icegarden — respondeu o jovem sobre a montaria, os caninos afiados ainda visíveis sob o manto. — Só existe uma cura para mim.

— E qual seria? — perguntou Reinhardt quando Trent virou o cavalo e começou a se afastar dos Cavaleiros de Stormdale.

— A vingança, milorde — respondeu Trent, batendo nas ancas da montaria e colocando-a em movimento. Ele ainda repetiu assim que começou a galopar: — A vingança!



8

A única opção

O capim alto ruflava sob o vento, e as sombras se espalhavam pela savana conforme as nuvens passavam pelo céu. As Longridings eram um terreno aberto e exposto, com poucos lugares para buscar abrigo e menos ainda para se esconder de um inimigo. Arrastando-se de barriga no chão, a jovem se aproximou do alto da encosta, com seus dois ansiosos companheiros agachados logo atrás. Enfim sua cabeça alcançou o topo, e ela afastou o mato com as mãos.

Whitley soltou um arquejo de susto ao observar a paisagem à frente. A estrada Dymling estava irreconhecível. A comitiva de guerra dos bastians a ocupava, uma massa de soldados em descanso e fogueiras quase se apagando. Observou o ponto em que a estrada Talstaff se bifurcava da Dymling, serpenteando a oeste pelo limiar da Dyrewood, uma rota ocupada pelo exército do Leão. O grosso das tropas do Alto Lord Leon já estava a caminho da Westland depois de ter desembarcado na semana anterior em Haggard. Isso significava que aquela era a retaguarda do Leão, que reunia colaboradores de valor inestimável para qualquer exército: carpinteiros, cozinheiros e clérigos, com um bom número de soldados para lhes oferecer proteção. Os Mantos-Rubros do Alto Lord Leon estavam em algum ponto mais ao norte da Talstaff, contornando a Dyrewood e evitando o ponto onde a Dymling atravessava a floresta, temerosos de sua reputação de lugar assombrado.

Ela praguejou quando olhou para a floresta. A velha estrada passava pelo coração da Dyrewood, mas não era possível ver seu curso em função da

presença da retaguarda da Guarda Leonina, que avançava rumo à Talstaff. Não haveria como entrar na floresta sem despertar a atenção dos Mantos-Rubros; pelo menos, não pela estrada Dymling. Whitley não queria nem pensar na ideia de guiar seus companheiros para as entranhas do Reino da Floresta. Além do fato de boa parte da mata ser impenetrável, havia muitas criaturas na Dyrewood capazes de matá-los em dois tempos, inclusive algumas que se moviam sobre duas patas, em vez de quatro. A batalha contra os Wyldermen que tinham invadido Brackenholme ainda estava fresca na mente de Whitley. Os selvagens podiam ter sido derrotados, mas ainda estavam por lá, lambendo suas feridas. Não, só havia uma maneira de atravessar a floresta com sua comitiva, e era pela estrada. Olhou para trás, para os amigos que a encaravam com olhares esperançosos. A expressão preocupada no rosto dela disse tudo.

— E então? — murmurou Lord Conrad quando Whitley foi descendo até eles em meio ao mato alto.

— Bastians — contou Whitley. — E são muitos.

— Que bastians exatamente? — perguntou Eben, o jovem Ramlord, com os olhos arregalados enquanto coçava a barba rala. — São do Leão ou da Pantera?

— Mantos-Rubros — respondeu Whitley enquanto os três voltavam para seu pequeno acampamento. — Precisamos pôr um batedor aqui em cima para ficar de olho neles até decidirmos o que fazer. A última coisa de que precisamos é que os homens do Leão encontrem nosso esconderijo.

— Estamos bem debaixo do nariz deles — comentou o Ramlord, preocupado. — Você disse que são muitos, Whitley. Muitos... quantos?

— É melhor deixarmos os detalhes de lado, Eben — ela disse com um sorriso amarelo. — Estamos em minoria, e ponto-final.

O barão Eben era ansioso por natureza, não estando acostumado à vida fora do palácio, principalmente em momentos de crise. Servia como magíster na corte do duque Brand em Calico, assim como seu pai, o barão Ewan. Era um jovem generoso e gentil, que mostrara grande coragem ao se oferecer para se juntar a Whitley e aos Horselords na guerra do norte. A julgar por seu rosto pálido, ela suspeitava que o rapaz começava a se arrepender da decisão.

Quando chegaram ao acampamento, Lord Conrad havia se apressado em mandar alguns de seus melhores homens para o alto da encosta a fim de monitorar os passos da Guarda Leonina. Ransome estava à espera de Whitley. O velho capitão do mar deixara seu navio na Baía do Touro para

permanecer ao lado da Bearlady, de quem conquistara um grande afeto. Ransome aceitara de bom grado o papel de figura paternal para Whitley na ausência do duque Bergan. Como fazia várias vezes por dia, a jovem de Brackenholme se perguntou onde estaria o Bearlord. Descobrir que ele fora visto com vida nas Whitepeaks enchera seu coração de alegria, mas era preciso manter as emoções sob controle. Só acreditaria que seu pai estava vivo quando estivesse de novo em seus braços.

— Qual é a situação, milady? — perguntou o capitão pirata ao ver o desânimo estampado no rosto dela.

Whitley descreveu o panorama que havia encontrado na estrada Dymling.

— Pode demorar dias para o exército do Leão desocupar a estrada, e precisamos atravessar a Dyrewood.

— Não podemos esperar tanto tempo, milady — disse Ransome. — Não se quisermos chegar com seu exército a Sturmland em duas semanas.

— O capitão tem razão — concordou Conrad. — Se nos atrasarmos, Lord Drew vai chegar primeiro e ter que enfrentar os Leões e as Panteras sozinho.

— Isso se ele conseguir chegar lá — acrescentou Eben, pessimista.

— Senhores — disse Whitley —, nós somos em cem. Temos os Fúrias do Alto Lord Tigara sob meu comando, além dos seus Horselords, Conrad. Vamos partir hoje, sob a proteção da noite.

— Partir para onde exatamente? — questionou o barão Eben.

Ransome balançou a cabeça, concordando com a ideia de Whitley.

— Vamos nos deslocar pelo mato até o entroncamento da estrada Dymling e quebrar as fileiras de Mantos-Rubros para entrar na Dyrewood.

O já pálido rosto de Eben ficou quase transparente.

— Precisa haver outra solução. Não é?

Whitley deu um tapinha em seu ombro para reconfortá-lo.

— Esta é a única opção.

Chegar ao limite da Dyrewood foi a parte mais fácil. Deslocando-se à noite pelo mato alto, o grupo de Whitley encontrou a proteção dos arbustos que demarcavam os limites do Reino da Floresta. A vegetação espinhosa e folhosa criava uma espécie de cerca viva, uma barreira impenetrável que se estendia por vários quilômetros. Enquanto avançavam pelas sombras do limiar da mata, Whitley sentia pontadas incontroláveis de lamento e alegria: lamentava estar afastada de seus entes queridos, mas sentia-se alegre em poder voltar à floresta, que era seu lar.

Eben e Ransome seguiam a seu lado, e Conrad liderava a coluna.

Avançavam devagar sobre as montarias, em silêncio, em fileiras de no máximo três. Se fossem vistos pelos Mantos-Rubros, precisariam acelerar o passo e se manter juntos. O objetivo, porém, era passar despercebidos e só atacar quando chegassem ao entroncamento. O perigo morava nos detalhes. As esperanças dependiam de dar as caras na hora certa.

— Nunca vi uma coisa dessas — murmurou Ransome.

— Que coisa? — perguntou o barão Eben, do outro lado de Whitley.

— Sou um homem do mar, milorde. A floresta... um lugar tão grande, tão vasto. Minha mente fica perplexa com isso.

— Assim como a minha quando penso nos oceanos — comentou Eben, estremecendo e olhando com apreensão para a mata. — Mas acho que a Dyrewood vai tirar nós dois de nossa zona de conforto.

— A floresta é a última coisa a temer no momento — disse Whitley, agarrando as rédeas da montaria quando o clamor da batalha preencheu o ar.

A seu redor, era possível ouvir os sons das botas atingindo os flancos dos cavalos e os gritos dos Horselords e dos Fúrias instigando as montarias a entrar na batalha. A coluna cavalgava em alta velocidade e emergira das sombras no limiar da Dyrewood, entrando pela lateral da estrada Dymling. Whitley olhou para o outro lado e viu a movimentação dos Mantos-Rubros, que sacavam suas armas. O acampamento ganhou vida quando o exército sonolento foi acordado de forma repentina. O destino — o local onde a estrada ancestral desaparecia floresta adentro — estava a no máximo dois quilômetros de distância, mas seria preciso atravessar o acampamento da Guarda Leonina para chegar lá.

Os cascos batiam com força no chão, esmagando a terra seca e pisoteando barracas e sacos de dormir. As flechas das balestras zuniam no ar, seguidas dos sons de homens sendo derrubados dos cavalos e indo ao chão. Gritos cortavam a noite quando os Mantos-Rubros eram atingidos pelos cavalos. Lanças voavam, removendo guerreiros de suas selas. Conrad ia à frente, parcialmente transformado no Werestallion, empunhando sua espada e abrindo caminho pela Guarda Leonina. Outros Horselords iam logo atrás, brandindo suas lâminas, as crinas esvoaçantes e a boca espumando por entre os dentes poderosos. Os Fúrias lutavam como homens possuídos, empunhando lâminas curtas em ambas as mãos e controlando as montarias habilmente com as coxas.

Whitley estava perdida entre eles, com apenas Eben a seu lado. Ransome desaparecera do campo de visão. Seu progresso começou a ficar mais lento à

medida que mais soldados saíam das barracas e se colocavam no caminho da coluna montada. Um ou outro Catlord ou transmorfo de Bast podia ser visto entre eles, arrancando os homens das selas. Ela ouviu Conrad na dianteira do ataque, rugindo ordens e conclamando seus amigos a seguir em frente, mas o caminho ia ficando congestionado; a velocidade do avanço diminuía. Um homem da Guarda Leonina se aproximou e agarrou o manto verde de Whitley, quase derrubando-a da montaria com um puxão. O cavalo se virou, e ela se agarrou às rédeas enquanto ele sacudia o pescoço, as narinas infladas. O soldado soltou um riso de triunfo por ter obrigado a jovem a parar. Sua gargalhada se transformou em grito quando ela o golpeou com as garras, deixando marcas profundas em seu rosto e obrigando-o a soltá-la.

O cavalo de Whitley começou a rodar, e a jovem precisou se esforçar para se orientar. A movimentação da coluna era quase nula, pois estava em pleno enfrentamento com a Guarda Leonina. Ela gritou o nome de Conrad, mas sua voz era apenas mais uma em meio ao clamor da batalha. O inimigo fora subestimado. Tinham pensado que aqueles eram como os Mantos-Rubros que estavam acostumados a enfrentar, mercenários contratados por Lucas. Mas aqueles eram guerreiros de Bast e, ao primeiro sinal de uma batalha, vinham correndo para a luta. Whitley se contorceu sobre a sela e viu uma dupla de Horselords passar galopando a alguns metros de distância ao avistar uma brecha na estrada. Ela esporeou seu cavalo para que os seguisse, aproveitando a abertura no caminho.

O terceiro cavalo apareceu do nada e trombou com o de Whitley, produzindo uma cacofonia de bufadas, relinchos e corpos se chocando. Ambos os animais foram ao chão, e as pessoas que os montavam foram derrubadas da sela. Whitley tentou rastejar para longe, fazendo uma careta ao sentir que sua perna ficara presa sob a montaria tombada. O cavalo não se movia, e escapava vapor de sua boca aberta enquanto os olhos se mantinham vidrados na direção das estrelas. Ela se esforçou loucamente para desvencilhar a perna, agarrando a própria coxa com as mãos para tentar soltá-la. “Vamos, Whitley.” Não ouvia mais nenhum cavalo. Seus últimos companheiros já haviam passado, ao menos aqueles que ainda estavam vivos. Ergueu a cabeça e viu uma dupla de Mantos-Rubros passando por cima de corpos de cavalos e homens moribundos e vindo em sua direção. Um deles empunhava uma espada, enquanto o outro recolhera uma lança do chão e a apontava para Whitley.

Só havia uma maneira de sair de debaixo do cavalo morto. Whitley rugiu e

começou a se transformar. Seus músculos ursinos se expandiram sob o animal abatido, fazendo-o se erguer alguns centímetros do chão. Os homens notaram isso conforme se aproximavam e apertaram o passo ao ver o focinho e os dentes da fera aparecendo. Começaram a gritar, alertando os companheiros da presença dela. Whitley rugiu alto quando a Ursa assumiu o controle, e sua pelagem espessa estremeceu à medida que se desvencilhava do cavalo. Rosnando e grunhindo, sentou-se e usou as garras para empurrar o cadáver, erguendo-o e quase rolando-o para o lado. A lança veio voando, tendo como destino certo o corpo da Bearlady. A sela do cavalo morto se ergueu nesse exato momento entre as patas de Whitley, e a arma se cravou no couro. Com um último esforço, ela rolou a montaria sem vida para o lado e se levantou.

Whitley arrancou a lança da sela e a arremessou em direção aos Mantos-Rubros. O soldado que momentos antes a lançara foi atingido em plena corrida, e seus pés foram arrancados do chão quando o tronco foi atingido pelo projétil. O segundo conseguiu chegar até ela, erguendo a espada temperada com prata e ameaçando a ursinotropa. Foi um grande erro. Um golpe direto e reto teria varado seu corpo, mas uma espadada de cima para baixo deixou o corpo do homem totalmente exposto. Whitley aproveitou a oportunidade.

Em um piscar de olhos, ela se agachou e avançou contra o Manto-Rubro, cravando os dentes em sua carne. A espada continuou em sua trajetória descendente, ainda sob a pressão da mão decepada do homem da Guarda Leonina, que despencou aos pés da Werebear. Whitley olhou ao redor enquanto o homem sangrava e gorgolejava no chão, percebendo a aproximação de mais combatentes inimigos. Ela estava sozinha e cercada de Mantos-Rubros. Havia uma dúzia deles, apontando em sua direção e incentivando uns aos outros a aproveitar sua chance de obter a glória. Whitley sabia que seria um troféu valioso para o Alto Lord Leon.

Os cavalos chegaram de repente, aproximando-se por trás e galopando em alta velocidade. Guerreiros brandindo machados e lanças se inclinaram nas selas, soltando um grito de guerra ao partir para o enfrentamento com os homens da Guarda Leonina. Seus mantos brancos indicavam se tratar dos Ginetes de Calico, com a cabeça do Touro estampada nos escudos. Apesar de ainda transformada, ela sentiu a fera recuar. A adrenalina fora gasta na batalha. Enquanto retomava a forma humana, mais Ginetes apareceram. Em pouco tempo, Whitley perdeu a conta de quantos eram. Os Mantos-Rubros

eram massacrados pelos cascos das montarias e pelas lâminas dos oponentes, e a estrada Dymling se abriu diante da coluna outra vez.

Whitley ouviu um animal bufar atrás de si e se virou rapidamente, dando de cara com um enorme cavalo de batalha fungando em seu cangote. Era maior que qualquer garanhão que já tivesse visto — e precisava ser, considerando o gigante que o montava. O duque Brand, com o orgulho ferido, mas com olhos faiscantes de uma determinação renovada, estendeu a mão enorme para ela. Whitley abriu um sorriso quando ele falou:

— Ainda tem lugar para um Touro velho e teimoso entre os seus, milady?

PARTE II

Os caminhos são traçados





1

Esturricado

— Menina cansada. Descansar.

Gretchen respirou fundo por entre os dentes e enxugou a testa. Pelo menos dessa vez não era Kholka quem sugeria que ela parasse um pouco. Ele desistira de tentar convencer a menina a relaxar, depois de tantos olhares atravessados e grunhidos que ela havia lhe lançado. Não muito tempo antes, Gretchen não recusaria a chance de fazer uma pausa e se recuperar, e quem sabe até de pedir um copo de água fresca, mas essa pessoa não existia mais. A Werefox de Hedgemoor era uma mulher com disposição renovada, e não havia incumbência nem desafio que não se sentisse capaz de encarar.

— Cuide da sua vida, Shoma — ela respondeu, irritada, preparando-se para saltar para o outro lado do córrego.

Aterrissou com um baque molhado na lama solta, agarrando-se aos arbustos para se equilibrar e não tombar para trás. O Marshman de nome Shoma olhou feio para ela antes de se virar e continuar avançando por entre os juncos. Passou por Kholka, que estava apoiado em sua lança com um sorriso no rosto. Ao que parecia, os membros da expedição de caça, todos homens, estavam um tanto incomodados com a ideia de uma mulher acompanhá-los. Mas isso não valia para Kholka. Seu amigo insistira para que ela fosse quando haviam discutido a respeito em uma reunião na aldeia. Isso significava muita coisa para Gretchen. Ela fez um aceno de cabeça ao alcançá-lo.

— Obrigada — disse a jovem baixinho quando os dois ficaram lado a lado.

— Tudo bem — falou Kholka. — Shoma cansado como mulher velha.

Precisar de descanso.

Gretchen soltou uma gargalhada, provocando olhares furiosos dos Marshmen que seguiam mais à frente. Ela tapou a boca com a mão.

— Desculpe — murmurou, sentindo-se como uma garotinha surpreendida fazendo algo errado. — Eles são bem sérios, não é?

— Caçada — Kholka falou baixinho. — Trabalho sério.

Nas semanas anteriores, Gretchen conseguira primeiro ser aceita pela família do Marshman e, depois, aos poucos, pela comunidade dos homens dos brejos em geral. Shilmin, a mulher de Kholka, apesar de não saber falar a língua comum, passara a gostar de Gretchen quando notara quanto a jovem das Dalelands poderia ser útil. Fosse descascando legumes ou brincando com o pequeno Khilik, Gretchen era de grande valia para Shilmin. Caíra nas graças principalmente de Khilik. O garotinho começava a rir sempre que a via, e estava sempre tentando colocar as mãozinhas em seus fascinantes cabelos ruivos. Com certa hesitação, Kholka a inserira na vida da aldeia, e, apesar de terem uma postura desconfiada em relação a estranhos, os Marshmen aos poucos foram aceitando sua presença.

Assim como Kholka, Shoma era um dos anciãos da aldeia e parecia ser o líder da expedição de caça. Os Marshmen, ou *fíbios*, como Kholka se referia aos seus, tinham as mesmas pernas grossas e longas do amigo de Gretchen, assim como o pescoço atarracado e os ombros largos. As belíssimas botas de Gretchen eram encaradas com desconfiança, já que eles não usavam calçados. Na verdade, todo o vestuário da Foxlady era visto como exótico pelo povo dos brejos, o que a levou a adotar as peles que eles costumavam usar, para tentar se misturar o máximo possível à paisagem. As botas eram sua única exigência, e nada poderia fazê-la se sentir mal por isso. A jovem de Hedgemoor podia até ser capaz de sobreviver na natureza selvagem, mas nem por isso deixava de ser uma princesa.

A expedição de caça era composta de sete membros, contando a Foxlady, e dois dos homens carregavam redes sobre os ombros para transportar o que haviam capturado. As enguias e os peixes ainda vivos se debatiam dentro delas, rolando uns por cima dos outros, tentando inutilmente respirar fora da água. Shoma liderava o caminho, olhando para trás de tempos em tempos para vigiar Gretchen.

— Ele não gosta de mim, não é? — questionou Gretchen.

— Shoma não gostar de gente de terra seca.

— Nem todas as pessoas da terra seca são más, Kholka.

— Toda a gente de terra seca que Shoma conhecer má — respondeu o homem, dando de ombros. — Gente de terra seca não igual fíbios.

Ele tinha razão. Quando era criança, Gretchen achava que a existência dos Marshmen fosse apenas uma lenda, como se fossem bichos-papões do Redwine usados para manter as crianças longe das águas. Aqueles que mencionavam sua existência juravam se tratar de monstros que não mereciam a mínima confiança. Alguns afirmavam que quem cruzasse o caminho deles corria o risco de ser assassinado, pois os Marshmen seriam selvagens canibais como os Wyldermen da Dyrewood. Gretchen agora percebia que nada poderia estar mais distante da verdade.

— As pessoas da terra seca têm medo de tudo o que não faz parte do mundo delas. — Gretchen suspirou. — Vocês parecem um tanto peculiares em comparação com o pessoal das Dalelands e da Westland.

— Gente de terra seca parecer pe... pecu... peculiar para fíbios — argumentou Kholka, esforçando-se para repetir a palavra.

— Nós temos medo do que não entendemos. Os Marshmen se encaixam nessa categoria. E temos tendência a atacar quando sentimos medo.

— Menina com medo de Kholka?

Gretchen fez uma pausa, preocupada em não ofendê-lo.

— Na primeira vez que vi você, em frente à sua casa, confesso que fiquei com medo. Você tinha jogado uma rede em mim.

— Kholka tomar cuidado. Menina maluca.

— A menina estava *assustada* — corrigiu Gretchen. — O medo deixa as pessoas meio malucas.

Kholka deu de ombros de novo.

— Não primeira vez que menina ver Kholka.

Gretchen ainda tinha dificuldade para entender as coisas que o amigo dizia, pois seu domínio da língua comum era precário.

— Do lado de fora da cabana, Kholka — ela tentou de novo, desejando ser bem clara para não confundi-lo ainda mais. — Foi quando nos vimos pela primeira vez, lembra?

— Primeira vez Kholka ver menina em rio. Kholka escondido em água. Menina discutir com menino.

Eram palavras confusas, mas ele as dizia com tanta convicção que Gretchen começou a duvidar de si mesma. Tinham se conhecido quando ela recobrou a consciência, depois de passar dias de cama na casa dele. Nunca haviam se encontrado no rio. E o único garoto com quem discutira

ultimamente era...

— Esse menino — ela falou. — De que cor eram os cabelos dele?

Kholka ergueu o polegar e apontou para o céu, sem olhar.

— Sol.

Trent. Gretchen se concentrou em suas lembranças, aos poucos se recordando do desentendimento na beira do rio, depois de emboscar a Guarda Leonina nas Dalelands. Gretchen tirava um momento a sós, mergulhando os pés nas águas geladas do Redwine, perdida em seus pensamentos. Ao erguer a cabeça, vira algo na superfície da água. Pensara se tratar de uma rocha, mas então a massa sólida se movera e desaparecera sob a superfície.

— Era você, Kholka? No rio? Me espiando?

— Rio de Kholka — respondeu ele em sua defesa. — Kholka pescando.

Ele não estava mentindo. O Redwine não era menos dele do que de qualquer outra pessoa. Nas últimas semanas, ela o vira em ação, percorrendo os banhados com sua lança de caça, atingindo os peixes nas águas rasas em que os brejos viravam lagoas. Ela o seguia até onde conseguia, antes de Kholka mergulhar nas águas e desaparecer do campo de visão. Gretchen então voltava para a cabana, para ficar com Shilmin e Khilik. Kholka só voltava mais tarde, ensopado, com peixes grandes e carnudos espetados na lança, capturados nas águas mais profundas e perigosas do Redwine. Até então, não havia se perguntado como ele conseguia nadar e pescar tão bem.

— Como foi que se tornou um caçador tão eficiente, Kholka? Como faz para pegar os peixes grandes, nadando debaixo d'água com a lança? Pode me ensinar?

Ele balançou a cabeça, descartando a possibilidade.

— Fíbios viver perto de rio. Dentro de rio.

Não era uma explicação muito clara, mas foi tudo o que Gretchen conseguiu obter dele. Continuou andando por um tempo sem dizer nada, com o sol brilhando no céu transformando a lama em argila seca. Os pássaros piavam e saíam voando quando Shoma e sua expedição se aproximavam, fazendo as aves dos brejos abrirem passagem para suas pernas compridas. Ouviram o ruído de mamíferos aquáticos se afastando para águas mais profundas. Os fíbios eram pescadores, mas não perdiam a oportunidade de caçar uma lontra ou um castor. A carne era saborosa, mas as peles eram ainda mais valiosas. O verão não duraria para sempre.

— Para onde estamos indo? — perguntou Gretchen depois de um tempo. Pareciam se dirigir a um lugar mais alto, acima do nível da água.

— Pai de Shoma — respondeu Kholka. — Viver em beira de brejo, sozinho.

— É como um posto avançado? — Ela não conseguia imaginar uma vida mais solitária, vivendo sem ninguém à beira de um pântano. — Ele está à nossa espera?

— Não.

— Quero saber quando você vai me deixar seguir meu caminho. Como pode ver, já estou melhor.

Ela andava puxando a perna agora, por causa do ferimento que sofrera na panturrilha, mas já se sentia saudável de novo. Provocada pelas garras dos Lobos Selvagens de Lucas, era uma ferida tão resistente quanto a produzida pela prata. No entanto, depois de algumas semanas com os Marshmen, plantando, caçando e ajudando como podia, sentia-se melhor. Além disso, todos os discursos de Drew sobre ajudar os fracos, os desamparados, os indefesos, os desvalidos — isso fazia todo o sentido para ela agora.

— Perigoso — disse Kholka. — Ir embora quando seguro.

Ela o segurou pelo antebraço, sentindo sua pele fria ao toque.

— Você não entende, Kholka. *Nunca* vai ser seguro. Tem uma guerra acontecendo. E a minha presença é necessária. Eu posso ajudar.

Ela parou de falar quando viu as sobrancelhas dele se erguendo a seu toque. Gretchen o soltou, e os olhos arregalados de Kholka se voltaram para os dela.

— Você pode ajudar também — ela falou. — Todos vocês. Todo mundo tem um papel a cumprir.

— Não fíbios. Não ser nosso mundo... seu mundo.

— A Lyssia é *nossa*, Kholka. Não só dos Werelords e do povo das cidades, da gente da terra seca, como você diz. Os fíbios, os transmorfos e a gente da terra seca... *todos* compartilhamos o mesmo mundo. Precisamos lutar por ele juntos.

Era o tipo de discurso que ela já ouvira de Drew inúmeras vezes; o tipo de conversa que fazia seu coração disparar, suas veias pulsarem, os cabelos da nuca se arrepiarem. Mas, saído da boca de Gretchen, ou proferido para uma plateia como aquela, não tinha o mesmo impacto. Kholka se virou e continuou andando.

Gretchen quebrou alguns juncos quando, com relutância, pôs-se em movimento outra vez atrás dos Marshmen. Teriam medo do que havia fora dali? Temiam ser ainda mais perseguidos? Ela estava prestes a fazer essas

perguntas quando um grito terrível a arrancou de seus pensamentos. Kholka saiu correndo, empurrando os fíbrios à sua frente enquanto abria caminho pelos arbustos em direção à clareira.

Os gritos de Shoma continuaram enquanto o restante da expedição de caça aparecia no terreno que pertencia a seu pai. Seu choro era acompanhado pelo grasnar de um corvo. Aquela cabana ficava em um terreno mais seco que o do local onde Kholka morava. Gretchen calculou que ainda estavam a várias léguas de distância da estrada Dymling, no local onde margeava as Dalelands. Ainda estava longe da civilização — mas nem tanto, pelo jeito.

A cabana estava carbonizada. O teto de palha fora consumido pelas chamas, e as paredes enegrecidas estavam em ruínas. Duas estacas de madeira haviam sido cravadas no chão, formando um grande X. O corpo pendurado na estrutura algum dia podia ter sido o de um humano, mas, observando sua forma ressecada e desfigurada, era difícil imaginar isso. Gretchen desviou o olhar, horrorizada, e viu um escudo caído no chão. Apesar de estar coberto de sangue e lama, a cabeça do leão ainda era claramente reconhecível.

Como uma criança criada em Hedgemoor, Gretchen uma vez vira um sapo esturricado pelo sol, pregado ao chão pelo filho sádico de um cozinheiro. Abaixou-se e apanhou o escudo, observando o corpo preso à estrutura. Drenado de todos os fluidos, tinha membros estranhamente longos, tendo as mãos e os pés amarrados à madeira. A cabeça grande e pesada estava caída para a frente, já sem os olhos, com uma nuvem de moscas zumbindo ao redor. Um único e solitário corvo estava pousado sobre a nuca, bicando a carne exposta.

Shoma cambaleou para a frente, aos gritos, brandindo a lança para a ave até espantá-la. Os outros Marshmen, horrorizados, continuavam olhando para o corpo do pai de seu líder, sem conseguir acreditar. Kholka se virou para Gretchen quando seu amigo caiu sobre a terra seca e se encolheu em posição fetal. Ele tomou o combalido escudo da Guarda Leonina de suas mãos.

Gretchen viu a garganta de Kholka se inflar de repente, ouvindo seu peito estalar enquanto mudava de forma. Sua cabeça grande e atarracada se afundou mais um pouco nos ombros, e seu pescoço desapareceu por completo quando tronco e crânio se fundiram de vez. Seus olhos ficaram maiores; a boca, mais larga; e a pele se tornou mais grossa e reluzente, passando de parda a verde com manchas pretas. Antes que ela tivesse tempo para se dar conta do que acontecia, ele estava meio metro mais alto, e a

musculatura de suas pernas poderosas havia assumido a largura do tronco da menina. Ele jogou o escudo no chão e o pisoteou com os pés enormes, com membranas entre os dedos, fazendo o metal se envergar de imediato.

— Agora — disse o Werefrog, a voz grave e cheia de raiva —, fíbios lutar.



2

Farpas e espinhos

— Como saber se ele está dizendo a verdade? — perguntou Drew, olhando para o local onde o marechal do mar da marinha bastian permanecia acorrentado, junto à parede de madeira. Não havia muito espaço para se mover dentro da cela, apenas o suficiente para o carcereiro entrar a fim de alimentar e verificar as condições do prisioneiro. Uma estrutura de grades escuras de metal a cercava, e a porta estava fechada, mas não trancada. Em seu estado atual, o Werewolf não representava uma ameaça. As correntes passavam em torno de sua garganta, imobilizando com firmeza seu maxilar.

— Poderia passá-lo por baixo da quilha, mas acho que ele iria gostar disso — disse o conde Vega, sorrindo ao ouvir o rosnado de Scorpio.

— Por que eu mentiria para você, Wolford? — esbravejou o Werewolf. — Minha guerra está perdida, e, com isso, minha vida também. Quando os Catlords ficarem sabendo do que aconteceu com o *Imperatriz Bastian*, minha cabeça vai rolar.

— Não precisa ser tão pessimista — falou Vega. — Quem sabe não conseguimos um lugar para você na marinha lyssiana... Tem um convés precisando de uma boa limpeza aqui. Pensando bem, as latrinas também precisam de uma boa esfregada.

Scorpio deu risada.

— Ouvi muitas coisas a seu respeito, Vega, mas agora estou vendo que eram só boatos inventados por você mesmo. Por acaso já existiu algum Werewolf tão apaixonado pelo som da própria voz?

O sorriso do Sharklord se escancarou ainda mais.

— Mas é uma voz e tanto, não, Scorpio? Uma voz que inspirou milhares de marinheiros e partiu corações na mesma medida. Seria um crime escondê-la por medo de que alguns transmorfos inferiores como você não se considerem dignos de ouvi-la.

Scorpio voltou seu olhar cheio de ódio para Drew, ignorando as palavras de deboche do conde.

— Você deveria ter me matado quando teve a chance, Wolflord.

— Não sou um assassino.

— Estamos no meio de uma guerra, menino. Não existem assassinatos nestes tempos, só o cumprimento de um dever. Se nosso dever é matar, eu não me recuso, e sou muito bom nisso. Não precisa derramar nem uma lágrima por mim. Seria um desperdício. Se eu estivesse no seu lugar, estaria revirando suas tripas na barriga aberta agora mesmo.

— Enquanto for nosso prisioneiro, continuará vivo, Scorpio. Não vou permitir a sua morte.

— Ah, não? Vou me lembrar disso. Você não tem chance contra os Catlords, Lobo. Diga-me: o que esses Werelords lyssianos têm de especial para você se voltar assim contra Bast?

— Essa é a grande diferença entre nós. A questão para mim não são só os transmorfos. Eu luto também pelos humanos dos Sete Reinos.

— Humanos? — ironizou Scorpio. — Por que arriscar sua vida por criaturas inferiores e patéticas?

— Você não entende, Scorpio. Ninguém, *nem* humanos *nem* transmorfos, deveria passar a vida na escravidão. Ter nascido Werelord não torna você melhor que ninguém. Eu luto por uma Lyssia livre em todos os sentidos da palavra.

— Você luta por uma causa perdida — rebateu o Werefish. — Mesmo que por um milagre venha a vencer a guerra, os Lords dos Sete Reinos jamais aceitariam essa mudança. Os transmorfos governam os humanos. É assim que funciona o mundo. Seu discurso de liberdade só vai servir para fazer com que seja apunhalado pelas costas.

Vega interrompeu a bravata do Fishlord.

— Você disse que a Costa Rubra é impenetrável?

Scorpio deu de ombros, fazendo as correntes se agitarem.

— Não foi isso que eu falei. Vocês até podem atracar por lá. Mas, depois disso, é provável que acabem sendo destroçados em dois tempos, junto com os homens de Tigara.

O Werefish vira os soldados do Tigerlord a bordo do *Turbilhão* quando alguns Fúrias tinham se juntado a Vega no interrogatório do marechal bastian.

— Por causa do exército poderoso postado na estrada da costa, certo? — perguntou Vega, desconfiado.

Os olhos de Scorpio se acenderam.

— Espero que desembarque por lá, Sharklord, e descubra por si mesmo que estou dizendo a verdade.

— Por que tanta atividade junto à costa? Por que uma concentração tão grande por lá?

O Werefish suspirou.

— Para começo de conversa, o que restou da minha frota está atracado nas praias. Se conseguirem passar pelas embarcações, vão descer pela estrada Pashan, que liga a cidade dos Doglords de Ro-Pasha à passagem a oeste, a Falha de Bana.

Drew e Vega se entreolharam, algo que não passou despercebido a Scorpio.

— Isso significa que estão indo ajudar seus amigos na Falha? — ele perguntou.

— O que sabe sobre nossos aliados em Bana? — Drew quis saber.

— Estão praticamente com um pé na cova. Mas podem se juntar a eles. Desembarquem na Costa Rubra e os encontrem depois da morte.

— Essa estrada Pashan... — continuou Vega. — Ainda não explicou por que não é seguro viajar por lá.

— Com o exército bastian concentrado em exterminar o que sobrou da resistência na Falha, a estrada virou uma rota de suprimentos para as forças do marechal de campo Tiaz. Os bastians e os Doglords viajam por lá em grande número, e existem povoamentos por todo o percurso, quartéis e vilarejos. É um acampamento de guerra gigante.

— Deve existir outra forma de passar — falou Drew —, algum jeito de evitar ao máximo o confronto com Tiaz.

— Se está procurando uma entrada não vigiada, saiba que não existe, Lobo — disse Scorpio em tom triunfal. — Tiaz é um mestre das táticas e está no comando de Omir até cumprir sua missão em Bana. O Reino do Deserto está todo bloqueado.

— Você está subestimando a força dos Hawklords — retrucou Vega.

— Você é que está subestimando o cerco que Tiaz armou em torno da

Falha. Seus amigos estão aprisionados por lá há meses, desde o último inverno. Aqueles que não estiverem mortos devem estar enlouquecendo de fome. — Scorpio sorriu. — Bana é uma sepultura.

— Então eles não se renderam? — perguntou Drew, disposto a se agarrar a qualquer esperança.

O rosto de Scorpio se contorceu em uma careta.

— Pelo jeito, não. Ao que parece, os Hawklords e seus amigos omirianos preferem morrer a viver algemados. — Ele agitou as próprias correntes para enfatizar o que dizia.

— Então ainda temos chances — disse Drew, virando-se para Vega. — Se a Costa Rubra não é uma opção, onde mais podemos desembarcar?

— No rio Robben — respondeu o Sharklord. — Mas precisamos ter cuidado. A Grande Estrada Ocidental está sob controle dos Catlords, e o rio corre paralelo a ela.

Scorpio soltou um risinho de deboche.

— Acha mesmo que deixaríamos o Robben livre?

— Então só nos resta Roby — Vega falou baixinho.

— Roby? — questionou Drew enquanto o Werefish abria um sorrisinho. — Nunca ouvi falar.

— E por que teria ouvido? — interrompeu Scorpio. — É uma cidade-fantasma. Foi queimada por completo por Leopold quando o Leão tomou Sturmland, como um recado para o povo das Whitepeaks.

— A cidade foi incendiada pelo rei? — perguntou Drew.

Vega explicou melhor, enquanto o Werefish gargalhava loucamente:

— Os sturmianos ofereceram uma resistência ferrenha a Leopold, principalmente no leste. Essa terra era o lar do povo de sua mãe, os Lobos brancos de Shadowhaven. Leopold fez de Roby um exemplo, praticamente apagando o porto do mapa. Isso acabou com a determinação dos opositores, e o duque Henrik cedeu. Com relutância, claro, mas cedeu.

— Roby, então! Assombrada pelos mortos — disse Scorpio em meio a gargalhadas incontroláveis. — Desembarquem lá! Morram lá!

Drew se aproximou da cela e se agarrou à grade da porta.

— Assombrada? Como assim?

A risada de Scorpio se interrompeu com a mesma facilidade com que começara.

— Já estou cansado de responder às suas perguntas — ele esbravejou, estreitando os olhos. — Não vai *permitir* a minha morte, filhote de Lobo?

Desde quando você tem o direito de decidir quem vive e quem morre?

Ele deixou as costas deslizarem pela parede, encolhendo as pernas e deixando o corpo cair sobre as tábuas. As correntes se enrijeceram de repente, pendurando-o pela garganta inflada. Os pés de Scorpio se debatiam no chão, e ele fez com que todo o peso de seu corpo ficasse suspenso pelas correntes, abraçando a agonia que se seguiu. Seus olhos saltaram das órbitas, e um sorriso doentio surgiu em seu rosto. Drew fez menção de abrir a porta da cela, mas Vega o segurou pelo braço. O jovem Lobo olhou para a mão do Tubarão e, em seguida, para a expressão compenetrada do conde.

— Largue-me, Vega. Ele está morrendo sufocado aí dentro.

— Por vontade *própria* — rebateu o Sharklord. — Se ele quer se matar, que seja.

Drew se desvencilhou dele, abriu a porta gradeada e entrou na cela. Com sua única mão, úmida de suor, segurou Scorpio pela axila, tentando erguê-lo. Os pés do bastian começaram a golpeá-lo, tentando manter o Lobo a distância enquanto seu pescoço estalava sob a pressão das correntes.

— Pare de resistir — rosnou Drew, tentando segurar o capitão suicida.

A pele de Scorpio mudava de cor, mas não para o tom escuro de um homem estrangulado, e sim para tons de amarelo e laranja, em manchas que se espalhavam por sua garganta. Suas roupas, já em farrapos depois do interrogatório prolongado de Vega, rasgaram-se de vez quando ele permitiu a chegada da fera. Espinhos vermelhos com pontas roxas surgiram em sua cabeça e em seus ombros, enquanto seu corpo inchava a olhos vistos. Drew deu um passo para trás, alarmado com a transformação do Werelord.

O marechal de Bast viu o Werewolf recuando para a porta da cela. Golpeou-o de novo com uma perna, passando uma rasteira em Drew, enquanto com a outra empurrava a porta. O trinco de metal se fechou quando o Wolflord se estatelou contra a grade.

Vega agiu rápido, destravando o mecanismo para abrir a cela. Horrorizado, viu que o corpo de Drew bloqueava a abertura, impedindo-o de entrar.

— Saia daí, Drew! — gritou Vega. — Os espinhos!

Assustado, Drew viu o corpo inflado do Peixe-Escorpião se materializar diante de si, quase decapitado pelas correntes em torno do pescoço. Suas mãos e seus pés se projetavam no ar, as garras afiadas buscando atingir um inimigo invisível diante da morte iminente. Ficando de joelhos, Drew ergueu a mão para a porta, tentando abri-la, ao mesmo tempo que se esquivava para escapar do monstruoso Werewolf.

— Porrrr... Basssst... — foram as últimas palavras que escaparam de seus lábios ainda sorridentes, antes de se escancararem, revelando os dentes pequenos e afiados que cobriam toda a sua boca. Seu corpo era quase uma esfera a essa altura, as cores oscilando na pele manchada de amarelo, roxo e preto. Os espinhos estremeceram quando ele se virou para Drew. Um deles saiu voando do dorso do Peixe-Escorpião, atingindo a madeira com um estalo forte aos pés do jovem.

— Não! — gritou Vega, chutando a porta e atingindo as costas do Wolflord ao entrar. Sua rapieira cortou o ar em direção à cabeça de Scorpio. A lâmina entrou fundo, encravando-se na parede de madeira da cela do outro lado, interrompendo de imediato a resistência do marechal de Bast. O ar em seu corpo inflado começou a escapar, como de um balão de ar furado, fazendo o corpo sem vida do monstro se agitar ruidosamente. Os espinhos cravados em suas costas ficaram imóveis, tombando sobre a carne morta ainda suspensa pelas correntes presas à parede, que rangia ao sustentar o peso do Peixe-Escorpião.

Soltando um suspiro de alívio, Vega se virou para o jovem licantropo sentado no chão de braços cruzados, imprensado entre a porta e as grades da cela. Seu rosto estava pálido, e ele observava o marechal do mar com os olhos arregalados.

— É assustador o que certas criaturas são capazes de fazer — disse Vega, balançando a cabeça e estendendo a mão para o amigo. — Vamos, eu ajudo você.

Drew se manteve imóvel, os braços cruzados diante do peito e os olhos ainda vidrados no corpo preso à parede pelas correntes e pela lâmina. Vega se agachou, pegando a mão do jovem e tentando colocá-lo de pé. Seu rosto também empalideceu quando ele viu. Um espinho de Scorpio estava cravado na barriga do rapaz, a ponta venenosa enterrada profundamente na carne ensanguentada de Drew.



3

Pai e filho

O Alto Lord Oba fechou a mão com garras expostas sobre a garganta do filho, erguendo-o pelo pescoço até ambos se olharem nos olhos. A mão de Onyx apareceu em seguida no pescoço do pai, sentindo o pomo de adão vibrar sob seu toque. Os dois Pantherlords parcialmente transformados continuaram nessa posição por um momento, os dentes escancarados, as garras fazendo pressão e os olhos verdes cravados um no outro. A boca de Oba se abriu, e um rugido emergiu de sua garganta, lançando gotas de saliva no rosto do filho. Onyx estreitou os olhos diante da demonstração de força de Oba. Então foi sua vez. A jovem Fera de Bast de repente cresceu na frente do Lord de Braga, assumindo uma estatura ainda maior que a de seu pai. Ele rugiu em resposta, mostrando as presas enquanto sacudia Oba.

Os rosnados de repente foram substituídos por sorrisos quando os dois Werepanthers se abraçaram, levando a mão da garganta para as costas, dando tapinhas um no outro. Era um abraço de quebrar os ossos, que ameaçava esmagar a ambos a qualquer momento. Um dos braços de Oba estava preso em uma tipoia. Ele afastou o filho e pôs a mão direita em seu ombro.

— Quanto tempo, meu garoto — disse o Lord de Braga.

Soltando o filho, deu-lhe um tapinha no braço antes de passar por ele. Onyx se virou e foi atrás do pai rumo à barraca de comando. Oba parou diante das duas enormes panteras-negras deitadas junto à fogueira. Ambas se viraram de barriga para cima como gatinhos mansos quando o velho felinotrope se agachou para acariciá-las.

— Que bom ver você — disse Onyx, indo até a mesa para servir uma taça

de vinho para o pai. — Fico feliz em saber que chegou inteiro. Estava começando a ficar preocupado.

— Recebeu minha mensagem, então?

— A chegada de Lord Ithacus me mostrou que o assunto era sério. Pensei que ele estivesse morto, ou pelo menos fora de combate.

— Estava desfrutando da aposentadoria quando o convoquei. Mesmo com essa idade, ainda é meu aliado mais fiel. Não confiaria uma mensagem importante a mais ninguém. Com exceção de você, claro.

Oba se levantou e se virou para o filho, aceitando o cálice dourado. Sorveu um grande gole, observando Onyx enquanto isso. A Fera de Bast notou os cortes no rosto do pai, sulcos paralelos escavados profundamente nas bochechas.

— Deparamos com os Staglords no caminho de Highcliff para cá — disse Oba. — O que sabe sobre eles?

— Sei que andam atacando nossos destacamentos menores. Foi muita coragem deles fazer uma emboscada à sua comitiva, pai.

— Muita coragem mesmo. Havia um entre eles que eu adoraria encontrar de novo, mas em meus próprios termos. — Ele ergueu o braço quebrado na tipoia. — Devo isto aqui a um Cavaleiro do Lobo.

— Foi um dos Staglords? — questionou Onyx. — Eles são uma pedra no meu sapato. Lord Reinhardt é o líder deles... Talvez tenha sido ele.

— Não foi um Staglord. Ele me disse seu nome enquanto fugíamos. Me diga: Drew Ferran tem algum irmão?

— Você sabe tão bem quanto eu que foram todos abatidos quando Leopold tomou o trono, pai. Ele é o único descendente de Wergar.

Oba coçou o queixo.

— O rapaz disse que se chamava Trent Ferran.

— Ah — disse Onyx. — Esse irmão, Trent Ferran, não é um parente de sangue. O pai de Trent criou Drew como se fosse seu filho. Na verdade, Trent era um Manto-Rubro, um colaborador de meu primo, Lord Frost, mas então nos traiu. Sua ferocidade deixou os homens de Muller assustados. E se ele conseguiu fazer isso com você...

— Ele é forte demais para um humano — murmurou Oba, olhando para o braço imobilizado. — De uma forma antinatural, eu diria. Mas no fim das contas é só um humano, não?

Onyx balançou a cabeça em concordância. A Fera de Bast ficou em silêncio de repente, aproximando-se para examinar o rosto de Oba. Ele

passou o polegar pela bochecha ferida do pai.

— Esses arranhões... também foram feitos pelo Cavaleiro do Lobo?

— Sim — rosnou Oba. — Como eu disse, temos contas a acertar.

— E ainda não sararam? Quando foi a emboscada?

— Cinco dias atrás, mais ou menos — grunhiu o Lord de Braga. — Queria que seu magíster desse uma olhada, por falar nisso.

Onyx escancarou os dentes, rugindo baixinho.

— Já teria sarado se fosse arranhão de um humano. Isso só pode significar uma coisa. — A Fera de Bast se afastou, servindo uma taça de vinho a si mesma e sorvendo um gole.

Oba se aproximou de um espelho polido pendurado na barraca, virando o rosto para olhar a ferida em carne viva.

— E o que é? — perguntou Oba.

— Que Ferran não é mais humano.

— Explique-se, Onyx. Não me venha com conversas cifradas. Estou vindo de uma longa viagem. E ainda nem falamos sobre o fato de você não ter mandado ninguém para me receber quando desembarcamos em Highcliff.

— Estamos ocupados aqui, caso não tenha notado, pai. Sturmland se mostrou um lugar muito mais difícil de conquistar do que eu esperava. Um necromante tomou Icegarden justamente quando parecia que a cidade já era nossa.

— Que necromante é esse?

— Ele é chamado de Mão Negra. Um Boarlord das Dalelands que era amigo do Lobo antes de se envolver com magia negra. Meus homens estão com medo de se aproximar das muralhas congeladas de Icegarden. Dizem que ele é capaz de reviver os mortos.

Oba soltou uma risada.

— Os homens falam de tudo quando se deixam levar pela superstição. Esse Mão Negra é um ilusionista, um charlatão, nada mais. Mande seu exército para Icegarden imediatamente. Derrube as muralhas e empurre o Javali para campo aberto. Vamos ver como a magia negra vai salvá-lo depois disso.

Onyx estreitou os olhos. Sabia que era mais prudente não contestar as palavras do velho. Mão Negra não era um charlatão — ele testemunhara com os próprios olhos o poder do magíster. Em vez de discutir com seu pai, porém, preferiu outra abordagem.

— Mão Negra não é o único perigo que enfrentamos em Sturmland. As forças do Urso Branco de Icegarden ainda estão aos pés das montanhas; não

podemos virar as costas para eles. São liderados pelo duque Bergan, o Lord de Brackenholme. Se eu pudesse destacar uma escolta para recebê-lo em Highcliff, pensa que não teria feito isso?

Oba rosnou para o filho.

— Você falou que esse tal de Trent Ferran *não é mais* humano. Explique o que quis dizer.

Onyx contornou a fogueira e se agachou ao lado das chamas.

— Lucas se juntou a um xamã dos Wyldermen chamado Coração Negro.

— Quem são esses Wyldermen?

— Selvagens da floresta. Canibais sedentos de sangue.

— Um xamã, você disse? Uma espécie de magíster?

Onyx pegou um atizador de aço e mexeu na fogueira, lançando uma cortina de faíscas em direção ao buraco no teto da barraca de comando.

— A magia que nossos magísteres conhecem não tem nada a ver com a magia selvagem de um xamã Wylderman. Esse Coração Negro usou um membro decepado de Drew Ferran para criar uma nova criatura lupina, que não é nem humana nem transmorfa.

— Uma nova raça de Werewolves? — surpreendeu-se Oba do outro lado das chamas.

Onyx negou com um gesto de cabeça.

— É um simulacro de transmorfo, pai... mais animal que humano. Uns vinte Wyldermen participaram da cerimônia de Coração Negro, com a bênção de Lucas, e se transformaram nesses Lobos Selvagens. Eu já vi o que acontece com quem sobrevive ao ataque deles. Se a infecção não os matar, eles também são transformados.

— E você acredita que Trent Ferran seja um desses Werewolves infectados?

Onyx apontou o atizador para o rosto do velho através das chamas.

— Se o Cavaleiro do Lobo provocou esses ferimentos no seu rosto, então acredito que sim. É um arranhão de transmorfo, pai. Vai deixar uma cicatriz.

— Tudo por causa de Lucas, esse jovem Leão idiota? Mais uma razão para acabarmos com ele e com os de sua espécie. Sabe por que estou aqui, Onyx?

— As notícias se espalham depressa pelos Sete Reinos.

— A união entre os Catlords acabou. Panteras, Leões e Tigres seguiram cada um seu caminho, levando consigo seus aliados.

— Parece uma coisa improvável. Como aconteceu?

O rosto de Oba se contorceu de raiva.

— Sua irmã.

— Está enganado — grunhiu Onyx. — Conheço Opal. Ela jamais trairia a união. É uma de nós.

— Ela foi, mas não é mais.

Os olhos da Fera de Bast se estreitaram.

— O que ela fez?

— Viajou até nosso continente; levou o Lobo para Leos, para nosso lugar mais sagrado, o Fórum dos Anciãos. E foi lá que decidiu... limpar sua consciência.

— Limpar a consciência?

— Acho que você sabe do que estou falando, meu garoto. Ponha a memória para se exercitar.

Onyx encarou o pai, sem piscar.

— Taboo?

Oba abriu um sorriso contrariado diante da menção da jovem Weretiger acusada pela morte de seu namorado Guepardo. O assassinato fora cometido por Onyx.

— Não existem mais esqueletos no armário em Bast, filho. Foram todos exumados em pleno Fórum: a morte de Chang, o exílio de Taboo e a cumplicidade dos Leões em toda a história.

— E como os Leões acabaram virando nossos inimigos? — questionou Onyx. — O Alto Lord Leon vem sendo nosso aliado mais leal desde que você, ele e Tigara tomaram Bast. Os Tigres, eu até entendo; eles sempre foram uma raça à parte e não aprovavam nossos métodos para lidar com os outros transmorfos. Mas os Leões?

— Ao que parece, quando começou a falar, sua querida irmã não conseguia mais parar. Ela contou a Leon que Lucas matou o próprio pai por sua causa.

Durante seu reinado, o Lobo Wergar era temido e respeitado pelo povo dos Sete Reinos. O Leão Leopold, que havia usurpado seu trono, era temido, odiado e ridicularizado. Quando Drew Ferran, o jovem Lobo, aparecera para reivindicar o trono, Onyx, Opal e um destacamento bastian haviam sido enviados à Lyssia para garantir o domínio dos Catlords. Naquela situação, Leopold não podia continuar no trono. Ele era desequilibrado, instável e nem um pouco digno de confiança. Onyx tinha a convicção de que ele e Opal tinham feito o que qualquer um teria no lugar deles: haviam apontado os defeitos de Leopold para seu filho, igualmente irascível. Lucas se encarregara

do resto, assassinando o pai e tomando sua coroa.

Oba continuou:

— Então agora o Leão viajou para a Lyssia em nome do filho, e eu no seu nome.

— No meu nome?

— Claro. Você não está mais combatendo apenas os Lobos e seus aliados, entre eles os Tigres. Também tem Leon e Lucas com quem se preocupar. Vamos liquidar esse projeto de Leão e arrastar sua carcaça pelos Sete Reinos.

— Primeiro eu preciso encontrá-lo. Lucas fugiu com seus lobisomens à procura de Lady Gretchen, a Raposa de Hedgemoor, que foi prometida como sua noiva. Mandeí o conde Costa atrás dele. Espero que o Vulturelord consiga localizá-lo e trazê-lo até mim antes que Lucas fique sabendo do que aconteceu em nossa terra natal.

— Você confia em Costa? — perguntou o pai.

Onyx ergueu uma das sobrancelhas. Levantou-se diante da fogueira e caminhou até a mesa onde estava aberto o mapa que mostrava o paradeiro das forças do Bearlord. A resistência diminuía a cada dia. Agora que estava tão perto da vitória, outros felinotrofos de Bast chegariam para estragar tudo?

— O exército de Leon está contornando a Dyrewood no momento, marchando para o norte pela estrada Talstaff — Onyx falou, batendo no mapa com o grosso indicador. — Quantos eles são?

— Não sei dizer ao certo — respondeu Oba, coçando o queixo ferido. — Foi um exército reunido às pressas, assim como o meu.

— Então ele está mal preparado?

— Isso, eu não me arriscaria a dizer — avisou Oba. — Ele veio com os melhores Mantos-Rubros de Leos. Eles não são como a Guarda Leonina lyssiana, aqueles tolos que serviam Leopold. São guerreiros bastians genuínos.

— Por favor, me diga que o exército que você trouxe é comparável ao dele.

— O pequeno destacamento de Elmos-Dourados que veio comigo é só a primeira leva. Mais estão a caminho. Estão garantindo que Highcliff esteja sob nosso controle, despachando ou aprisionando os Mantos-Rubros que ficaram por lá.

Onyx arregalou os olhos, e o Alto Lord Oba continuou:

— Você precisa separar os que são leais daqueles que estão contra nós, sejam eles humanos ou transmorfos. Quem é esse que chamam de xerife?

— É Muller. Ele é o Lord das Terras Áridas.

— Um humano pode ser um Lord na Lyssia? — questionou Oba, sem esconder sua ojeriza.

— É um título autoproclamado, pai. O xerife é um homem ambicioso.

— Esse xerife não sabe seu lugar — retrucou o Alto Lord —, assim como vários outros humanos patéticos dos Sete Reinos. Eles só servem para a escravidão. Que um deles possa chegar a uma posição de tanto destaque é uma afronta à ordem natural das coisas. Ele é o primeiro que deve servir de exemplo quando a guerra for vencida. Precisa ser enforcado em cima da construção mais alta, para toda a humanidade ver e se colocar em seu devido lugar.

Onyx balançou a cabeça, mais do que ciente da opinião de seu pai sobre os humanos. A velha Pantera prosseguiu:

— Descubra quais Werelords de seu conselho de guerra estão conosco. Não importa de onde sejam. Podem ser bastians ou não, desde que não haja nenhuma dúvida: ou estão conosco ou estão contra nós. Se disserem que são leais a Lucas e Leon, providencie para que sejam mortos.

Onyx se virou e olhou para as chamas. Seu conselho de guerra tinha gente em quem confiava, independentemente da origem: conde Costa, o Vulturelord, general Gorgo, o Werehippo, general Skean, o Cranelord. Mas e quanto a Vanmorten, o ardiloso Wererat que se considerava o braço direito de Lucas até a chegada de Coração Negro e seus Wyldermen? Onyx nunca confiara no Rato, mas Vanmorten sempre soubera de que lado se colocar, e certamente achava uma tolice o envolvimento de Lucas com os Wyldermen. A quem dedicaria sua lealdade agora?

— E então, garoto? — exortou Oba, pegando a taça vazia de Onyx de cima da mesa e enchendo-a de vinho. — Está aí parado por quê? Você tem um trabalho a fazer. Mostre-me por que é chamado de a Fera de Bast.

Onyx se dirigiu à abertura da barraca, com mil ideias na cabeça, muitas delas sinistras. “Gorgo primeiro”, ele pensou. “O velho Hipopótamo com certeza é de confiança. Mas depois quem?”

— E não se esqueça, meu garoto — disse Oba, e Onyx parou diante da entrada da barraca —, se encontrar sua irmã de novo...

— Sim?

— Deve matá-la, é claro.



4

Acerto de contas

Opal estava de pé na sombra da varanda, observando o rei Chacal brincar com os filhos. Ela usava um vestido preto de seda omiriana, com um caimento justíssimo sobre seu corpo gracioso. Os olhos verdes faiscavam de inveja, e cada gargalhada de Faisal era um golpe para seus nervos. Opal gostaria de estar na posição do Chacal, com seus amados nos braços, mas sabia que esse dia estava distante, se é que chegaria. Os filhos da Pantera estavam longe de casa, sob a guarda do Alto Lord Tigara de Felos, desde que ela dera as costas a seus semelhantes. O Tigre os protegeria enquanto Opal combatia em outro continente. A Pantera rezava para que permanecessem a salvo daqueles que queriam prejudicá-la, uma lista que só crescia a cada dia.

Cumpriria sua palavra e se manteria ao lado do jovem Lobo até o fim. Agora os dois eram aliados contra as forças dos Leões e das Panteras — sua própria espécie. Opal confiava no licantropo e esperava que o sentimento fosse mútuo. Mas, e quanto ao Sharklord que o acompanhava? Quanto a ele, Opal não tinha nada de positivo a dizer. Fora Vega quem ameaçara a vida de seus filhos, e algum dia pagaria por isso.

Os cortesãos de Faisal caíram na risada quando ele levantou Kara, sua filha mais velha, rugindo para a menina de dez anos e mostrando os dentes como se estivesse prestes a se transformar e devorá-la diante dos olhos de todos. Seus filhos menores o cercaram como formiguinhas em torno de um doce. Eles escalaram seu tronco e, agarrando sua túnica, ameaçaram derrubá-lo no chão. Faisal deu um berro ao cair sobre as almofadas, perdido em uma massa risonha de crianças. Mais gargalhadas cacarejadas ressoaram ao redor. Opal

franziu o nariz e virou o rosto, observando o céu noturno de Azra.

— O divertimento do rei a incomoda, milady?

Opal reconheceu a voz do homem que se juntou a ela na varanda. Era Djogo, o guerreiro humano que conquistara a confiança de Faisal.

— Não tenho nada contra um homem brincar com seus filhos — respondeu a Werepanther, fechando a cara. — São esses parasitas que fazem meu sangue gelar, com suas tentativas desesperadas de agradar Sua Alteza.

— Não é assim que os inferiores se comportam na presença dos superiores?

— É assim que os sanguessugas se comportam! — esbravejou Opal. — As ações dos grandes homens falam por si sós. São eles que conquistam a admiração de seus senhores.

— É difícil para qualquer homem chamar a atenção de seu senhor se a sociedade o mantiver deliberadamente acorrentado.

Ela se virou para encarar Djogo. O humano mantinha uma distância respeitosa de Opal. Pela cor de sua pele, ela notou que não se tratava de um homem do Reino do Deserto. Seu porte e suas feições faziam-na se lembrar de sua terra natal.

— Você é bastian, Djogo?

— Em certo sentido, sim, milady — ele respondeu. — Sou nascido em Talon.

— Então é um bastian — ela retrucou. — Até onde sei, aquele pedaço de rocha ainda está sob o controle dos Leões de Leos.

— A nacionalidade da força de ocupação não determina necessariamente a nacionalidade do povo.

— Está falando como um político — ela comentou. — Ou talvez um separatista.

Djogo deu de ombros.

— Faz muito tempo que Talon não é mais meu lar. Apesar de ser solidário à causa do meu povo, não sou um combatente da liberdade. Talon faz parte do meu passado, milady.

— E quanto a seu futuro, Djogo? — ela questionou. — E pare de me chamar de “milady”. Isso é coisa de parasitas, e você sabe o que penso deles.

— Como quiser — ele disse com um aceno de concordância. — Meu futuro está nas mãos do Wolflord. É a ele que devo minha lealdade.

Opal sorriu. Desde que se instalara em Azra como convidada de Faisal, tinha ouvido em suas conversas com o rei muitas histórias sobre o passado

daquele humano. Ele fora escravo e gladiador antes de ser comprado pelo conde Kessler, o Goatlord. A serviço de Kessler, Djogo viajara o mundo escravizando homens, mulheres e crianças da Lyssia e de Bast. O jovem Lobo fora capturado por Djogo e Kessler e vendido a Lord Ignus de Scoria, mas não sem antes arrancar um dos olhos do guerreiro. Drew fora forçado a lutar na arena para entreter os Lagartos e seus hóspedes, como Djogo fazia algum tempo antes. Drew, porém, provocara uma rebelião, libertando todos os escravos e gladiadores da ilha vulcânica, entre eles Djogo. Desse dia em diante, os dois tinham passado a ser aliados, e Djogo jurara lealdade ao Lobo em sua cruzada por igualdade e justiça nos Sete Reinos.

— Você causou uma impressão e tanto no rei Faisal, Djogo — disse Opal.

— Apenas cumpri meu dever. Quando Drew me deixou aqui com Lady Shah, explicou que precisávamos lutar em seu nome até que ele voltasse e que deveríamos fazer tudo o que o rei mandasse.

Drew contara a Opal sobre a adoração de Djogo por Shah, a Hawklady que conhecera a serviço do conde Kessler.

— Sou obrigada a comentar que não vi nenhum sinal de Lady Shah nem dos Hawklords — continuou Opal. — Esperava que pelo menos alguns tivessem ficado em Azra. Foram todos mesmo para a Falha de Bana?

— Sim, todos — respondeu Djogo, endurecendo a expressão estampada no rosto para disfarçar seu sofrimento. — O conde Carsten e o barão Baum, os Eaglelords que governam todos os Gaviões, foram mandados para o norte pelo rei assim que chegaram. Eles levaram alguns dos meus amigos também, Krieg, Taboo e Beemote, além dos melhores guerreiros Chacais do rei Faisal.

— Então Shah também foi com eles? — perguntou Opal, apesar de saber muito bem a resposta.

Djogo pigarreou.

— Como eu disse, todos eles foram.

— Deve estar ansioso para pegar a estrada, então. Para ir até a Falha e descobrir se seus amigos, e Lady Shah, ainda estão vivos.

— Quando o rei Faisal estiver pronto para a viagem, vou estar ao lado dele. Se ele quiser partir amanhã mesmo, não vejo motivo nenhum para questionar.

— Acha mesmo que eles estão vivos por lá, isolados do restante de Omir e apossados pelo exército do marechal de campo Tiaz? Sei que tipo de forças o Tigerlord transportou pela Grande Estrada Ocidental, Djogo. Ele tem Vulturelords à disposição, mais do que capazes de enfrentar os Gaviões da

Lyssia. E existem Werelords de Bast ao lado dele também, além dos digníssimos representantes dos Mantos-Rubros e dos Elmos-Dourados.

Djogo lançou um olhar de desafio para Opal.

— Que bom que você trouxe os Fúrias de Felos consigo então, não é mesmo? E pode até haver transmorfos de Bast entre as fileiras de Tiaz, mas duvido que algum deles se compare aos três que mencionei antes: Krieg, Taboo e Beemote. Meus amigos sobreviveram à arena de gladiadores em Scoria; cada um vale por dez desses Werelords que se aliaram aos Felinos.

Opal balançou a cabeça e sorriu.

— Você tem espírito de luta e determinação no coração, Djogo. Dá para entender por que uma lady gostaria de você.

— Assim como eu gosto de você, Opal — respondeu Djogo, instintivamente fazendo uma mesura. — Afinal, você salvou meu pescoço da lâmina do carrasco. E libertou o povo de Azra quando tudo parecia perdido. Aposto que é tão amada quanto o rei nesta cidade.

— Você é encantador — ela falou, piscando algumas vezes na direção do guerreiro de corpo longilíneo. — Onde quer que esteja, sua esposa deve estar orgulhosa do marido.

— Não sou casado — respondeu o antigo feitor de escravos de um olho só, virando-se para olhar as luzes de Azra.

Opal adorava esse tipo de jogo, e aquele em especial mostrava-se bem agradável. “Porém fácil demais”, ela pensou, observando a postura confortável de Djogo diante de suas perguntas. “Parece uma pena fazê-lo passar por isso, mas, por outro lado...”

— Acho que Lady Shah vai passar por poucas e boas se sobreviver ao cerco de Bana — comentou Opal, imediatamente atraindo a atenção de Djogo. — Aquele tal Vega está indo para lá, querendo tomá-la para si.

— O Sharklord?

— O próprio. Uma criatura cruel e desprezível. Diz que teve um filho com ela na juventude; na verdade se gaba bastante disso. E agora quer tê-la de novo e levá-la para as Ilhas dos Piratas. Ele a descreveu como um “projeto em andamento”, o que quer que isso signifique. Sabe alguma coisa sobre o Tubarão?

— Só sei de sua reputação nos mares — grunhiu Djogo, segurando com força o mármore da balaustrada. — Ele traiu a confiança de muita gente, de capitães do mar a reis. Até Wergar, o velho Lobo, foi enganado por Vega. Sei que ele costumava fazer negócios com Kessler.

— Então acha que pode ser verdade? — perguntou Opal, arregalando os olhos para fingir surpresa.

— Shah o conhece, com certeza. Eles têm uma história juntos, mas ela nunca me contou. Percebi que era uma coisa que a magoava, por isso não insisti em saber. Mas se ele se refere a ela dessa maneira...

Opal viu as mãos cobertas de cicatrizes do homem tremerem e os músculos dos antebraços vibrarem de ansiedade. A raiva tomava conta de Djogo. “Ah, que ótimo”, divertiu-se a Pantherlady.

— Ele considera Shah propriedade dele — continuou Opal. — Com Kessler e o pai da Hawklady mortos, disse que não há nada que o impeça de tomá-la para si.

— Ele disse isso?

— Com um sorriso — mentiu Opal. — Nunca conheci uma alma mais vil e corrompida. Quem é que sabe o que deu na cabeça do Wolflord para aceitar alguém como Vega em seu conselho? Só o que ele faz é envenenar os ouvidos de Drew; todo plano que sugere tem por trás algum motivo egoísta.

Djogo não disse nada, mas cerrou os dentes, quase esmagando a balaustrada de mármore com os dedos tensos.

— Alguém precisa deter o Tubarão, antes que ele prejudique ainda mais gente. — Ela caminhou até Djogo e murmurou em seu ouvido: — Ele é um perigo para todos nós.

Depois disso, afastou-se a passos rápidos, passando pelo rei e por seus companheiros no salão nobre rumo ao interior do palácio, às vésperas de sua marcha para o norte. Faisal sorriu para ela em meio às crianças. Opal retribuiu, o tecido de seda preta esvoaçando atrás de si. Ainda olhou para trás antes de sair do opulento salão, vendo Djogo agarrado à balaustrada de mármore da varanda com ambas as mãos.

“É uma pena usar o homem desse jeito”, pensou. “Mas tenho contas a acertar.”



5

Ruínas

Não havia a luminosidade do fogo para ajudá-lo a ver, e nenhum ruído vinha da escuridão do alto da elevação rochosa. Graças apenas à luz da lua, pela metade, ele pôde avistar as ruínas, um local que se manteve invisível até que as nuvens se afastassem mais acima. Desviando sua montaria da trilha, o jovem cavaleiro se aproximou ainda mais, incapaz de resistir à tentação de investigar. Perseguia sua caça havia dois dias, tentando se lembrar de todas as lições que aprendera na infância. O próprio pai lhe ensinara sobre a arte dos transmorfos, como controlar os poderes que Brenn lhe dera, mas fora seu tio quem havia mostrado como rastrear um animal — ou homem — em campo aberto. Eram os ensinamentos de seu falecido tio Mikkel que o guiavam naquela caçada pela floresta.

Milo mantinha o avanço da égua em um ritmo lento e constante depois de descer do lombo de Feixe de Pelos para guiá-la a pé. O jovem Staglord havia tirado a armadura antes de se desgarrar de seu irmão e dos Cavaleiros de Stormdale. Sem dúvida Reinhardt descobrira as cota de malha e o manto reserva abandonado na manhã seguinte, mas a essa altura Milo já estava longe. A única coisa que levava tinha sido a peça que usava sobre o peito e que seu pai, o duque Manfred, também usara na juventude. Assim como o jovem Staglord, fora submetida a golpes pesados nas semanas anteriores, mas continuava sendo capaz de salvar sua vida, além de servir como um lembrete de quem era Milo e de onde vinha.

Quando encontrou os restos de uma árvore seca, o garoto de Stormdale amarrou as rédeas de Feixe de Pelos em seu tronco retorcido. A égua bufou,

incomodada com a presença de alguma coisa ali — sua caça, talvez?

— Silêncio, menina — murmurou Milo, passando a mão na crina cinzenta da montaria, tentando acalmá-la. — Não deve ser nada.

A égua se acalmou sob seu toque, baixando a cabeça e balançando o pescoço de leve. Ele acariciou um pouco mais a crina do animal antes de puxar o manto cinzento sobre o peito, escondendo o brasão do cervídeo galopante. Com a lâmina curta na bainha junto ao corpo, escondida da luz do luar, começou a subir a elevação rumo à torre de topo dilapidado.

“Por que está fazendo isso de novo, Milo? Por acaso está tentando morrer *de propósito*?”

Não conseguiu responder de imediato e se viu questionando suas razões mais uma vez. Os momentos de dúvida vinham com frequência quando Milo se perguntava como poderia ter sido sua vida se tivesse se mantido em segurança dentro do palácio em Stormdale. Mas estaria mesmo seguro por lá? Alguém nas Barebones estava realmente a salvo? Os Ratos e os Corvos tinham demolido as muralhas da cidade e praticamente destruído a torre de menagem. Fora só com a ajuda do Lobo que eles enfim haviam conseguido reverter o curso das coisas. E Drew Ferran jamais teria aparecido para ajudá-los se um Staglord jovem e teimoso não tivesse corrido até Windfell em busca de ajuda. E esse Cervo era Milo.

“É por isso que você está aqui”, ele lembrou a si mesmo. “Você é um homem de ação, Milo. Você faz as coisas acontecerem!”

Milo reafirmava a si mesmo, a cada passo, que seu raciocínio era correto; que estava fazendo o que era certo. Sentia-se culpado por sua caça estar à solta pela mata sem ninguém com quem contar. A petulância de Milo levava aquela pobre alma a abandonar os Cavaleiros de Stormdale e seguir o próprio caminho. O jovem transmorfo não se sentira bem com isso, principalmente por se tratar de Trent Ferran, irmão de Drew e o humano mais corajoso, ousado e inspirador que um Werelord poderia ter conhecido.

“Bom, pelo menos ele *era* humano. Só Brenn sabe em que está se transformando agora...”

Milo temia pelo que poderia acontecer com Trent quando a lua cheia voltasse, dali a duas semanas. O Cavaleiro Lupino, como ficara conhecido, partira para o leste em busca de sua vingança contra o rei Lucas e os Lobos Selvagens, cujo último paradeiro conhecido eram as Dalelands. Mas Milo ainda tinha esperança de pôr algum juízo na cabeça de Trent e convencê-lo a viajar para o norte a fim de encontrar as Filhas de Icegarden. As magísteres

da Bearlady poderiam ajudá-lo a recuperar sua humanidade. Isso valia mais que qualquer vingança, não valia?

Milo contornou os escombros de uma parede de pedras, com seus blocos rústicos unidos por uma argamassa antiga e esfarelada. A fortificação costumava ser uma torre de comunicação, usada pelos primeiros homens de Redmire a colonizar as Dalelands para manter contato com os vizinhos e alertar sobre a aproximação dos Wyldermen. O lado norte estava completamente coberto pelo limo. O jovem Cervo calculou que devia estar a pouco mais de cinco metros do topo da elevação. A superfície recurvada da torre revelava seu contorno fraturado em toda a sua extensão contra o céu azul-escuro da noite.

Milo convocou o Cervo, alargando as narinas para respirar mais fundo. Sentiu o cheiro dos predadores na brisa, o odor almiscarado inconfundível em toda a área. Podiam ter passado por ali fazia alguns dias ou até semanas, pois as ruínas sem dúvida eram frequentadas por todo tipo de criaturas, mas havia um cheiro em particular que Milo procurava, e que sentira com frequência desde que saíra em perseguição a Trent Ferran — o da fera. O cheiro amargo de urina impregnava as pedras. Algum animal tinha demarcado recentemente as ruínas. Mas haveria algo mais ali? Milo chegou mais perto, espiando pela lateral da parede destruída da ruína.

Entre os escombros da parede sul, uma antiga lareira indicava a existência de vida naquela torre em tempos passados, com o aparador de madeira ainda encravado nas pedras. O piso e a chaminé quebrada estavam cobertos por mato, expostos às intempéries e à retomada do terreno perdido pela natureza. Degraus se erguiam sobre a parede curva, falhados como o sorriso banguela de uma boca nada saudável. Havia ossos espalhados pelo chão, partidos e fraturados, sem mais nenhum sinal de tutano em seu interior.

Foi a carcaça de uma ovelha no centro das ruínas que chamou a atenção de Milo, o ventre aberto, sem as entranhas. Ele encontrara o acampamento de Trent da noite anterior, e os parques restos de uma lebre esfolada eram tudo o que havia sido deixado para trás. O que Milo descobriu ali, contudo, foi um animal abatido de forma muito mais violenta. Nem as moscas tinham achado o cadáver ainda, e um vapor se desprendia das costelas expostas. “Vapor?” Com um susto de gelar o estômago, o jovem nobre de Stormdale se deu conta de que era um abate recente.

Olhou para o local acima da lareira onde os degraus quebrados contornavam a parede sul. Lentamente, as sombras começaram a se mover e

um vulto surgiu entre as pedras na escuridão, os olhos amarelados e lupinos brilhando em sua direção.

— Trent? — chamou o garoto, aparecendo na beirada da torre, sem entender o motivo do medo que o acometera. — Sou eu, Milo!

O processo de envenenamento já teria acabado, transformando Trent em um dos Lobos Selvagens de Lucas? Milo teria chegado tarde demais? Afastou-se da lareira sob a mira dos olhos amarelos estreitados. Famintos. Milo estremeceu, e suas galhadas começaram a surgir.

Ferran — ou a criatura que *um dia* fora Ferran — grunhiu, fazendo o jovem Cervo estremecer de apreensão. Milo olhou para a área perto da parede, por onde havia contornado as ruínas, talvez sua melhor rota de escape para voltar até onde estava Feixe de Pelos. Deu um passo adiante, preparando-se para iniciar sua fuga.

Os pés inseguros do menino tocaram as costelas expostas da ovelha morta, e ele foi ao chão. Milo atingiu o solo com um baque seco, cortando os lábios e sentindo o crânio se sacudir. Rolou de barriga para cima, sentindo o mundo ser virado do avesso. Em meio à escuridão, notou os olhos cor de âmbar do monstro, que saltou dos escombros sobre o chão.

O grotesco licantropo ficou de pé sobre ele, cravando os pés com garras na terra, um de cada lado da cabeça de Milo. O garoto tentou ficar de pé, mas seu oponente pisou em suas galhadas, imobilizando-o no lugar. Escorria sangue da boca trêmula do jovem Staglord enquanto ele observava o corpo da fera.

A pelagem que cobria o corpo de Ferran estava imunda. Sua cabeça encontrava-se totalmente deformada. Era impossível reconhecer o guerreiro de cabelos loiros e olhar intenso que lutara ao lado de Milo até poucos dias atrás. Os lábios da fera se escancararam, revelando caninos afiados que salivavam sobre o menino imobilizado no chão. Os olhos de Milo notaram os símbolos feitos com tinta azul que adornavam o corpo do monstro, quase invisíveis em meio à pelagem espessa.

“Este não é Trent! É um dos Lobos Selvagens!”

Uma movimentação repentina na escuridão fez a fera erguer a cabeça, desviando sua atenção do jovem transmorfo indefeso a seus pés. Um vulto indistinto a atingiu na boca do estômago, arrancando seus pés do chão e lançando-a no ar. Milo sentiu o peso deixando suas galhadas quando o monstro foi arremessado na lareira. As pedras foram deslocadas em meio a uma chuva de detritos. O Staglord se virou de bruços e olhou para cima.

O coração de Milo disparou ao reconhecer o guerreiro de manto cinzento, com o elmo do Lobo brilhando sob o luar enquanto o lobisomem desferia uma saraivada de golpes contra sua cabeça. Trent reagiu com uma cabeçada no rosto do monstro, achatando seu focinho retorcido. As mãos com garras se ergueram, agarrando o elmo do Manto-Cinza e o arrancando de sua cabeça. Os dois oponentes rolaram no chão, e o monstro aproveitou a oportunidade para empurrar Trent contra a lareira em ruínas. Mais pedras foram desalojadas com o impacto, caindo sobre a dupla que trocava socos e pontapés.

O garoto de Stormdale viu os dedos imundos da fera envolverem a garganta de Trent, e o rosto de seu amigo se contorcer ao ter as vias respiratórias bloqueadas. Ele projetou as unhas em direção ao monstro, mas suas garras não conseguiram atingi-lo, pois os braços poderosos do Lobo Selvagem empurraram sua cabeça para dentro da lareira.

As galhadas de Milo se cravaram nas costas do lobisomem, fazendo-o soltar um uivo de dor. O Staglord tentou cravar seus chifres curtos ainda mais fundo, sacudindo a cabeça para provocar o máximo de estrago possível, mas a fera afastou uma das mãos do pescoço de Trent para atacá-lo. Ele sentiu as garras rasgando seu couro cabeludo, arrancando seus cabelos enquanto tirava as galhadas das costas do monstro. Era a brecha de que o Cavaleiro Lupino precisava.

Trent deu um soco no braço que esmagava seu pescoço, atingindo o cotovelo estendido do monstro. Com um estalo, o braço se retorceu, perdendo imediatamente a força. O Lobo Selvagem rosnou outra vez. Em seguida, foi virado por Trent e arremessado na lareira. As garras do Cavaleiro Lupino se cravaram no peito com símbolos azuis da fera, que era socada repetidamente contra a parede, derrubando mais pedras da alvenaria antiga. Fez-se um ruído tremendo quando o aparador de madeira cedeu, retorcendo-se nos suportes. A parede sul inteira começou a ranger acima deles. Outro soco poderoso de Trent lançou o lobisomem para dentro da lareira. O cavaleiro conseguiu saltar para longe pouco antes de a parede desabar. A madeira e as pedras despencaram sobre o monstro atordoado, soterrando-o em uma montanha de escombros.

Trent ficou parado diante da parede demolida, cercado por uma nuvem de poeira, antes de se virar para Milo. Seu peito estava ofegante, e o manto cinzento, manchado de vermelho perto da garganta, onde o Lobo Selvagem atingira seu pescoço. Ele caminhou até o menino, estendeu a mão e ajudou

Milo a se levantar. Milo sentiu as garras de Trent contra a palma de sua mão.

— Você é a última pessoa que eu esperava ver aqui, pequeno Lord — comentou Trent. — Por que não está com seu irmão? Reinhardt deve estar morrendo de preocupação.

— Vim atrás de você — disse Milo, batendo a poeira das roupas, as galhadas começando a recuar. — Foi por culpa minha que você abandonou os Cavaleiros de Stormdale, não foi?

Trent sorriu.

— Eu não podia continuar lá. Cada dia que passa, estou me tornando um perigo maior para todos. O barão Hoffman estava certo quando exigiu que eu fosse embora.

— Mas, Trent, você está se rendendo a esse destino, a essa transformação em... em uma dessas criaturas — disse Milo, apontando para a parede demolida das ruínas.

— Estou indo atrás dos responsáveis pelo meu destino, Milo — esbravejou Trent. — Preciso detê-los antes que causem mais estrago. Começando por este aqui — acrescentou, seguindo o olhar de Milo até os escombros. — Como você sabia que esse lobisomem estava aqui? Eu peguei o rastro dele mais cedo. Não consegui acreditar quando vi sua montaria chegando.

Milo se sentiu um pouco tolo.

— Pensei que fosse você. Não esperava encontrar aquele monstro quando me arrisquei nas ruínas.

Trent deu risada, chutando alguns ossos pelo chão.

— Então ainda bem que nos encontramos na hora certa, hein? Parece que ele usa este lugar como toca, ou no mínimo como base de apoio para se deslocar pelo oeste das Dalelands. Só não sei o que Lucas está aprontando...

— Acha que ele ainda está nas Dalelands?

— Com certeza sim, e também o resto dos Lobos Selvagens.

Trent caminhou até os limites dilapidados das ruínas, saltando sobre a base quebrada da torre. Milo foi atrás, mantendo-se próximo do Cavaleiro Lupino.

— Venha comigo, Trent — disse o menino. — Vamos para o norte, para Sturmland, ver se conseguimos encontrar as Filhas de Icegarden. Elas podem ajudar você!

— Eu posso ajudar a mim mesmo — rebateu o Cavaleiro Lupino, descendo a elevação rumo ao local onde Feixe de Pelos fora amarrada. Sua montaria estava ali perto, comendo capim na encosta, com o lombo molhado de suor.

— Como?

— Matando Lucas e seus Wyldermen.

— Você vai acabar se matando também, mesmo que consiga derrotá-lo! É tão difícil assim de entender? Você ouviu o que o magíster Wilhelm falou, Trent. Quando chegar a lua cheia, você *vai* se transformar, e dessa vez não vai ter volta! Você vai virar um deles!

Trent se virou para o menino de Stormdale, furioso.

— Pensa que eu não sei? Não me interessa o que vai acontecer comigo! Preciso *acabar* com o resto dos Lobos Selvagens; tenho que impedi-los de fazer isso com mais alguém!

— Tem que existir outra maneira.

— Não existe — rosnou Trent, apanhando as rédeas da montaria. — Agora volte para seu irmão.

— Não sei onde ele está — respondeu Milo.

— Então volte para Stormdale — disse o Cavaleiro Lupino, ajeitando o pelego no lombo da montaria.

— Não posso voltar para Stormdale, não com uma guerra a ser vencida no oeste.

— Então simplesmente vá embora! — esbravejou Trent, virando-se para o garoto. — Você não vai ajudar em nada estando aqui.

— Discordo — retrucou Milo, já acomodado na sela de Feixe de Pelos, pronto para pegar a estrada.

— Que história é essa? Você não pode vir comigo.

— É exatamente isso que vou fazer, Ferran. Não vou deixar você sumir do meu campo de visão.

— Você não tem como me ajudar, Milo. Preciso fazer isso sozinho, e não posso ser o responsável pela sua segurança. O lugar para onde estou indo é perigoso. E não tem caminho de volta.

Trent engoliu em seco ao dizer aquelas palavras, aceitando seu terrível destino. Olhou para Milo, que o encarou com os olhos cheios de tristeza.

— Não precisa se responsabilizar por mim. Sei me cuidar sozinho.

— Como fez lá nas ruínas? — continuou Trent. — Você teria morrido se eu não aparecesse.

— E você também, se eu não tivesse rasgado o lobisomem com as galhadas. Admita, Ferran, trabalhamos bem juntos.

Trent suspirou e balançou a cabeça. Quando olhou para Milo, voltou a falar com um rugido grave:

— Vou enfrentar horrores com os Lobos Selvagens que você não é capaz nem de imaginar, milorde.

— E eu vou estar lá para ajudar você, Trent.

— Para me ajudar? — ele murmurou.

— Isso mesmo — anunciou Milo solenemente. — Porque, se você conseguir matar Lucas e seus monstros antes da lua cheia, em duas semanas ainda vai restar um monstro para ser morto.

— Você faria isso? — perguntou Trent, subindo em sua montaria ao lado da égua do jovem Cervo.

— Eu mataria você pessoalmente, Trent.

— É bom que consiga fazer isso mesmo — disse o Cavaleiro Lupino —, porque, caso contrário, quem morre é você.



6

O porto das almas perdidas

De pé no convés do *Turbilhão*, açoitado pelos ventos gelados do norte, Drew se agarrou à amurada com sua única mão. Podia até ser verão, mas Sturmland ainda era capaz de penetrar em uma pessoa até os ossos com seus dedos gélidos. Em algum lugar distante mais a oeste, além das Whitepeaks, ficava Icegarden. Hector estava lá, envolto em mistério. Drew não sabia se ele era bom ou mau, se estava vivo ou morto. Da mesma forma, uma névoa escondia o porto, tão espessa que era impossível ver a água — o navio flutuava por cima da neblina. A mão de Drew estava trêmula, e seus pés, inseguros. Ele esperou um momento até se recompor, antes de começar a descer pela prancha rumo ao atracadouro. Vega observava a aproximação de Drew com um olhar de desaprovação no rosto.

— Não acredito que você vem — comentou o Sharklord, balançando a cabeça. — Você não está bem. Precisa de repouso.

— Não acredito que você pensou que eu fosse ficar — respondeu Drew, ofegante, avançando a passos inseguros em direção à terra firme. — Que tipo de líder eu seria se mandasse outros para lutar em meu lugar?

— Um líder que sobrevive para lutar no dia seguinte — respondeu Vega assim que o jovem Lobo se juntou a ele no píer de pedra. — Uma brisa mais forte pode partir você ao meio.

A preocupação de Vega só confirmou o que Drew já sabia. Scorpio vencera, mesmo tendo morrido no processo. A pele de Drew estava pálida e coberta de suor. Fazia uma hora que não passava mal, mas sabia que outro acesso de náusea era só uma questão de tempo. Como ainda havia alguma

coisa em seu estômago? “Estou com medo de que na próxima vez meus intestinos saiam junto.” O ferimento na barriga coçava por dentro e por fora, uma cicatriz amarelada e infeccionada que se recusava a sarar. Apesar de sua condição, era preciso seguir em frente; não podia demonstrar a seus homens quanto estava doente.

Os Fúrias de Bast encontravam-se reunidos diante deles no píer deserto e enevoadado, com suas armaduras reluzentes de couro marrom. As espadas estavam embainhadas de ambos os lados dos cinturões. Uma centena de guerreiros do Tigerlord tinha permanecido com eles, enquanto os demais haviam se dirigido a Azra com Opal. Drew rezava para que a Pantherlady tivesse sido bem-sucedida em sua missão. Os números estavam todos a favor do exército da Hiena, que cercava a cidade do Chacal. Um punhado de tripulantes do *Turbilhão* e do *Cão Vermelho* os seguira até o atracadouro, mas a maioria ficara a bordo, recusando-se a desembarcar.

— Por que eles não vêm conosco? — questionou Drew, notando as fileiras de rostos preocupados nas amuradas dos navios. “Esses olhares são para mim ou para a cidade às minhas costas?”

— Você não ouviu? — rebateu o conde, olhando para a cidade escondida atrás da neblina além do cais.

— O quê?

— Os mortos — sussurrou Vega.

Felizmente, os Leões e as Panteras temiam aquele porto tanto quanto os lyssianos. Os atracadouros estavam desertos, a não ser pelas embarcações em que tinham chegado as forças do Lobo. Drew ouvira as conversas a bordo do *Turbilhão* enquanto se aproximavam de Roby. Os piratas eram as pessoas mais supersticiosas de todos os Sete Reinos. Como se as palavras de alerta do falecido marechal do mar não bastassem, havia mais sinais inquietantes bloqueando seu avanço: tempestades terríveis, homens doentes a bordo do *Cão Vermelho* e um albatroz que se chocara contra o mastro principal do *Turbilhão* e caíra com o pescoço quebrado sobre o convés. Por si só, qualquer uma dessas coisas já seria vista como um mau presságio pela tripulação. As três acontecendo ao mesmo tempo só haviam servido como confirmação para seus temores. O porto de Roby era um lugar amaldiçoado que pertencia aos mortos.

— Não ouvi nada — mentiu Drew, estremecendo, enquanto dava as costas para os rostos temerosos dos piratas que haviam se juntado às suas forças. Eles pareciam desconfortáveis e inquietos, sem conseguir tirar os olhos das

ruínas da cidade. — Bom — continuou o Wolflord, ciente do desconforto dos marujos —, seria melhor irmos andando, para não estarmos na cidade quando anoitecer. Estamos muito distantes das aldeias de pescadores da margem norte do Robben?

— Se começarmos a marcha agora, conseguiremos chegar a algum desses vilarejos antes da meia-noite — informou Florimo, descendo pela prancha a passos leves, com Casper e Figgis às costas. — Sobrevoei a região assim que amanheceu. Existem vários barcos de pesca atracados nas margens que podemos usar para fazer a travessia. É bem menos suspeito que aparecer em dois navios piratas.

Atrás de Florimo, Drew viu Casper com uma trouxa nos ombros e uma espada curta embainhada no cinto. Os olhos do menino estavam arregalados e sérios, voltados para o velho navegador, aparentemente evitando contato visual com o pai. Figgis o encarava com uma expressão de desaprovação.

— Não, garoto — disse Vega. — Você não vem.

— Vou ficar o tempo todo a seu lado, pai — disse Casper, saindo de trás do Ternlord, parecendo ainda pouco acostumado a usar aquela palavra.

— Não desta vez, filho — respondeu o conde, ajoelhando-se na frente do menino. — Preciso que fique aqui cuidando do *Turbilhão*. Comigo fora, o navio precisa de alguém no comando.

— Mas vai ser Figgis — exclamou Casper, olhando para o velho marujo. — Ele é o imediato e vai ficar no comando, não vai?

Vega bagunçou os cabelos do camareiro e sorriu.

— Normalmente sim, mas não com o filho do príncipe dos piratas a bordo. Figgis, presumo que vá ficar ao lado do “Piloto” e ajudá-lo em tudo o que for necessário, não é?

— Certamente, milorde — respondeu o pirata, pondo a mão no ombro de Casper em um gesto protetor.

— Não estou gostando nada disso — resmungou o menino.

— E não precisa gostar. Sou seu pai e, sobretudo, seu capitão — rebateu Vega, dando-lhe uma piscadela carinhosa. — Faça como estou mandando, Casper. Nós nos veremos em breve, e, quando voltar, vou ter uma surpresa para você.

Os dois se abraçaram, e Vega beijou a cabeça do menino antes de largá-lo, não sem certa relutância. Era um lado do conde que poucas pessoas conheciam. Para Drew, era inevitável não sentir uma pontada de inveja ao ver os dois juntos. O Wolflord não tinha mais sua família e, por mais que

gostasse do Sharklord, sabia que um abraço estava fora de cogitação. Mais uma vez, pegou-se pensando em Whitley. A garota de Brackenholme estava sempre em seus pensamentos.

Drew cerrou os dentes quando o príncipe dos piratas e seu filho concluíram as despedidas e levou o braço esquerdo semidecegado ao ferimento na barriga. O vento soprava com força no atracadouro de pedra, agitando o manto de Drew e ameaçando derrubá-lo. Um uivo foi trazido pela brisa, um som de lamento fantasmagórico que fez toda a tripulação do *Turbilhão* se virar para a névoa. Mas a última coisa que preocupava o Wolflord naquele momento eram ruídos assustadores. Ele contava os dias que tinham se passado desde que o espinho de Scorpio atingira sua barriga. O projétil fora removido rapidamente por um Vega apavorado, mas o estrago já estava feito. O poderoso veneno do Werfish havia entrado em ação.

Drew estava morrendo.

O marechal do mar de Bast não havia mentido — Roby era uma cidade-fantasma. O Lobo e seus aliados marchavam pela avenida de pedra empoeirada, os olhos fixos na névoa ao redor. Uma ou outra construção aparecia de tempos em tempos em meio às brumas, todas elas marcadas por cicatrizes de guerra, com manchas de queimado nas fachadas semidemolidas. Um ar gelado soprava das ruínas, castigando a tropa apressada e envolvida pela neblina.

Drew mantinha o capuz do manto sobre o rosto para proteger do vento sua pele febril. Mais uma vez, o uivo ecoou pelas ruínas, deixando alarmados os membros do grupo. Alguns começaram a murmurar preces. Outros beijaram os símbolos sagrados que levavam no pescoço, evocando a graça de seus deuses enquanto atravessavam a cidade sem vida. Florimo estava longe do campo de visão deles, sobrevoando o trajeto. As asas do Ternlord eram a arma secreta de Drew, e a atuação do velho navegador era fundamental para sua vitória na guerra da Lyssia. Ele entendia o céu noturno melhor que ninguém, e Drew confiara a ele a ideia maluca de tentar canalizar o poder da lua. Florimo havia dito que era possível, com o devido alinhamento dos astros. Um evento lunar estava próximo, aliás, mas o tempo, infelizmente, não se encontrava favorável.

Drew olhou para Vega a seu lado. A postura do Sharklord permanecia tranquila, mas a mão no cabo da rapieira mostrava que não era bem assim.

— Quer mesmo levá-la até ele? — perguntou Drew, falando bem baixinho. Vega o encarou com uma expressão confusa.

— Quem?

— Shah.

Vega fez uma careta ao ouvir o nome dela.

— Já estou arrependido de ter feito uma promessa que posso não conseguir cumprir. O menino merece conhecer a mãe, e gostaria de fazer isso por ele. Mas se chegarmos a Bana e...

O conde não terminou a frase, mas Drew entendeu o que ele queria dizer. Shah e os demais — Beemote, Krieg, Taboo — poderiam estar mortos, assim como diversos de seus amigos, naquela guerra sangrenta. Mas Vega, considerado o flagelo dos mares e o demônio das Ilhas Cluster, no fundo era um sentimental. Mesmo contra todas as possibilidades, ainda acreditava na redenção, tentando se tornar um herói aos olhos do filho. Um reencontro entre mãe e menino seria a maior vitória da vida do Sharklord. Drew esperava poder viver para ver isso.

Mais uma vez, os uivos ecoaram pela cidade, fazendo os Fúrias que marchavam à frente estacarem. O vento levantava a poeira do chão, subindo das pedras do calçamento para castigar a pele dos homens da companhia. Mãos foram levadas aos rostos, e braços se ergueram sobre os olhos enquanto tentavam se proteger da tempestade de poeira. Drew se apoiou sobre um dos joelhos, ajeitando melhor o capuz sobre a cabeça e colando o queixo ao peito. Mesmo em meio ao zunido do vento e aos gritos frenéticos dos homens, podia ouvir os pulmões chiarem, com dificuldade para continuar funcionando. Quando tossiu, uma mancha de sangue apareceu no calçamento, junto a seu joelho.

Os uivos terríveis se elevaram ainda mais. Alguns homens saíram correndo, desorganizando as fileiras. Até mesmo alguns dos destemidos Fúrias passaram a se empurrar, trombando com os piratas do *Turbilhão* e do *Cão Vermelho*, perdendo totalmente a compostura. O Sharklord levou as mãos à cabeça, agarrando os cabelos com as palmas pressionadas contra as orelhas. Olhou para Drew, tentando compreender o poder existente naquele ruído assustador, enquanto seus companheiros batiam em retirada.

Os Fúrias que restaram permaneciam próximos de Drew e Vega, as espadas fora da bainha e prontos para enfrentar o que quer que fosse. Drew queria falar, mas sua garganta estava bloqueada, e o sangue não parava de verter. Ele tombou para o lado, despencando sobre o calçamento. Rapidamente, o conde foi até ele, segurando-lhe a cabeça enquanto seu corpo tremia e se contorcia. A visão de Drew se borrou, e o mundo ficou vermelho.

Mal notou as lágrimas em meio ao sangue enquanto Vega gritava contra o vento uivante.

— Ajudem-me! — berrava o Sharklord. — Alguém me ajude! Sosha, por favor, salve-o!

Do local onde estava caído no meio da rua, Drew conseguiu ver a névoa se agitar e tomar forma na avenida diante deles. Mesmo os Fúrias que haviam permanecido inabaláveis em meio ao terrível coro de uivos começaram a recuar, cambaleantes, alguns caindo de joelhos. Apesar da visão borrada, Drew viu quando o fantasma ganhou vida, saindo do meio da neblina e se aproximando ainda mais. Um uivo assustador saiu da bocarra aberta do espectro, que ergueu suas garras na direção deles. Em seguida, outro se materializou logo atrás, juntando-se ao primeiro na perseguição à multidão que fugia pela rua.

A última coisa que Drew viu antes de o mundo ser engolido pelas trevas foi o rosto aterrorizado de Vega, incapaz de gritar, perdendo a voz por causa do pavor que compartilhava com os humanos ao redor.



O encontro noturno

— Mais alguém considera isso um tanto heterodoxo?

O general Skean esperava o apoio de seus companheiros, mas não recebeu nada em resposta. Havia seis membros do conselho de guerra de Onyx presentes, reunidos em volta da casa de fazenda em ruínas. O barão Overmeir, o Búfalo das Planícies Dilapidadas, revirava com os dedos as trancinhas da barba. Era um grupo de número oscilante, tendo originalmente, antes de as baixas de guerra terem corroído suas fileiras, uma dúzia de membros. Havia também outros generais e nobres espalhados pela Lyssia, cumprindo as ordens do Werepanther.

— Se a Fera de Bast quer que nos encontremos aqui, então é aqui que vai ser — respondeu o general Gorgo, apoiado em uma das paredes caindo aos pedaços. — Mas, se quiser contestar Onyx, fique à vontade.

A distância, as fogueiras do acampamento de guerra bastian iluminavam as Terras Áridas, mais extenso do que nunca aos pés das Whitepeaks. Skean estava orgulhoso com o trabalho do exército do continente da selva. A guerra no norte estava praticamente ganha. A pilha de pedras em ruínas onde se encontravam costumava ser o lar do xerife Muller, o único membro humano do conselho de Onyx. O Cranelord não gostava do homem, que estava sempre querendo conquistar mais e mais poder. O fato de o autoproclamado Lord das Terras Áridas ter sido expelido no mundo justamente naquele local miserável não era surpresa nenhuma para Skean.

— Só gostaria de ser consultado mais vezes, Gorgo — rebateu o Grou, irritado como sempre com o comportamento do Hipopótamo. — Você ouviu

os boatos, não ouviu? Oba não foi o único Alto Lord a viajar para o norte... Leon está aqui na Lyssia.

— O que sugere então, Skean? — intrometeu-se Muller, sempre atrevido. — O que restou das forças dos Bearlords está batendo em retirada, escondendo-se nas Terras Áridas e nas Whitepeaks. Vamos deixá-los fugir enquanto olhamos para o próprio umbigo, esperando que os Catlords se resolvam?

— Oba e Leon precisam conversar, humano — esbravejou Skean. — Mantenha o bico fechado sobre isso. Não está vendo que seus superiores estão falando?

— Modere sua língua, Skean — retrucou Muller para o Grou, desafiando o general. — Seu lugar na mesa de Onyx é o mesmo que o meu. Sou um membro do conselho de guerra, e as Terras Áridas são *minhas*. É bom que se lembre disso.

— Milordas... — disse o barão Overmeir, mas Skean o ignorou.

— Isso é uma tentativa de ameaça, Muller? De onde você tirou tanta coragem, assim de repente? É por estar nesta pilha de entulho que você costumava chamar de lar?

Muller levou a mão à espada na cintura, mas o bico afiado de Skean já emergia do rosto fino, reluzente e mortal sob a luz das estrelas.

— Vá em frente, *xerife*; para mim, seria um prazer.

Overmeir entrou na frente de Skean, e o general Gorgo segurou Muller pelo cotovelo, puxando seu braço para trás e arrancando-lhe a mão do cabo da arma.

— Deixe estar, Muller — aconselhou o Hipopótamo. — Não permita que as palavras de meu conterrâneo irrite você. Resolva suas diferenças com ele outro dia.

— Isso mesmo — disse Skean. — Seja um bom menino e escute o general Gorgo. Pela primeira vez, ele falou alguma coisa que faz sentido.

— Pare de cacarejar, Birdlord — rugiu o Hipopótamo.

Muller e Gorgo eram dois lacaios de Onyx, refletiu Skean. Andavam sempre na linha, jamais contestando o juízo ou a autoridade da Pantera. E dava para entender o motivo, pensou Skean. O Pantherlord era um sujeito feroz, um dos guerreiros Werelords mais poderosos de todos os tempos. Gorgo era a sombra de Onyx por todos os cantos de Bast, seguindo-o em todas as suas campanhas. Era apenas um idiota condecorado, mas de valor inegável no campo de batalha. Sua força bruta, no entanto, só era capaz de

ajudar o Werepanther até certo ponto. A inteligência era indispensável para dar o golpe fatal em qualquer disputa, e Onyx no momento se encontrava desprovido disso.

— Birdlord, Gorgo? — questionou Skean. — Esse é o melhor insulto de que é capaz? Vou me lembrar disso da próxima vez que conversar com o Abutre.

Conde Costa, o Vulturelord, era o cérebro por trás de algumas das maiores vitórias da Pantera e estava ocupado procurando o rei Lucas. Skean afligia-se com o que poderia acontecer quando Costa encontrasse o Leão. Afinal, o menino ainda era o rei da Westland e Lord dos Sete Reinos. A Lyssia era de Lucas, não de Onyx, e o destino que a Pantera pretendia para o rei precisava ser considerado com cautela. Skean, por exemplo, não apoiaria nenhuma medida nesse sentido. Simplesmente não era seu papel. Um Leão era o soberano da Lyssia, e, se algum erro fosse cometido, que os riscos e as consequências coubessem todos ao Werelion.

O outro humano a acompanhar os membros do conselho de guerra era o major Krupha, sobrevivente da queda de Redmire diante dos rebeldes. Um bom sujeito, considerou Skean, e um soldado de valor. Ao contrário do linguarudo Muller, o comandante bastian permanecia em silêncio, temeroso de emitir sua opinião em companhia tão eminente. A seu lado estava a sempre tranquila Lady Giza, a Weregazelle, mantendo os grandes olhos atentos aos homens ao redor. Era o membro mais sensato do conselho de Onyx, na opinião de Skean, e só se manifestava quando tinha algo construtivo a acrescentar à discussão.

— Milordes, precisamos suspender todas as decisões de caráter militar — sugeriu o Buffalolord, tentando dissipar a tensão. — Pelo menos até que Oba e Leon se reúnam e contornem suas diferenças de alguma forma. Não suporto ver nossos senhores avançando sobre a garganta um do outro.

— Concordo — disse Skean. — Deve haver algum jeito de fazer a Pantera e o Leão se sentarem à mesa para resolver suas diferenças.

— Resolver suas diferenças? — ironizou Gorgo. — É mais fácil Onyx resolver arrancar sua cabeça ao ouvir esta conversa, Skean! Acha mesmo que o pai dele vai gostar dessa sugestão?

— Minha lealdade a meu senhor exige que pelo menos eu tente — respondeu Skean. — Foi aos Leões que os Grous das Planícies Alagadas juraram servir. Todos nós estamos a serviço dos Catlords de Bast, mas certas alianças são mais antigas e mais profundas. Precisamos ter cautela para não

tomar decisões precipitadas.

Overmeir balançou a cabeça e grunhiu em concordância.

— Podemos especular à vontade sobre como proceder — Lady Giza se manifestou por fim —, mas isso tudo é absolutamente inútil enquanto Onyx não estiver aqui. Vamos esperar para ouvir o que a Fera de Bast tem a dizer, senhores.

— Sábias palavras, milady. — A voz do Pantherlord fez-se ouvir, surgindo em meio à escuridão e provocando um sobressalto geral.

Os membros do conselho fizeram uma mesura diante da chegada de Onyx, que apareceu dos fundos das ruínas e entrou por uma parede semidestruída.

— Peço desculpas por ter me atrasado — ele falou com cautela na voz. — Precisava de ar fresco. A atmosfera no acampamento às vezes é sufocante, não acham? Uma caminhada no escuro é boa para espairecer a mente.

Skean olhou para o local de onde o Pantherlord aparecera, um território selvagem escondido pela noite. “Onde ele estava?”

— Enfim, vamos ao que interessa. Ao que parece, vocês começaram sem mim.

— Perdão — disse Skean, antes que qualquer um pudesse se manifestar. — Achemos que era uma boa oportunidade para discutir nosso... dilema atual.

Onyx suspirou, como se estivesse cansado.

— Pelo jeito, as notícias da nossa terra natal já se espalharam pelo acampamento.

— Pois é — respondeu Lady Giza. — A união foi rompida, não é?

— Em que pé estamos agora? — questionou o barão Overmeir.

— Estamos com os dois pés aqui — argumentou Muller. — Ainda existe uma guerra a ser vencida e um exército a ser comandado.

— Mas, se a união não existe mais, o que ainda mantém este exército vivo? — questionou Skean. — Não é minha intenção causar uma divisão, milordes, mas só consigo enxergar uma reconciliação como solução. Os Altos Lords Oba e Leon precisam se encontrar em um território neutro e decidir o que fazer.

— Você acha? — Onyx perguntou baixinho.

— Acho — disse Skean, apreciando o som da própria voz. Ele havia pensado seriamente no assunto e sabia que era uma sugestão razoável. — Nós dois compartilhamos o mesmo amor por Bast, milorde. Cada um de nós que veio para a Lyssia tem esse mesmo amor, enraizado durante décadas de lutas

lado a lado. Podemos até vir de reinos e regiões diferentes, mas somos irmãos bastians acima de tudo. A meus olhos, não importa se nossa lealdade a princípio era para Panteras, Leões ou Tigres. Nossa amizade supera qualquer diferença.

Onyx se virou para Skean e sorriu.

— São palavras honradas e sinceras, velho amigo — disse o Werepanther, colocando a mão no ombro do Canelord e apertando-o de leve. — Seria impossível lutar ao lado de almas tão valentes sem que um sentimento especial surgisse. Acha mesmo que nossa camaradagem é capaz de superar as diferenças entre os Altos Lords?

— Acho, sim — respondeu Skean, cheio de confiança. — Com certeza não existem desentendimentos que não possam ser resolvidos com uma boa conversa, não é?

— Então você falaria com Leon? Iria atrás dele e o convenceria a se sentar a uma mesa com meu pai?

Skean fez que sim com a cabeça, e Lady Giza deu um passo à frente.

— Gostaria de me aconselhar com meus senhores em Felos. Os Tigres também eram parte da união.

Enquanto segurava Skean com uma das mãos, Onyx deu um tapinha afetuoso no ombro de Giza.

— Faria isso, milady?

— Claro que sim, milorde, se achasse que isso ajudaria a restaurar a união — ela respondeu.

— No fim das contas — disse Onyx, balançando a cabeça —, todos nós permaneceríamos leais a nossos senhores, à Pantera, ao Leão e ao Tigre, forjando uma nova aliança com o entendimento entre os Altos Lords?

— Isso mesmo, Onyx — respondeu Skean, e Giza sorriu. — Permita-nos voltar a nossos respectivos Altos Lords com nossos pedidos, e organizaremos um encontro o quanto antes. As forças de Leon já estão concentradas no norte da Westland. Posso chegar lá antes do amanhecer se partir hoje mesmo.

— Não tenho como convencer nenhum de vocês a ficar aqui e confiar no meu julgamento de como proceder?

O rosto de Giza se contorceu em uma careta.

— Eu me sentiria um tanto desconfortável se continuássemos nesta situação.

— Exatamente — disse Skean. — As forças do Lobo estão praticamente destruídas. Deixemos que Oba, Leon e Tigara resolvam suas diferenças.

Depois disso, poderemos concluir nossa missão na Lyssia.

— E quanto a você, barão Overmeir? — questionou Onyx, olhando para o Búfalo. — Qual é a sua opinião quanto a este assunto? Iria com o general Skean atrás do Alto Lord Leon para esperar a ordem do Lionlord sobre como proceder?

Overmeir soltou um risinho de deboche e fez que não com a cabeça, fazendo a barba trançada balançar. Muller se colocou a seu lado.

— Eu vim até aqui para combater o Lobo e seus aliados — respondeu o barão. — Me diga para onde ir, Lord Onyx. Sou uma arma em suas mãos até esta guerra acabar.

A Fera de Bast voltou seu rosto sorridente para Skean e Giza, olhando para um e depois para a outra. Apertou o ombro do Grou outra vez e acariciou de leve o rosto da Gazela.

— Nós realizamos grandes feitos juntos — disse Onyx com muito orgulho na voz, e talvez algo mais. Skean se perguntou o que seria. Lamento? — E poderíamos ter feito muito mais.

Em um piscar de olhos, o mundo de Skean se tornou uma explosão de luz e dor lancinante quando sua cabeça se chocou contra a de Giza. As têmporas dos dois estalaram com um ruído terrível enquanto Onyx os batia como um par de pratos. Mesmo com o crânio partido e sangue escorrendo da cabeça, Skean convocou a fera. O rosto do aviatropo começou a se transformar, o bico emergindo de seu rosto úmido e avermelhado e atacando cegamente o Pantherlord. Suas asas se abriram, e arcadas de cartilagem de penas brancas emergiram de suas costas pela abertura da armadura.

Onyx largou a atordoada Gazellelady, concentrando-se em se esquivar do bico afiado de Skean. Ele se desviou para um lado e para o outro e então o agarrou, antes que pudesse atingi-lo. O Cranelord sentiu o bico estalar sob a força da Pantera. As mãos do Catlord já tinham se transformado em garras para deter o ataque de Skean. Ele bateu as asas, tentando levantar voo para se libertar. Seus pés se ergueram, as unhas grandes também entrando em ação. A pressão da Fera de Bast em seu bico começou a se aliviar. A Pantera soltou um grunhido ao saltar, passando por cima da cabeça do Grou e arrancando algumas penas brancas de seu ombro. As garras do Werepanther entraram fundo, rasgando tendões e quebrando ossos da asa do general. O bico de Skean enfim estava livre, e então um grito horrorizado escapou da garganta estreita do Grou quando uma das elegantes asas foi arrancada de suas costas.

Impossibilitado de uma fuga aérea, o Cranelord aleijado foi jogado para

longe, chocando-se bruscamente contra a parede semidemolida antes de ir ao chão. Com a visão ainda borrada e sentindo as costas em chamas, respirou fundo pelo bico outrora poderoso, mas agora fraturado e ferido. O instinto de sobrevivência, contudo, falou mais alto, fazendo Skean se levantar de novo para não ser pisoteado. Uma fileira de vultos emergiu da escuridão à frente da construção dilapidada, os elmos reluzindo sob as estrelas, as plumas de crina de cavalo oscilando sob a brisa. Quando os Elmos-Dourados entraram, Skean viu Muller se aproximar com a lâmina em punho e um sorriso no rosto. O Grou de repente se viu correndo, cambaleando rumo aos fundos da construção. Passou por Lady Giza ainda imóvel, a boca aberta. O major Krupha estava logo atrás dela, atravessando a barriga da Weregazelle com a espada. Overmeir observava tudo com uma expressão atordoada. O rosto escuro do Búfalo estava pálido, a barba trançada se agitando com o ranger de seus dentes. Gorgo estava a seu lado, uma das mãos em seu ombro.

— Você agiu bem, caro barão — grunhiu o Hipopótamo enquanto Skean fugia a passos trôpegos das ruínas, retomando a forma humana, com o xerife em seu encalço.

— Deixe, Muller! — gritou Onyx. — Deixe que ele fuja e descubra o que suas Terras Áridas lhe reservam!

“Para onde irei? Para onde poderei fugir?” O Grou sentia o sangue jorrar de suas costas, descendo pela carne e deixando um rastro no chão atrás de si. Se desse meia-volta e retornasse ao acampamento, talvez encontrasse seus irmãos à espera. “Aliados numerosos, Skean, essa é a solução.” Olhou para trás enquanto corria, mas não viu nada, apenas ouvia seu coração bater como um tambor, ressoando em sua cabeça machucada. Muller havia mesmo permitido que escapasse? Onde estariam os outros? Não estavam em seu encalço?

O Canelord virou a cabeça pouco antes de tropeçar em uma pedra, que o lançou em direção ao céu noturno. Saiu rolando pelo solo em meio a uma chuva de pedras. O mundo de Skean tombou enquanto ele desmoronava por uma encosta. Quando enfim parou, na base da elevação, ergueu o rosto ferido e piscou algumas vezes para tirar o sangue dos olhos. Corvos o sobrevoavam, grasnando sem parar. Sentiu o ar entalar na garganta cheia de poeira.

Onyx não perdera tempo. O fundo da vala estava tomado por corpos de inimigos do Werepanther abatidos, empilhados uns sobre os outros. Skean viu que a maioria usava mantos vermelhos, e pelas insígnias eram oficiais de alta patente da Guarda Leonina. Havia um ou outro Werelord tombado,

chifres, presas e asas retorcidas despontando em meio à massa de cadáveres. Vultos escuros caminhavam entre os caídos, Mantos-Negros da Guarda Vermiriana que tratavam de exterminar eventuais sobreviventes. Skean logo reconheceu o senhor daqueles homens, o Ratlord Vanmorten, vindo em sua direção.

Vanmorten se agachou ao lado do Canelord caído, que cuspiu poeira no chão. O capuz do manto do Ratlord caiu para trás, e seu rosto grotesco apareceu, iluminado pelas estrelas. O lado esquerdo de sua face estava carbonizado, e o direito, sem carne. Seu crânio brilhava sob a luz fraca. Ele estendeu a mão, e em meio à profusão de cicatrizes, já era possível ver as garras do Wererat aparecendo. Quando elas se encravaram no couro cabeludo de Skean, Vanmorten já estava totalmente transformado, os dentes afiados sedentos por entrar em ação, os olhos rosados arregalados de deleite.

— A Fera de Bast sempre me mantém ocupadíssimo — sibilou Vanmorten. — Um aliado leal sempre tem trabalho a fazer.

Skean tentou falar, implorar por misericórdia, mas sua garganta estava repleta de sangue e poeira. Só conseguiu gemer quando o Wererat cravou os dentes em seu pescoço, concluindo o que Onyx começara.

PARTE III

Sangue derramado





1

De passagem

O quarto estava quase da mesma maneira de que ela se lembrava, mas, como todos os lugares dos Sete Reinos, apresentava as marcas causadas pela guerra. As cortinas de renda ainda estavam penduradas na cama de quatro colunas, com plantas e folhagens bordadas em toda a sua extensão. A porta do quarto de vestir anexo estava entreaberta. Quando ela era pequena, o local ficava repleto de todo tipo de trajes, mas naquele momento havia apenas alguns vestidos pendurados, bem menos sofisticados do que era o costume para as ladies da Lyssia. Caixas de joias e frascos cravejados de pedras preciosas costumavam ficar sobre a penteadeira, contendo braceletes, pulseiras e perfumes de todos os Sete Reinos, coisas que uma menina guerreira como ela nunca chegara a usar. Não havia mais nada disso por lá; fora tudo perdido na ocupação de Brackenholme pelos Wyldermen. As portas da varanda estavam escancaradas, e o som da cidade surgia mais abaixo, elevando seu estado de espírito. O sol de verão iluminava todo o aposento. Havia flores nos vasos de porcelana, oferecidas como presente para celebrar sua volta para casa. Apesar da beleza dos buquês e arranjos, os olhos de Whitley estavam fixos na colcha que usava desde a infância e na seleção de armas espalhadas sobre a cama.

Havia um par de facas de caça, as lâminas recém-amoladas refletindo os raios do sol. Seu arco estava posicionado logo ao lado, a corda nova esticadíssima. Uma aljava carregada estava pendurada nas costas da cadeira, contendo uma boa quantidade de flechas, as penas da parte posterior ainda intactas. Seu bastão de combate vinha por último, estendido sobre a cama,

ocupando todo o espaço desde o pé do móvel até os travesseiros, as pontas de ferro limpíssimas. Suspirou ao admirar as armas, que em nada combinavam com o ambiente do quarto. Aqueles eram os aposentos de uma princesa. Obviamente, ela ainda era uma Werelady, filha do Bearlord de Brackenholme, mas o caminho que seguira a obrigara a deixar todos os luxos para trás. Era uma batedora dos Sentinelas da Floresta, e das boas — pingentes e tiaras não faziam parte de sua rotina. As facas, o arco e o bastão, essas sim eram as ferramentas de trabalho de Whitley.

Uma batida à porta a fez se virar abruptamente para a entrada do quarto.

— Entre.

Para sua surpresa, não foi sua mãe quem entrou. A duquesa Rainier passara os últimos dois dias tentando convencê-la a permanecer na cidade; a não sair do Reino da Floresta. Qual mãe gostaria que sua filha fosse para a guerra, para provavelmente nunca mais voltar, ainda mais sendo a única que lhe restava? Mas Whitley não podia ceder. Seu irmão fora assassinado pelos Catlords, e seu pai estava desaparecido — e talvez morto — em algum lugar no continente. A jovem era a única ursinotropa de Brackenholme ainda de pé. Seu povo recorria a ela em busca de um exemplo a seguir, e ela não os decepcionaria. Whitley abriu um sorriso forçado quando seus visitantes entraram no quarto.

— Está tão ansiosa assim para ir embora de novo? — questionou Yuzhnik, conduzindo Baba Soba para dentro do cômodo. O gigante romari fazia o papel de guia para a anciã cega; estava sempre com ela, parecendo ainda mais forte fisicamente ao lado de uma velhinha tão frágil.

Whitley e Yuzhnik tinham se tornado amigos desde que haviam se conhecido em Cabo Gala muito tempo antes — ele era uma das poucas pessoas nos Sete Reinos a quem Whitley confiaria a própria vida e a de seus entes queridos.

— Já fiquei tempo demais aqui — disse Whitley, estendendo a mão para apanhar as facas. — Os homens e os cavalos estão descansados e alimentados, e temos provisões para a viagem. A estrada Dymling nos espera.

Desde que a cidade fora retomada dos Wyldermen, depois do ataque conjunto de diversas tribos, o povo nômade dos romaris havia se fixado em Brackenholme, algo inédito na história de uma comunidade de hábitos itinerantes. Uma das cinco Grandes Árvores, a Faia Rainha, sucumbira ao fogo que se espalhara pela cidade. Os habilidosos romaris, no entanto, tinham transformado seu tronco queimado e retorcido em uma peça de arte,

entalhando os heróis da batalha de Brackenholme na madeira chamuscada. Quando voltara para casa, Whitley ficara comovida ao ver as representações do músico Stirga e de Rufus Rubro, o falecido Hawklord, entre eles. Trabalhando ao lado do povo do Reino da Floresta, os romaris haviam se empenhado na reconstrução da cidade, patrulhando as estradas ancestrais que cortavam a Dyrewood e tornando o mundo um lugar um pouco mais seguro. A ameaça de um ataque por parte dos Wyldermen persistia — eles ainda estavam espalhados pela grande floresta, lambendo suas feridas —, mas por ora Brackenholme, aparentemente, era o lugar mais seguro da Lyssia para os aliados do Lobo.

— Precisa mesmo ir? Não pode mandar ninguém em seu lugar? — perguntou o homem.

— Foi minha mãe que mandou você falar comigo? — rebateu Whitley, prendendo as lâminas no cinturão. — Não seria surpresa nenhuma se ela estivesse recrutando outras pessoas para isso.

— Essa foi a pior tentativa de fugir do assunto que já vi na vida — comentou Yuzhnik. — Vou perguntar de novo: não pode mandar alguém em seu lugar?

— Não, não posso — ela respondeu, pegando o manto verde que estava sobre a cama. Jogou-o sobre os ombros e prendeu o broche com a cabeça do Lobo sob o queixo. — Os Sentinelas da Floresta precisam de mim, velho amigo. Precisam de alguém de Brackenholme para guiá-los nesta guerra.

— Eu já fiz minha parte — grunhiu Yuzhnik, e Whitley soltou um suspiro de alívio por entre os dentes cerrados. “Que bom. Será que agora poderei ir embora?”

A mão de Soba se ergueu de forma inesperada, segurando Whitley e puxando-a para perto. O rosto dela era enrugado e manchado, a superfície sulcada, como a de uma maçã ressecada. Os olhos da Baba de repente apareceram, um par de globos oculares opacos. O rosto de Whitley se franziu, ficando ela apreensiva com o fato de a sábia parecer olhar diretamente para sua alma.

— A morte aguarda por você no norte, criança. Uma batalha como nenhuma outra vai acontecer. Se o Lobo vai sobreviver ou não, eu não sei dizer, mas muitos hão de morrer. Aqueles que o Lobo ama vão perecer antes que o último golpe seja desferido.

— Aqueles que o Lobo ama? — questionou Whitley, a voz aguda, tensa e alarmada. — Todos nós?

A romari suspirou.

— Aqueles que o Lobo ama vão morrer. Vai ser irmão matando irmão. A morte vai encontrar Drew Ferran.

— Já entendi o que está tentando fazer — disse Whitley, irritada. — Você e minha mãe se uniram contra mim, para me manter aqui. Agora está tentando me assustar, para me impedir de ir. Não está funcionando, Baba. Vim até aqui com os Werelords das Longridings para conseguir mais aliados para o Lobo, para então ir em seu auxílio no leste. Drew precisa de mim. Eu...

— *Você precisa dele* — interrompeu a Baba. — As preocupações de sua mãe com você são problema dela, menina; eu vim até aqui por iniciativa própria. Não estou tentando dissuadir ninguém. Deixei para Yuzhnik esse papel. — Ela apertou a mão dele, e o gigante fez uma careta.

— Então por que me dizer essas coisas? — questionou Whitley, um tanto sem fôlego, apanhando o bastão de combate.

A Baba sorriu.

— Você sempre vai atrás dele. O amor é um sentimento poderoso, não é?

Whitley estremeceu, sentindo-se absolutamente exposta diante da sábia. As palavras de Soba pareceram derrubar suas barreiras, dissipando os medos infantis que a tinham feito esconder seu relacionamento com o jovem Lobo por tanto tempo. Whitley jamais se sentira tão consciente de seus sentimentos por Drew, e a sensação era ao mesmo tempo nauseante e avassaladora.

— Ah, é mesmo, Baba — ela murmurou, os olhos cheios de lágrimas. — Sou apaixonada por ele e vou lhe dizer isso se voltar a vê-lo... — Ela balançou a cabeça, incomodada. — *Quando* voltar a vê-lo. Brenn há de nos juntar nos braços um do outro de novo.

Mais pessoas apareceram à porta de repente. A duquesa Rainier estava com cara de poucos amigos, com um Manto-Verde de meia-idade atrás de si.

— Você vai partir mesmo? — perguntou a mãe de Whitley.

— Preciso ir, mãe — ela falou, virando-se para a duquesa. — Sou uma comandante dos Sentinelas da Floresta e herdeira de Brackenholme. É minha obrigação.

— Mas seu tio Redfearn...

— Vai ficar a seu lado e proteger a cidade. Mas, se ele puder me ceder alguns de seus melhores guerreiros, não vou recusar. — Whitley se dirigiu ao oficial dos Mantos-Verdes. — General Harker, por favor, avise nossos aliados que estão na cidade: o duque Brand, Lord Conrad, o barão Eben, o

capitão Ransome e todos os demais. Diga para prepararem seus guerreiros. Partiremos em uma hora.

— Como quiser, milady — disse Harker, fazendo uma mesura antes de se virar e desaparecer nos corredores do palácio. Whitley o observou por um tempo, antes de se virar para Rainier. A duquesa estava aos prantos, incapaz de conter as lágrimas.

— Não vá, Whitley.

A filha se aproximou da mãe, apoiando o bastão na cama por um instante.

— Eu preciso — ela falou, acariciando o rosto da duquesa. — Drew precisa de mim.

Whitley sentiu a mão de Baba Soba sobre seu ombro por cima do manto. Ela o apertou de leve com a mão ossuda em um gesto de conforto.

— Vamos, Yuzhnik — disse a Baba. — Vamos deixar mãe e filha a sós.

O gigante romari conduziu a velha vidente para fora do quarto, fechando a porta atrás de si a fim de deixar Whitley nos braços de Rainier. Whitley a abraçou com força, afundando o rosto no pescoço da mãe, temendo que, caso a largasse, pudesse encontrar a morte ainda mais depressa.

— Trate de voltar para mim — soluçou Rainier.

— Vou tentar, mãe — murmurou Whitley contra a garganta da mãe, em meio aos cabelos ruivos de Rainier. — Com a ajuda de Brenn, vou tentar.



2

No limite

O Salão de Redmire testemunhara a presença de alguns hóspedes improváveis em anos recentes. Antigo lar do barão Huth, o Boarlord, a mansão fora tomada por seu filho Vincent depois da morte terrível do pai. Esse morador não havia ficado lá por muito tempo, abandonando o trono ancestral de Redmire em meio a uma nuvem de controvérsias e contas a acertar. Em seguida viera Vorhaas, o Ratlord, tomando posse do salão em nome do rei Lucas e comandando a Guarda Leonina na invasão das Dalelands. Sua estadia fora interrompida por Lady Gretchen e seus Rapineiros de Hedgemoor, entre eles, Trent Ferran. A dupla e seu grupo haviam ficado na mansão por pouco tempo antes de pegar a estrada outra vez. Então tinham vindo Lucas e seus Lobos Selvagens, em busca da jovem que um dia lhe fora prometida em casamento, incendiando tudo o que encontrava pela frente em um frenesi homicida. Dois daqueles homens monstruosos agora residiam no Salão de Redmire, ocupantes bem diferentes dos nobres Boarlords que eram os verdadeiros donos do lugar. Aqueles eram senhores de outro tipo, que só dominavam a linguagem da morte, da decadência e da destruição.

O ninho dentro da carcaça que sobrara da mansão era um lugar grotesco, atulhado de ossos partidos e envolto por moscas. Restos humanos se misturavam aos de animais. Alguns corvos reviravam essa pilha, tentando encontrar pedaços de carne ainda comestíveis. Os animais Wyldermen escondiam-se nas sombras mais ocultas. Qualquer que tivesse sido a magia negra à qual haviam se submetido, estavam transformados em monstros de

maneira irreversível. Eram criaturas da noite agora, que evitavam a luz e caçavam sob o luar.

Trent, sob os raios de sol, mantinha certa distância deles, a Wolfshead em punho. Ele e Milo haviam sentido o rastro de dois deles no ar alguns dias antes e os tinham seguido até Redmire. Haviam dado aos Lobos Selvagens um tempo para se acomodarem depois da caçada da noite anterior, esperando até que dormissem. Um estava encostado na parede, coberto por uma pele de urso esfarrapada e infestada de larvas e vermes. O outro estava encolhido sobre uma pilha de ossos ao lado de um buraco no chão, sem se importar com a precariedade de seu leito junto à passagem que levava aos porões.

Um sentimento de repulsa percorreu o Cavaleiro Lupino ao observar o local onde descansavam os desfigurados Wyldermen depois de terem se refestelado com só Brenn sabia o quê. Era esse o destino que esperava por Trent? A raiva o consumiu nesse momento, ao pensar no que a vida lhe reservara. Olhou para Milo e balançou a cabeça. O menino se remexeu apreensivamente enquanto Trent ajeitava melhor a empunhadura da Wolfshead. Cada um tinha seu alvo. Com um aceno de cabeça, entraram em ação.

Trent avançou com cuidado em meio às dezenas de ossos que cobriam o chão entre ele e as feras adormecidas. Uma rápida olhada para Milo revelou que o menino se dirigia para o lobisomem junto à parede, segurando a espada curta com as duas mãos. Concentrando-se na própria rota em meio aos detritos, Trent deu mais alguns passos cautelosos, posicionando-se a poucos metros do inimigo. Mais uma vez, olhou para Milo. O progresso do Staglord era um pouco mais lento, em uma abordagem mais receosa tendo em vista adversários muito maiores e mais letais que ele. O garoto olhou para Trent e abriu um sorriso apreensivo. Em seu rosto pálido e suado, o medo era mais que evidente. Uma movimentação a seus pés fez Milo se sobressaltar e atacar instintivamente. O corvo pulou para longe com um grasnado, pousando em um par de ossos precariamente equilibrados e espalhando-os pelo chão com grande alarido.

O tempo ficou mais lento.

O monstro ao lado da parede se levantou e saltou na direção do jovem Cervo. Seu companheiro despertou de forma mais vagarosa. Trent foi obrigado a decidir rápido: devia despachar o próprio oponente ou ajudar o menino? Antes que pudesse atacar Milo, a fera foi arremessada contra a parede pelo ombro esquerdo de Trent. A espada escapou das mãos do garoto

com o impacto, e os dois saíram rolando pelo chão em luta corporal. O jovem Cavaleiro Lupino arranhou o rosto da criatura com as mãos espalmadas, concentrando suas investidas na cabeça.

Suas mãos encontraram os olhos do oponente, que os fechou com força, tentando resistir à tentativa do Manto-Cinza de cegá-lo. O monstro cravou as garras em seus antebraços, na intenção de fazê-lo ceder. A pele foi arrancada, e sob as trincheiras ensanguentadas era possível ver músculos trêmulos. Os dois rolaram no chão, e a criatura tentou em vão se livrar de Trent enquanto os ossos espalhados estalavam e se esfarelavam sob seus corpos.

O segundo monstro já estava de pé a essa altura, saltando sobre o jovem Staglord, mas Milo estava preparado. Podia ter se comportado como um tolo em um primeiro momento, mas não cometeria o mesmo erro outra vez. O menino rosnou ao ir de encontro à fera do outro lado do salão em ruínas, as galhadas projetadas da cabeça e a espada bem firme nas duas mãos. O lobisomem tentou desviar a trajetória da lâmina, perdendo dois dedos imundos no processo. Com isso, porém, o horrendo lobisomem conseguiu uma brecha para agarrar Milo pelo peito. Os dois foram ao chão, onde buscaram a melhor posição para desferir um golpe fatal.

O oponente de Trent gritou quando as garras do jovem enfim se cravaram em seus olhos. A fera cambaleou para trás, cega e ferida, espalhando mais ossos da pilha pelo chão de pedra. Apesar de não dispor mais da visão, o Lobo Selvagem ainda contava com seus outros sentidos, saltando assim sobre o Manto-Cinza, que ainda estava no chão. Seus olhos, porém, teriam sido úteis. Quando a fera aterrisou sobre Trent, com as garras estendidas, encontrou os pés do Cavaleiro Lupino na altura do peito. Trent estava pronto para o ataque e equilibrou a criatura nas solas como um acrobata de circo. Ao estender as pernas, arremessou o monstro para a escuridão do porão mais abaixo pelo buraco no chão.

Trent ergueu a cabeça e viu Milo e o outro lobisomem em plena batalha. O menino tentou atingir a fera com uma cabeçada, mas o horrendo licantropo o esmurrou no queixo antes que as galhadas o acertassem. A cabeça do garoto foi lançada para trás, atingindo o chão de pedra, e o monstro voltou a atenção para sua garganta. Antes que os dentes da fera pudessem atingir o alvo, Trent a segurou pelos ombros e a puxou para longe do jovem Cervo. O lobisomem desferiu uma cotovelada, atingindo o Cavaleiro Lupino no plexo solar e fazendo-o desabar como um castelo de cartas. Trent não conseguia respirar, sentindo todo o ar ser expulso dos pulmões. Ficou paralisado, de joelhos

sobre a sujeira do chão.

O monstro olhou para trás com um sorriso amarelo repleto de dentes afiados e serrilhados no rosto deformado. Sua pelagem estava coberta de sangue e excrementos, além de restos de penas sob a cabeleira, que um dia o haviam identificado como um Wylderman. Com uma risadinha, a atenção do lobisomem se voltou de novo para o jovem Staglord, preparando-se para pôr um fim à vida do menino. Sua risada terrível, no entanto, foi interrompida de forma abrupta. O Lobo Selvagem grunhiu e estremeceu, caindo de joelhos diante do jovem Cervo antes mesmo de Trent recuperar o fôlego. O monstro tombou para a frente e caiu sobre o chão de pedra, tendo um fêmur humano cravado na barriga. Milo ficou de pé, as palmas abertas depois de largar o osso lascado, uma expressão de incredulidade estampada no rosto.

— Bom garoto — murmurou Trent, recobrando os sentidos.

Um grunhido gorgolejante surgiu da entrada do porão, emergindo da escuridão mais abaixo. Os dois trocaram um olhar de preocupação. Trent ficou de pé. Milo disparou pelo salão para pegar as espadas e passou a Wolfshead para o amigo. Trent pegou a arma e se voltou para o buraco no chão.

— Fique atrás de mim e se prepare para o que der e vier — disse a Milo, começando a avançar com cautela.

O Wylderman cego não parecia mais tão monstruoso, encolhido dentro do porão escuro. Por algum motivo, parecia mais humano e menos bestial que antes. Estava estatelado no chão, o pescoço retorcido em um ângulo bizarro, soltando um gemido gorgolejante. Mesmo com a pouca luz, era possível constatar que seu pescoço estava quebrado. Trent se posicionou na beirada do buraco e pulou lá para baixo, aterrissando ao lado do lobisomem ferido. As órbitas vazias perscrutaram o espaço ao redor enquanto Trent se ajoelhava junto do monstro, aproximando o rosto do dele.

— Você já foi humano um dia — disse o jovem da Costa Gélida. — Me diga o que preciso saber, e acabarei com seu sofrimento.

A fera moveu a boca, e seu focinho estremeceu enquanto tentava articular as palavras.

— Você... como eu... — O monstro ainda conseguiu dar risada, e um chiado terrível escapou de seus lábios.

— Onde está seu senhor? Onde posso encontrar Lucas?

A risada continuou, ficando mais fraca à medida que a vida se esvaía do corpo do monstro. Trent sacudiu os ombros da fera, mas a risadinha grotesca

continuou. O lobisomem estalou a língua antes de emitir mais palavras guturais.

— Banhado... — ele gorgolejou. — Limite...

— Como assim? Do que você está falando? — Trent encostou a Wolfshead no pescoço da fera. — Quer ser banhado de sangue pela minha espada, é isso?

A alma atormentada que um dia fora um Wylderman soltou sua última palavra:

— Banhado...

O monstro ficou imóvel, e sua língua se estendeu para fora da boca de dentes afiados. Trent esmurrou o peito da fera e soltou um grito de frustração. O grito se transformou em uivo enquanto ele esvaziava sua alma, amaldiçoando as palavras do Lobo Selvagem.

— Banhado, limite — disse Milo lá de cima, a voz baixa e aguda. — Limite do banhado.

Trent engoliu as lágrimas e ergueu a cabeça em direção à luz. O jovem Cervo estava acorocado junto ao buraco, os olhos faiscando.

— Limite do banhado — ele repetiu, dessa vez com mais confiança. — Hedgemoor, Trent. Lucas está em Hedgemoor.



Filho Cinzento

Drew não fazia ideia de onde estava. Deitado em uma pilha de peles de animais, sentia uma pelagem macia e quentinha sob o corpo. Um vento gelado soprava sobre ele, e um cheiro inconfundível de sal pairava no ar. Sabia que estivera dormindo, um sono atormentado pelos fantasmas de seus entes queridos. “Ainda estou sonhando? Minha mente está me pregando uma peça?” O mundo estava envolto em brumas, inacessível a seus olhos enevoados.

Quando sentou, Drew ficou surpreso ao notar uma figura na semipenumbra se movendo em sua direção. Sua pele cor de marfim reluzia sob o luar, e os olhos acinzentados faiscavam, observando-o atentamente enquanto ele se levantava. O rosto tinha uma aparência mais jovem que o de Drew, mas os cabelos eram brancos, enfeitados com pequenas conchas, contas e penas. Ela usava um manto marrom de pele com pelos mais escuros em torno do capuz, que estava tombado para trás, revelando seus ombros pálidos.

Em uma das mãos, carregava um cajado claro cuja madeira lembrava a encontrada na Costa Gélida, penas e ossos adornando o objeto. A outra mão desceu pelo rosto dele e depois pelo tronco, onde parou, ficando a poucos milímetros do ferimento em sua barriga. Em seguida, ela o tocou, produzindo uma sensação energizante em seu abdome.

— Vejo que já está melhor, Filho Cinzento — ela comentou.

— Melhor? — Ele olhou para a cama de peles de animais sobre a rocha.

— Você estava quase nos braços de Brenn quando o encontramos na beira do rio. Mas agora recobrou suas forças. O que o corrompia foi removido. —

Automaticamente, Drew levou a mão à barriga, abrindo a camisa e olhando para baixo. A ferida não estava mais amarelada, e a pele já cicatrizava.

— Você é uma curandeira, como meu amigo Hector?

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

— Não sou *nem um pouco* como seu amigo Hector.

Drew sentiu que a menção ao Boarlord não fora bem recebida. Ao que parecia, sua reputação sórdida já chegara a Shadowhaven.

— Mas é uma magíster?

— Não, Filho Cinzento. Sou uma vidente.

— O que aconteceu com meus amigos?

A menina de cabelos brancos inclinou a cabeça e o encarou com uma expressão de curiosidade.

— Você faz muitas perguntas, Filho Cinzento.

— Por que está me chamando de “Filho Cinzento”?

— Mais uma pergunta.

Drew balançou a cabeça. Havia algo familiar naquela menina que ele não conseguia identificar, o que o incomodava quase tanto quanto o comportamento exótico dela.

— Você não é como eu esperava — ela comentou. Seus olhos grandes lhe pareceram menos inocentes então, e mais maliciosos. — Pensei que o Filho Cinzento fosse um gigante, como nas histórias que contam sobre ele.

— Você continua falando “Filho Cinzento” — ele disse. — O que isso quer dizer?

— Você é filho de Wergar, não é? O último descendente do Lobo Cinzento da Westland. Para um rei, você não é nada imponente, além de estar bem maltratado.

Drew ficou perplexo.

— Escute, menina, não sei quem você é nem o que faz, mas estou cansado dessa sua conversa. Sou seu prisioneiro? Onde estão meus homens? A quem devo agradecer por ter curado meu ferimento? Se não vai responder às minhas perguntas, traga aqui alguém que possa fazer isso!

A menina arqueou as sobrancelhas, e um sorriso apareceu em seu rosto pálido.

— E como é mal-humorado! Isso, você herdou do seu pai, eu acho...

Ele levantou a mão, segurando-a pelo pulso e envolvendo a cintura dela com o braço. O cajado foi ao chão quando Drew a puxou para junto de si. Ele rosnou, mostrando os dentes. Mas, se esperava intimidá-la e fazê-la parar

com seu comportamento infantil, não estava dando certo. Ela se limitou a encará-lo, sem se alterar.

— Solte a menina se não quiser perder a outra mão.

Drew se virou para a direita ao ver um vulto surgir na neblina. Bem mais alto que ele, o recém-chegado usava um manto parecido com o da menina. Seus cabelos brancos estavam soltos e caídos sobre o rosto, e seus dentes, cerrados em uma expressão determinada. À primeira vista, Drew achou que portava um cajado, a ponta direcionada para ele. Quando o homem se aproximou, porém, a lâmina branca e afiada da lança apareceu sob a luz fraca, voltada para o jovem Wolflord.

— Você vai baixar a lança? — questionou Drew, sem tirar os olhos do estranho, os braços ainda envolvendo o corpo da menina.

— Você vai soltá-la? — Ele era alguns anos mais velho que Drew e tinha uma voz grave de barítono, que retumbava no peito largo.

— O que você fez com meus amigos e meus pertences? Sou seu prisioneiro?

— Você não é um prisioneiro, Filho Cinzento — disse o jovem grandalhão. — E seus pertences estão em segurança.

— Quero ver meus amigos!

— E eu quero vê-lo demonstrar alguma confiança em nós — grunhiu o guerreiro, agitando a lança de ponta branca e afiada. — Afinal, somos parentes.

Os olhos de Drew percorreram a névoa, tentando encontrar algum sinal que indicasse sua localização. Deu um passo para trás, constatando estar na beirada de um precipício. Como poderia confiar naquela dupla tão peculiar? Estava com os Fúrias e o Sharklord em Roby — era essa sua última lembrança. E do que aquele sujeito estava falando?

— Parentes? — questionou Drew, afastando-se um pouco da beirada.

A menina ergueu a cabeça junto ao peito dele. O focinho protuberante de um Lobo branco o encarou, fazendo com que Drew a soltasse imediatamente. Seu pé ficou suspenso no ar quando deu um passo para trás, e ele sacudiu os braços, perdendo o equilíbrio. Ao olhar por cima do ombro, entreviu águas revoltas e pedras pontiagudas em meio à névoa.

As garras da menina seguraram sua mão, e os dois se viram abraçados de novo na beirada do precipício, as ondas soando mais abaixo. Ela estendeu a outra mão para trás, segurando a lança que o homem lhe entregava. Os três ficaram assim por um instante, uma cadeia de membros interligados, antes

que a gravidade e a força bruta agissem. Drew sentiu seu corpo ser puxado para o ar, e instantes depois se viu suspenso nos braços do Lobo branco. O guerreiro grunhiu, todos os músculos do corpo tensionados enquanto os transportava para o outro lado da ribanceira.

Antes que Drew pudesse recuperar o fôlego e enquanto a menina rolava para longe, a ponta da lança do homem encostou em sua garganta, logo abaixo do pomo de adão.

— Mikotaj, não! — gritou a jovem licantrófica, aparecendo atrás do enorme guerreiro. Ela já tinha voltado à forma humana, mas ele estava em plena transformação. Drew viu o rosto do homem se retorcendo e a pelagem branca surgindo em sua pele quando o focinho começou a aparecer. Os olhos cinzentos assumiram um tom amarelado, concentrados em Drew com uma determinação mortífera. Ele sentiu a ponta da lança espetar sua pele, com o inconfundível tom de branco do aço encantado sturmiano, capaz de matá-lo em um piscar de olhos. A mão da menina pousou no ombro largo de Mikotaj, e ela levou o rosto ao ouvido lupino do guerreiro.

— Não, irmão — murmurou.

— Você não vai querer causar aborrecimentos a Morte Branca, Drew.

Os três se viraram para o precipício, de onde o conde Vega surgira em meio à névoa em dissipação. O Sharklord sorria, os olhos bem abertos.

— Morte Branca? — questionou Drew sob o olhar hostil do gigantesco licantrófico.

— É assim que os inimigos o chamam — informou Vega. — Acho melhor pararmos um pouco para esfriar a cabeça, milordes e milady. Principalmente você, Mikotaj. Pelo jeito está um tanto furioso, não?

Mikotaj rosnou mais uma vez antes de afastar a lança do pescoço de Drew, e suas feições aos poucos foram voltando ao normal. O conde se colocou entre os dois e ajudou Drew a se levantar.

— Devo desculpas ao Filho Cinzento, conde Vega — disse a menina, os olhos grandes brilhando em virtude de um sentimento que parecia ser vergonha. — Meu jeito brincalhão sempre acaba me colocando em enrascadas.

— Pode me chamar de Drew — disse o jovem Wolflord, passando a mão no corpo para espanar a sujeira do chão. — Eu também peço desculpas. Acho que perdi meu senso de humor faz um tempo.

— É melhor perder isso do que a cabeça — grunhiu Mikotaj, virando o pescoço e realinhando a coluna vertebral com um estalo bem alto. —

Desculpas à parte, trate de nunca mais encostar um dedo sequer em Miloqi.

— Você é um irmão dos mais protetores.

— Você também seria, se tivesse alguém tão precioso em sua vida.

Drew se pegou pensando em Whitley de novo. “O que eu faria para protegê-la do perigo?” Era uma lista quase sem fim.

— Mikotaj e eu somos os últimos Lobos brancos de Shadowhaven — explicou Miloqi, justificando as palavras carregadas de emoção de seu irmão.

— Como pode ter tanta certeza disso? — questionou Vega. — Ouvi dizer que existem outros circulando pelas Whitepeaks.

— Nunca encontramos nenhum — disse Mikotaj.

— O Leão destruiu o espírito de nosso povo muito tempo atrás — acrescentou sua irmã. — Aqueles que costumavam chamar Shadowhaven de lar se espalharam por Sturmland. Leopold deixou cicatrizes profundas, transformando nossa grande cidade em uma pilha de destroços incendiados.

— Minha mãe, a rainha Amelie, é de Shadowhaven — disse Drew, incapaz de esconder sua empolgação ao revelar esse fato. — Vocês não estão sozinhos.

— Agora estamos — respondeu Mikotaj, amargurado.

Drew não entendeu o que ele queria dizer. Olhou para o gigante e em seguida para Vega, que baixou a cabeça, evitando o olhar do Wolflord. Miloqi era a única a continuar encarando Drew, os olhos grandes repletos de tristeza.

— Lamento muito, Filho Cinzento, mas a rainha morreu.

— Estamos sozinhos mesmo — disse seu irmão.

— Morreu? — questionou Drew, com o corpo imóvel, mas a cabeça girando sem parar. — Como assim?

— Não sabemos os detalhes, mas infelizmente ela encontrou seu fim em Icegarden — contou a menina. — Seu uivo foi ouvido até em Shadowhaven.

— Como é possível? São centenas de léguas de distância!

— Existem magias ancestrais no mundo, Filho Cinzento, e cada tipo de Werelord tem a sua — falou Miloqi. — Os chamados de um Werewolf podem vir de diversas formas. Pode ser um uivo de conclamação à batalha, que mobiliza um exército. Pode ser um uivo de lamento, de gelar o sangue, que apavora qualquer inimigo. E pode ser um grito de morte carregado pelo vento que atravessa montanhas inteiras até encontrar seus destinatários.

Drew balançou a cabeça, incapaz de aceitar a morte de Amelie. Havia muitas coisas que esperava poder fazer com ela, e tantas outras que gostaria

de lhe contar. Agora mais isso fora arrancado dele.

Vega pigarreou.

— Venha. Vamos conversar enquanto andamos. — Ele avançou ao longo da beirada do penhasco, dirigindo-se para o caminho pelo qual subira, e os outros três saíram em seu encalço.

— Você conhece esses Lobos brancos? — murmurou Drew. — Estava falando como se fossem velhos amigos.

— Conheci o pai deles; os dois eram crianças na última vez que nos vimos. Mas tive alguns dias para me acostumar com a companhia deles enquanto você convalescia. São anfitriões generosos, apesar desses modos peculiares. Você passou mal, Drew, ficou terrivelmente doente devido ao veneno de Scorpio. Só está vivo por causa de Miloqi. A magia dela salvou sua vida.

Drew olhou para trás, para os Lobos brancos, incomodado com o comportamento debochado da curandeira e de seu irmão irritadiço.

— Por favor, me diga que você também tem boas notícias sobre o restante do mundo.

— Algumas — disse o conde. — Mikotaj ouviu dizer que os sobreviventes de Icegarden estão vindo para o leste.

— Sobreviventes? — Drew detestava ter que perguntar aquilo. Seu antigo amigo Hector tomara a cidade com a ajuda dos Corvos, aproveitando-se do fato de que o duque Henrik estava ocupado combatendo Onyx. Escutar a respeito da matança promovida pelo Boarlord era algo intolerável, mas Drew sabia que era verdade.

— São muitos, ao que parece — acrescentou Mikotaj. — A notícia é que eles saíram da cidade em grandes levas, auxiliados em sua fuga pelo próprio Mão Negra, o vilão que os aprisionou.

Drew se agarrou àquele fiapo de esperança. Nos últimos meses, ouvira coisas horripilantes sobre a trilha descendente rumo às trevas de seu querido amigo, temendo que o inocente e jovem Javali de Redmire que conhecera estivesse perdido para sempre. Poderia ele ter se desviado daquele caminho sinistro? Drew esperava que sim.

— Hector ajudou na fuga? Então ele recobrou o juízo?

— Acho que não. Ele não se juntou ao êxodo. Só os direcionou às catacumbas sob as Whitepeaks e deixou que seguissem seu caminho. Os fugitivos se juntaram ao que restou do exército do Bearlord quando voltaram à superfície. Mão Negra continua no interior das muralhas congeladas de Icegarden.

Drew continuou a seguir Vega penhasco abaixo. O capitão do mar avançava a passos ágeis e seguros sobre as pedras cobertas pela umidade. Os irmãos de cabelos brancos vinham logo atrás. Em meio à neblina, Drew viu o mastro retorcido de um navio surgir em meio às águas revoltas.

— Estas águas... — comentou Drew, apontando com o braço esquerdo. — São do rio Robben?

— Isso mesmo — confirmou Miloqi.

— E mais à frente, do outro lado da garganta, fica a entrada da Falha de Bana, onde nossos aliados estão aprisionados — informou Vega. — Os penhascos cercam o rio dos dois lados, impossibilitando a passagem de uma embarcação grande. Esta parte do Robben é um cemitério onde se encontra sepultada uma boa quantidade de navios.

— Mesmo assim, precisamos encontrar uma maneira de passar — avisou o jovem Wolflord.

A névoa era mais fraca na base da elevação. Uma praia comprida de cascalho se estendia diante deles, com pedras de pontas afiadas surgindo na água como garras. Pelo menos três dezenas de barcos a remo estavam atracados ali, cercados de homens que os carregavam com equipamentos militares: escudos, lanças, espadas e selas. Os cavalos eram conduzidos pelas pedras cinzentas, relinchando de inquietação enquanto eram embarcados em esquifes maiores. Os Fúrias trabalhavam ao lado dos homens do norte, bastians colaborando com lyssianos na organização da frota. Florimo foi caminhando em direção à comitiva, o cinturão e a armadura de Drew nos braços.

— Obrigado — disse Drew ao pegar a espada e a proteção de couro rígido das mãos do Ternlord. Seus olhos observaram as fileiras de homens do norte reunidas na praia, com machados e lanças presos às armaduras de carapaça de animais. Os guerreiros eram mais numerosos que as forças de Drew, apesar de os Lobos brancos terem dito que estavam sozinhos. Se era esse o caso, de onde vinha aquele exército?

Drew se virou para Mikotaj e Miloqi.

— Pensei que vocês fossem os únicos sobreviventes de Shadowhaven.

— Entre os Lobos brancos, sim — respondeu o guerreiro. — Mas, quanto aos humanos que viviam entre nós, eles ainda atendem ao nosso chamado.

— Vamos, Filho Cinzento — disse Miloqi, passando por ele e se dirigindo ao exército à sua espera. — Você tem amigos para libertar.



4

A fazenda e o fogo

O panorama era quase como o dos bons tempos, quando as Dalelands eram um cenário idílico. O sol estava alto, iluminando a paisagem pitoresca mais abaixo. Algumas nuvens brancas cruzavam preguiçosamente o céu azul. Uma brisa quente acariciava as colinas. Se não fosse a espiral de fumaça preta que subia de uma casa de fazenda incendiada mais ao norte, o coração de Gretchen teria se enchido de alegria.

— Fumaça ruim — comentou Kholka, com seu vocabulário limitado.

A comitiva de guerra dos fíbrios se espalhou pela campina, escondendo-se em meio ao mato alto. Somava trinta homens, os mais fortes e capazes que a aldeia tinha a oferecer.

— Em frente — disse Shoma, apontando para o leste com a lança.

— Não — retrucou Gretchen. — Precisamos investigar.

Shoma franziu a testa, algo que acontecia com frequência quando os dois conversavam.

— Precisamos ver — esclareceu a jovem. — Pode haver pistas por lá, alguma coisa que revele o paradeiro deles.

— Em frente — repetiu Shoma, balançando a cabeça e apontando com a arma de novo para o leste. — Redmire. Mantos-Rubros.

Ele não estava errado. Redmire era a maior cidade no oeste das Dalelands. Se a Guarda Leonina ainda estivesse no reino, seria por lá. O desejo de vingança de Shoma, porém, estava prejudicando seu julgamento depois de os Mantos-Rubros terem destroçado seu pai nos Brejos de Bott. Essa espécie de atitude precipitada poderia custar a vida de todos.

— Escute só, Shoma. Você está no *meu* mundo agora. Se quisermos atacar os Mantos-Rubros, precisamos colher o máximo possível de informações sobre os inimigos. Se aparecermos por lá despreparados, vamos ser aniquilados!

— Em frente — disse o fíbio, teimoso, preparando-se para bater com o lado cego da lança no solo junto aos pés dela.

— Não — ela rosnou, segurando a arma antes que pudesse atingir a terra.

As atenções do grupo estavam todas voltadas para a jovem e o ancião. A garganta de Shoma se inflou, e sua estatura cresceu à medida que as pernas se expandiam, as coxas grossas repletas de músculos. Gretchen se manteve firme, e um rosnado grosso ressoava em seu peito.

— Menina louca! — sibilou o Werefrog, os olhos arregalados e a pele se tingindo de verde e marrom.

— Vamos fazer um trato, Shoma — ela disse, sem soltar a lâmina. — Investigaremos a fazenda. Se não houver nada por lá que possa ser útil, não vou contestar mais suas ordens. A comitiva de guerra fica sob seu comando, sem questionamentos. Mas, se encontrarmos alguma informação por lá — ela continuou, apontando para a coluna de fumaça ao norte —, bom... acho que vamos precisar reavaliar a liderança do grupo. De acordo?

— Palavras justas — falou Kholka, em meio aos ruídos de concordância dos outros fíbios. Todos os olhares se voltaram para Shoma, à espera de uma resposta. Os olhos gigantescos do ancião se estreitaram nos globos oculares amarelados.

— Palavras justas — concordou Shoma, tomando a lança de volta das mãos de Gretchen. — Menina indicar caminho. Depois Redmire.

A sede da fazenda era uma construção típica das Dalelands, a morada de um criador de gado. A casa ocupava apenas um andar, e no segundo ficava o depósito de feno. O pavimento térreo era um amplo espaço aberto que abrigava o fazendeiro, sua família e seus trabalhadores. As pessoas que moravam e trabalhavam naquela região viviam em um regime comunal, compartilhando tudo o que tinham nos bons e nos maus momentos, o que certamente era o caso dos ocupantes daquela casa.

Enquanto se aproximava da fazenda, a comitiva de guerra descobrira os homens do local presos em estacas cravadas no chão, da mesma maneira que haviam encontrado o corpo do pai de Shoma. Das mulheres e crianças, não havia sinal, o que fez o sangue de Gretchen gelar. O antigo depósito de feno no andar superior da casa não estava mais lá, tendo sido devorado pelas

chamas, e a construção se limitava a uma estrutura de madeira carbonizada como tantas outras nas Dalelands. “O fogo é a resposta desses invasores para tudo?” Mas os cadáveres dos fazendeiros não tinham sido as coisas mais estranhas que o grupo de fíbios encontrou por lá. Tampouco a casa enegrecida e ainda fumegante.

Os corpos de aproximadamente duas dezenas de membros da Guarda Leonina estavam espalhados pelo chão, dentro e fora da construção. Tombados sobre barris e encostados em paredes, deitados em valas, espalhados pela estrada — os soldados mortos estavam por toda parte. Gargantas tinham sido cortadas; barrigas, abertas; membros, decepados; diversas vidas haviam sido ceifadas. Muitos Mantos-Rubros ainda tinham a espada na bainha, vitimados antes que tivessem chance de se defender. Os fíbios se deslocavam entre os mortos, cutucando-os cautelosamente com as lanças, incapazes de compreender o que tinha acontecido naquela fazenda. Gretchen franziu a testa com tanta força que quase sentiu dor de cabeça. “Quem fez isso? Será que os responsáveis podem ser meus *amigos*?”

Ver as forças da Guarda Leonina reduzidas de maneira tão drástica deveria ser motivo de alegria, mas havia outros sentimentos ocupando sua mente: pena, choque e repulsa. Podia até ter sido uma vitória sobre os Mantos-Rubros, mas o modo como fora obtida era repugnante. Se os seus homens eram os responsáveis por isso, então haviam mudado um bocado desde que tinham se separado. Ela duvidava que algum prisioneiro tivesse sido feito, e claramente não houvera nenhuma demonstração de piedade. Ela estremeceu, sentindo um frio na barriga.

— Você doente? — perguntou Kholka.

— De preocupação — respondeu Gretchen, ouvindo Shoma se aproximar.

— Bom trabalho — comentou o ancião, apontando com a lança para os membros tombados da Guarda Leonina. — Muitos mortos.

Gretchen moderou sua língua. Não podia começar mais uma discussão com Shoma tão pouco tempo depois de contestar suas ordens. Afastou-se dos dois e se aproximou das ruínas em chamas. Havia um cavalo abatido no pátio com pavimento de pedra, ainda atrelado à carroça coberta com uma lona. O corpo decapitado de um Manto-Rubro estava apoiado a uma das rodas da carroça, a cabeça logo ao lado, o rosto retorcido no esgar terrível da morte. Não, aquilo não podia ser obra de seus amigos.

Mais atrás, um gemido se fez ouvir dentro da carroça. Ela olhou ao redor e viu um volume sob a lona embolada na traseira. Sacando sua faca de caça,

Gretchen acenou para Kholka, chamando a atenção dele. Então apontou para a carroça e levou um dos dedos aos lábios. Antes que pudesse se mover, Shoma já havia entrado em ação, saltando de onde estava e aterrissando sobre a carroça. Ela praguejou e subiu no veículo enquanto Shoma se abaixava e removia a lona.

Havia um Manto-Rubro escondido sob o tecido, as mãos ensanguentadas sobre a barriga. Seu rosto estava pálido, e os cabelos castanhos encontravam-se grudados no rosto molhado. Seus olhos pareciam opacos ao encarar o fíbio e a Foxlady. Gretchen viu Shoma erguer a lança, pronto para atacar.

— Não! — ela gritou, saltando na frente do Werefrog e afastando sua arma.

— Shoma querer vingança!

— Shoma pode esperar um pouco para se vingar!

Ela olhou para o jovem da Guarda Leonina, todo trêmulo sob seus pés.

— Quantos anos você tem?

— Eu vi quinze verões — ele murmurou por entre os dentes cheios de sangue.

— E deixaram você entrar para os Mantos-Rubros?

— Fui alistado no meu vilarejo, na Costa Gélida — respondeu o menino, fazendo uma careta. — Ninguém liga mais para a idade, agora que a guerra começou. Brenn, minha barriga... Que dor! Por favor, faça isso parar.

O ódio dela pela Guarda Leonina arrefeceu diante da visão de um menino tão próximo da morte. O rapaz era uma vítima da guerra tanto quanto os fíbios.

— Os moradores daqui que foram mortos — ela falou. — Vocês são os responsáveis por isso?

— Eu, não — respondeu o jovem. — Os outros. Eu não fiz nada. Só cumpri ordens.

Gretchen estremeceu ao ouvir aquela última frase. Sabia muito bem o que aquilo podia significar. Até mesmo a pessoa mais racional em tempos de paz podia cometer atrocidades para cumprir ordens. Os fíbios estavam todos reunidos ao redor da carroça agora, os grandes olhos fixos no rapaz, agitando as lanças como juncos em um rio.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Gretchen. — Quem matou sua tropa?

— Os nossos — respondeu o soldado, gemendo outra vez e se encolhendo em posição fetal.

— Como assim, os seus? Foram os Mantos-Rubros que fizeram isso?

— Os Elmos-Dourados — gemeu o menino. — São todos bastians, não são? Foram recebidos de braços abertos no nosso acampamento, e veja só o que fizeram!

Gretchen se virou para Kholka.

— Elmos-Dourados se voltando contra Mantos-Rubros? Panteras contra Leões?

— O que querer dizer? — perguntou o Marshman, tentando seguir o raciocínio. Ela balançou a cabeça, lembrando-se de que aquele não era o mundo dele.

— Desculpe, Kholka. Ao que parece, nossos inimigos se voltaram uns contra os outros. Os Catlords de Bast estão lutando contra aqueles que governam a Lyssia.

— Isso bom?

— Espero que sim. — Ela se virou de novo para o Manto-Rubro. — Para onde foram os bastians depois de fazer isso?

O peito do menino chiou, e ele soltou uma risadinha.

— Qual é a graça?

— Estão indo para Hedgemoor.

Os ouvidos de Gretchen se aguçaram ao ouvir aquele nome.

— Por que Hedgemoor?

— Porque é lá que está o rei Lucas — informou o rapaz, tossindo sangue enquanto ria. — E o restante deles!

— Lucas está em Hedgemoor?

— Sim. Ele se estabeleceu nas Dalelands enquanto procura... — O menino se interrompeu para encará-la. — É você, não é? A noiva dele? A Foxlady!

— Eu não sou noiva de Lucas coisa nenhuma! — ela esbravejou. — Mas por que você está rindo? Que restante deles é esse?

Ela já sabia a resposta antes mesmo de perguntar. Sua mente se voltou para aquela noite terrível em Bray, onde vira seus amigos serem aniquilados pelo jovem rei Leão e seus licantropos distorcidos. Trent fora morto naquela noite, assassinado por aqueles monstros diante dos olhos de Gretchen.

— Os Lobos Selvagens, milady — contou o garoto. — Se os Elmos-Dourados pensam que o rei vai ser presa fácil, vão ter uma bela surpresa. Eles não perdem por esperar quando caírem nas garras de Coração Negro e seus irmãos!

Coração Negro, o xamã Wylderman. Aquele homem era um monstro, e

mais do que nunca depois de sua terrível transformação.

— Vocês vão me ajudar? — gemeu o garoto, mexendo-se inquieto na carroça enquanto Gretchen se virava para Kholka.

— Precisamos ir para Hedgemoor. Você quer se vingar dos Mantos-Rubros, e é lá que seu verdadeiro alvo está. O Werelion Lucas foi morar na cidade. Foram os homens dele que mataram o pai de Shoma... homens comuns como esses que morreram hoje. Que estavam cumprindo as ordens dele.

Ela ouviu o baque surdo de algo atingindo a base de madeira da carroça. Olhando para trás, viu Shoma de pé ao lado do garoto. O Manto-Rubro estava imóvel, sem esboçar nenhuma resistência. Quando o Marshman tirou a lança do corpo do soldado, Gretchen foi até ele e o esbofeteou com força no rosto.

— Pelo amor de Brenn, por que você fez isso?

— Shoma ajudar menino. Dor acabar. Agora Redmire. Mais Mantos-Rubros.

Ela ergueu a mão para bater nele de novo.

— Seu desgraçado de uma...

Ele a segurou pelo pulso e rosnou:

— Menina dizer “Shoma esperar para vingança”. Shoma esperar bastante. Shoma querer vingança.

Gretchen puxou a mão e olhou feio para o ancião. Ela cobriu o corpo do jovem morto com a lona.

— E se vingou mesmo — ela disse. — Que guerreiro corajoso é você, Shoma. Agora me escute. Descobrimos muita coisa aqui, inclusive o paradeiro do nosso inimigo. Eu vou comandar a comitiva de guerra daqui em diante. De acordo?

Ela olhou para os fíbios, que expressaram sua concordância. Muitos deles olharam feio para Shoma, cego por sua sede de vingança. Gretchen encarou duramente o ancião, que desviou o olhar, envergonhado.

— Não vamos para Redmire. Vamos para Hedgemoor. Temos um Leão para caçar.



5

Hedgemoor

— Agora fique aqui, Milo. É sério.

Os dois Mantos-Cinza estavam à sombra da guarita, olhando para o pátio abandonado. Um usava o cinza-escuro de Stormdale, enquanto o outro, o cinza-claro da Guarda Lupina, mas ambos serviam ao mesmo senhor: Drew Ferran, o último Lobo da Westland e herdeiro legítimo de seu trono. Na jornada pela cidade, tinham esperado encontrar sinais de vida pelo caminho, mas não havia nenhum. As ruas estavam vazias. A cidade permanecia silenciosa e inabitada. Era como se a população inteira tivesse juntado seus pertences e fugido. Agora encontravam-se diante da imponente Casa de Hedgemoor, envolvida pelas sombras e sufocada por um véu pesado de trepadeiras.

— Eu vim até aqui com você, Trent. Lembra o trato que fizemos? — disse Milo, levando a mão ao cabo da espada. — Preciso continuar a seu lado.

Trent estremeceu. O rapaz tinha razão. Se o Lobo assumisse o controle, o jovem Cervo precisaria estar por perto para acabar com seu sofrimento. Isso se Milo não morresse antes. A fera que se escondia dentro dele ficava mais poderosa a cada dia e pretendia dominar por completo seu corpo e sua mente. Ele olhou para a rua pela qual haviam se aproximado da mansão.

Gretchen lhe contara sobre Hedgemoor, cidade que era considerada o Jardim dos Sete Reinos. Em momentos menos dramáticos, Trent desejara ter a chance de visitar a cidade com a garota um dia, quando a Lyssia voltasse a ficar em paz. Podia até ter sido um belo lugar algum dia, mas não era mais o caso. A cidade estava abandonada, com os canteiros que cortavam as

avenidas tomados pelo mato. Havia cabeças decepadas espetadas em estacas e lanças nas muralhas, uma recordação da passagem do major Krupha por lá. Os crânios apodrecidos estavam descarnados, servindo de lembrete para todos. Com Bray queimada, Redmire saqueada e Hedgemoor abandonada, as Dalelands eram um reino condenado.

— Por favor, Milo, fique aqui. Não venha comigo. Se Lucas estiver lá...

— Vamos enfrentá-lo juntos — interrompeu o menino. — Somos uma equipe, Trent. Você e eu, contrariando todas as probabilidades, descobrimos que somos parecidos e temos os mesmos inimigos. Foi Brenn que me guiou até você nos arredores de Redmire, e em Bray. Ele tem nos mantido unidos desde então.

— Então é tudo parte do grande plano de Brenn? Que seja — respondeu Trent. — Mas, por favor, se tudo parecer perdido; se Brenn nos abandonar na batalha, fuja daqui, Milo. Se eu sucumbir, trate de correr e não pare mais até encontrar seus amigos. Entendido?

O menino não deu sinal de que concordava. Parecia determinado.

— Vamos lá — disse Trent. — Vamos descobrir o que tem lá dentro. Tome cuidado, Milo. Trate de pisar na ponta dos pés.

Os dois foram andando pelo pátio, escondendo-se nas sombras que envolviam as paredes, aproximando-se cada vez mais da Casa de Hedgemoor.

* * *

Os sinais dos Lobos Selvagens estavam por toda parte. O ar dentro da mansão encontrava-se impregnado com o cheiro deles, e os restos de muitas de suas vítimas atulhavam os outrora belíssimos corredores da imponente construção. Os tapetes estavam cobertos de tudo quanto era tipo de manchas. Tapeçarias e pinturas tinham sido vandalizadas e arrancadas das paredes. A cada cômodo, eles encontravam uma nova abominação produzida pelos monstruosos Wyldermen. Trent e Milo se deslocavam de forma discreta, sem produzir nem um ruído. De tempos em tempos, o Cavaleiro Lupino olhava para trás, satisfeito ao constatar que o garoto continuava concentrado, os olhos voltados para o caminho escuro à frente, ignorando os horrores ao redor.

O salão principal da casa um dia fora, claramente, de uma beleza de tirar o fôlego. Painéis de madeira escura revestiam as paredes até o teto coberto de vigas, que aos olhos de Trent lembrava o de um grande chalé, embora os aspectos positivos acabassem por aí. O local estava em um estado lastimável,

e também de tirar o fôlego, mas não no bom sentido. Uma lareira enorme dominava uma das extremidades do salão escurecido, tendo o fogo crepitante como única fonte de iluminação. Uma fumaça preta e sufocante saía dela, invadindo o ambiente e formando nuvens no ar. As paredes outrora esplêndidas agora encontravam-se adornadas com troféus horrendos: partes de corpos dos inimigos dos ocupantes encravadas na madeira rachada.

Uma mesa gigantesca atravessava o salão, com todos os lugares tomados por soldados bastians com elmos dourados. À primeira vista, Trent temeu que se tratasse de alguma espécie de conselho militar, mas então percebeu que ninguém se mexia. Quando ajustou melhor o foco da visão, notou o sangue que manchava as armaduras. Muitos estavam sentados nas cadeiras, ou melhor, estavam presos aos móveis, com espadas varando seu corpo e encravadas nos espaldares. Outros tinham caído depois de abatidos, tendo tombado sobre os pratos de metal vazios. Havia mais de duas dezenas de Elmos-Dourados reunidos em torno da mesa, como manequins em uma representação de banquete. As moscas revoavam ao redor, pousando nos cadáveres, a única refeição verdadeiramente disponível.

— Saíam das sombras.

Trent nunca tinha ouvido a voz dele antes. Fora seu servidor e jurara lealdade ao pai dele quando cometera a tolice de vestir o manto vermelho. Trent se juntara à Guarda Leonina sob a impressão equivocada de que Drew Ferran era um monstro. Precisava se vingar da morte da mãe, e tornar-se um batedor montado dos Mantos-Rubros lhe parecia uma forma de conseguir isso.

Não podia estar mais equivocado. Os Leões eram os verdadeiros monstros, todos eles, e tinham sido a causa do assassinato da mãe de Trent, cometido por um Ratlord a mando do rei Leopold. E agora o filho daquele monstro estava ali, sozinho, à cabeceira da mesa sinistra, com o fogo às suas costas e uma coroa de ferro na cabeça.

— Vão desobedecer a seu rei? Aproximem-se para que eu veja melhor meus súditos!

Trent percorreu a sala com o olhar, parando em um ponto atrás das cadeiras que abrigavam os Elmos-Dourados mortos. Dos Lobos Selvagens, não havia nem sinal. Estariam caçando? Era fim de tarde, e a noite se aproximava. Estariam dormindo em algum buraco, fugindo da luz como os outros que encontrara? Trent sentiu o coração acelerar de maneira repentina e assustadora. A sós com o rei, aquela era sua chance. A Wolfshead deslizou

silenciosamente para fora da bainha enquanto olhava para Milo, que abriu um sorriso assustado. Ele estava certo — aquele encontro era obra de Brenn, que olhava por eles e queria que aquilo acontecesse.

— Você não é meu rei coisa nenhuma, Lucas — disse Trent, aproximando-se, com Milo em seu encalço. O garoto de Stormdale começava a se transformar, as galhadas aparecendo na testa.

— Como você tem a audácia de entrar sem autorização em meu retiro de campo e falar comigo dessa maneira? — questionou o jovem Leão em um tom indignado, mas sua linguagem corporal contava outra história. Estava sentado em uma postura desleixada, parecendo tão sem vida quanto os demais bastians à mesa.

— Eu tenho a audácia de fazer muito mais, seu tolo enlouquecido.

Trent saltou sobre a mesa na ponta oposta e avançou em meio aos cadáveres, chutando os pratos para o lado à medida que passava. Enquanto corria, sentiu meses de raiva acumulada se desprendendo em ondas de seu corpo, o ódio impulsionando seu corpo em direção ao inimigo. A Wolfshead estava às suas costas, pronta para atacar quando se aproximasse do Leão. Com sua mãe e seu pai mortos, Gretchen tirada dele pelos Lobos Selvagens e seu irmão só Brenn sabia onde — tudo por causa de Lucas e sua família —, era hora do revide em nome do último Lobo cinzento da Westland.

— Cuidado, Trent! — berrou Milo.

Enquanto Trent estava no ar, a espada erguida acima da cabeça, pronta para descer e cortar o rei ao meio, Lucas empurrou a cadeira para trás. Só no último instante Trent viu a balestra no colo do Werelion, ouvindo então o som do mecanismo sendo acionado e, depois, sentindo o projétil atingi-lo no peito. O rei já não estava na cadeira quando Trent a atingiu, destruindo o móvel. O jovem Manto-Cinza despencou em uma pilha de lenha junto à lareira. Solto um grito ao erguer a mão, encontrando a flecha encravada no couro da armadura e perfurando o lado direito de seu peito.

— Trent? — questionou o Leão. — Trent *Ferran*? Será possível?

O Cavaleiro Lupino se levantou, ignorando a dor no peito. Lucas sorriu e bateu com um dedo nas costelas de Trent.

— Pode me agradecer por isso. Eu poderia ter facilmente acertado seu coração, Trent. Ia matar você, mas então ouvi seu amiguinho chamando seu nome.

Lucas deu um tapa na própria coxa e solto uma risada, jogando a balestra de lado quando Trent se aproximou. O rei garoto estava desalinhado e

maltratado, uma sombra do príncipe vaidoso que Leopold exibia orgulhosamente em Highcliff. Seus cabelos loiros estavam ensebados, colados ao rosto imundo, e a barba em seu pescoço e no queixo estava por fazer. Havia cicatrizes em seu rosto, que Trent sabia terem sido provocadas por Gretchen. A pele encontrava-se manchada de sujeira.

— Você parece doente — comentou Trent.

— Deve ser minha dieta — respondeu Lucas. — Acho que preciso de carne fresca.

— Provavelmente por causa de suas companhias — retrucou Trent, segurando com força a espada e analisando a oportunidade de um ataque bem-sucedido. Lucas parecia distraído, animado, quase parecendo se divertir com a conversa.

— Ora, que Brenn nos ajude, Ferran. Quem poderia ter imaginado isso? Praticamente uma reunião familiar, não é?

— Você não é da minha família.

— Ah, mas temos um irmão em comum, não temos?

— Seus irmãos são esses demônios, os Lobos Selvagens. Eu vou matá-los assim que acabar com você.

— São palavras corajosas para um homem que está sangrando desse jeito.

— O rei apontou para o peito de Trent. — Isso me parece doloroso. Não estou certo?

— Já passei por coisa pior — mentiu Trent, sentindo a dor piorar e a armadura se encher de sangue.

A risada de Lucas se transformou em um grunhido.

— Não seja tolo, Ferran. Claro que não passou. Mas vai passar. Ah, e como vai.

Enquanto o Leão começava a se transformar, uma movimentação mais acima chamou a atenção do Manto-Cinza. Em meio à nuvem espessa de fumaça que se acumulava no teto, formas escuras apareceram, saltando e aterrissando por todo o salão. Pés com garras atingiam o chão e a superfície da mesa, e os pelos eriçados nas costas eram um indício da intenção malévola dessas criaturas. Olhos amarelados reluzentes o cercavam na escuridão à medida que os Lobos Selvagens se materializavam ao redor. Lucas recuou, escondendo-se à sombra das feras que haviam assumido seu lugar naquele enfrentamento.

— Volte para a matilha — disse um dos monstros, o único entre eles que ainda mantinha uma aparência vagamente humana. Usava um cocar de penas

e duas adagas serrilhadas de pedra nas tiras de couro em volta da cintura.

— Vocês não são minha matilha — rosnou Trent, a Wolfshead em uma das mãos e as garras à mostra na outra. As feras grunhiram e mostraram os dentes. Ele prescreveu um círculo ao redor de si, agitando a espada e mostrando os dentes para mantê-las a distância. — Milo! — gritou de repente, temeroso pela situação do jovem amigo.

— Procurando por este rapazinho, é? — questionou o Werelion, dando um passo para trás a fim de permitir que o fogo iluminasse seu prisioneiro. O Catlord arrastava o jovem Cervo por uma das galhadas, prendendo a cabeça do garoto em suas garras. O Leão o sacudiu, colocando o menino diante de sua cabeça coberta pela juba.

— Solte-o — pediu Trent. — Ele é só um menino.

— Eu o soltarei com uma condição — disse Lucas. — Essa espada que você carrega. Eu a quero faz tempo, Ferran. Era do seu irmão, não era?

— Era do nosso pai — corrigiu Trent. — Ele a portava por ser membro da Guarda Lupina, quando serviu ao rei Wergar, antes de seu pai usurpar o trono!

— Não é lindo quando uma arma tem uma história a contar, sendo passada de pai para filho? Jogue a espada para cá, Ferran, e eu solto o menino.

— Não sou um menino, Lucas! Sou Lord Milo, filho do duque Manfred, Staglord de Stormdale!

— E um Cervinho dos mais orgulhosos também. — Lucas sorriu, assumindo uma expressão momentaneamente inofensiva, antes de se virar de novo para Trent. — A Wolfshead, Ferran. Entregue-a para mim.

O rosto de Trent se franziu ao observar a aproximação das criaturas que o cercavam. Com a Wolfshead e seu aço temperado com prata, teria uma chance contra os Lobos Selvagens, por mais remota que fosse. Se abrisse mão da arma, sua morte era certa. Por outro lado, se isso pudesse significar a libertação de Milo, não era um preço alto a pagar. Colocando tudo nas mãos de Brenn, ele lançou a espada para o outro lado do salão, onde a arma caiu tilintando aos pés de Lucas. O Leão se agachou e a apanhou com a mão livre.

— Bom garoto — ele disse, virando a arma de um lado para o outro sob a luz da lareira, examinando sua estrutura enquanto os Lobos Selvagens se aproximavam cada vez mais de Trent. — E agora podemos libertar o pequeno Staglord.

A Wolfshead desapareceu na barriga de Milo com um movimento fluido e sem esforço. O grito de Trent saiu como um uivo rugido enquanto via Lucas

soltar a cabeça com chifres do amigo, que cambaleou para trás e caiu diante da lareira. Os Lobos Selvagens partiram para o ataque contra Trent, rasgando-lhe as costas e os ombros com suas garras. Ele ouviu a voz de Lucas enquanto caía de joelhos em meio a uma saraivada de golpes.

— De repente me bateu uma fome — comentou o Werelion, agachando-se ao lado do menino agonizante. — Acho que uma carne de Cervo cairia bem.



6

A batalha da Falha de Bana

Ao norte, as Barebones se erguiam diante do deserto, uma ameaçadora barreira de pedra que separava Omir dos reinos vizinhos. De Riven a oeste até a Costa Rubra a leste, as montanhas escuras eram intransponíveis. Apenas os loucos e os suicidas tentavam atravessá-las. Mesmo no auge do verão, a temperatura era baixa na extremidade do Reino do Deserto, e uma geada cobria a região. A lua e as estrelas brilhavam no céu, refletindo-se no solo, que reluzia como se fosse um campo de cristal. Só havia uma rota segura para passar pelas Barebones, uma única estrada que cortava as imponentes colunas de pedra escura: a Falha de Bana. A cidade que lhe dava o nome era escavada nas encostas, uma fortaleza impenetrável de tempos ancestrais.

O exército dos Catlords estava acampado logo abaixo das muralhas de pedra recortada, reforçado por um imenso destacamento composto de omirianos. As barracas da elite de Elmos-Dourados e Mantos-Rubros estavam no ponto mais alto das encostas opostas, com uma visão privilegiada da cidade. Mais acima, os Abutres de Bast estavam empoleirados na superfície da rocha, com controle total sobre o espaço aéreo do local comandado por seus conterrâneos em terra.

O marechal de campo Tiaz, o Weretiger, mantinha um olho sobre Bana e o outro sobre o acampamento de omirianos estabelecido mais ao sul. Estava postado em frente à barraca de comando, observando o ajuntamento desordenado de homens do Reino do Deserto, que iluminavam a noite com suas fogueiras. Um Felino poderia mesmo confiar em um Cão? Naquele caso, não havia escolha. Aqueles não eram os orgulhosos Chacais de Omir, e sim

seus vizinhos violentos e ambiciosos, os caninotropos de Ro-Pasha. Queriam Omir para si, a fim de dividir as terras do rei Faisal com Lady Hayfa, a Hiena de Ro-Shann. Depois de terem se aliado aos bastians, estavam prestes a alcançar seu objetivo. Azra certamente teria sucumbido diante de Hayfa. O único foco de resistência que ainda restava eliminar eram os tolos abrigados na cidade-fortaleza de Bana, aliados do Lobo. Estavam presos nas montanhas havia meses, humanos e transmorfos — Chacais e Hawklords —, condenados a morrer juntos e transformar a cidade ancestral em uma tumba coletiva.

O exército de Tiaz vigiava a cidade, observando o fogo do lado de cá de janelas abertas na face da montanha. Os portões gigantescos de aço, de uma altura quase incalculável, permaneciam trancados para o mundo exterior, com seus poderosos mecanismos de fechamento acionados para garantir que ninguém passasse. A centenas de metros acima, havia varandas e torreões entalhados em pedra com vista para a Falha. Essas construções também estavam bloqueadas com barricadas, fortificadas de dentro para fora. Não havia movimentação nenhuma por lá fazia semanas; os habitantes da cidade continuavam escondidos como vermes atrás de suas defesas. O Tigerlord imaginava que estivessem prestes a entrar em colapso a essa altura, sem provisões, com os nervos à flor da pele e a disposição para a resistência em vias de desaparecer. A qualquer momento, faria a investida final. Poderia até demonstrar clemência e permitir que alguns sobrevivessem. Mas não os Hawklords que os comandavam — o conde Carsten e o barão Baum precisavam servir de exemplo, assim como os bastians que lutavam ao lado deles. Havia o rumor de que um Catlord estava entre eles, o que Tiaz considerou uma ideia digna de riso. Que felinotrope com algum juízo entraria em uma batalha contra a própria espécie assim tão longe de casa?

Embora estivesse velho e cansado, Tiaz ainda possuía uma visão perfeita. Ele soltou um grito, apontando para o céu e fazendo a barraca de comando estremecer. O chamado se elevou do solo, espalhando-se como fogo em mato seco, e os Abutres decolaram imediatamente ao ouvir o alerta do marechal de campo. Lá estava ele, sobre os despenhadeiros altíssimos que cercavam a cidade, as asas abertas. Mesmo a distância, o Tigerlord podia distinguir as penas brancas, a silhueta estreita e o bico fino como uma rapieira despontando sobre a Falha de Bana. Os Abutres se aproximavam, tentando interceptá-lo, mas tinham sido pegos desprevenidos. O Birdlord pousou em uma varanda, batendo os pés de garras afiadas em uma barricada para chamar a atenção de quem estava do lado de dentro. Os Abutres quase alcançavam o

aviatropo branco quando luzes apareceram de repente na varanda, iluminando as pedras entalhadas enquanto as defesas eram abertas por um breve instante. Flechas cortaram o ar, projetando-se contra os Werelords bastians e desviando seu ataque, enquanto as barreiras eram novamente erguidas. A luminosidade desapareceu, e o mensageiro entrou na cidade.

— Estejam preparados para qualquer coisa — rosnou Tiaz, entrando na barraca de comando e alertando seus homens, que se apressaram em obedecer. — E peguem minha armadura. Esta noite acabou de ficar bem mais interessante.

* * *

O marechal de campo Tiaz tinha acabado de vestir o peitoral da armadura quando o primeiro ataque aconteceu, bem no coração da Falha de Bana. Com a resistência reunida na encosta da montanha, Tiaz havia posicionado suas forças ao redor da cidade fortificada, negligenciando tolamente a estrada que dava acesso ao norte. O território entre o rio Robben e as Barebones fora ignorado, por ter sido conquistado logo no início da guerra, deixando a Grande Estrada Ocidental sob o comando dos Catlords. A batalha estava concentrada em Bana — que ameaça poderia existir mais ao norte?

Um uivo de gelar o sangue anunciou a chegada dos oponentes, como se um batalhão de fantasmas invadissem as montanhas. As forças do Catlord estremeceram. O medo e a apreensão dominaram tanto lyssianos como bastians. Alguns Mantos-Rubros viraram as costas e correram, e os Elmos-Dourados ficaram paralisados ao ouvir aquele som. Nesse momento de hesitação, as forças do Lobo atacaram, atravessando a primeira linha de defesa. Pelo estreito corredor de rochas, surgiu uma torrente de espadas, escudos, arcos e lanças. Os Fúrias de Felos — homens treinados sob o olhar vigilante do *próprio* Tiaz — avançavam lado a lado com piratas das Ilhas Cluster e guerreiros de Shadowhaven.

Drew ia à frente, a Moonbrand zunindo em direção aos inimigos. Suas mandíbulas se fechavam ao mesmo tempo que investia com a espada, decepando membros e partindo ossos. O uivo terrível de Miloqi, apesar de ainda causar perturbação, não era mais temido por seus aliados. A estranha mágica que ela controlava, exclusiva dos Lobos brancos, era uma arma tão poderosa quanto a pólvora dos bastians. As forças do Catlord estremeceram sob seu avanço, batendo em retirada para não serem esmagadas.

Vega e Mikotaj seguiam ao lado de Drew, deixando um rastro de destruição em meio ao território inimigo. A cabeça monstruosa do Sharklord

estava toda manchada de sangue. Sua rapieira movia-se sem parar, neutralizando os homens do exército rival com golpes certos no coração, que os fazia ir ao chão logo em seguida. O gigantesco Lobo branco soltava gargalhadas em meio à batalha, os olhos enlouquecidos de deleite e a lança colossal derrubando inimigos e tingindo sua pelagem branca com o vermelho da morte.

A segunda onda veio do despenhadeiro negro, quando os portões da cidade-fortaleza se abriram e seus defensores partiram para uma última cartada em busca da liberdade. Enquanto o exército acampado na Falha de Bana aguardava em segurança pelo fim inevitável do cerco ao longo dos meses, aqueles que estavam dentro da montanha sentiam seu desespero crescer a cada dia. Quando Florimo chegara, uma hora antes, trouxera uma mensagem bem simples: era vencer ou morrer. As almas corajosas, porém exaustas, que habitavam a fortaleza prepararam suas armas e armaduras e fizeram suas despedidas. Reunidas diante do portão, puseram-se à espera do sinal de ataque com o coração disparado de ansiedade pelo fim de seu tormento — para o bem ou para o mal. Os Lords transmorfo se mantiveram ao lado de seus amigos humanos, iguais pelo laço criado na resistência ao cerco. Quando o uivo pavoroso de Miloqi ressoou pela Falha, o mecanismo de abertura foi acionado, as rodas dentadas giraram e as barras que bloqueavam os portões de aço foram removidas. Chacais enfraquecidos saltaram na frente, seguidos por humanos desnutridos, enquanto os Hawklords tomavam o ar com suas penas desbotadas.

Momentaneamente atordoado, o exército do Catlord teve que se desdobrar entre duas fileiras de inimigos. Os Abutres partiram para o combate com os Gaviões no ar, e os Elmos-Dourados entraram em choque com os que tinham saído da cidade a pé. Os Chacais e os transmorfo do continente da selva se enfrentavam na linha de frente, seguidos por seus homens de Bast e da Lyssia. Os orgulhosos Werelords de Omir estavam acompanhados dos sobreviventes da Fornalha — Krieg, Taboo e Beemote —, além dos falcotropos, que estavam fracos demais para voar.

O marechal de campo Tiaz liderava os Mantos-Rubros para o norte da Falha, direcionando sua vanguarda contra a força invasora mais numerosa. Não importava o que acontecesse na batalha, ainda seria possível recuar, mas o Tigre não queria nem pensar nisso. O ajuntamento de inúteis que os Doglords chamavam de exército cobria sua retaguarda, à espera de um chamado por reforços, se fosse necessário. Quanto ao inimigo, os que tinham

saído de dentro da cidade estavam em farrapos e teriam morte certa na ponta das lâminas dos bastians. Os que vinham do norte, porém, eram outra história. Aquela era claramente a maior ameaça a Tiaz, um exército de verdade, com homens bem preparados a enfrentar. Por cima do mar de elmos, lanças e espadas, avistou os comandantes inimigos liderando a ofensiva. Por mais escura que fosse a Falha, os Werelords se destacavam no meio da Guarda Leonina — um Sharklord em um frenesi homicida com um Lobo branco enlouquecido ao lado. A luz que os iluminava vinha de uma espada branca empunhada pelas garras de um Lobo cinzento — o Lobo cinzento. Só havia um deles ainda vivo, deu-se conta Tiaz, tomado por uma onda de excitação ao compreender a quem estava prestes a enfrentar.

O Tigerlord sacou a espada da bainha, e uma pelagem reluzente em tons de laranja e preto surgiu em seu corpo. Virou-se para convocar seus oficiais de mais alta patente. O general Primus, um primo de Onyx, veio posicionar-se a seu lado empunhando uma cimitarra poderosíssima, com uma lâmina em formato de meia-lua adornada com runas de prata. Lord Urok, o Orangotango de Fim do Mundo, bateu no peito, cheio de empolgação, sacando uma enorme picareta de batalha de uma cinta de couro pendurada às costas.

— Me acompanhem, irmãos — disse Tiaz. — Vamos acabar com esta guerra hoje mesmo e nos cobrir de glória.

Enquanto o Tigre, a Pantera e o Primata se deslocavam por entre os homens da Guarda Leonina, aproximando-se cada vez mais dos inimigos, não podiam ver o caos que havia se instaurado nas areias do outro lado da Falha. Os Doglords, bandidos do Reino do Deserto e improváveis aliados dos Felinos, tinham sido arrancados de suas barracas. Os Chacais invadiam o acampamento, liderados pelo rei Faisal de Azra. E ele não estava só — seus irmãos e primos avançavam a seu lado.

Os Fúrias, sob o comando de Opal, deixavam um rastro de morte em meio aos desprevenidos Doglords ao redor, fazendo jus ao nome e tingindo seus pares de espadas de vermelho. A Beldade de Bast bailava diante deles, brandindo as garras e a espada contra os caninotropos de Ro-Pasha. Djogo vinha logo atrás, mantendo-se sempre próximo da Pantherlady, impressionado com a força da felinotropa e ansioso para chegar à Falha. Havia outros lutando também, de mercadores ricos a antigos escravos libertados a mando de Drew Ferran. Eram humanos com algo pelo que lutar — sua cidade, seu reino, sua liberdade.

A terceira onda chegara.

Drew olhou para o alto enquanto corria com suas compridas pernas lupinas. Gaviões e Abutres se engalfinhavam no ar, atacando e gritando, guinchando e bicando. O céu escuro estava movimentadíssimo pelo combate aéreo, tão mortal quanto aquele que se desenrolava aos fundos da Falha. Um falcotrope foi apartado da refrega por um dos Birdlords estrangeiros, e as garras de um segundo Abutre se cravaram em suas costas, separando os ombros do corpo. Quando o bastian soltou o guerreiro de asas decepadas, começou a despencar em uma espiral descendente, a flecha dos Hawklords atravessada na garganta.

Voltando suas atenções para a própria batalha, Drew se viu em meio a uma luta feroz. Vega e Mikotaj não estavam mais por perto, sendo os únicos aliados ao redor os Fúrias e os sturmianos. Os Fúrias eram mais calmos e contidos que quaisquer outros humanos que ele já vira, e trabalhavam sempre em equipe. Quando as armas inimigas se aproximavam, seus pares de espadas logo entravam em ação, eficientes tanto na defesa como no ataque. Uma vez defendidos os golpes, contragolpeavam em um ataque coletivo mortal; eles atravessaram a Guarda Leonina como quem abre uma clareira em um matagal. Havia também os homens de Shadowhaven. Como os bárbaros saídos dos livros de história, eles rugiam e gritavam enquanto enfrentavam os Mantos-Rubros com seus machados e lâminas.

Por mais corajosos que fossem seus aliados, contudo, estavam em absoluta minoria numérica, e o avanço pelas linhas inimigas na Falha logo foi contido. A maré de Mantos-Rubros diante deles fora reforçada depois do ataque inicial. Embora as forças do Lobo tivessem provocado um grande estrago com seu ataque-surpresa, as centenas de homens da Guarda Leonina que haviam morrido naquele primeiro momento não tinham feito muita falta, pois havia vários outros logo atrás para ocupar o lugar. Alguns eram mercenários recrutados pelo Leão na Lyssia, que tinham jurado lealdade a Leopold e depois a Lucas, porém muitos tinham vindo de Bast de navio. Aqueles eram Mantos-Rubros genuínos de Leos, enviados recentemente para engrossar as fileiras do Catlord.

A linha de frente da batalha era composta por uma massa de almas desesperadas pressionadas pelos homens às suas costas. Alguns estavam sem armas, lutando com adagas ou então aos socos e pontapés, engalfinhando-se com os inimigos. Gritos e rugidos preenchiam o ar, acompanhados da cacofonia do aço se chocando por toda a Falha de Bana.

A Moonbrand atravessou uma fileira de armas dos Mantos-Rubros, transformando lanças em pedaços de madeira quebrada. O Werewolf

avançou, afastando as armas inutilizadas com o ombro e atacando outra vez com a espada. A uma distância menor, a lâmina de aço sturmiano atingiu o tronco dos Mantos-Rubros, deixando cortes violentos em seu rastro. Os homens caíram quando o Lobo deu um passo à frente, encorajado pelo uivo assustador de Miloqi ecoando em seus ouvidos. A Lady de Shadowhaven vinha logo atrás, uivando sem parar, enchendo de medo o coração dos adversários e testando a determinação deles. Para os que lutavam a seu lado, os uivos eram um som assombroso porém belíssimo, mais uma arma à disposição do arsenal do Lobo.

— Wolflord!

A palavra lhe chegou como um rugido, sacudindo as muralhas negras da Falha de Bana. A batalha diminuiu de intensidade quando os elmos se voltaram para o local de onde vinha a voz. O grito poderia ter sido para Mikotaj, mas Drew sabia que não era o caso. Aquele desafio era destinado a seus ouvidos. O mar de mantos vermelhos se abriu quando a Guarda Leonina recuou diante do Lobo da Westland, escudos e espadas erguidos defensivamente. Seu oponente se aproximou a passos pesados, o corpo coberto apenas com um peitoral de metal à guisa de armadura. O rosto largo estava contorcido em uma expressão raivosa, e listras pretas percorriam a pelagem de um laranja vibrante. Os lábios se arreganharam, e os bigodes estremeceram como agulhas de aço quando ele mostrou os caninos poderosos.

— Então você é o licantropo que tanto trabalho tem dado a meus parentes?

Outros dois transmorfos acompanhavam o Tigerlord. Um era um enorme Wereape com braços fortíssimos e cobertos por uma pelagem ruiva. O outro era um Pantherlord com a pele negra coberta de suor, apesar do ar gelado da montanha.

— E você deve ser o marechal de campo Tiaz — respondeu o Werewolf, baixando a Moonbrand quando o Tigre se aproximou um pouco mais.

— Eu levantaria essa arma se fosse você, filhote de Lobo — rosnou Tiaz.
— Seria uma pena se sua morte fosse narrada nos livros de história sem uma boa luta primeiro.

— Não existe necessidade de lutar, Tiaz — argumentou Drew, balançando a cabeça cinzenta. — Sua disputa não é comigo. É com seus próprios parentes.

Drew apontou para a Pantera que abria caminho em meio à Guarda Leonina. Tiaz grunhiu.

— Minha luta é contra Primus, então? Está confundindo meu general com um de seus vira-latas, garoto. Os Pantherlords são meus aliados, irmãos bastians até o fim.

— Ouviu isso, Primus? — gritou Urok, o Apelord, aos risos. — Parece que você e Tiaz estão às turras!

— Vai ser esse o caso se ele não acabar logo com esse filhote de Lobo — esbravejou a Pantera de Braga, rodando a cimitarra na mão escura. — Vamos acabar logo com isso, Tiaz.

— Me escute — disse o Werewolf, os olhos voltados para o enorme Tigerlord. — As Panteras não estão mais a seu lado, nem os Leões. A guerra chegou a Bast e está pior do que você imagina. Sua união se desfez; o Fórum dos Anciãos foi dissolvido.

— Espera mesmo que eu acredite nesses absurdos?

— Eu sou a coisa mais próxima que você tem de um aliado aqui, Tiaz. Esses Elmos-Dourados e Mantos-Rubros que você comanda... Eles estão a serviço de seus inimigos. Só não sabem disso ainda.

Um murmúrio se espalhou entre os homens da Guarda Leonina que cercavam Tiaz, e o Weretiger os encarou com desconfiança. Seus olhos se estreitaram subitamente, e ele ergueu a espada.

— Você diria qualquer coisa para salvar a própria pele — ele rosnou, agachando-se levemente, pronto para dar o bote.

— Parem!

O grito veio do alto, fazendo todos olharem para cima. Os Hawklords desciam em alta velocidade, flanqueados por seus companheiros, que mantinham os Abutres a distância. Drew reconheceu o conde Carsten e o barão Baum, as duas Águias que comandavam os falcotropos. Florimo voava entre eles, os olhos de Garajau em uma movimentação frenética de medo. Todos os olhares, porém, convergiam para a Hawklady e a figura esbelta que carregava nos braços.

As asas de Lady Shah se agitavam com força, levantando areia do chão e lançando-a sobre os olhos da multidão. Drew ergueu a Moonbrand e rugiu para os homens da Guarda Leonina, abrindo espaço para ela pousar. Uma figura agilíssima saltou do colo de Shah. A Tigerlady aterrissou com um movimento fluido ao lado do Werewolf. Os dois trocaram olhares — e não de ódio nem de desconfiança, mas de respeito e alívio por estarem lado a lado de novo. Ela se voltou para Tiaz.

— Pai — sibilou, enquanto os Hawklords e Florimo pousavam logo atrás.

Baum e Carsten estavam maltratados pelos meses de batalha. O conde tinha bandagens no olho e no bico. Baum parecia mais inteiro e mantinha uma das mãos sobre o ombro do irmão.

Quando ouviu a voz da filha, a pelagem que cobria o corpo de Tiaz desapareceu, e toda a raiva e agressividade que demonstrava se dissipou em um instante. Ele encolheu a olhos vistos, perdendo quase meio metro de altura, transformando-se de marechal de campo em pai em um piscar de olhos.

— Taboo? É você mesmo? — Seus lábios tremiam, e ele balançou a cabeça, esquecendo-se de quem era e de onde estava. A mão que segurava a espada se abaixou.

— Tiaz — disse o Pantherlord Primus —, não estou gostando nada disso. Não confie nela.

Taboo rosnou para o Catlord de pelagem escura, que retribuiu o gesto.

— Deixe os dois conversarem — falou Drew, apontando a Moonbrand de forma ameaçadora para a Pantera.

— Ou então o quê? — desafiou Primus.

— Pague para ver.

Quem respondeu foi Vega, abrindo caminho em meio aos soldados do Lobo, com Mikotaj a seu lado. Estavam ambos lavados de sangue, a lança e a rapieira encharcadas e manchadas de vermelho.

— Como você pode estar aqui na Lyssia? — questionou Tiaz.

— Fico contente em vê-lo também — ela rebateu. — Scoria caiu, assim como os Lizardlords para quem você me vendeu.

— Você não foi vendida, Taboo. Os anciãos exilaram você por causa de seus crimes.

— Esses crimes não eram *meus* — ela retrucou, enfurecida após os anos perdidos na Fornalha como marionete dos Lizardlords.

— Foi Onyx quem matou o Cheetahlord Chang e incriminou Taboo — revelou Drew.

— Mentira! — gritou o general Primus. — Mate o Lobo e acabe logo com essa história.

— Eu ouvi a confissão da boca de Opal — continuou o Werewolf —, assim como os anciãos. Foi *por isso* que o Fórum se desfez. As três casas tomaram rumos separados, Tigres, Leões e Panteras. Agora é cada um cuidando de si. Você pode começar a fazer isso ficando ao lado de sua filha, Tiaz.

O Orangotango Urok agarrou um dos comandantes dos Mantos-Rubros e murmurou algumas palavras em seu ouvido antes de mandá-lo a outro lugar. O capitão desapareceu na multidão, e um coro de murmúrios se ergueu outra vez.

— Mate o Lobo, Tiaz, ou saia da frente para que eu possa fazer isso — disse Primus.

— Teria que passar por cima de mim primeiro — rosnou Taboo, erguendo a lança, os pelos eriçados.

— Vamos conversar — disse Tiaz, erguendo a mão para silenciar a filha e o Pantherlord. — Uma conversa minha com o Lobo, com uma testemunha de cada lado. Baixem as armas, todos vocês!

Mais transmorfos apareceram no meio da multidão, posicionando-se ao lado de seus aliados mais próximos. Outro Primata se juntou a Urok, enquanto um Búfalo se colocava ao lado de Primus, bufando e baixando ameaçadoramente os chifres. Na escuridão da noite, a movimentação continuava, com mais Werelords abrindo caminho pelos dois exércitos. Drew viu que Elmos-Dourados e Mantos-Rubros começaram a se separar. A divisão se instalava no seio do exército do Catlord.

— Junte-se a mim, Tiaz — disse Drew. — Mas não demore. Seus amigos parecem estar abandonando o barco da irmandade bastian. Não está vendo quem está lutando a meu lado? Os Fúrias de Felos são meus amigos e foram enviados até aqui por seu pai, o Alto Lord Tigara.

Pela primeira vez, Tiaz notou a presença dos guerreiros do sul — do próprio povo — no meio da multidão. Eles fizeram uma breve mesura para seu senhor. A situação estava ficando dolorosamente visível diante de seus olhos.

— Pai — disse Taboo, apontando com a lança para a montanha preta —, fiquei aprisionada em Bana com os Gaviões e os Chacais enquanto você tentava nos matar de fome. O Fórum dos Anciãos foi construído em cima de mentiras que tiraram sua própria filha de seu convívio. Faça o que é certo desta vez, por mim.

O marechal de campo Tiaz, alto comandante do exército bastian, olhou para Urok e depois para Primus. A desconfiança em seu olhar bastou.

Primus avançou sobre Drew com sua cimitarra. Tiaz saltou na frente dele, recebendo o golpe no meio do peito. Faíscas voaram pelo ar quando a lâmina atravessou sua armadura, que se despedaçou. O Tigerlord foi ao chão. Taboo se colocou entre eles, cravando as garras do pé no peito de Primus. A Pantera

caiu, erguendo a cimitarra para desviar a lança da Weretiger. Enquanto isso, o Orangotango Urok atacava o Hawklord mais próximo, segurando o falcotrope pelas asas com suas mãos poderosas. Era o barão Baum, o combalido Eaglelord, exausto demais para evitar a investida do Wereape, que estava em condições físicas muito melhores. Penas voaram quando as mãos e os dentes do Primata entraram em ação. O conde Carsten saltou sobre as costas de Urok, tentando desesperadamente livrar seu irmão da fera.

Taboo se viu cercada de Elmos-Dourados, que a atacavam com suas espadas enquanto ela tentava atingir com a lança a Pantera caída. A Tigerlady estava exausta e desnutrida, e o combate esgotava as poucas energias de que ainda dispunha. Primus se esquivou para um lado e para o outro, e a agilidade salvou sua pele. A cimitarra cortou o ar em direção a Taboo. Ela cambaleou para trás. Primus se levantou para dar o golpe mortal. Em vez disso, porém, viu-se diante do Lobo, cuja espada branca abriu uma trilha de sangue em meio aos Elmos-Dourados. O aço encantado por pouco não acertou o pescoço de Primus, que deu um passo para trás.

A batalha recomeçou em três frentes. Os Mantos-Rubros avançaram sobre os Elmos-Dourados, e o segundo Apelord saiu destroçando todos os humanos que via pela frente. O Búfalo, que se pusera ao lado de Primus, entrou em ação, atropelando diversos sturmianos no caminho antes de acertar o peito largo de Mikotaj com a cabeça. O Lobo branco uivou ao sentir os chifres perfurando sua carne e jogando-o no chão. Os Abutres também entraram no embate, rasgando rostos, decepando cabeças e fazendo tanto os Mantos-Rubros quanto os sturmianos se agacharem de medo. A lealdade deles às Panteras logo ficou clara, e investiram contra os Hawklords. Um gigante entre eles capturou Shah e decolou com ela presa pela garganta em suas garras. A ação não passou despercebida. Com um salto, o conde Vega se agarrou à outra perna do aviatrope, e os dois despencaram de novo no coração da refrega, com o Tubarão e o Abutre se atacando enquanto caíam.

Drew e Primus trocavam golpes e dentadas. Uma ou outra espada se aproximava perigosamente de suas costas em meio à batalha entre Fúrias e Elmos-Dourados, mas os dois continuaram duelando mesmo assim. A Pantera saltou sobre Drew de forma repentina, acertando o rosto do Lobo com uma cabeçada. Sentindo o focinho em chamas, Drew foi ao chão, mas em seguida deu uma rasteira no Catlord. As espadas foram abandonadas, e as garras entraram em ação. Com sua única mão, Drew não conseguia deter os golpes do Werepanther, e a pelagem cinzenta de seu peito se encharcou de

sangue. O punho sem mão entrou em ação, acertando o queixo de Primus com a ponteira de aço, fazendo-o cambalear para trás. As garras de Drew abriram cortes paralelos na barriga do Catlord quando a Pantera avançou de novo com a Moonbrand na mão, pronta para o ataque.

O rosto do Werepanther, retorcido em uma expressão triunfal, foi iluminado pelo metal branco, escurecendo o mundo ao redor, que mergulhou nas trevas. No entanto, não fora o negrume da noite que imergira a Pantera nas sombras. Um vulto havia aparecido atrás de Primus em meio à batalha que se desenrolava. O Catlord se virou para ver o que provocara aquela penumbra. Nesse momento, foi atingido por um golpe de arrebentar os ossos, desferido por uma marreta de pedra. O tronco do Werepanther sucumbiu ao impacto do martelo gigantesco, que pulverizou seu corpo, deslocando seus membros e arremessando-o longe, desconjuntado como um boneco de pano. Drew viu o cadáver da Pantera atingir uma encosta a distância com um estalo terrível. Seus olhos então se voltaram para a figura com a marreta, o Weremammoth que fazia todos ao redor parecerem minúsculos.

A carapaça cinzenta do transmorfo elefantino estava coberta de cicatrizes e perfurada de flechas. Suas orelhas estavam rasgadas e mutiladas. Ele moveu a cabeça de repente, acertando um golpe brutal em um grupo de Elmos-Dourados com suas presas de marfim, que os mandou longe. Só então se voltou para Drew.

— Disseram que você não viria. — Quando Beemote falou, sua voz retumbante e tristonha soou tão doce que Drew quase foi às lágrimas.

— Pois estavam enganados.



7

Lar desfeito

Gretchen sentou nos degraus da Casa de Hedgemoor e chorou. Nas mãos, segurava a ponta de uma galhada quebrada. Uma espada curta estava encravada no chão a seus pés. Deixara os Marshmen dentro da mansão à procura de sobreviventes, mas sabia que era perda de tempo. Sabia também que jamais conseguiria cruzar aquela porta de novo, não nas condições em que as coisas estavam. Seu lar fora violado; nada escapara ileso de Lucas e seus Lobos Selvagens. A propriedade inteira apresentava sinais de sua ação odiosa: restos humanos semidevorados cobriam os salões e corredores, e fluidos corporais manchavam as paredes e o piso de todos os cômodos. As memórias de sua infância, dos momentos preciosos que passara na companhia dos falecidos pais, tinham sido reduzidas a pó. O espectro sinistro de Lucas pairava por toda parte. Agora ele havia ido embora, deixando a Casa de Hedgemoor em um estado deplorável, uma sombra imunda do que costumava ser.

E o pior de tudo fora o menino. O salão principal fora arrumado como uma espécie de teatro de horrores. Tinham encontrado os Elmos-Dourados que vinham seguindo até Hedgemoor. Seus corpos abatidos estavam arrumados ao redor da mesa de banquetes como marionetes com os cordões cortados. Mas o corpo do menino — ou o que sobrara dele, pelo menos — fora deixado na velha cadeira do conde, junto à lareira, as galhadas arrancadas do rosto desfigurado. Nenhum dos fíbios estava preparado para aquilo. Alguns se curvaram e vomitaram, outros começaram a chorar. A visão dos restos mortais do menino fora demais para todos. Gretchen recolhera a espada do

garoto, com a intenção de devolvê-la ao pai dele, caso ainda estivesse vivo, pois adorava o velho. Ela virou a ponta do chifre nas mãos e balançou a cabeça. Sem dúvida era de Milo, filho do duque Manfred. Ela se encontrara algumas vezes com o menino durante sua breve existência no mundo. E agora ele havia morrido, e de maneira terrível.

— Talvez ele não tenha sofrido.

Gretchen ergueu a cabeça, mas não viu ninguém. Guardando a ponta do chifre no bolso, a garota ficou de pé, arrancando a espada curta do chão.

— Quem está aí?

A cidade estava escondida pela semipenumbra do entardecer, transformando o local outrora cheio de vida em um cemitério cinzento. Olhou para a porta da casa à procura de um de seus companheiros Marshmen, mas não havia nenhum por perto.

— Um menino de coragem para vir até Hedgemoor sabendo que ia encontrar a morte certa. Por outro lado, ele não estava sozinho.

Pelo sotaque, Gretchen notou que o estranho que lhe falava das sombras era um aliado dos Catlords. Seus olhos esquadriharam o local outrora elegante onde estava em busca de alguma movimentação nas sombras, porém não viu nada. Afastou-se da casa, prescrevendo um círculo em torno de si mesma enquanto investigava os arredores.

— Pelo jeito você sabe muito bem o que aconteceu aqui, bastian. Mostre seu rosto. Não seja tímido.

O estranho soltou uma gargalhada, e sua risada ecoou entre as muralhas do pátio.

— Para você tentar me matar, Foxlady? Sei quem você é, e você também parece saber muito bem de onde venho.

— Está com medo de mim, então? — questionou Gretchen, espichando o pescoço por cima das muralhas. As cabeças de vários de seus parentes estavam espetadas em lanças.

— Eu disse que você pode *tentar* me matar — ressaltou o estranho com uma risadinha. — Isso não me assusta nem um pouco.

— Então apareça, ora.

— Os homens com quem você chegou — disse o bastian, mudando de assunto. — Quem são? Seminus, com mantos feitos de redes de pesca. Uma companhia um tanto bizarra para uma lady, não?

— São só pobres almas que seus conterrâneos também prejudicaram. Imagino que você tenha visto os Elmos-Dourados mortos em meu salão, não?

Estava com eles?

— Não, mas conhecia muitos deles. Todos ótimos sujeitos.

— Todos assassinos — rebateu Gretchen, dirigindo-se à escada que dava acesso ao alto da muralha. A voz dele vinha do alto, sem dúvida nenhuma. — Eles mataram os próprios irmãos em uma fazenda a um dia de cavalgada daqui. Nós os seguimos.

— Não eram irmãos, se é que está se referindo aos Mantos-Rubros — respondeu a voz do estranho. — Parece que houve uma certa... divisão na união dos Catlords em tempos recentes.

— Divisão? — Gretchen chegou ao alto da muralha, pisando com cuidado em meio aos detritos que atulhavam o local.

— Os Elmos-Dourados são homens da Pantera, e os Mantos-Rubros servem ao Leão. O fato de estarem exterminando uns aos outros está arruinando meu trabalho na Lyssia.

— Então você está com Onyx?

— Temos um longo histórico juntos, digamos assim. Acredito que você conhecia o menino morto, não conhecia? — As palavras dele soaram frias e calculadas, fazendo Gretchen estremecer.

— Milo, o Staglord. Ele é filho do duque Manfred.

— Sim, claro — respondeu o estranho, e Gretchen o ouviu estalar os dedos. A garota manteve a cabeça voltada para a frente, mas já tinha conseguido detectar de onde vinha a voz. Era da própria Casa de Hedgemoor. Mas de onde, exatamente? Do telhado, dos andares superiores?

— Para um inimigo, você gosta até demais de conversar — ela comentou.

— Sinto falta de falar com uma lady, especialmente alguém tão agradável quanto você. Não precisamos ser inimigos.

— Você disse que ele não estava sozinho — ela falou, ignorando o elogio —, mas o único corpo que encontramos lá foi o dele, sem contar seus companheiros.

— Isso mesmo — confirmou o homem. — Eles levaram o outro Manto-Cinza, o rei e seus Lobos Selvagens. Era uma figura de aspecto exótico também.

Gretchen mantinha a cabeça voltada para a frente ao longo da muralha, mas seus olhos percorriam o segundo andar da casa, vasculhando cada janela em busca de um sinal de vida, porém sem encontrar nada.

— Um guarda lupino?

— Estava mais para um homem lupino, sendo bem sincero. Uma fera

desgrenhada com cabelos loiros imundos. Estava passando pela mesma transformação que os Wyldermen.

Gretchen viu que ele não estava no telhado. “Pelo amor de Brenn, onde você está?”

— Explique-se — pediu, tentando manter o bastian ocupado enquanto procurava por ele.

— Os Lobos Selvagens de Lucas — disse o estrangeiro. — Foi uma feitiçaria que criou aqueles monstros, que são uma combinação de selvagens com licantropos.

— Isso é impossível — rebateu Gretchen, dando-se conta com um suspiro de que ainda estava sozinha. Não havia nem sinal dos fíbrios no pátio mais abaixo.

— Eu diria o mesmo se não tivesse visto tudo com meus próprios olhos afiados. Coração Negro, esse era o nome dele, um xamã de sua Dyrewood. A maldição é passada pela mordida. É incrível o que se pode fazer quando se tem uma pata decepada do Lobo da Westland para brincar.

Gretchen empalideceu ao ouvir o que o estranho dizia.

— Lucas tinha um claro interesse por esse jovem amaldiçoado, tanto que poupou a vida dele. Uma espada encravada na barriga teria sido a melhor coisa. Todos vão acabar morrendo, esses lobisomens. O sangue envenenado está corroendo as veias deles.

— Você viu muita coisa, então?

— Meu ponto de observação é privilegiado — respondeu o homem. — É surpreendente quanto se pode ver quando os olhos de todos estão voltados para o chão.

— Você gosta de surpresas?

— A maior surpresa foi Lucas poupar a vida do Manto-Cinza. Talvez tenha sido por causa da espada que o loirinho carregava. Isso certamente chamou a atenção do rei. Não é sempre que se vê uma Wolfshead nos dias de hoje.

O coração de Gretchen disparou ao ouvir a menção à arma. Não podia ser Trent, podia? Ele tinha sido morto em Bray, massacrado pelos lobisomens. Ela testemunhara isso com os próprios olhos. Talvez não? Eles tinham saltado sobre ele, mordendo-o e golpeando-o. Seria possível que tivesse sobrevivido? As mordidas poderiam tê-lo transformado em um monstro? O fato de ainda estar vivo era uma boa notícia, mas, se estivesse contaminado pela magia negra, sua morte talvez fosse inevitável. Algum humano seria

capaz de sobreviver a uma transformação como aquela?

— E, depois que Lucas e seus lobisomens se foram, você decidiu ficar aqui? — questionou ela. — Não era melhor tomar seu caminho e reencontrar seu senhor, a Fera de Bast? Não existe mais nenhum caminho seguro. Estamos em guerra, sabe?

— Não se preocupe comigo, milady — disse o homem com um sorriso perceptível na voz. Os olhos dela se dirigiram para a frente da casa enquanto ele continuava falando: — Posso voltar para perto de Onyx quando quiser. E não tenho medo de estrada nenhuma, mas obrigado por se preocupar. Achei melhor esperar alguns dias, para ver quem mais iria aparecer, antes de me reportar ao Pantherlord. Ainda bem que fiquei por aqui, não? Tenho muito mais para contar agora.

A Casa de Hedgemoor era uma construção incomum, com a fachada toda adornada com nichos, varandas e balaustradas. Vastas trepadeiras cobriam as paredes e as janelas. Os olhos de Gretchen se estreitaram enquanto ela caminhava pela muralha de pedra, aproximando-se da casa com o coração em disparada. “Onde está você?”

— Talvez eu volte para casa mais cedo agora. Não acharia bom se livrar de nós, Lady Gretchen?

— Pode ir agora mesmo se quiser. Sua presença não é bem-vinda nos Sete Reinos — ela disse, irritada. — Isso vale para vocês todos.

— Apesar das suas palavras tão cheias de convicção — disse o estranho —, infelizmente não aceito ordens da bonequinha do Leão.

Gretchen ficou chocada ao ouvir aquelas palavras. Ele passara de educado e quase charmoso a ofensivo e malicioso. A ideia de que ela pudesse ser um brinquedinho nas mãos de qualquer homem, principalmente de um demônio desprezível como Lucas, encheu-a de raiva. Ela rosnou, cerrando os punhos que pendiam nas laterais do corpo, e suas garras e sua pelagem apareceram.

— Então prefere uma boa surra?

— Talvez, milady, eu prefira levá-la comigo!

As trepadeiras que enfeitavam a Casa de Hedgemoor ganharam vida de repente. Folhas verdes voaram pelos ares quando a forma alada decolou do meio delas em direção à jovem na muralha. Gretchen se virou com as garras em riste quando a figura baixou sobre ela. Asas pretas enormes se arqueavam nas costas dele, e os pés prenderam com força os pulsos da Werefox. Um colar de penas brancas circulava o pescoço do aviatropo, que abria e fechava o bico ameaçadoramente junto ao rosto de Gretchen. Ela rosnou e tentou

mordê-lo, mas o monstro simplesmente a afastou com as pernas, usando as garras para se manter longe de seu alcance.

Ela se debateu para escapar do poder do grotesco Birdlord, mas não obteve sucesso. Estava muito bem presa. As mandíbulas da Werefox procuraram os tornozelos do aviatropo, mas o monstro afastou um pouco mais os braços da garota, cravando as garras em seus cotovelos.

— Pode resistir quanto quiser, Lady Gretchen, mas você vai voar comigo — disse o aviatropo, batendo as asas com movimentos poderosos. — Se fosse você, trataria de relaxar. As Terras Áridas ficam a uma boa distância daqui, e, mesmo para uma transmorfa, uma queda seria bem desagradável.

Com mais algumas batidas de asas, Gretchen sentiu seus pés se distanciarem das muralhas. Esperneava em pleno ar, tentando inutilmente se livrar das garras do Birdlord.

Algo cruzou os ares zunindo, perfurando as asas negras e acertando as costas do aviatropo. O monstro ainda guinchou antes de começar a tombar. A jovem e a fera despencaram no chão de pedra coberto de musgo do pátio.

Gretchen se desvencilhou do Birdlord ferido, observando a flecha alojada entre sua asa e seu ombro. O monstro estremeceu, retorcendo o pescoço torto para tentar respirar. A Raposa de Hedgemoor se virou para a guarita quando ouviu o som de passos. Uma silhueta com a cabeça coberta por um capuz caminhava delicadamente em meio às trevas, o arco em punho e uma nova flecha apontada para os dois. A visão aguçada de Gretchen permitia-lhe enxergar além da figura com o arco. Outras sombras se moviam em meio à escuridão, e as ruas da cidade aos poucos começaram a ganhar vida. A princípio, viu apenas uma leve movimentação, mas em pouco tempo o caminho diante dos portões passou a fervilhar de atividade, com tropas de soldados se dirigindo à Casa de Hedgemoor.

Mais ruídos atraíram sua atenção para a mansão às suas costas, de onde saíam às pressas os Marshmen, alarmados com seus gritos. Eles correram para o pátio em grandes saltos, lanças e tochas em punho. A figura encapuzada apontou o arco para eles, e os fíbios se prepararam para lançar seus projéteis.

— Não! — gritou Gretchen para os Marshmen. — Foi ele quem me salvou!

Os fíbios detiveram o ataque, e a Foxlady se virou para a figura com o arco. A luz das tochas iluminou seu manto verde. Shoma se posicionou ao lado de Gretchen e, com sua lança, cutucou o Birdlord, que agonizava no

chão. A garota de Hedgemoor o ignorou por completo, mantendo os olhos fixos no Sentinela da Floresta que se aproximava, jogando o capuz para trás.

— Ele? — questionou Whitley, abrindo um sorriso que foi um bálsamo para os olhos fatigados de Gretchen. — Isso não é jeito de falar com uma garota.



8

Aliados relutantes

Os sons em comemoração à vitória na Falha de Bana se alçavam bem alto em meio às rochas. Apesar de o sol da manhã já estar despontando, o corredor entre as montanhas permanecia escuro, a não ser pelas fogueiras ao redor das quais dançavam os omirianos. A música e as brincadeiras corriam soltas. As pessoas cantavam e se abraçavam.

Apesar de toda a celebração, havia também um clima de tristeza no ar. Aqueles que tinham ficado aprisionados dentro da cidade pelo Catlord abriram mão da própria vida para manter a liberdade até aquela noite. Para muitos, o reencontro fora marcado pelo lamento por aqueles que haviam tombado na guerra que tomara conta do Reino do Deserto. Humanos e transmorfos choravam pelos que tinham sucumbido bravamente, consolados pelos Chacais, que erguiam brindes em homenagem aos mortos.

No alto da Falha, Drew Ferran encontrava-se em uma varanda de pedra, admirando a vista. Enfim uma vitória no campo de batalha; enfim havia um motivo para comemorar. Mas ele não podia se iludir — aquilo não significava que a guerra estava ganha, embora fosse um bom começo. Cada triunfo era um passo para tornar a Lyssia um lugar onde todos seriam livres. Era bom ver os diferentes lados se misturando, os homens de Shadowhaven lado a lado com os omirianos, os Fúrias de Bast entre eles. Os inimigos vencidos haviam batido em retirada fazia tempo. Os Mantos-Rubros e os Elmos-Dourados haviam tomado o caminho do norte, ainda em combate uns com os outros, e os Doglords tinham se dispersado com o ataque de Faisal. O acampamento improvisado que dominava o norte do deserto tinha sido

destruído pelos Chacais com o auxílio da Pantherlady Opal. Suas provisões haviam sido saqueadas, e a comida e o vinho, distribuídos às almas famintas que tinham ficado aprisionadas dentro da cidade. Os Cães tinham fugido para Ro-Pasha, sua terra natal, para lamber as feridas. Drew esperava que decidissem ficar por lá, arrependidos de terem escolhido o lado errado na guerra que assolava a Lyssia.

Ele sentiu um tapinha no ombro, que lhe provocou um sobressalto.

— Você está parecendo um lemingue aí — comentou Krieg. — Não vá pular agora, depois de tudo por que passamos.

Drew sorriu para o Rinoceronte, seu velho amigo da arena de gladiadores em Scoria.

— Enquanto eu não tiver asas, prefiro que isso não aconteça.

Atrás de Krieg estavam os outros gladiadores da Fornalha, Taboo e Beemote. Saber que tinham sobrevivido ao cerco de Bana era motivo de imensa felicidade para Drew. Junto com os Hawklords, os três haviam viajado para a cidade nas montanhas a fim de ajudar na libertação dos Chacais, mas em vez disso tinham acabado presos também, com o inimigo à espreita do outro lado dos portões. A disposição para lutar pela liberdade de gente tão distante de sua terra natal era uma grande prova de sua lealdade ao Lobo, forjada na base da dor e do sofrimento.

— Venha — chamou Krieg. — Estão sentindo sua falta lá na mesa.

Os Lords e os comandantes vitoriosos estavam todos no salão da cidade escavada na montanha, desfrutando de um banquete de vitória. Omirianos, sturmianos e bastians compartilhavam a comida e a bebida, analisando a batalha daquela noite e planejando os próximos passos.

— Se não se importam, vou ficar aqui fora mais um pouco — respondeu Drew. — A manhã está muito bonita.

— Entendo perfeitamente — respondeu o Rinoceronte, respirando fundo.

— Depois de passar meses entocado nestas rochas negras, o ar fresco vem bem a calhar!

— Além disso — acrescentou Beemote com sua voz grave —, chega uma hora em que o estômago não aguenta mais tanta comida e bebida.

— Você não pode estar falando sério, meu amigo elefantino — rebateu Krieg. — Sua barriga tem espaço suficiente para as provisões de um exército inteiro, e ainda sobra lugar para a sobremesa.

Drew notou a relutância de Taboo em entrar na brincadeira com os amigos. A Tigerlady se mantinha distante deles na varanda, os cotovelos apoiados na

balaustrada de pedra. Seu rosto tinha uma expressão tempestuosa, como se estivesse prestes a explodir. Drew engoliu em seco, sempre cauteloso em relação ao temperamento dela. Era preciso tomar cuidado com as palavras ao conversar com Taboo.

— Não deseja companhia hoje, Taboo?

Ela grunhiu em resposta:

— Compartilhar o pão com traidores não é fácil para mim.

Drew fez uma careta, sabendo exatamente de quem ela falava.

— Não existe nada simples no mundo em que vivemos, nem na guerra que travamos.

A lista dos inimigos de Taboo era extensa. Ela se regozijara com a execução dos Lizardlords de Scoria, mas eram os Catlords que acendiam sua verdadeira fúria. Tinham sido os traiçoeiros felinotropos de sua terra natal — de sua própria espécie — que a haviam entregado às mãos dos Lagartos. Tinham tramado para incriminá-la, condenando-a pelo assassinato do homem que amava, quando na realidade o crime fora cometido por Onyx, a Fera de Bast. A manipulação havia sido tão pesada que ela mesma acreditara em sua culpa, até que a verdade viesse à tona. Drew continuou a conversa, com a maior cautela possível, explicando a ela que não fora a única a ser enganada. Tiaz, seu pai, também fora manipulado pelos Leões e pelas Panteras. Taboo tinha passado a vida toda duvidando da própria sanidade, considerando-se um perigo para aqueles que amava, mas agora sabia que não era nada disso.

— Duas pessoas sentadas àquela mesa são responsáveis pelo que me tornei.

— E quem você se tornou? — questionou Krieg. — Uma amiga determinada, fiel e confiável. Não consigo pensar em mais ninguém, além de Beemote, que gostaria que estivesse a meu lado em uma situação difícil.

— Eu me tornei uma assassina — grunhiu Taboo. — Teria sido uma lady em Bast. Tinha um futuro por lá, até me jogarem naquela arena com os Lizardlords. É só para isso que eu sirvo agora. Sou uma arma, nada mais. Talvez seja melhor agradecer a Opal e Tiaz do único jeito de que sou capaz.

Drew viu as garras dela se cravarem na beirada da varanda de pedra, e uma pelagem alaranjada surgiu em suas mãos.

— Taboo — ele falou, mantendo um tom de voz tranquilo —, ele é seu pai.

— *Era* meu pai — ela corrigiu. — Ele perdeu todo o direito de se denominar assim quando me deu as costas no momento em que eu mais

precisava.

— Você o chamou de pai lá embaixo, na Falha, e ele lhe deu ouvidos.

— Faço o que for preciso quando a necessidade aparece — ela disse, dando de ombros. — Mexer com as emoções dele resolveu nosso problema, não resolveu?

Ela não estava errada. Suas palavras haviam feito a diferença, convencendo Tiaz a mudar de lado e criar uma divisão entre as forças dos Catlords. Fora a esperança de retomar o relacionamento com a filha que prejudicara que havia motivado o marechal de campo.

— Está dizendo que ele nunca vai reconquistar seu coração?

— Não tem lugar para ele no meu coração.

— Mesmo assim, duvido que ele não vá continuar tentando — suspirou Drew. — Ele é seu pai e ama você. Ele também foi uma vítima dos truques dos seus inimigos, lembra?

Taboo sibilou de irritação.

— Tiaz me virou as costas por causa dos Leões e das Panteras. É um idiota que preferiu acreditar na palavra deles em vez de na própria filha, mas aquela outra ali, Opal, essa sim sabia muito bem o que estava fazendo quando ajudou o irmão a me incriminar pelo assassinato de Chang. Ela armou tudo para que eu pagasse pelo crime de Onyx. E eu vou me vingar.

Drew grunhiu. “Lá vamos nós de novo.”

— Pois então entre na fila — ele rebateu. — Existe mais gente querendo se vingar da Beldade de Bast, inclusive minha amiga Whitley, cujo irmão morreu a mando dela. Mas você vai precisar passar por mim primeiro.

Ela se virou para encará-lo, os olhos verdes arregalados. Drew ergueu o queixo, olhando-a de baixo para cima. A surpresa de Taboo se transformou em uma expressão de raiva, e seus olhos se estreitaram enquanto observava o Wolflord.

— Está ficando do lado *dela*, contra *mim*, depois de tudo o que fiz em seu nome?

— Só conseguimos chegar até aqui para ajudar vocês graças a Opal. Ela fez ruir o Fórum dos Anciãos, expondo as traições que os Altos Lords haviam cometido uns contra os outros. O assassinato de Chang, seu exílio, o assassinato de Leopold a mando de Onyx... todas as sujeiras cometidas por Leões e Panteras foram trazidas à tona por ela. Os Fúrias de Felos, *seus guerreiros*, só estão a seu lado por causa de Opal.

— Ela é um monstro.

— Ela é o *nosso* monstro — rebateu Beemote. — Resolva sua disputa com ela depois que ganharmos a guerra, Taboo.

Taboo rosnou para o Weremammoth, mas ele não se incomodou, continuando a olhar para os demais que se aproximavam da varanda. O rei Faisal vinha na frente, com o conde Carsten a seu lado. O rosto cheio de curativos do Hawklord mostrava uma expressão austera, pois sua perda naquela noite havia sido das maiores. O corajoso barão Baum morrera na Falha, destruído por Urok. O Apelord morrera em seguida, pelas mãos de Carsten, mas isso não traria seu irmão de volta. Abatido como estava, não conseguia nem comer. A fome não era nada em comparação com a dor que sentia no coração.

— Não vamos brigar entre nós — disse a Águia. — Deixemos isso para os Felinos e os Cães. Precisamos permanecer fortes e unidos. A vitória de hoje não representa muita coisa. Um reino foi reconquistado, mas ainda temos muito trabalho a fazer.

— São sábias as palavras do meu amigo — acrescentou Faisal. — Precisamos deixar de lado as diferenças em nome de um bem maior. Se isso serve de consolo, Lady Taboo, Opal se mostrou uma colaboradora leal desde que pôs os pés nestas areias. Foi ela quem liderou o ataque a Hayfa, libertando Azra e colocando a Joia de Omir, e os canhões da Hiena, em nossas mãos. Ela também comandou o ataque aos Doglords, ao sul daqui, com seus bravos Fúrias de Felos. Assim como Djogo, redimiui-se de seu passado. Não questione sua lealdade. Ela luta pelo Lobo. *Conosco*.

Drew procurou Djogo, o antigo feitor de escravos, em meio às pessoas que estavam às costas de Faisal, mas não o encontrou. Drew e Djogo não haviam tido tempo para conversar direito. Sem dúvida o soldado gostaria de falar com Shah, a Hawklady. Drew sabia o que Djogo sentia por ela. A Hawklady estava na Casa da Cura com Miloqi, a Loba branca de Shadowhaven, cuidando de Vega. O Sharklord saíra muito ferido da batalha da Falha de Bana. Miloqi, porém, era uma curandeira mais do que capaz de colocá-lo em forma de novo.

— Portanto — disse Faisal, satisfeito ao ver que Taboo parecia mais tranquila —, Azra está a salvo, e as máquinas de guerra do inimigo agora estão montadas em nossas muralhas, apontadas para quem ousar se aproximar. Os Doglords se dispersaram com o rabo entre as pernas. E os Mantos-Rubros e os Elmos-Dourados estão em fuga pela Grande Estrada Ocidental. O que faremos a seguir, Lord Drew?

Todos os olhos se voltaram para o jovem Lobo, e o peso da expectativa era massacrante, como sempre. “Quando essas perguntas vão acabar? Será que algum dia vou voltar a ter uma vida normal?” Ele ansiava por uma existência simples, longe das obrigações de ser um rei. A Dyrewood — era lá que gostaria de estar, longe do mundo e de suas preocupações. Perto de Whitley. Havia muitos amigos a reencontrar, mas quem ele mais gostaria de ter de novo nos braços era a menina de Brackenhholme, a aprendiz de batedora. “Será que ela ainda está viva?” Drew pigarreou, sentindo a emoção vir à tona só de pensar nisso.

— Onde está Florimo? — perguntou, olhando por cima do grupo reunido na varanda, em direção ao salão. As pessoas deram passagem ao Ternlord, seu caminhar sempre elegante um pouco prejudicado pelo excesso de vinho.

— Milorde — ele falou, fazendo uma mesura desajeitada. — Tem mais algum serviço para mim? É só dizer, que minhas asas são suas, camarada.

Drew abriu um sorriso. Florimo era sempre divertido e, desde que chegara com as boas-novas para os prisioneiros de Bana, estava sendo reverenciado por onde passava. Apesar de não ter participado da batalha, o velho navegador tivera papel crucial na libertação da cidade. Sem sua chegada pelos ares, com as flechas dos Abutres zunindo às suas costas, os portões da cidade jamais seriam abertos para o ataque ao inimigo. Drew ouvira inclusive um primo de Faisal se referir ao Garajau como o “Herói de Bana”, algo que Florimo com certeza iria gostar de incluir em sua próxima canção.

— Preciso que observe as estrelas de novo, meu amigo.

O velho marujo pareceu confuso por um instante.

— As estrelas, Florimo — ele repetiu.

O navegador bateu uma mão na outra, tocou o nariz fino com o indicador e deu uma piscadela.

— Entendi, milorde. Claro, claro.

Drew suspirou por dentro. Ele e Florimo tinham feito um acordo durante suas longas conversas noite adentro no *Turbilhão* sobre a lua e seus ciclos. Os dois haviam elaborado um plano que poderia ter grande influência no resultado da guerra. Caso fracassasse, seria terrível e fatal, mas parecia a única opção para o jovem licantropo ser capaz de enfrentar um monstro como Onyx, a Fera de Bast. Ao que parecia, o vinho enevoara um pouco os pensamentos do Ternlord, forçando Drew a ser mais direto do que gostaria. Era cedo demais para revelar suas intenções aos demais.

— Não sei como observar as estrelas pode nos ajudar a derrotar meu irmão

— comentou Opal, aparecendo entre as sombras, acompanhada de Tiaz. Drew não gostou nada de ver os dois juntos. Eles podiam até ter jurado lealdade a ele, mas eram dois Lords de Bast que tinham ido à Lyssia para lutar pelo Leão. Não muito tempo antes, eram inimigos mortais de Drew, e agora trabalhavam juntos?

— Precisamos nos pôr em marcha o quanto antes — acrescentou Tiaz em um tom de voz controlado. Estava bastante ciente do fato de que era um recém-chegado e um estranho no ninho. Demoraria certo tempo para que os amigos de Drew o aceitassem, e talvez isso nunca acontecesse. Seus olhos se voltaram para Taboo antes de continuar seu discurso. — Os Mantos-Rubros e os Elmos-Dourados que fugiram das fileiras estão correndo para Onyx agora mesmo. Não podemos perder tempo comendo e bebendo. Precisamos capturá-los em plena fuga.

O conde Carsten se virou para o Tigerlord, franzindo o rosto sob as bandagens.

— Caso não tenha percebido, quase morremos de fome aqui nesta cidade nas últimas semanas. Foi seu exército que provocou isso, inclusive. Muitos de nós perderam entes queridos, amigos e familiares. Se não se importa, Tiaz, vamos tirar esse tempo para nós. Vamos comer. Vamos beber. Vamos preparar nossos mortos para o sono eterno. E só depois partiremos para o oeste.

Tiaz soltou um grunhido.

— Agora não é o momento para deixar os sentimentos ou a culpa virem à tona.

— É o momento perfeito para isso — retrucou Carsten, dando um passo em direção ao enorme Tigre. Faisal pôs a mão no ombro da Águia, e Opal se colocou entre os dois transmorfos.

— Os dois têm razão — falou Drew. — Não vamos brigar por isso. Trabalharemos o mais rápido possível para organizar nossa marcha, mas não vamos deixar de lado os rituais que devemos aos mortos. Enquanto isso, aqueles que estão saudáveis podem cuidar dos preparativos para a estrada. Peçam aos comandantes para avisarem às tropas que vamos partir para oeste. O duque Bergan e o povo de Icegarden foram avistados a caminho de Robben, de acordo com Mikotaj e Miloqi. É para lá que vamos, porque com certeza Onyx está em seu encalço. Conde Carsten, desculpe perguntar, mas quando seus irmãos vão estar prontos para voltar aos ares?

— Alguns já estão em pleno voo, Drew, em perseguição aos Vulturelords.

Outros estão aqui, pouco menos de dez. Mas estamos prontos para voar hoje à noite mesmo. Só precisamos cochilar um pouco à tarde, rezar pelos mortos, e podemos partir.

— Excelente — respondeu Drew, segurando o antebraço do conde em um cumprimento. — Sinto muito por incomodá-los de novo, mas precisamos que carreguem alguns de nós. É um transtorno, eu sei, mas também uma necessidade.

— Para nós é uma honra — respondeu a Águia grisalha.

Drew entrou no salão onde o banquete era realizado, com os demais em seu encalço. A enorme mesa em que haviam se fartado ainda estava coberta com o que restara da comida que fora servida. Mikotaj, o gigantesco Lobo branco do norte congelado, enchia sua sacola com carnes semicomidas e aves inteiras. Ele ergueu a cabeça quando os outros entraram e, em seguida, deu de ombros.

— Bom, não tinha ninguém mais comendo. Achei que não fossem se importar.



9

O Sharklord e a Hawklady

— Você bem que poderia pegar mais leve comigo, não?

O rosto do conde Vega se contorceu em uma careta quando Shah levantou seus braços. Miloqi, a vidente de cabelos brancos de Shadowhaven, passou a bandagem em torno do peito do Sharklord, deixando-a bem apertada. Os poucos atendentes da Casa de Cura estavam na Falha de Bana, cuidando dos muitos feridos na batalha. Como os ferimentos de Vega não colocavam sua vida em risco, coubera a Miloqi fazer as suturas.

— Eu poderia fazer muitas coisas com você, Vega, mas a maioria delas acabaria com sua morte — esbravejou a Hawklady. — Pare de resmungar e fique paradinho aí.

— Não entenda minhas palavras como uma reclamação, minha cara — disse o conde com um sorriso, que logo se transformou em outra careta, seus dentes perfeitos aparecendo uma vez mais. — Por mais pesado que seja seu toque, ainda assim eu enfrentaria todos os demônios dos mares para poder senti-lo em minha pele outra vez.

— Ele leva jeito com as palavras, não? — murmurou Miloqi, amarrando a bandagem no peito dele.

— Ah, ele é puro charme — concordou Shah, olhando feio para o sorridente príncipe dos piratas das Ilhas Cluster.

— Não falei nada sobre charme — comentou a vidente, arrancando uma risadinha da Hawklady.

Diante da zombaria de ambas as transmorfas, o sorriso de Vega desapareceu.

— Estão se juntando para maltratar um velho marinheiro indefeso? Isso não é justo.

— Ah, agora você é um velho? — questionou Shah. — Os anos de farra estão cobrando seu preço, então? Está arrependido do passado?

— Eu me arrependo de algumas coisas, com certeza — respondeu Vega, falando muito sério. Pôs a mão sobre o pulso de Miloqi quando ela terminou o curativo. — Lady, poderia nos dar um minuto a sós?

— Trate de descansar quanto puder, e não faça nenhum esforço físico — avisou Miloqi. — Não sou magíster, mas conheço ervas e remédios como ninguém. Quem precisa de magia quando a Mãe Natureza nos fornece tantas riquezas? As bandagens precisam ser usadas por pelo menos um dia. E agradeça a Brenn por seu corpo se curar mais depressa que o da maioria.

Ela saiu, deixando-os sozinhos no quarto quase às escuras. Uma vela queimava em uma poça de cera no criado-mudo ao lado da cama, com sua chama tremulante projetando sombras dançantes no rosto da Hawklady. Vega estava deitado, olhando para Shah, que se encontrava em pé a seu lado, os braços cruzados.

Ela era tão linda quanto ele se lembrava. Os cabelos compridos e negros estavam presos em tranças no alto da cabeça, e os olhos grandes e cinzentos, fixos no conde em convalescência. Era bem magra, mas sua silhueta esguia escondia a força de uma Werehawk. Seu falecido pai, o barão Gryffin, fora o herdeiro da cidade de Windfell, lar dos Hawklords das Barebones. E lá estava sua filha, servindo de enfermeira para ele. Vega não resistiu à tentação de provocá-la.

— Você poderia pelo menos ajeitar meus travesseiros — murmurou o Sharklord, mexendo-se desconfortavelmente. — Não é pedir muito, é?

— Com certeza é pedir muito, *sim* — respondeu Shah. — Não sei nem por que estou aqui cuidando de você.

— Eu ainda mexo com você, não é? Mesmo depois de todos esses anos, ainda é apaixonada por mim? Tudo bem, eu entendo. Você é uma transmorfa de carne e osso como todo mundo.

Shah ignorou a brincadeira e continuou com irritação:

— Você me abandonou, Vega. Me deixou nas mãos de Kessler em Ro-Shann. O que aconteceu com seus planos de me levar junto?

— Eu era hóspede de Lady Hayfa — explicou Vega. — Ela estava me cortejando, querendo se casar comigo...

— Hayfa cortejando você? — ironizou Shah.

— Acredite se quiser, passarinha, mas eu sou um partidão! Enfim, os empregados dela ficaram sabendo de nossa amizade...

— Amizade? — questionou ela, interrompendo-o outra vez. — É assim que descreve o que tivemos?

Vega respirou fundo por entre os dentes cerrados.

— Tudo bem, nosso *caso*. A notícia não foi bem recebida, e ela iria me matar, de tão irritada que ficou. Precisei fugir às pressas de Omir, e além disso Kessler já tinha zarpado com você a bordo do *Banshee*. Não havia como ir atrás de você sem arriscar sua vida e a de seu pai.

— Você poderia ter ido me buscar — rebateu Shah em tom áspero, embora a expressão fosse mais amena e ela tivesse lágrimas nos olhos.

— Você era propriedade de Kessler. O Goatlord jamais a teria libertado, nem o velho barão Gryffin, aliás. — Ele estendeu a mão para ela. — Fiquei sabendo do que aconteceu com seu pai. Lamento muito, Shah.

Ela afastou a mão.

— Se fosse um homem digno de ser chamado assim, teria ido atrás de mim e do meu pai.

Vega baixou a cabeça, envergonhado.

— Nessa época eu não era o homem que sou hoje. Era mais egoísta, mais covarde. Estou diferente agora. Aprendi que vale a pena lutar por determinadas coisas.

— Essa epifania veio um pouco tarde demais, não?

— Pode considerar Drew Ferran como o culpado pela minha mudança. Se eu fosse uma alma mais nobre na época, teria ido atrás de você e revirado todos os mares até encontrar Kessler.

Shah arqueou uma das sobrancelhas.

— Mas você não fez isso, não é? Simplesmente desapareceu e voltou para as Ilhas Cluster com sua reputação intacta.

— De jeito nenhum! As Ilhas Cluster não eram mais minhas... Leopold as havia entregado ao Squidlord Ghul. Meu único lar era o *Turbilhão*, e minha única família, os rapazes que trabalhavam no navio.

— Estou morrendo de pena de você, Vega — esbravejou Shah. — Pobrezinho! Que vida terrível você teve! — Ela se inclinou sobre ele, lançando o hálito quente em seu rosto junto com toda a sua fúria. — Você me deixou com um *bebê*! Eu estava grávida, e o filho era seu, Vega! Você apenas se divertiu e foi embora. O menino foi arrancado de mim, Tubarão, pelo meu próprio pai, e mandado para tão longe que Kessler nunca conseguiu

achá-lo. Se pusesse as mãos nele, ele o teria vendido ou feito coisa pior. Então meu pai o entregou a um mercador amigo seu. Só Brenn sabe o que aconteceu com meu lindo bebê.

Vega pigarreou enquanto ela se afastava, escolhendo as palavras com cuidado. Não queria mencionar o paradeiro de Casper; não ali, nem naquele momento. O rapazinho estava a bordo do *Turbilhão* com Figgis. O conde precisava escolher o momento certo para apresentar o filho à mãe, e vice-versa. Era melhor esperar até que estivessem mais próximos.

— É de esperar que Gryffin tenha mandado a criança a um lugar seguro. Seu pai fez o que era certo com você e o bebê. Com certeza o pestinha está bem.

— *Pestinha?* — Ela o esbofeteou com força, jogando a cabeça dele contra o travesseiro. — Era o *meu* menino, um menino lindo, que mal cheguei a conhecer. Era seu *filho*, Vega. Mostre alguma compaixão, seu desnaturado e sem coração.

Ela ia bater nele de novo, mas Vega segurou seu pulso. Ele a encarou, o rosto ainda ardendo por causa do tapa. Não havia muita coisa que pudesse dizer para que ela se sentisse melhor. Vega a soltou.

— Pode me bater, se isso for ajudar — ele murmurou. — Pode me socar, me arranhar e me chutar, se isso for aliviar sua dor. Mas não continue brava comigo, eu imploro.

Ele se recostou, esperando uma chuva de golpes, o que não aconteceu.

— Vou continuar brava com você até me deitar para o sono eterno — respondeu a mulher de olhos cinzentos. — Eu odeio você, Vega. Brenn do céu, como é bom dizer isso na sua cara — ela continuou, ofegante, engolindo o choro e depois soltando uma gargalhada.

— Como pode dizer isso? — questionou Vega, horrorizado com aquelas palavras. Durante todo aquele tempo, ele continuara a amá-la, mas fora impedido de dizer isso a ela, de procurá-la.

A risada de Shah cessou em um instante.

— Kessler pode ter oprimido meu espírito e machucado meu corpo, mas a força de espírito pode ser recuperada, e as feridas se curam. Você partiu meu coração, Vega. Foi você que me arruinou, muito mais que o Goatlord.

Shah deu as costas ao exausto Sharklord, deixando-o sozinho no quarto às escuras, apenas a vela como companhia.

* * *

Depois de falar com o conde, Shah saiu do quarto com a cabeça e o coração a

mil. Apesar de tudo o que acontecera, uma parte dela ainda o amava, porém ela jamais admitiria isso. Seu filho continuava desaparecido, seu pai continuava morto e sua vida, em farrapos. Shah conseguia entender o que ele devia ter passado ao sair fugido de Ro-Shann, sem poder se despedir. Não duvidava que estivesse sendo sincero, que estava arrependido do que acontecera tanto tempo antes. Mas seria mesmo um homem mudado? Poderia ela permitir sua aproximação outra vez? Vê-lo de novo havia reacendido a chama que a consumira por dentro. Queria tê-lo nos braços, mas não era a hora nem o lugar para isso. O Tubarão ainda não cumprira seu castigo.

Fechando a porta atrás de si, Shah se virou e teve um sobressalto ao ver um vulto no corredor imerso em sombras. Era Djogo, outro sobrevivente da Fornalha e mais uma alma que sofrera nas mãos de Kessler. Por muito tempo ela dependera dele, que se mantivera firme a seu lado nos piores momentos. Os dois desfrutavam de uma intimidade nascida desses momentos de dificuldade. Mas não era amor; não era como o que sentia por Vega. Quanto mais haviam se afastado do inferno que era a Fornalha, mais a relação tinha esfriado, porém ela sempre o consideraria um amigo. Shah o abraçou.

— Você quase me matou de susto, Djogo — ela falou enquanto ele retribuía o abraço. Afastaram-se, e ela o mediu de cima a baixo. — Que bom ver você. Tive medo de morrer neste lugar esquecido por Brenn sem rever as pessoas de quem tanto gosto.

Djogo abriu um sorriso peculiar ao ouvir aquelas palavras.

— Você é muito amada por todos nós, Shah. Fiquei com medo de que nunca mais nos encontrássemos. — Ele segurou sua mão, apertando seus dedos de leve. Ela se desvencilhou do toque, apesar da relutância do antigo feitor de escravos.

— Temos muita gente a agradecer por nosso destino favorável — ela respondeu. — Talvez seja, *sim*, possível derrotar os Catlords, no fim das contas. — Ela olhou por cima do ombro em direção à porta do quarto de Vega, e de novo para Djogo. Ele já estava lá quando ela saíra do quarto. “Por quanto tempo ele ficou aqui? Será que ouviu tudo?”

— Faz tempo que está aqui? — ela perguntou.

— Vim procurar você. Achei que podia estar com fome... Foi um dia bem longo, então separei algumas coisas para você comer.

— É muita gentileza sua, Djogo.

— Você andou chorando — ele comentou, erguendo a mão para limpar uma lágrima do rosto da Hawklady, mas ela se esquivou do toque. Ele olhou

para a porta. — O Sharklord. — Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim — ela confirmou, a irritação ainda evidente na voz. Havia algo estranho em Djogo, mas Shah não sabia exatamente o que era. Ele parecia tranquilo, mas seu olho, o que ainda enxergava depois da batalha contra Drew muito tempo antes, permanecia fixo na porta, sem sequer piscar.

— Venha — ela continuou, incomodada com o estado de espírito do amigo e ansiosa para afastá-lo o quanto antes da Casa de Cura. — Essa refeição que separou para mim, vou comê-la enquanto você me conta o que andou fazendo desde que nossos caminhos se separaram.

Djogo enfim piscou, como se tivesse despertado de um transe. Ele estendeu a mão para o corredor.

— Primeiro você, milady — ele falou, e os dois saíram andando pelo corredor escavado na rocha, deixando para trás os leitos dos feridos e o Sharklord.

PARTE IV

A sorte está lançada





1

Carne vermelha

Em meio ao coro de rosnados e grunhidos, era possível ouvir os gritos do mercador por misericórdia, clamando por piedade, clamando para que sua vida infeliz fosse poupada. Seus apelos caíram em ouvidos moucos, e seus gritos foram se tornando cada vez mais agudos e desesperados antes de serem silenciados de vez, quando sua vida chegou ao fim. Trent ficou aliviado com a morte do coitado, cujo sofrimento enfim terminara, sentindo também um pouco de inveja. Aquele alívio seria uma bênção para ele.

Lucas e seus lobisomens tinham cruzado o caminho do mercador e sua carroça naquela manhã. O guarda fora assassinado imediatamente, mas a morte do mercador fora longa e sofrida. Os Lobos Selvagens tiveram grande prazer em torturá-lo enquanto Lucas saqueava a carroça como um bandido qualquer. Ele estava lá naquele momento, embriagando-se com um barril de cerveja de Haggard. Quando o choro do mercador foi silenciado, os ouvidos de Trent agradeceram, mas os ruídos que se seguiram fizeram seu sangue gelar. Apesar de estar amarrado a uma das rodas da carroça, a certa distância de onde o homem fora abatido, ainda assim pôde ouvir os lobisomens esquartejando seu cadáver. A divisão terminou, e os monstruosos licantropos se espalharam pelo acampamento improvisado com pedaços de corpo nas garras, à procura de lugares mais tranquilos para devorar a carne.

Trent fez força para vomitar, esticando as cordas que o amarravam, mas não saiu nada. Seu estômago estava oco como a alma do Werelion. Ele ergueu a cabeça e viu uma figura se aproximando, as pernas cobertas por uma pelagem escura. Era Coração Negro, o único lobisomem que ainda parecia

vagamente humano. Seu cocar de penas imundo permanecia enroscado aos cabelos embaraçados que cobriam a cabeça da criatura. Seu maxilar deformado estava sujo de sangue, que reluzia em um tom de negro sob o luar enquanto o Lobo Selvagem sugava um pedaço de pele que ficara enroscado em seus dentes. Em uma das mãos, carregava um pedaço enorme de carne ainda no osso. Sentindo o estômago revirar, Trent o reconheceu como um fêmur.

— Não está com fome, Cavaleiro Lupino? — perguntou o terrível xamã.

— Saia daqui — respondeu Trent, olhando para o outro lado quando o lobisomem se agachou à sua frente. Ele ouviu o barulho dos dentes se cravando na carne e arrancando mais um pedaço, que foi engolido ruidosamente em seguida.

— Você precisa comer — disse o outro.

E então a carne foi aproximada do rosto de Trent, praticamente empurrada contra sua cara. Ele sentiu o cheiro de sangue, um aroma fortíssimo. Humana ou não, a carne crua era tentadora e fez seu estômago rugir e a boca salivar. Trent não comia fazia dias, desde os fatídicos acontecimentos em Hedgemoor. Ele rosnou, afastando a cabeça enquanto Coração Negro balançava os restos da perna do homem sob seu queixo.

— Você é quem sabe — grunhiu o lobisomem. — Eu cuido da minha matilha. E vou cuidar de você.

— Não sou da sua matilha, e prefiro morrer de fome a comer alguma coisa vinda de você — disse Trent, encarando o monstro.

Enquanto as outras criaturas se escondiam para se refestelar pelo acampamento, movendo-se por entre as sombras, Coração Negro aparentemente preferia a companhia de Trent.

— Entendi. Você não se mistura com seus irmãos — comentou Trent. — Por acaso se considera melhor que eles?

— Claro que sim. Eles se deixaram cegar pela fera, rendendo-se totalmente. Não perceberam que poderiam ter o melhor dos dois mundos se resistissem um pouco mais à transformação.

— Como você?

— Como eu.

Algo tombou dentro da carroça, provocando uma saraivada de xingamentos por parte do jovem Leão bêbado.

— Por quanto tempo ainda pretende servir a Lucas?

— Eu e o rei nos entendemos. Ele pode me ajudar a tomar a Dyrewood dos

Bearlords, e eu posso ajudá-lo a tirar Mão Negra do trono de Icegarden.

— Por que essa obsessão dele com o Boarlord?

— Mão Negra matou a mãe do rei. Ele é um sujeito sentimental.

— Ele é louco.

— Pode até ser, mas por enquanto estou satisfeito seguindo seus comandos. Isso me dá o prazer de ver humanos e transmorfos da Lyssia se acovardarem diante da nossa força.

— Então é só isso? Uma vingança? Está viajando para Icegarden só para matar o Boarlord?

— Talvez — respondeu o Lobo Selvagem. — Talvez ele seja mais útil com vida. Segundo boatos, os mortos estão rondando as Whitepeaks, e é Mão Negra quem os comanda.

Trent soltou um rosnado.

— Se o Boarlord matou a rainha Amelie, o Leão vai querê-lo morto. Vai matar o magíster, aconteça o que acontecer.

— Talvez o Leão e eu possamos renegociar nosso acordo nesse ponto — disse Coração Negro. — Eu consigo ser muito convincente quando necessário.

Nesse momento, a fera engoliu outro pedaço de carne, e gotas de sangue se espalharam por sua pelagem. Trent se sentiu transportado de volta a Hedgemoor, onde testemunhara o cruel assassinato de Milo pelas mãos de Lucas. Mais do que a morte do menino, era o horror que a sucedera que atormentava Trent dia após dia.

— O menino — disse Trent, sentindo a raiva ferver dentro de si com a lembrança. — O Staglord. O que Lucas fez...

— O rei estava faminto — respondeu o lobisomem, dando de ombros. — Como você também deve estar. Coma.

Mais uma vez, Coração Negro empurrou a carne para Trent, e de novo o Cavaleiro Lupino se esquivou, ainda amarrado à roda de madeira.

— Você vai mudar, Cavaleiro Lupino — falou o xamã, cravando os dentes no fêmur e tentando alcançar o tutano com a língua. — Em pouco tempo vai ser como nós. Não hoje, nem amanhã. Mas, quando a lua chegar... você vai mudar.

— Vou estar morto antes disso — retrucou Trent.

— Pode ser — disse Coração Negro. — Um dos meus irmãos morreu na última etapa da mudança. Quando a lua cheia voltar... é isso que separa os lobos dos homens. Então veremos se você merece ser um dos nossos. Aí

seremos todos iguais.

— Mas você não é como eles — rebateu Trent. — Eles são animais. Você, não. Conseguiu manter sua humanidade. Você e seus irmãos não são iguais... É você quem tem o poder, Coração Negro. Você é o líder.

— Muito esperto, Cavaleiro Lupino. — O monstro sorriu, parecendo mais humano do que nunca enquanto limpava o sangue do queixo com o antebraço peludo.

— Por quê? Por que não abraçar totalmente a mudança como os outros?

— Passei a vida toda na sombra de outros, Cavaleiro Lupino: de meu pai, de minha senhora Vala, a deusa Wyrn, e até do Leão — ele acrescentou, olhando para a carroça às suas costas. — Está na hora de projetar minha própria sombra, Trent Ferran, meu irmão lupino. Eles vão me seguir, e eu vou criar uma nova dinastia na Dyrewood. A floresta pertence a *meus* lobos, aos Lobos Selvagens, e é para lá que vou voltar depois de executar minha vingança.

— Contra Drew — completou Trent. — Aquele a quem você deve seu “dom” horrendo... Você o mataria?

— O Lobo cinzento matou meu pai e assassinou Vala, minha senhora. Vou executar minha vingança e voltar à Dyrewood, que transformarei em meu reino. Você pode estar a meu lado.

— Prefiro morrer — disse Trent, cuspiendo no xamã.

O lobisomem se levantou, arremessando o pedaço de carne semidevorado no colo de Trent, onde caiu com um baque molhado. Trent começou a se contorcer, enojado, e só parou quando o osso caiu a seu lado.

— Você não tem escolha, Cavaleiro Lupino. Vai mudar quando a lua vier, e vai *se tornar* parte da matilha. Vai se tornar um Lobo Selvagem, como o restante de meus irmãos. Você não tem força para resistir.

— Nada disso, Coração Negro — respondeu Trent. — Posso não ser um Werewolf como Drew, mas meu coração tem a mesma determinação e o mesmo orgulho de todos os Ferran. Se pensa que vou me dobrar a você, está muito enganado.

— Vai, sim — retrucou a fera, pegando a carne e arrancando um pedaço com as garras. — Vai rastejar a meus pés como os outros, pedindo minha aprovação para tudo o que faz, rolando na lama e na própria imundície. Vai fazer isso porque no fundo não passa de um humano. Você não é nem um pouco parecido com Drew Ferran.

— Você sobreviveu à mudança — disse Trent, com um tom de desespero

na voz. — O que você tem de especial?

O monstro se agachou diante dele, abrindo a boca de Trent, que sentiu seu maxilar prestes a arrebentar enquanto os dedos imundos do xamã enfiavam um pedaço de carne humana crua dentro de sua boca. Em seguida, o lobisomem agarrou o rosto do garoto e o sacudiu de um lado para o outro antes de soltá-lo. Trent cuspiu a carne, tossindo e engasgando enquanto o monstruoso Lobo Selvagem ficava de pé outra vez.

— O que eu tenho de especial? — repetiu Coração Negro. — Sou forte, Cavaleiro Lupino. Sou forte.



2

Fora das montanhas

A ausência de neve exigia certa adaptação. Depois de passar o que pareceu uma eternidade nas Whitepeaks, primeiro escalando a montanha e em seguida se escondendo em suas sombras, o duque Bergan tinha praticamente desistido de voltar a ver grama na vida. Meses antes, ele e seu pequeno grupo tinham viajado a Icegarden na esperança de encontrar seu primo, o duque Henrik, o Urso Branco, com disposição para ajudá-los. Por sorte, Henrik os acolhera, mas então os dois Bearlords unidos se viram encurralados entre dois inimigos — aos pés das montanhas estava o exército do Catlord e, às suas costas, a cidade dominada pelo barão Hector, o traiçoeiro Lord de Redmire. Quando a oportunidade surgira, os sobreviventes sturmianos haviam fugido para as entranhas das Whitepeaks, evitando seus oponentes diretos, mas enfrentando o rival mais cruel com que tinham deparado até então: o frio.

Mesmo para os padrões de Sturmland, o inverno fora cruel. Os ventos maltrataram as peles feridas e os corpos magros, destruindo o moral tanto de humanos quanto de transmorfos. Foi só por terem tido a felicidade de levar provisões consigo na fuga que Bergan e os Cavaleiros de Icegarden haviam conseguido escapar do sono eterno.

Bergan olhou para trás, para a encosta da montanha, observando a longa fila que caminhava pelo terreno árido. Apesar de já terem escapado da neve, ainda faltava uma boa distância para chegarem à vegetação. Nas encostas rochosas, só havia tocos de árvores retorcidos e raízes secas. Um bosque de pinheiros esparsos se insinuava uns trezentos metros abaixo, com suas copas se balançando ao vento. A Pedra Preta se elevava na extremidade do vale, um

aglomerado horrendo de pedra vulcânica que estava lá desde o início dos tempos. Para além da montanha retorcida, uma paisagem verde se estendia convidativamente diante deles, prometendo dias melhores depois de tudo por que tinham passado. Havia comida em abundância por lá, o suficiente para alimentar seu combalido exército.

“Meu exército.” Bergan soltou uma risadinha seca. Aquele não era seu povo. Eram homens, mulheres e crianças que seguiam seu falecido primo, o duque Henrik, uma gente destituída de qualquer coisa, forçada ao nomadismo. O povo de Bergan estava na Dyrewood, em segurança — pelo menos era o que ele esperava —, dentro das muralhas de Brackenholme. “Mantenha minha mulher e minha filha a salvo, Brenn. Eu imploro.”

— Talvez mais dois dias de caminhada — disse Reuben Fry subitamente. O general sturmiano estava de pé sobre uma pedra, virado para o nascer do sol.

— Dá para ver Robben daí? — perguntou Bergan, estreitando os olhos.

— Dá para ver o lago, claro. A cidade do Gato Selvagem fica em uma ilha bem no centro. Está vendo o sol refletindo na água? Parece uma faixa de prata, milorde.

Bergan coçou a barba e fez que não com a cabeça.

— Posso jurar que você tem algum ancestral entre os Hawklords, Fry.

— Já me disseram isso — respondeu o homem, saltando de cima da pedra e se juntando ao Bearlord.

Fry fora um dos primeiros a jurar lealdade a Drew Ferran. Homem de confiança de Wergar antes da morte do rei, chegara ao posto mais graduado da Guarda Lupina da Westland.

— Apreciando a vista?

Bergan olhou para trás e viu a cabeça calva de Bo Carver, o Lord dos ladrões, aproximando-se a passos inseguros. Pick vinha logo atrás, pisando de leve no terreno inclinado. A pequena ladra não tinha dificuldade nenhuma em se equilibrar na superfície irregular. Carver, porém, não se saía tão bem. As pedras deslizavam sob seus pés enquanto se aproximava, e o suor escorria pela tatuagem de serpente que adornava o lado direito de seu rosto.

— Está gostando do exercício? — questionou Bergan, estendendo a mão para segurar o regenerado ladrão pelo cotovelo, antes que acabasse caindo. — Minha pobre mãezinha é mais ágil que você, Carver, e está morta há vinte anos.

Carver puxou o braço, sorrindo para o Bearlord. Embora a guerra ainda

assolasse os Sete Reinos e eles tivessem sido submetidos a todo tipo de provações nas Whitepeaks, era difícil não ficar alegre vendo o céu azul e sentindo o sol de verão batendo no rosto. Um sofrimento físico e emocional com certeza os aguardava nas colinas verdejantes mais abaixo, porém naquele breve instante os três homens e a menina só se preocupavam em desfrutar do silêncio e do ar puro.

Suas fileiras contavam com milhares de pessoas, em sua maior parte civis em fuga de Icegarden. Hector permitira que fossem embora, para surpresa do Conselho Lupino. De acordo com Carver e o duque Manfred, o jovem magíster parecia mudado depois da terrível morte da rainha Amelie. Caindo em si, ele se afastara do fantasma do falecido irmão Vincent, que o possuía. O Conselho Lupino vira um lampejo do antigo Hector naquela noite em que tinham planejado sua fuga debaixo do nariz dos aliados do Boarlord, os Corvos de Riven. Pela primeira vez desde que Hector matara acidentalmente o irmão, o espírito maligno de Vincent não estava no controle do rapaz, até então sempre dócil e gentil. Hector, porém, não os acompanhara, o que fazia Bergan temer pelo pior — ele poderia ter sido morto pelo Crowlord Flint. Era impossível saber o que acontecera com o Javali na cidade congelada.

Bergan deu mais uma boa olhada nos fugitivos. Alguns poucos cavaleiros de Icegarden se destacavam na multidão montados em cavalos sturmianos de pernas grossas, elevando o espírito dos sobreviventes da infantaria. Havia cerca de oitocentos guerreiros ainda vivos, um mais exausto e maltratado que o outro. Sua senhora, Lady Greta, estava ainda mais atrás nas fileiras, descendo as Whitepeaks com o duque Manfred e Bethwyn, sua jovem dama de companhia. A menina de Robben perdera sua rainha, mas encontrara em Greta uma substituta. O irmão de Greta, o duque Henrik, fora morto por Lucas, e Greta levava o Punho Branco de Icegarden, sua manopla, ainda enrolada no manto do Werelord assassinado. O Staglord Manfred, velho amigo de Bergan, acompanhava cada passo dela.

— Alteza — disse Fry, tirando o arco do ombro.

— O que foi? — perguntou Bergan, observando enquanto o arqueiro sacava uma flecha da aljava. O duque seguiu a linha de visão do general. Fry olhava para cima, em direção ao sol. Horrorizado, o Bearlord localizou vultos no céu. Eram borrões escuros e distantes, e jamais teriam sido detectados não fosse a visão aguçada do sturmiano.

O coração do Lord de Brackenholme disparou. Haviam tido sorte na travessia das Whitepeaks, evitando as forças do Catlord acampadas ao pé das

montanhas e tomando caminhos mais escondidos e desertos. Mesmo assim, durante todo esse tempo, uma ameaça constante pairava no ar, vinda dos céus: os Crawlords.

— Procurem abrigo! — gritou Bergan, acenando freneticamente para a fila de gente que vinha andando pela encosta.

Carver se agachou e se afastou, acompanhado de Pick. A última coisa de que precisavam agora era o pânico espalhado pelas montanhas devido a um ataque aéreo, mas, se havia uma ameaça real ali, eram os Corvos de Riven. Lord Flint assumira a liderança de seus irmãos e primos, unindo-os contra inimigos comuns e criando um novo futuro para sua espécie ao lado de Hector em Icegarden. De acordo com esse plano, as montanhas da Lyssia seriam deles, e aqueles que costumavam ser seus vizinhos — os Cervos de Stormdale — sentiriam o peso de sua ira.

Gritos de crianças ecoaram pelas encostas antes que as mães fossem capazes de contê-las. Os mais saudáveis ajudavam os velhos e os doentes a se esconderem atrás dos paredões de rochas, agachados atrás de pedras. Muitos soldados ergueram os escudos ou os cravaram entre as pedras soltas, abrigando os civis sob as armas de defesa. Os Crawlords preferiam infligir a morte pelo ar, despejando projéteis ou flechas em chamas sobre alvos terrestres. Nas encostas das montanhas, os fugitivos estavam mais do que expostos, sendo alvos fáceis para Flint e seus irmãos.

— Quantos você está vendo? — perguntou Bergan, enquanto Flint municiava o arco.

— Contei nove, talvez dez.

Carver apareceu de novo, por trás de uma pedra grande.

— Sem nenhum Birdlord para nos dar cobertura, até mesmo um único Corvo pode causar muito estrago. Mas dez? Pode ser nosso fim.

O Bearlord não sabia o que responder para Carver. Todos estavam exaustos, e as provisões tinham acabado fazia tempo. Havia sobrevivido do pouco que tinham conseguido extrair daquelas terras ermas nas últimas semanas. Não havia muita esperança de oferecer resistência. Para Bergan, só havia uma opção.

— Preciso atrair esse ataque para mim — anunciou o Bearlord, virando-se para os demais. — Quando eu conseguir chamar a atenção deles, vocês precisam fugir. Levem as pessoas lá para baixo e contornem a Pedra Preta para chegar ao Lago Robben. Podem ir!

Depois disso, Bergan saiu em disparada, pois não queria ouvir nenhuma

resposta negativa de seus homens. Eles o chamaram, mas Bergan não se deteve, continuando a cambalear pelas pedrinhas escorregadias, que se deslocavam sob seus pés. Como vinham do leste, aqueles Corvos sem dúvida estavam em Riven, e não em Icegarden. Para Bergan, era inevitável a sensação de fracasso. Tinham atravessado incógnitos toda a extensão das Whitepeaks para acabarem surpreendidos tão perto da segurança do vale do Robben, onde o pai de Lady Bethwyn os aguardava. Mas o Urso não viveria para ver o velho Gato Selvagem outra vez. Jamais reencontraria sua esposa nem sua filha Whitley. O jovem e corajoso Wolflord Drew Ferran conseguiria triunfar contra os Catlords? Rezava a Brenn para que sim.

Bergan abriu suas roupas imundas, sentindo os membros engrossarem e garras negras surgirem. Caiu enquanto corria, usando as mãos em forma de patas para se impulsionar no terreno enquanto a fera emergia. Seu crânio rangeu e estalou, um som que reverberou por sua espinha enquanto a cabeça do Urso soltava um rugido poderoso. As aves decolaram das encostas quando o gigantesco ursinotrope de Brackenholme se aproximou de um despenhadeiro. Ele deteve o passo, apoiou-se de novo sobre duas pernas e soltou um urro que ecoou pelo vale, cuspidando a saliva longe enquanto sacava o machado da cinta de couro às costas.

Os aviatropos escuros vinham em sua direção, carregando outros em seus braços e suas garras, sem dúvida guerreiros ugri que lutavam a seu lado em nome de Hector. Uma rápida olhada para trás revelou que os primeiros fugitivos já desapareciam em meio às árvores. “Ótimo.” Sua morte os faria ganhar tempo. Além disso, Bergan estava muito disposto a levar mais alguns consigo. Se os Corvos ousassem se aproximar, com certeza teriam suas asas decepadas e lançadas ao vento. “Vamos ver como se viram sem essas malditas penas”, pensou Bergan, rindo para si mesmo enquanto os Lords de Riven se aproximavam. O momento tão temido estava próximo, e seu riso logo morreu. “Querido Brenn, por favor, cuide de minha mulher e minha filha.”

A agitação nas pedrinhas soltas no chão era um indício de que outros haviam se juntado a ele no despenhadeiro. Carver estava lá, as facas compridas nas mãos, apontando uma delas para o céu. Quem o acompanhava, em vez de Pick, era Ibal, o assassino silencioso que trabalhara para Hector. O bandido corpulento era um homem mudado, disposto a se redimir dos maus atos antes do sono eterno. Alguém bufou a seu lado, e Bergan virou a cabeça para ver a cabeça transformada e adornada com galhadas do duque Manfred.

Os olhos do Staglord se reviraram, e um jato de vapor escapou de suas narinas dilatadas.

— Sempre fugindo para se divertir sem mim, hein, Bergan? — comentou o Cervo, brandindo a espada com as duas mãos. — Você não muda nunca.

O coração de Bergan se encheu de esperança. Enquanto houvesse sujeitos como aqueles na luta, os Sete Reinos ainda seriam capazes de sobreviver à loucura da guerra. Ele ergueu o machado no ar quando os aviatropos saíram da frente do sol.

— Pela Lyssia! — berrou Bergan.

Carver estava prestes a lançar uma adaga para o céu quando se deteve — e por uma boa razão. As silhuetas escuras dos Birdlords de repente começaram a refletir as cores de suas asas. Penas vermelhas, douradas e cinzentas revelaram aos heróis que aqueles não eram Corvos.

Eram os Hawklords. Um a um, foram depositando seus passageiros no alto do despenhadeiro diante de Bergan, Manfred e os bandidos.

Os recém-chegados eram de todas as formas e tamanhos, e encaravam Bergan e seus amigos com desconfiança. Um guerreiro grandalhão carregava uma maça com espinhos, que girava habilmente nas mãos. Um par de falcotropos pôs no chão um gigante logo em seguida, e a montanha estremeceu com o impacto. Então apareceu a primeira de quatro mulheres, aterrissando com graça e destreza, uma lança na mão. Depois foi a vez de uma guerreira de cabeça raspada, a pele tão negra que reluzia em tons de azul e roxo sob o céu. “Uma Werepanther?” Tinha vindo carregada por uma Hawklady, a primeira entre os aviatropos a aterrissar. A última mulher não passava de uma menina, a pele delicada e clara e os cabelos brancos. Seus olhos imediatamente se cravaram em Bergan. Havia algo de familiar nela. “Uma Loba branca?”

No entanto, a chegada do último passageiro ofuscou a presença de todos os demais. Fora o conde Carsten quem trouxera o último deles, mas o reencontro de Bergan com a Águia das Barebones podia esperar. O duque deu um passo à frente e, assim que seus pés tocaram o chão, o rapaz foi envolvido pelo abraço de urso do Lord de Brackenhholme.

O rapaz crescera um bocado desde que o Bearlord o vira pela última vez, muito tempo antes, em Highcliff. Tinha uma barba rala no rosto, perdera uma das mãos e retribuía o abraço com a força de um ursinotrope. O Bearlord respirou fundo e soltou o jovem, permitindo que ele recuperasse o fôlego enquanto os dois se encaravam, os olhos de ambos cheios de lágrimas.

— Ver você é um bálsamo e tanto para os meus olhos cansados, Drew Ferran — disse Bergan, a voz embargada, recobrando a forma humana. — A Lyssia sentiu sua falta, rapaz.

Drew sorriu e balançou a cabeça.

— Não se preocupe, meu velho. Eu voltei, e agora para ficar.



3

Enfrentamentos

A Grande Estrada Ocidental, antigo caminho para os comerciantes que atravessavam a Lyssia, era agora a rota de um exército combalido. Legiões da Guarda Leonina se dirigiam às pressas para o oeste, os fatos ocorridos no deserto omiriano ainda vivos na lembrança. Como haviam deixado seus navios no escoadouro do rio Robben e não tinham tempo para recuperá-los, a fuga por terra era a única forma de escapar. Jamais haviam sofrido uma derrota daquela magnitude antes, porém seus próprios aliados tinham se virado contra eles quando o cerco à Falha de Bana terminara em banho de sangue. Com os Elmos-Dourados atacando os Mantos-Rubros, os homens do Lobo haviam se tornado uma preocupação secundária. Com o controle sobre a Falha perdido, a batalha continuara, os dois exércitos se engalfinhando em fuga pelo Reino do Deserto. As duas forças tinham seguido por caminhos diferentes ao norte de Bray — os homens da Pantera haviam se dirigido às Terras Áridas para pegar o rumo de Icegarden. O acampamento de Onyx era o destino final deles. A Guarda Leonina, por sua vez, sabia que teria uma recepção mais do que fria caso se arriscasse a ir até lá.

Os Cranelords seguiam pelo céu, dando cobertura às tropas mais abaixo. Um ou outro enfrentamento interrompia a jornada, com os Abutres surgindo em emboscadas aéreas. Com o tempo, porém, os ataques diminuíram. Quanto mais as forças do Leão avançavam pela estrada, mais companheiros encontravam, tanto fugitivos da batalha no deserto como homens que ainda não haviam marchado para leste. Aos poucos, suas fileiras foram engrossando, e a cada légua a fúria aumentava — pela traição dos homens da

Pantera e pelo fato de a vitória na Lyssia estar escapando de suas mãos.

A batalha da Falha de Bana fora só um combate menor. A verdadeira luta pelos Sete Reinos ainda estava por vir.

Whitley estava parada no meio da estrada, olhando para o oeste. As fogueiras do acampamento dos Mantos-Rubros tremulavam tanto no próprio caminho como ao redor. Era difícil avaliar a distância no meio da noite, mesmo com a lua iluminando o céu como um olho monstruoso. Ela conseguia ouvir um ou outro riso ou grito furioso, o que sugeria que o acampamento estava a trezentos ou quatrocentos metros, no máximo. Outras fogueiras ainda brilhavam ao longe, um indício de que a Guarda Leonina dominara o local.

Ela se virou e olhou para trás. Outras fogueiras pontuavam a Grande Estrada Ocidental, estendendo-se para leste. Com certeza, a Guarda Leonina estava em alerta, os olhos voltados para o norte, onde seus inimigos juntavam forças. A união dos Catlords estava desfeita, e as esperanças de Onyx e seus aliados tinham se desmanchado em divisões e traições.

Ao sul estava a Badgerwood, a maior floresta das Dalelands. Não era muito grande em comparação com a Dyrewood, mas mesmo assim era uma das mais extensas dos Sete Reinos. Whitley observou a massa densa de árvores, as sombras entre seus troncos que escondiam todos os tipos de perigos. Ao norte ficavam as Terras Áridas, Icegarden e Robben, terra natal do barão Mervin, o Gato Selvagem. Era para lá que ela queria ir. Um passarinho lhe contara tudo o que Whitley precisava saber sobre o paradeiro de seus aliados. Uma névoa cobria o ar, provocando um frio na barriga da Bearlady.

— Está tudo tranquilo.

Whitley se virou quando Gretchen apareceu na escuridão. Ambas usavam o manto verde dos Sentinelas da Floresta, uma camuflagem perfeita para um local de mata fechada.

— Tranquilo demais — disse a Bearlady, apontando para o leste e então para o oeste. — Tem uma distância entre os dois acampamentos. Os Mantos-Rubros devem ter deixado esta parte da estrada desprotegida.

— Melhor para nós, Whitley. Não precisamos lutar se pudermos evitar isso.

— E se tomarmos o caminho das terras de Mervin e acabarmos no centro do acampamento do Leão?

— Então abriremos caminho à força até a beira do Lago Robben — respondeu Gretchen. — Vamos ter que lutar, mais cedo ou mais tarde. Mas

vamos nos preocupar com isso só quando de fato for preciso.

— É nessas horas que eu queria ter um aviatropo conosco, alguém que pudesse reconhecer o terreno mais à frente. Assim parece que estamos marchando às cegas.

— Temos um aviatropo entre nós, esqueceu? — disse Gretchen, olhando para a Badgerwood às suas costas.

— Não consigo imaginar o conde Costa como alguém simpático à nossa causa. Precisamos manter as asas do Abutre bem amarradas. Ele tem seu valor para nós, pelo menos para sabermos como funciona a cabeça de Onyx.

— Está quase cheia — comentou Gretchen, olhando para a lua. — Mais duas ou três noites, será?

Whitley compreendia a preocupação da amiga com a lua, agora que sabia o que afligia seu coração. As duas haviam conversado bastante desde o reencontro em Hedgemoor. Pela maneira como Gretchen falava de Trent Ferran, estava perdidamente apaixonada por ele — não que fosse admitir isso. O pobre Trent fora mordido por um dos horrendos Lobos Selvagens de Lucas, tendo sido infectado com a maldição da licantropia. O conde Costa se encarregara de contar o resto: quando a lua estivesse cheia, o rapaz se perderia para sempre, transformando-se de vez em um Lobo Selvagem.

Whitley estendeu a mão e apertou o ombro de Gretchen.

— Ele vai se safar dessa. Vamos encontrá-lo primeiro.

— Mãos ao alto!

A voz do homem surgiu do nada, provocando um sobressalto nas duas. O rosto de Whitley se franziu. “Como pudemos ser tão tolas?” Ouviram o mecanismo de uma balestra sendo acionado, e uma flecha se encravou na terra batida a seus pés, disparada em meio à neblina, ao norte da estrada.

— Mãos ao alto — repetiu o homem. — Agora!

Com relutância, Gretchen e Whitley levantaram os braços, virando-se para a lateral da estrada quando os vultos se aproximaram. Primeiro um ou dois, depois mais, materializando-se como fantasmas em meio à névoa. Em questão de instantes, havia mais de vinte deles, alguns avançando com balestras apontadas para as jovens, outros com espadas e escudos em riste.

— Eu devia ter me transformado, para farejar a presença deles — esbravejou Whitley, balançando a cabeça.

— Eu também — concordou Gretchen com um murmúrio.

— Silêncio — pediu o líder dos Mantos-Rubros, aproximando-se um pouco mais. A insígnia no ombro da capa vermelha revelava se tratar de um

capitão, e o sorriso no rosto confirmou que ele estava muito satisfeito consigo mesmo. Era o único desarmado. O comandante estendeu os braços e arrancou o capuz das duas Wereladies.

— Ora, ora — continuou, medindo as garotas de cima a baixo. — Por um momento pensei que tivéssemos encontrado alguns Mantos-Verdes desgarrados, mas vejam só, rapazes! Duas beldades andando sozinhas pela Grande Estrada Ocidental.

Uma série de provocações se seguiu, enquanto as jovens se mexiam, nervosas, os homens andando em torno delas, como um bando de animais. Apesar de serem transmorfas, estavam em minoria absoluta em relação à Guarda Leonina, com balestras apontadas para elas e espadas e escudos em prontidão. Até mesmo o mais poderoso dos Werelords estaria em desvantagem naquela situação.

Whitley fez uma careta quando um dos Mantos-Rubros estendeu o braço, passando uma das mãos em seus cabelos. Ela se virou, colando as costas às de Gretchen enquanto cerrava os punhos. Os soldados gargalharam diante de sua determinação, o que só a irritou ainda mais.

— Fique calma, prima — murmurou Gretchen. — Se perceberem que você está se transformando, vão atirar!

Ela estava certa, claro. Enquanto a Guarda Leonina as considerasse um par de meninas indefesas, elas teriam uma carta escondida na manga.

— Então me digam, belezuras — falou o capitão —, o que estão fazendo na estrada a esta hora, tão longe de casa?

— Como sabe que estamos longe de casa? — questionou Gretchen.

Os homens caíram na risada outra vez, e o comandante balançou a cabeça em aprovação.

— Vocês têm uma casa aqui perto que eu e meus rapazes não vimos?

— Aposto que elas têm comida por lá, capitão! — gritou um dos homens.

— É — concordou outro, aproximando-se. — Carne fresca ou coisa do tipo. Estou cansado dessas malditas rações. O pai de vocês tem cerveja?

— Ou, melhor ainda, tem mais filhas? — perguntou outro, se aproximando e encarando as meninas.

— Se chegar mais perto, vai ver o que é dor de verdade — avisou Whitley, as mãos espalmadas e as unhas preparadas para entrar em ação.

Ambas permitiram que as feras viessem à tona, insinuando-se por trás da aparência humana. Enquanto Whitley estava pronta para rasgar com suas garras qualquer um que se aproximasse, Gretchen farejava o ar, olhos

perscrutando a neblina e ouvidos atentos a qualquer ruído revelador. Gretchen estendeu o braço para trás, segurando a mão de Whitley e puxando-a para si. Whitley resistiu a princípio, mas depois ouviu o som inconfundível de um coaxar em meio à escuridão.

— É melhor nos deixar ir — disse Whitley sem se alterar, o que provocou mais gargalhadas entre os Mantos-Rubros.

— Eu ouvi direito? — ironizou o capitão.

— Você ouviu muito bem — falou Gretchen. — Se tivesse algum juízo nessa cabeça minúscula, já estaria fugindo daqui, correndo para debaixo da saia de seu senhor.

Os homens continuaram a rir, mas o comandante não parecia mais estar se divertindo. Grunhiu ao se aproximar de Gretchen, estreitando os olhos e passando os dedos imundos nos cabelos dela.

— Eu conheço você, ruivinha — ele murmurou, prendendo uma mecha entre os dedos e puxando-a. Ela fez uma careta de dor, e ele puxou sua cabeça com ainda mais violência. — Onde foi que vi você antes? — O Manto-Rubro arregalou os olhos de repente quando reconheceu Gretchen, e o rosto dele ficou pálido.

— Você já deveria ter fugido — repetiu a Werefox.

Lanças voaram, atingindo primeiro os homens com as balestras. Eles sucumbiram diante de uma saraivada de dardos de caça. Vultos saltaram do limiar da Badgerwood, emergindo do meio das árvores com suas pernas poderosas. Os homens da Guarda Leonina se viraram, erguendo as armas para se defender, mas era tarde demais. Os soldados foram derrubados e arrancados do chão, sendo jogados na neblina pelas lanças encravadas na carne. Escudos cederam e espadas foram derrubadas enquanto os guerreiros fíbios dos Brejos de Bott atacavam os inimigos.

O capitão se virou ao ouvir os gritos de seus homens, puxando Gretchen pelos cabelos e empurrando-a na direção dos Marshmen. Os lanceiros de pele esverdeada destroçavam os Mantos-Rubros, baixando suas lâminas sobre eles e abafando seus gritos.

— Para trás! — o capitão berrou para os fíbios quando os grandes olhos dos homens dos brejos o encararam. Ele encostou uma adaga na barriga de Gretchen, a ponta sob suas costelas.

Os Werefrogs se ergueram em toda a sua altura, alguns chegando a mais de dois metros e meio, o sangue dos Mantos-Rubros ainda pingando das lanças. Whitley entrou na frente deles enquanto o capitão assistia a tudo com uma

expressão horrorizada. Fileiras de soldados e cavaleiros emergiram da Badgerwood às suas costas. Mantos-Verdes e Mantos-Cinza, guerreiros romaris e os Fúrias, liderados por toda uma variedade de Werelords. Os arqueiros assumiram posição na lateral do exército que avançava, as flechas voltadas para as fogueiras a leste e a oeste. A floresta ganhou vida com a aparição do exército que emergiu da escuridão para cruzar a estrada em direção a Robben.

Whitley continuou a se aproximar do capitão, a passos comedidos e confiantes, exigindo sua atenção total. Ambos ignoravam a massa de soldados que marchava às costas dela, e apenas os fíbios a seguiam até o oficial dos Mantos-Rubros, encurralado perto de uma árvore. Ele não tinha mais como recuar e também não conseguia tirar os olhos de Whitley, cuja pelagem escura de ursinotropa começava a despontar sobre a pele. Foi o grunhido de Gretchen que o tirou de seu estupor ao mesmo tempo horrorizado e fascinado:

— Eu disse que era melhor você fugir.

Os cabelos dela estavam mais grossos, e o punho do capitão se enroscou neles quando ela se virou. O pulso dele se partiu como um talo de aipo. Gretchen se moveu para escapar do alcance da lâmina, mas a ponta da adaga conseguiu cortar a pele de seu quadril. Ela sentiu o toque terrível do aço temperado com prata em sua carne. Enfurecida, lançou as garras e os dentes contra o rosto do capitão, rasgando-o e lançando-o ao chão. Kholka se colocou a seu lado, cravando a lança no peito do Manto-Rubro e silenciando seus gemidos gorgolejantes.

A testa de Gretchen se franziu ao levar os dedos ensanguentados ao ferimento, enquanto a procissão de soldados atravessava às pressas a estrada, uma correnteza acelerada de espadas, escudos e lâminas.

— Eu posso costurar você — disse o barão Eben, o jovem Ramlord, afastando-se das fileiras de soldados para ir até ela.

— Não aqui, não agora — respondeu Yuzhnik, empurrando o magíster de volta para a fila. Os olhos do gigantesco romari estavam fixos nas tochas que começavam a se aproximar na escuridão. — Parece que a Guarda Leonina ouviu os gritos de morte de seus companheiros.

Yuzhnik se ofereceu para ajudar Gretchen, mas ela afastou a mão do romari. “A boa e velha Gretchen de sempre”, sorriu Whitley. “Teimosa até não poder mais.”

— Vou ficar bem — disse a Werefox com uma careta. — Precisamos sair

daqui.

— Se cambalear uma só vez, vai ser carregada — avisou Yuzhnik em um tom de voz áspero.

Whitley tinha ficado aliviada quando o grandalhão se juntara a ela em sua jornada. Baba Soba o encarregara de guiar os guerreiros romaris para a batalha que se aproximava. Entre os viajantes havia *zadkas*, anciãos que tinham mais experiência em diplomacia do que em combate, mas poucos eram capazes de inspirar mais seus homens do que Yuzhnik.

— Ela não vai cambalear, e você não vai precisar carregá-la — disse Whitley enquanto um dos Mantos-Verdes trazia seu cavalo. Dois deles ajudaram a acomodar Gretchen na sela de Chancer. Whitley acariciou o pescoço de sua montaria.

— Em frente, Chancer — ela falou, e as orelhas do cavalo se empinaram ao ouvir a voz da dona. — E só pare quando seus cascos pisarem no Lago Robben.



4

Uma mãozinha inesperada

Drew olhou para o céu, sentindo o sol de verão atingir seu rosto enquanto observava um vulto em uma trajetória circular nas alturas. Poderia ser só alguma ave de rapina das Whitepeaks, um milhafre-sturmiano, talvez, em busca de restos de comida no vale, mas ele sabia que não. Entrando e saindo das nuvens, o vulto dava uma boa analisada no improvisado acampamento de guerra do Lobo às margens do Lago Robben. Drew ouviu um estalo perto de onde estava quando os dois Hawklords restantes agitaram as asas e se agacharam para ganhar os ares. Os falcotropos andavam ocupadíssimos desde que tinham chegado, enfrentando uma batalha atrás da outra contra os aviatropos que lutavam em nome dos inimigos, defendendo os céus sobre o acampamento. Com algumas batidas poderosas de asas, eles subiram às alturas.

— Voe para longe, passarinho — murmurou Drew ao ver o Vulturelord mudar de direção a distância e tomar o rumo do leste.

— Agora eles sabem que estamos aqui — comentou o duque Bergan, subindo o barranco de cascalho para se juntar a ele na grama à margem do lago. Atrás dele, a lona cinzenta da barraca de comando se erguia, esticada sobre estacas cravadas no chão. — Hoje de manhã também foram avistados alguns Grous. Se as fileiras dos Catlords estão divididas como você contou, tanto Onyx quanto Lucas estão cientes de nossos passos.

— Onyx e Lucas? — questionou Drew. — Agora Oba e Leon estão nesta guerra. Eles embarcaram para os Sete Reinos assim que o Fórum dos Anciãos foi dissolvido.

— Por que não puderam resolver isso em Bast, só Brenn sabe — murmurou o Bearlord.

— Porque a Lyssia é o grande prêmio, Bergan. Os Sete Reinos estão em disputa. Eles tinham o controle da Lyssia com Leopold, mas o perderam. Sua vitória sobre Wergar acabou não valendo nada, pois seu reinado cruel jogou o povo contra ele.

— Você falou como um rei agora — comentou Bergan.

Drew balançou a cabeça em uma negativa.

— Não quero ser rei, meu velho. Só quero ver os Catlords navegando de volta para o sul, para nunca mais voltar. São poucas as coisas que desejo na vida, e uma coroa e um trono não estão na lista.

— Mesmo assim, você é um rei, Drew.

Drew suspirou ao dirigir seu olhar para o acampamento. Os ferreiros haviam montado suas bancadas de trabalho; haviam tido a presença de espírito de trazer suas ferramentas na fuga de Icegarden. Lars Steinhammer era o mais experiente entre eles, um mestre do ofício das entranhas de Strakenberg e conhecedor dos segredos do aço sturmiano. Os fabricantes de flechas trabalhavam sem parar, preparando projéteis em grande quantidade para enviar à linha de frente. Além dos morros, ao norte do vale do Robben, estavam posicionadas as defesas, improvisadas e frágeis, mas eram melhores do que nada. O general Fry comandava as tropas, garantindo que se aproveitassem das vantagens geográficas e assegurassem o controle dos terrenos mais altos. No momento, suas forças consistiam nos soldados restantes de Sturmland, guerreiros e cavaleiros no limite da resistência física. Enquanto esperavam pelo inevitável, olhavam a todo momento para suas fileiras, rezando pela chegada de reforços.

— Quanto tempo até Tiaz e seus homens chegarem de Omir? — perguntou Drew. Ele deixara o Tigerlord a cargo do estranho exército que saía vencedor na Falha de Bana. Alguns tinham ficado receosos quanto a isso, mas era a única solução. Tiaz virara as costas para Leões e Panteras e se aliara a Drew, assim como seu pai e sua filha. Se estivesse sendo sincero em suas palavras, faria de tudo para retomar o relacionamento com Taboo. Além disso, Drew deixara Djogo como auxiliar do Tigre. Ao primeiro sinal de traição, o antigo feitor de escravos saberia exatamente o que fazer. Vega também estava lá, garantindo que tudo estivesse bem vigiado.

— Mais quatro ou cinco dias de marcha, segundo seu amigo Florimo. É um exército bem numeroso, mas acho que pode chegar tarde demais. É uma

pena. Estamos reduzidos ao mínimo agora.

— Eu esperava que Whitley conseguisse chegar de Brackenholme. Ela pretendia juntar um exército e marchar para o norte. Sua filha é... uma garota notável.

Drew se deteve antes de dizer a Bergan o que realmente pensava sobre a garota — que a amava; que desejava mais do que tudo na vida poder vê-la de novo; que a ideia de morrer sem segurar a mão dela pela última vez era desoladora.

Bergan concordou com a cabeça, uma expressão de seriedade no rosto.

— Venha, o Conselho Lupino está à sua espera — ele falou, conduzindo-o para a barraca montada à margem do lago. — Ele cresceu um bocado desde que nos reunimos pela última vez.

Os dois transmorfos saíram do sol e entraram na proteção da tenda de lona. Não havia cadeiras para sentar, nem mesa em torno da qual se reunir. Os comandantes das forças do Lobo estavam acomodados em pedras, acorados no chão ou andando de um lado para o outro nas sombras. Manfred parecia ser o responsável pela condução dos trabalhos no momento, mas estava envolvido em uma discussão com Taboo.

— Leões e Panteras são nossas principais ameaças — disse Taboo, apontando um dedo com garra para o Staglord. — Precisamos atacar agora, antes que eles possam se organizar para uma ofensiva. Eu e os Gaviões podemos ir atrás deles à noite, junto com Krieg e Beemote. Mas ficar aqui esperando que eles venham? É loucura. Ficar acampado na beira de um lago nunca ajudou ninguém a ganhar uma guerra, homem de chifres.

Manfred bufou furiosamente, detestando a maneira como ela o chamara.

— Escute, Catlady, você pode até pensar que seus contrterrâneos de Bast são nossos inimigos, mas eles são nossa menor preocupação no momento. A principal ameaça à segurança dos Sete Reinos está nas montanhas. Enquanto o barão Hector continuar à solta, temo pelo que ele possa fazer.

— Você está preocupado com o menino Boarlord? — questionou Taboo.

— Estou preocupado com o estado mental dele e com o estrago que pode causar. O Lord de Redmire adquiriu uma reputação terrível por causa de sua magia negra. Ele é capaz de reviver os mortos e colocá-los sob seu comando. Acha que um exército de Catlords é algo a temer? Imagine então um exército de mortos-vivos!

— Que alarmismo absurdo! — retrucou a Weretiger, fazendo um gesto de desprezo com a mão. — É impossível fazer os mortos reviverem. Deve ser

algum tipo de ilusionismo. Truques de salão.

— Já chega — disse Drew. — Os mortos podem reviver, *sim*, Taboo.

— Vimos isso com nossos próprios olhos em Cabo Gala — acrescentou Conrad.

O duque Brand bufou ao lado dele.

— Eu testemunhei a comunhão de Hector em primeira mão — contou Drew —, mas ele só conseguiu controlar um espírito, Manfred. Acho que ter mais de um deles sob seu comando está além dos poderes de meu amigo.

— Espero que você esteja certo — disse Manfred.

— Todos esperamos — concordou Bergan. — Só de pensar que aquele rapaz gentil de Redmire se tornou um necromante, já fico atordoado. Preciso ver com meus próprios olhos antes de acreditar.

— Espero que não seja necessário — respondeu Drew. — Não é uma coisa bonita.

— O poder de Hector está relacionado de algum modo com a mão dele, Drew — informou Manfred, cauteloso. — Está ressecada e deformada; é algo quase sobrenatural. Sem dúvida nenhuma é a fonte desse poder maligno.

Drew balançou a cabeça em concordância, apesar do turbilhão de sentimentos que o invadia. Não queria nem imaginar no que Hector poderia ter se transformado. Em vez disso, preferiu se agarrar à esperança de que o amigo tivesse mesmo sofrido um choque de realidade e se afastado daquele caminho sombrio. A grande questão naquela guerra era o que os aguardava em Icegarden. Drew rezava para que fosse Hector, e não Mão Negra.

— Então vamos atacar os Catlords? — questionou Taboo, mudando o rumo da conversa para algo mais familiar, os olhos faiscando com o desejo de vingança.

— Com o quê? — riu-se Bergan. — Mandar nossos melhores guerreiros em uma missão sem nenhum planejamento e deixar o acampamento descoberto não parece uma estratégia inteligente.

— Não se preocupe, velhote. Você pode ficar aqui com as mulheres; só quero os mais fortes a meu lado quando encontrar Onyx.

O Bearlord continuou dando risada.

— Você é mesmo uma Felina espirituosa, não?

— Você pode ter um exército inteiro a seu lado, Taboo, que não vai fazer a menor diferença.

A voz sensual vinha do outro lado da área coberta pela lona. Drew olhou por cima da cabeça dos demais até enfim localizar Opal, deitada nas pedras,

tomando sol.

— Você não vai conseguir derrotar Onyx — disse a Pantherlady, quase ronronando aquelas palavras.

Taboo sibilou para a Beldade de Bast.

— Acha que seu irmão é tão forte assim? Invencível? A reputação dele foi construída em cima de lendas e mitos.

— A reputação dele foi construída em cima de uma série de campanhas vitoriosas em nossa terra natal, menina Tigresa. Em todas elas, ele saiu vitorioso. E em todas elas matou muita gente. Inclusive transmorfos.

— Ele não é invencível — argumentou Bergan, perdendo o senso de humor. — Pelo que observei, tem uma autoconfiança exagerada. Vi com meus próprios olhos quando o duque Henrik o deixou de joelhos. O Urso Branco teria acabado com ele em Strakenberg se o Leão não tivesse interferido. Henrik o derrotou, Drew.

Todos demonstraram a mesma tristeza pelo fato de o Urso Branco ter sido detido depois de chegar tão perto de matar o Pantherlord. Lucas se intrometera no duelo, matando o velho duque enquanto ele se ocupava de Onyx.

— Vocês vão receber notícias dele em breve — disse Opal, abrindo os olhos e virando a cabeça para eles. — Meu irmão vai mandar um desafio: um combate mortal contra um representante do oponente. Se ele for derrotado, a guerra acaba. É assim que ele age.

Drew olhou para Florimo. A velha ave do mar o encarou como se soubesse o que ele estava pensando. Todos ficaram em silêncio, ouvindo o que ela dizia.

— É tentador, não? Um duelo, e a guerra termina. É assim que ele atrai os inimigos para seu jogo. Desarmado, meu irmão já enfrentou adversários de todos os formatos e tamanhos, com lâminas, arcos e machados, mas no fim não importa. Sempre termina da mesma maneira. Foi assim que ele ganhou o apelido de “Fera de Bast”.

— Então precisamos de um representante? — questionou Krieg, o Rinoceronte, entrando no debate. — Eu aceito encará-lo.

— Ele já enfrentou Rinocerontes antes — falou Opal, espreguiçando-se sobre as pedras.

— Não como eu.

— Exatamente como você: armados com chifre e carapaça. E matou todos eles com as próprias mãos.

— Então eu o enfrentarei — trovejou Beemote, cansado do desprezo demonstrado pela Pantherlady.

— Você é lento demais — ela falou, antes de apontar para Taboo. — E você é geniosa demais.

A Tigresa sibilou para a prima, que se limitou a sorrir e fechar os olhos outra vez.

— Talvez você seja a mais indicada para enfrentá-lo, Opal — disse Manfred. — Ou será que tem medo?

A Pantherlady não respondeu, mas seu sorriso desapareceu imediatamente.

— Se alguém precisar enfrentá-lo, que seja eu — anunciou Drew em um tom de voz sério. — Ele está aqui para lutar contra o Lobo. E é isso que vai fazer.

Drew se virou para o Ternlord, que o encarava com apreensão.

— Florimo, como foi sua visita junto com Lady Shah à cidade de Robben? O barão Mervin se juntará a nós no continente?

O velho navegador coçou o queixo, a pena rosa em sua bandana murcha devido ao calor.

— A Hawklady e eu lhe entregamos de volta sua filha, Lady Bethwyn.

— E...?

— E ele nos mandou embora. Shah ficou lá, tentando convencê-lo a ser mais razoável. Infelizmente, ele está se mostrando intratável.

— Quê? — questionou Bergan. — Mervin é um aliado! Foi membro fundador do Conselho Lupino assim que ocorreu o levante em Highcliff.

— Como ele pode não se juntar a nós? — perguntou Manfred. — Ele nos traiu?

— Ele deu alguma justificativa? — Bergan quis saber.

— Nenhuma, milord — disse o Garajau. — Não é por mal, penso eu.

— Do que você está falando, homem? — retrucou o Staglord, irritado.

Drew ergueu a mão para acalmar o duque, balançando a cabeça para mostrar que havia entendido o navegador.

— Ele está com medo, não é?

Florimo confirmou com um gesto tímido.

— Não posso dizer que não entendo o velho. A situação está bem difícil, levando tudo em consideração.

— Que palavras motivadoras, Ternlord — comentou Taboo. — Você é uma inspiração para todos nós.

— Nem todos são monstros sedentos de sangue como os de sua espécie —

rebateu Bergan, claramente compreensivo em relação à decisão de Mervin.

Isso causou uma discussão acalorada entre os Werelords. Nesse meio-tempo, Drew notou que Miloqi e Lady Greta conversavam entre si enquanto os demais trocavam farpas. A Ursa Branca herdeira do trono de Icegarden, já idosa, falava com animação. Drew se aproximou das duas, curioso para saber o que diziam.

— Posso ver seu pulso? — perguntou Miloqi quando Drew se aproximou. Ele ergueu a mão. — Desculpe, deveria ter sido mais clara. Mostre-me seu outro braço.

A menina estendeu a mão e segurou o antebraço sem mão de Drew, erguendo-o para que Greta pudesse ver. A ponteira de metal que ele usava estava presa com trapos imundos.

— Posso? — pediu a Lady de Icegarden, removendo cuidadosamente as bandagens com os dedos. Drew fez que sim com a cabeça, enquanto a discussão só aumentava de volume às suas costas. As mãos dela trabalhavam rápido, removendo o tecido sem encostar no metal, que estava bem preso. Ela puxou e torceu a ponteira, que foi removida com um som de sucção. Drew sentiu o ar soprar no membro amputado, uma sensação peculiar. Foi nesse momento que se deu conta de que não tirava a ponteira fazia semanas. Não conseguia se lembrar da última vez que fizera isso, pois preferia ignorar o ferimento a ficar se ressentindo daquela perda.

— Por favor, me diga que isso tem algum motivo — disse Drew, incomodado, olhando para a cicatriz costurada tanto tempo antes. A verdade era que ele roera a própria mão, aceitando aquele sacrifício para preservar sua vida. Lembrar-se disso provocou-lhe um frio na espinha, apesar do calor.

— Será que funciona? — perguntou Miloqi à magíster.

— Provavelmente — respondeu Greta. — Minha bisavó foi a última a fazer algo parecido. Mas preciso perguntar a Steinhammer primeiro. Ele deve saber. Não posso fazer tudo sozinha. Precisamos trabalhar juntos.

— O ferreiro? — perguntou Drew, reconhecendo o nome.

— Sabe onde fica a bancada dele? — perguntou Greta, e Drew fez que sim com a cabeça. — Vá procurá-lo. Nós nos encontraremos lá.

Depois disso, Miloqi o segurou pelo braço e o conduziu para fora da barraca. Mikotaj, seu irmão, ficara com seu exército de homens do norte e viajaria para o oeste com Vega. Miloqi subiu com Drew o barranco até o gramado às margens do lago.

— Pelo amor de Brenn, o que está acontecendo? — perguntou Drew.

— Sou uma vidente, Filho Cinzento — respondeu Miloqi com um tom de irritação na voz por ter que se explicar. — Isso quer dizer que “vejo” coisas. Querendo ou não, você vem com frequência fazendo parte de meus sonhos e de minhas visões ultimamente, enfrentando um inimigo indistinto e sinistro.

— Indistinto e sinistro? O que isso quer dizer?

— Como eu posso saber? Essa é a maior maravilha de ser vidente. Pouquíssimas coisas fazem sentido. Mas de uma coisa eu sei: nessas visões, você aparece com as duas mãos.

— Com as duas mãos?

— Esta conversa vai ficar bem entediante se você não parar de repetir o que eu digo, Filho Cinzento.

Drew olhou para Steinhammer, que martelou um pedaço de aço branco e quente e em seguida o mergulhou em um balde d’água. Depois se ouviu um sibilo alto, e o vapor encobriu o ferreiro antes de o metal reemergir no formato de uma espada curta escurecida. Steinhammer observou a aproximação dos dois. Ele se ajoelhou diante do Wolflord, o que deixou Drew constrangido.

— Por favor, não faça isso. Eu é que deveria me curvar para você, Steinhammer. Foi seu aço que salvou a vida de metade destes homens no campo de batalha durante o inverno.

— Não sou o único ferreiro, milorde — disse o homem, o bigode grosso molhado de suor. Ele limpou a mão no avental de couro e a estendeu para cumprimentar Drew.

— Não, mas você é o melhor, Lars — disse Greta, aproximando-se dos Werelords e se colocando ao lado do ferreiro. Em seus braços, carregava um manto cinzento dobrado, a borda de pele de arminho enrolada como uma cobra adormecida.

— Fico lisonjeado, milady — disse Steinhammer. — Como posso ajudar?

Greta desenrolou o manto. Os olhos de Drew se arregalaram quando ele viu o que havia sob o tecido.

Era uma manopla elegante adornada com o mesmo tipo de metal branco da Moonbrand, a espada dos Lobos cinzentos da Westland. Greta a virou com cuidado nas mãos, segurando-a com reverência enquanto passava os dedos na grande palma da manopla. Parecia uma pata de urso e era coberta de pequenas dobradiças e mecanismos de articulação. Pela maneira como era construída, Drew esperava que fosse ranger ou estalar quando as partes móveis entrassem em atrito uma com a outra. Para sua surpresa, contudo, a

manopla não soltou nenhum ruído.

— Era do meu irmão, e do meu pai antes dele, e do pai do meu pai antes disso — informou Lady Greta, enquanto outros se aproximavam. Todos ficaram em silêncio enquanto ela observava o aço reluzente, perdida em seus pensamentos por um momento. Greta piscou algumas vezes e então se virou para o Wolflord. — O Punho Branco de Icegarden agora é seu, Drew.

O jovem licantropo ficou perplexo.

— É muita gentileza sua, mas não posso usar isso. Esqueceu? — Ele mostrou o punho decepado e encolheu os ombros.

— Foi por isso que viemos falar com Lars Steinhammer — respondeu a Ursa Branca.

— Precisa ser à noite, sob a luz da lua — disse o mestre ferreiro, balançando a cabeça sabiamente.

— O quê? — perguntou Drew, confuso.

— É sua noite de sorte, Filho Cinzento — disse Miloqi, dando-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Como assim?

Ela sorriu.

— Você vai ter sua pata de volta.



O senhor de todos os Leões

Os sussurros se espalharam pelo acampamento de guerra do Alto Lord Leon como fogo em mato seco: o rei estava de volta. Os soldados se levantaram e se enfileiraram às pressas enquanto Lucas se dirigia à barraca do avô. No entanto, os sorrisos iam desaparecendo à medida que o Werelord a que serviam ia ganhando as entranhas do acampamento. Ele estava desalinhado, emaciado, com os cabelos loiros despenteados e imundos, tendo manchas de sangue e pedaços de ossos entre as mechas. Seus olhos estavam voltados para a frente, em direção à barraca vermelha que abrigava Leon. Os Mantos-Rubros abriram espaço para o jovem Leão e sua matilha de Lobos Selvagens. Os monstros rosnavam sem parar enquanto passavam. Lucas não foi recebido com aplausos, gritos ou saudações — apenas olhares de repulsa e medo. O retorno do rei não teve nada de glorioso.

Havia uma corrente ao redor da garganta de Trent, com a outra ponta presa à garra de Coração Negro. Os elos tilintavam enquanto Trent avançava a passos cambaleantes, as pernas bambas e a visão borrada. Ele não comia fazia dias. Tinha visto muito bem o que os outros caçavam; sabia quais eram suas preferências alimentares. Seus sonhos eram atormentados pelas lembranças do pobre Milo em seus últimos momentos. Lucas era o pior entre eles. Os Lobos Selvagens eram mais animais que humanos, mas o rei, em teoria, era um Lord transmorfo, um ser racional. Trent preferia morrer de fome a ser como ele.

Além disso, Lucas poderia até ser em tese o líder dos Lobos Selvagens, mas para Trent estava muito claro quem dava as cartas ali. Coração Negro

estava por trás de cada decisão que o Leão tomava, sussurrando em seu ouvido, apontando para onde ir. O xamã parecia dominar o melhor dos dois mundos. Não fosse o bastante, ainda dispunha de uma mente aguçada e era capaz de se comunicar como antes, ao contrário de seus semelhantes, que se limitavam a grunhidos e latidos. Além disso, podia usar a força física de licantropo, com sua musculatura poderosa e brutal.

Estavam a caminho de Icegarden. O rei tinha contas a acertar com Mão Negra, o necromante que governava a cidade congelada. Coração Negro estava ansioso para ver quão poderoso o magíster realmente era.

Uma figura emergiu da enorme barraca vermelha diante deles, com dois metros de altura e quase o mesmo de largura. Sua cabeça larga estava voltada para cima, as sobrelanceiras franzidas e os olhos faiscantes. O queixo alto lançava uma sombra sobre o peito nu, e dentes amarelados se projetavam do maxilar proeminente. Os braços do homem eram enormes, quase tocavam o chão. Sua pele pálida não tinha nenhum pelo, sendo marcada por velhas cicatrizes de guerra. Ele interrompeu os passos diante da procissão que acompanhava o rei, assumindo uma posição ereta e se elevando pelo menos mais meio metro além da altura já notável.

— Saudações, rei Lucas — falou o gigante, com um toque de ironia na voz.

— Ah, o Macaco Pelado! — exclamou o rei, erguendo os braços e observando o sujeito como se ele fosse de uma beleza comparável à de Opal. — Como vai, Lord Ulik? Seus cabelos ainda não voltaram a crescer?

Ulik soltou um rosnado.

— Você era uma criança quando nos conhecemos. Vejo que certas coisas nunca mudam. Seu avô irá recebê-lo agora.

Lucas deu um salto à frente e grunhiu para o enorme Apelord.

— Não vim aqui pedir uma audiência com o Alto Lord Leon. Era ele que devia ter se preparado para a *minha* chegada! Saia do meu caminho, seu bufão feioso.

O jovem Werelion empurrou Ulik, e seus Lobos Selvagens o seguiram para dentro da barraca. O Apelord assistiu à sua passagem, ignorando os rosnados. O olhar de Trent se encontrou com o de Ulik por um instante, e o gigante fez um aceno quase imperceptível. “Um reconhecimento?”

O interior da barraca não se parecia em nada com o caos do lado de fora. Havia elegantes cortinas de veludo penduradas no teto, presas por arcos grandiosos amarrados com cordas douradas. Uma mesa redonda dominava o

centro da barraca, repleta de mapas e maquetes. Mesmo a distância, Trent reconheceu o mapa da Lyssia, e as pequenas peças representavam os diferentes lados da guerra. As vermelhas eram os Leões, e as douradas, as Panteras. As cinzas só podiam ser o Lobo. Lá estavam as forças de Drew, reunidas em torno do Lago Robben. E havia outro conjunto de miniaturas mais ao norte. Essas eram pretas e estavam espalhadas por Icegarden e pelas montanhas ao redor. “Mão Negra.”

Um par de cavaleiros de armadura vermelha posicionava-se perto do trono de madeira, um de cada lado, as espadas apontadas para o chão acarpetado e as mãos apoiadas sobre o cabo das armas. Apenas os rostos estavam descobertos, seus olhos impassíveis voltados para quem entrava. Os cabelos loiros estavam penteados para trás. Os Leões de Leos eram inconfundíveis devido às feições angulosas. Sem dúvida aqueles eram primos de Lucas, felinotropos de Bast, a guarda pessoal do Alto Lord. Os Mantos-Rubros mantinham-se a postos ao redor do aposento, formando um círculo de espadas e escudos em torno da mesa.

Leon se inclinou sobre a mesa redonda, examinando um pergaminho, com um general atentíssimo a seu lado. O oficial lançava-lhe um olhar de esguelha curioso, e arregalou os olhos quando os Lobos Selvagens adentraram a barraca de comando com o jovem Leão. Trent viu a mão do oficial se dirigir ao sabre na cintura, pronta para sacá-lo a qualquer momento. Ouviu-se um tilintar de aço em um canto do aposento. Por fim, o Alto Lord Leon ergueu os olhos do mapa, enrolando o pergaminho e entregando-o ao general.

— Meu avô — disse Lucas, contornando descontraído a mesa e se aproximando do velho. — Há quanto tempo.

O rosto frágil do Leão idoso era um aglomerado de cicatrizes e perfurações antigas nos locais onde os dentes inimigos haviam alcançado seu crânio. A boca estava desfigurada do lado direito, com uma cicatriz que subia em zigue-zague até a orelha. Leon fora costurado pelo melhor magíster de Bast, mas com certeza jamais voltaria ao normal. Eram marcas de uma batalha com outro Werelord.

Leon estendeu o braço e segurou o jovem Leão pelo pescoço, endireitando subitamente as costas curvadas e arrancando Lucas do chão. O rei começou a se transformar imediatamente, assim como Leon, cujo braço se alargou, tornando-se uma poderosa pata. Ele apertou o pescoço de Lucas com mais força, atrasando a metamorfose do neto até o jovem começar a arranhá-lo desesperadamente, a língua de fora, tentando respirar. Os Lobos Selvagens

ameaçaram interceder a favor de Lucas, mas os Mantos-Rubros e os cavaleiros apontaram suas lâminas de prata ameaçadoramente. O oficial ao lado de Leon se transformou em um instante. O Canelord sacou o sabre da bainha. Trent deu uma olhada para trás e viu Lord Ulik posicionado na entrada da barraca, bloqueando a passagem.

— Seu verme! — gritou Leon. — Seu verme cretino e traidor.

Lucas gemeu, e seu rosto foi ficando roxo sob a pressão da pata de Leon, que rugiu, dando um banho de saliva no rei.

— Leão não morde Leão! Filho não mata pai! Ou as velhas regras não se aplicam a você, menino? Talvez um avô possa matar o próprio neto, não? Que tipo de imbecil é você para se voltar contra os seus?

A boca de Lucas se mexeu, mas ele não emitiu nenhum som. Leon jogou o felinotrope esfarrapado no chão e se posicionou ao lado dele.

— E então? — berrou o Alto Lord, chutando o jovem nas costelas. — Fale!

— A Pantera, Alteza! — gemeu Lucas. — Foi Onyx... Ele e a irmã... eles me obrigaram.

— Eles *o obrigaram* a matar seu pai? Acha mesmo que vou acreditar nisso? — O velho Leão flexionou as garras, olhando para o Canelord a seu lado. — Ouviu isso, Clavell? As Panteras obrigaram o pobre filhote a fazer isso. Animais imundos.

— É verdade! — gorgolejou Lucas, passando a mão na garganta. — Não sei onde estava com a cabeça. Acho que eles me envenenaram ou me enfeitiçaram! Se estivesse com meu juízo em ordem, isso *jamais* teria acontecido. Eu amava meu pai...

Ele se desmanchou em lágrimas, agarrando-se aos pés de Leon. O Alto Lord olhou para o patético rei e depois para os Lobos Selvagens, cravando os olhos em Coração Negro. Trent viu os dois se entreolharem. O velho Leão então se voltou para Trent.

— Quem é este, e por que está preso em uma correia? Ele não é como os outros, é?

Lucas ergueu os olhos e fungou algumas vezes antes de perceber de quem o avô falava.

— Este é Trent Ferran, Alteza!

— Ferran? Como...

— O próprio — disse o jovem Leão, levantando-se do chão acarpetado. — Só que ele não é um Wolflord como o irmão. Esse aí é humano. Ou melhor,

era.

— Era? — questionou Leon, aproximando-se de Trent para examiná-lo. O Alto Lord o mediu de cima a baixo, e Coração Negro segurou a corrente com ainda mais força. O xamã puxou Trent para longe de Leon, garantindo que estivesse a salvo de uma possível investida do Alto Lord.

— Estes são os Lobos Selvagens sobre os quais lhe falei, Alteza — disse Clavell, o Cranelord. Estava claro para Trent que os espiões aéreos de Leon haviam acompanhado a viagem deles até o acampamento. — Monstruosidades criadas com a magia corrompida que esses Wyldermen praticam.

— E esse menino Ferran foi afetado pela mesma... doença? — questionou Leon, observando a todos com desconfiança.

— Milorde — falou Trent, sentindo as palavras presas na garganta. Coração Negro o puxou e rosnou para ele.

— Deixe-o falar — ordenou Leon.

Com certa relutância, Coração Negro permitiu que a corrente ficasse um pouco mais folgada. Trent estalou os lábios, notando uma sensação estranha, como se seus dentes fossem grandes demais para a boca.

— Por favor, milorde, eu imploro. Não me deixe na companhia de seu neto. Ele é... *doente*. A mente dele está destruída pela loucura. Ele não é capaz de pensar por si mesmo, muito menos de reinar sobre a Lyssia.

Lucas e os Lobos Selvagens grunhiram para ele, mas Trent os ignorou. O jovem Manto-Cinza procurou nos olhos de Leon alguma demonstração de bom senso. O Alto Lord ergueu uma das mãos para silenciá-los e pegou a corrente da mão de Coração Negro.

— Eu deveria matar vocês todos — murmurou Leon, afastando Trent dos Lobos Selvagens e prendendo a corrente no poste central da barraca. — Você cometeu um ato blasfemo, concedendo aos humanos o sangue de um transmorfo. Mas este rapaz, Ferran, pode ser útil para mim. Talvez os laços familiares possam minar a determinação do Wolflord. Clavell, mande alimentar o coitado. E lavá-lo também. O restante de seus lobisomens precisa sair daqui, Lucas. Podemos arranjar um acampamento à parte para eles, longe dos outros homens. Ou talvez montar um canil no meio do mato.

— Está dispensando minha guarda pessoal? — questionou o Lionlord.

— *Guarda pessoal?* — gritou Leon, incrédulo. — Eles são abominações. Veja só... caricaturas patéticas de um transmorfo, cada um deles.

Quando a Guarda Leonina começou a expulsar os Lobos Selvagens da

barraca, Coração Negro enfim se manifestou:

— Alteza — disse o lobisomem —, preendi Ferran na corrente por um bom motivo. A lua cheia se aproxima. Quando chegar, uma mudança vai acontecer... Ou ele vai sobreviver e ficar maior e mais forte, como eu e meus irmãos, ou vai morrer, por ser fraco demais para resistir à magia selvagem.

Os olhos de Leon se estreitaram para o xamã.

— Está me dizendo que você vai cuidar deste aqui? Vai ficar segurando a patinha dele quando a mudança acontecer?

— Estou intrigado para saber o que vai acontecer — argumentou Coração Negro. — Ele é o primeiro a ser mordido por um de meus irmãos e sobreviver tanto tempo. A maioria morre por causa dos ferimentos. Mas Ferran parece ser mais resistente.

— *A maioria?* — sibilou Leon, virando o pescoço para encarar Lucas. — Quantos humanos esses seus lobisomens morderam? Sobretudo, quantos sobreviveram levando consigo essa doença maldita no sangue?

Lucas não sabia o que responder, então apenas encarou o avô com os olhos arregalados.

— Tire-os daqui! — esbravejou o Alto Lord. Ulik pegou Coração Negro pelo pescoço e o conduziu para fora da barraca de comando. Lucas ficou observando enquanto eles eram enxotados. Trent logo percebeu que o rei estava com medo.

— Clavell — disse Leon, assumindo seu lugar no trono —, mostre o pergaminho para meu neto.

O Canelord, recobrando a forma humana, entregou o pergaminho a Lucas, que o desenrolou e começou a ler.

— O que é isto?

— Um desafio, Majestade — informou Clavell. — Onyx propõe um embate entre ele próprio, o representante das Panteras, e um representante dos Leões e outro do Lobo, com horário marcado. Os três guerreiros vão se enfrentar ao mesmo tempo até que reste apenas um. A morte ou não dos derrotados é de inteira escolha do vitorioso. O vencedor leva tudo. O vencedor fica com a Lyssia.

— Já vi um desses desafios dele antes — disse Lucas. — Ele fez o mesmo com o duque Henrik nas Whitepeaks, um desafio para um duelo.

— Sim, todos nós ficamos sabendo disso — respondeu o Canelord em tom de desprezo.

— Minha intervenção não teve praticamente influência nenhuma —

rebateu o jovem Leão, na defensiva. — Onyx sempre vence.

— Interessante você dizer isso — comentou o Alto Lord Leon. — Você apareceu na hora certa, meu neto. Agora tem a chance de recuperar um pouco de sua dignidade depois das atrocidades que cometeu ao longo do último ano.

— Recuperar minha dignidade? — perguntou Lucas.

— Isso mesmo — respondeu seu avô com um sorriso. — Prepare-se, menino. Você vai ser o representante dos Leões.



6

O artesão e a cirurgiaã

Drew olhou para o céu, ajoelhado como estava, sem piscar, concentrando-se na lua. Com frequência a fonte de seu poder, ela agora servia como um elemento para lhe proporcionar tranquilidade enquanto Lady Greta e Lars Steinhammer manipulavam seu braço, estendido sobre uma mesa de pedra. Ele sentia o toque dos dedos e as espetadas das lâminas enquanto a magíster e o ferreiro trabalhavam em sua carne, conectando a manopla de aço branco à pele marcada por cicatrizes. De vez em quando sentia um tranco mais forte, quando a dupla decidia usar a força em vez da cautela, afastando a carne para prender o metal ao osso. Os bisturis cortavam os músculos, e agulhas uniam seu corpo ao instrumento de aço sturmiano da mais alta qualidade.

Era de esperar que o procedimento provocasse uma dor absurda, já que era feito sem anestesia — ele precisava estar acordado para reagir aos comandos da Filha de Icegarden —, mas, por algum motivo, a dor se limitava a um leve latejar, como se Drew observasse tudo de cima, suspenso no ar frio da noite, apartado do que lhe acontecia.

Florimo estava de pé ao lado deles, de braço dado com Miloqi. Além de vidente, ela era uma curandeira competente, mas aquela cirurgia estava além de suas habilidades. A arte dos magísteres era uma forma especializada de cura, e a magia que Greta e as de sua espécie evocavam estava além da compreensão de humanos normais e transmorfos de outras espécies. O navegador ficou pálido quando o bisturi de Greta fez o primeiro corte. Tinha gente que nunca se acostumava a ver sangue, foi o que Drew pensou. Era estranho imaginar que as esperanças de seus aliados dependiam da sabedoria

daquele excêntrico Garajau. Era preciso esperar para ver se seu plano funcionaria.

— Meu trabalho aqui já está feito — anunciou Steinhammer.

Drew desviou os olhos da lua ao ouvir as palavras do ferreiro e observou seu braço. A superfície da pedra tinha manchas escuras espalhadas, e o Punho Branco de Icegarden estava afixado no local onde antes ficava sua mão. Sob as poças de líquido vermelho, Drew viu as runas que Greta pintara na rocha, pequenos símbolos arredondados feitos com tinta metálica branca. O chão ao redor da mesa de pedra estava cercado por uma linha espessa de enxofre, o mesmo pó amarelo que seu amigo Hector usara para evocar a alma dos mortos. “Com sorte, não encontraremos a morte hoje”, pensou Drew, temendo pelo destino do jovem Boarlord. Interrompendo sua meditação inspirada pela lua, sentiu um desconforto subindo pelo braço. Quando tentou se mexer, o incômodo se transformou em dor.

— Espere! — disse Greta, pondo as mãos firmes, embora suaves, sobre os ombros de Drew, os dedos ainda úmidos de sangue. — Você ainda não pode se mexer!

— Mas estou sentindo muita dor — rebateu Drew, ofegante. — Parece que há milhares de anzóis enfiados no meu braço. — Nesse momento, ele sentiu o atrito de algo metálico contra os ossos partidos do antebraço, afundando-se no membro. Ficou enjoado. Dominado pela náusea, estava prestes a vomitar.

— O trabalho ainda não está completo — avisou Steinhammer, limpando o sangue da manopla com um pano embebido em óleo. Levantou-se e deu um passo para trás, saindo do círculo de enxofre, o rosto coberto de suor. — O resto está nas mãos de Lady Greta.

— Está nas mãos de Brenn — disse a magíster, fechando os olhos e começando seus encantamentos.

Suas palavras não eram as mesmas de Hector. Na lembrança de Drew, a comunhão do Boarlord se dera com uma série de sons guturais e ancestrais. Para Drew, aquelas palavras eram feias e sinistras e jamais deveriam ser emitidas por bocas humanas ou de transmorfos. Por outro lado, a voz de Greta era melodiosa, saindo de sua garganta quase como um canto, que ficava pairando no ar. Era como os móveis sonoros que sua mãe punha perto da janela de seu quarto quando criança, e aquela recordação o transportou a tempos mais felizes na Costa Gélida, às noites preguiçosas de verão esperando a chegada do sono.

Greta, antes ajoelhada a seu lado, se levantou, abrindo os braços e olhando

para o céu. Drew sentiu algo vibrar em sua cintura, e a sensação reverberou por todo o seu corpo. Era a Moonbrand, a espada dos Lobos cinzentos da Westland. Ele segurou o cabo com a mão direita e a puxou de leve, notando que a lâmina brilhava diante de seu toque. Desembainhou-a enquanto Greta entoava sua canção etérea. As runas que marcavam a arma dançavam em meio a faíscas de fogo branco, e uma luminosidade se espalhava lentamente pela lâmina. Drew olhou para a magíster e ficou chocado ao notar que nos olhos dela brilhavam as mesmas chamas frias.

O Punho Branco reluzia como a Moonbrand, vibrante e cheio de vida. Pequenos fragmentos de luz se desprendiam do metal e se elevavam no ar, carregados pela brisa como esporos sobrenaturais. Eles flutuavam ao vento em torno do Wolflord e da magíster, levados por estranhas correntes de ar que pareciam carregar consigo as palavras de Greta. Mais e mais partículas de luz se juntavam à corrente, projetando uma iluminação vibrante sobre todos os presentes. As luzes se transformaram em uma espécie de tornado que se ergueu em espiral na direção da lua.

O rosto de Greta se iluminou, e seus cabelos começaram a esvoaçar ao redor do rosto. O alto do morro estava coberto de luz, e os demais integrantes do acampamento passaram a subir as encostas para apreciar o espetáculo. Em meio à tempestade de faíscas, Drew conseguia enxergar silhuetas se materializando a partir da escuridão, atraídas pelo encantamento da magíster.

O vento começou a diminuir de intensidade à medida que a voz de Greta foi se acalmando. Luzes brancas foram caindo do céu e voltando à manopla acoplada ao braço de Drew. A cabeça da Ursa Branca desabou sobre o peito. Ela fechou os olhos e cambaleou. Steinhammer a segurou quando a magíster caiu, deitando-a com cuidado na grama enquanto as últimas faíscas de fogo branco voltavam à arma reluzente.

Começou com uma pequena faísca em seu bíceps esquerdo, uma minúscula partícula de luz que despertou seus nervos dormentes. Drew olhou para o Punho Branco de Icegarden quando o metal passou a vibrar, mandando estranhas ondas de calor para todo o seu corpo. Mais uma faísca atingiu seu braço, chegando ao ombro. “A manopla se mexeu?” Drew piscou algumas vezes, olhando atentamente para a luva metálica, os olhos ofuscados pelo brilho da arma. Sentiu o calor se espalhando por seus dedos, sendo irradiado para o corpo inteiro. “Meus dedos? Onde estou com a cabeça? Eu *não tenho* dedos!”

Seu braço se incendiou com pontadas de dor quando os dedos havia muito

perdidos voltaram à vida. Impressionadíssimo, Drew viu os dedos metálicos da manopla se agitarem em sincronia com seus pensamentos. Concentrou-se, desejando que se fechassem. A mão obedeceu. Drew arquejou. Olhou para Florimo e Miloqi. O velho Garajau estava de queixo caído, e lágrimas de esperança corriam pelo rosto da Loba branca. Os olhos de Greta se abriram no colo do ferreiro, e ela balançou a cabeça de leve ao notar a alegria do Wolflord.

Drew levantou-se vagarosamente, temendo que a manopla se separasse de seu braço ao ser erguida da mesa de pedra. Isso não aconteceu. Ela permaneceu no lugar, presa firmemente ao osso e aos tendões, parecendo tão leve quanto a Moonbrand e tão real como a própria carne. A espada e o Punho Branco continuavam a brilhar sob o luar, e a plateia ao redor só crescia.

— Está doendo? — perguntou Greta.

— Parece... minha própria mão — ele respondeu, sua surpresa evidenciada na voz. — Como pode ser?

A magíster de Icegarden e Steinhammer abriram um sorriso.

— Não é uma coisa que possa ser explicada, Drew — ela respondeu.

— É parte magia e parte metal — acrescentou Steinhammer. — Com um pouco de sangue, suor e lágrimas na mesma medida.

— Seu sangue? — questionou Drew.

— O seu — respondeu o ferreiro. — Mas o suor e as lágrimas foram contribuições minhas.

Drew guardou a Moonbrand na bainha e comparou as duas mãos. O Punho Branco era maior que a outra mão, mas, quando estivesse transformado, seria do mesmo tamanho da pata do Lobo. Sua leveza era incrível, os movimentos, instintivos e em total sincronia com sua mente. Ele o ergueu para junto do rosto, virando-o de um lado para o outro enquanto inspecionava seu trabalho complexo. Quando o baixou, viu Bergan no alto do morro com uma expressão perplexa. Atrás dele, os demais membros do Conselho Lupino estavam reunidos.

— Mande avisar Onyx — disse Drew. — Eu aceito o desafio dele.

— Tem certeza? — questionou Bergan. — Onyx já enfrentou um inimigo usando essa mesma arma, e ela não salvou a vida de Henrik. Ele não conseguiu evocar todo o seu poder e pagou por isso com a vida.

— Talvez Onyx não saiba das armas que tenho à disposição — respondeu Drew, colocando a mão no cabo da Moonbrand em sua cintura.

— Mesmo assim — argumentou o Bearlord —, ele não vai se arriscar a descobrir. Garanto a você, Drew: Onyx não vai enfrentá-lo à noite. Nem tão perto da lua cheia como estamos. Ele não é tolo.

Drew olhou para Florimo, que sorria.

— É com isso que estou contando — respondeu o jovem licantropo, arrancando expressões de interrogação dos presentes. — Mandem minha resposta para o Pantherlord. Vou enfrentá-lo nos termos do desafio. Vou me encontrar com ele e o representante dos Leões na Pedra Preta depois de amanhã, ao meio-dia.

— Tem certeza de que não quer pensar melhor? — perguntou Bergan.

Drew se virou para o conde Carsten, um dos poucos falcotropos que vigiavam os céus sobre o acampamento.

— A que distância o exército de Tiaz está de Robben? Quanto tempo ainda vai demorar para chegarem?

— Quatro dias, eu acho — respondeu o conde. — É uma força poderosa, mas se desloca ao ritmo de marcha e precisa acampar à noite. No momento estamos sem alguns de nossos principais guerreiros, Tiaz, Faisal e Vega, sem contar os homens sob o comando deles.

— Se os Leões e as Panteras atacassem agora, enquanto estamos assim enfraquecidos, as consequências seriam brutais. — Drew se virou para Bergan. — Não podemos *deixar* de enviar alguém para o desafio de Onyx; não se isso significar o fim da guerra.

— Só não sei por que precisa ser você, Drew. Mande outro em seu lugar, um guerreiro talentoso e experimentado, um homem mais velho que já fez de tudo na vida.

— Um soldado experiente com muito tempo de luta — rebateu Drew com um sorriso. — Onde eu encontraria alguém assim?

— Não precisa ser eu, embora eu aceitasse enfrentar Onyx de bom grado. Existem outros que podem encarar essa luta em seu lugar.

Ecoando as palavras de Bergan, um grupo de guerreiros transmorfos deu um passo à frente na multidão reunida mais atrás: Krieg, Beemote, Taboo e o conde Carsten. Até mesmo Manfred ofereceu seus serviços. O velho Cervo fez um aceno para Drew.

— Pode escolher qualquer um de nós, garoto — disse o Lord de Stormdale. — Sabe que vamos deixá-lo orgulhoso.

— Não tenho dúvida, Manfred, mas esta batalha é minha. Se houvesse outra solução, pensa que eu não aceitaria? Esta guerra é entre o Lobo e os

Catlords. O mais certo a fazer é que eu aceite o desafio.

Com relutância, os Werelords aceitaram as palavras de Drew. Apenas Bergan balançou a cabeça, expressando sua desaprovação.

— Então estamos perdendo tempo — disse Taboo, irritada. — Você ficou mole, filhote de Lobo. Quando foi a última vez que treinou para uma batalha?

Drew encarou a Tigresa, incrédulo. Alguns ao redor sorriram do comentário mal-humorado.

— Como assim? Estou no meio de uma guerra!

— Você está prestes a enfrentar a maior batalha de sua vida, não alguns Mantos-Rubros estabados ou Elmos-Dourados incompetentes! — esbravejou Taboo. — Você vai encarar dois adversários. Saber que um deles é Onyx já devia ser suficiente para você se preparar para o pior, e pode ter certeza de que os Leões não vão mandar nenhum fracote.

— O que sugere então, Taboo, para me fortalecer? — perguntou Drew, deixando de lado o sarcasmo ao pensar melhor na questão. Ela tinha razão. Não seria uma luta qualquer.

Foi a vez de Krieg se manifestar:

— Você, Taboo, Beemote e eu podemos nos retirar para... um lugar tranquilo. Sem distrações. Vamos preparar você para a luta. Pense em Scoria, rapaz. Na Fornalha, sob o calor e o chicote. Vamos quebrar você no meio e construir de novo, mais forte, mais duro, mais cruel. Nós o prepararemos para enfrentar Onyx como ninguém mais seria capaz.

Drew concordou com um aceno de cabeça. Não tinha como discordar e sabia que o treinamento precisava ser brutal.

— Mais uma coisa — rugiu Beemote. — Recebemos um recado dos Catlords. Os Leões escolheram seu representante para entrar na arena com você e Onyx. Será Lucas, Drew. Você vai lutar contra seu irmão.

Drew sentiu os joelhos fraquejarem. O jovem Lionlord era a última pessoa que esperava ter que enfrentar. Algum monstro talvez, arrastado de um pântano de Bast e alimentado com lyssianos por trinta dias. Isso combinaria melhor com o espírito dos Catlords. Mas Lucas? Ele era dois anos mais novo que Drew, porém feroz no campo de batalha. De acordo com o que diziam, crescera um bocado desde o último encontro entre eles, quando Lucas era só um príncipezinho mimado.

— Lucas é meu parente — disse Drew, movimentando outra vez a mão metálica, mexendo a ponta dos dedos. — Mas esta guerra é culpa dele. Cabe

a mim acabar com isso. Vamos, irmãos e irmã da Fornalha.

Bergan deu um passo à frente e pôs a mão no peito de Drew, impedindo-o de seguir o trio de gladiadores.

— Existe alguma coisa que eu possa dizer ou fazer para que mude de ideia?

Drew soltou um suspiro.

— Acredite em mim, meu amigo. Eu queria que existisse. — Ele notou um brilho nos olhos do duque. — O que você está tramando, velho Urso?

Bergan balançou a cabeça e deu um passo para o lado. Estendeu a mão para trás, mostrando a escuridão da noite. Drew estreitou os olhos ao ver um grupo se aproximando. Reconheceu alguns rostos familiares, Mantos-Verdes dos Sentinelas da Floresta, entre eles seu velho amigo, o general Harker. Yuzhnik, o grandalhão romari, aproximou-se com o machado no ombro e um sorriso nos lábios.

Mas foram as duas garotas que o acompanhavam que fizeram o coração de Drew disparar. Ele foi correndo ao encontro delas, abrindo os braços e sentindo o Punho Branco de Icegarden estremecer como se fosse feito de carne e osso quando as abraçou. As palavras podiam ficar para mais tarde. Por ora, os três jovens transmorfos se limitavam a se abraçar e chorar.



A escolha mais simples

As águas do lago estavam tranquilas, e as luzes distantes da cidade de Robben se refletiam em sua superfície plácida. Os três amigos estavam sentados no barranco de pedra, ombro a ombro, o rapaz no meio. Já tinham comido, bebido e relatado tudo por que haviam passado. Não eram os únicos a se reencontrarem ali — humanos e transmorfos de todos os Sete Reinos desfrutavam da companhia uns dos outros. O duque Bergan enfim cedera a filha para conversar com os amigos, depois de quase esmagá-la com um de seus famosos abraços. Tinha adorado ver os três juntos e voltaria a falar com eles em breve. No momento, o Bearlord de Brackenhholme se misturava alegremente aos homens do Reino da Floresta. O barulho que faziam era suficiente para acordar os mortos.

O exército do Lobo ganhara corpo com os recém-chegados, mas ainda era pequeno em comparação às fileiras colossais da Pantera e do Leão. Um grupo de guerreiros parrudos estabelecera o próprio acampamento na beira do lago, afastado dos demais, todos reunidos diante de uma fogueira. Drew os observou com curiosidade quando um deles levou um peixe à boca e rasgou a carne branca com os dentes.

— Esses são seus homens-sapo? — ele perguntou a Gretchen quando um deles olhou para onde estavam, os olhos brilhando no escuro.

— São fíbios — ela respondeu, girando alguma coisa clara e rígida nas mãos. Drew tinha visto quando Gretchen retirara o objeto da bota e ficara se perguntando o que seria. — São bons sujeitos. A maioria, pelo menos. O líder deles implicou um pouco comigo, mas aí eu o coloquei em seu devido lugar.

Eles seguem a mim, não a ele.

— Você pôs o líder deles no devido lugar? — riu-se Drew. — O que aconteceu com a menina de Hedgemoor que só se misturava com a fina flor da sociedade?

— Ela cresceu. — Gretchen sorriu, sem querer discutir com ele.

Por que faria isso? Ela sabia muito bem como costumava ser, e a maneira como se transformara era notável. Drew mal a havia reconhecido. Ela ainda era a mesma linda jovem que fazia o coração da maioria dos homens acelerar sempre que se aproximava, porém havia nela agora uma firmeza que antes não existia. Tinha se tornado uma pessoa melhor. O sorriso dos três foi desaparecendo enquanto observavam o horizonte.

— O que você tem aí? — perguntou Drew, apontando para o objeto na mão dela.

Ela o ergueu e o mostrou: a ponta lascada de uma galhada. Da galhada de Milo. Drew gostava do menino. O jovem Cervo demonstrara grande coragem em várias ocasiões, conquistando a simpatia do Lobo por sua motivação e seu heroísmo. O garoto simbolizava tudo o que existia de bom e bonito no mundo, estando determinado a fazer sua parte na batalha contra os Catlords. Drew ouvira os detalhes da morte terrível do menino nas mãos de Lucas. O pai de Milo, o duque Manfred, lamentava a morte do filho em uma caminhada solitária pela noite nos arredores do acampamento.

— Preciso entregar a Manfred — ela murmurou, guardando o pedaço de chifre de volta na bota. — Tinha esquecido. Isso precisa ser mandado para Stormdale, junto com a espada dele.

Drew balançou a cabeça, incapaz de fazer qualquer comentário.

— Está tarde — disse Whitley, mudando de assunto. — Não é melhor descansar um pouco? Seus amigos de Scoria estão decididos a fazer você passar por maus bocados.

Drew suspirou.

— E eu não estou nem um pouquinho ansioso para isso.

— Eles parecem ser durões — comentou Gretchen.

— O que eles passaram na Fornalha, nas mãos dos Lizardlords... Bom, é até difícil de acreditar — disse Drew. — Vários amigos deles morreram por lá quando fugimos, e depois disso também. Eles são como da família para mim.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Faltam três noites para a lua cheia, sabe? — comentou Gretchen.

Drew concordou com um aceno de cabeça. Antes de falar com as amigas, o rapaz fizera questão de conversar com o conde Costa. O Vulturelord fora trazido amarrado e vendado de Hedgemoor. Costa contara sobre os planos de Onyx e Lucas e também sobre os Lobos Selvagens e os terríveis acontecimentos ocorridos com Trent: a mordida, a transformação e sua captura. O tempo se esgotava para o irmão de Drew. Quando a lua cheia chegasse, a magia negra seria concluída. Trent viraria um Lobo Selvagem, como Coração Negro e seus monstros.

E, se isso acontecesse, Drew não seria o único a lamentar. Por mais incrível que pudesse parecer, seu irmão e a garota que o encantava e o enfurecia ao mesmo tempo tinham conseguido se entender em meio à guerra que se desenrolava ao redor.

Drew estendeu o braço e segurou a mão de Gretchen.

— Tente não se preocupar. Vou enfrentar Lucas e Onyx em breve. Então poderemos negociar a volta de Trent.

— Não dá para negociar com Lucas — esbravejou Gretchen. — Ele está cego pela vingança e consumido pela loucura. Não vai deixar que nada o impeça de chegar a Icegarden. É de Hector que ele está atrás.

Drew balançou a cabeça.

— Ele precisa passar por mim e por Onyx primeiro, Gretchen. Não tem como chegar a Icegarden se eu o vencer na batalha.

— Lucas é um louco com uma arma na mão, Drew — disse Gretchen com a voz trêmula, baixando a cabeça. — Depois do que ele fez com o pobrezinho do Milo, só Brenn sabe o que vai aprontar a seguir. Acho que Trent está condenado.

Drew viu uma lágrima rolar pelo rosto da garota e chegar até o queixo. Teve que conter um sorriso ao pensar em Trent. Seu irmão era mais pavo curto que ele. Drew já podia imaginar o tipo de discussão acalorada que devia acontecer entre a Lady de Hedgemoor e o batedor dos Mantos-Rubros. O fato de a amizade ter prosperado apesar das animosidades iniciais levou Drew a pensar que deveria haver algo extraordinário entre os dois. A lágrima que pingava do rosto dela era uma confirmação disso.

— Enquanto eu estiver vivo e respirando, não vou desistir — murmurou Drew. Ele apertou a mão dela. — Dou minha palavra a você, Gretchen.

Drew se virou para Whitley e a surpreendeu encarando-o. Ela se levantou, evitando seu olhar.

— Vou me deitar — ela falou. — Aconselho você a fazer o mesmo, Drew.

Você tem um longo dia pela frente.

— Boa noite, Whitley — disse Gretchen, sorrindo para a amiga enquanto a Bearlady se dirigia às barracas. Drew a observou partir, perguntando-se o que poderia tê-la incomodado.

A voz de Gretchen surgiu de forma súbita em seu ouvido:

— Apesar de toda a sua sabedoria e bom senso em assuntos de guerra, você não sabe nada sobre mulheres, Drew Ferran.

— Como assim? — ele perguntou, ficando vermelho.

— Vá atrás dela.

Gretchen tinha um sorriso no rosto, os olhos brilhando. Drew deu um beijo em sua bochecha e saiu correndo pela beira do lago, afundando os pés nas pedras miúdas enquanto ia atrás de Whitley.

— Whitley, espere! — ele gritou, e a garota se virou ao vê-lo. — Está indo embora sem dar boa-noite? Por que isso?

— Pensei que quisesse um tempo a sós com Gretchen. Vocês têm muito o que conversar, com certeza. — Ela fez menção de se afastar, mas Drew a segurou pelo braço.

— Espere aí — ele falou, tentando fazer os olhos dela encararem os seus. — Está brava comigo?

— Por que eu estaria brava com você? — O corpo dela estava tenso, e a voz, embargada.

Drew puxou Whitley para junto de si, virando-a para ficarem cara a cara. O Punho Branco a segurou pelo cotovelo enquanto ele levava a mão ao queixo dela.

— Então por que estou sentindo essa distância entre nós?

— O que quer que eu responda, Drew? — retrucou a jovem de Brackenholme. — Eu entendo. Gretchen é uma princesa. Qualquer um ia querer ficar com ela. Não vou atrapalhar. Sei que as coisas estão diferentes. A Lyssia precisa de você como rei e Gretchen como rainha. Você e ela... vocês são feitos um para o outro.

Drew soltou uma risada. Não para zombar da amiga, mas porque estava contente. Ele balançou a cabeça em uma negativa.

— Se o que disse fosse verdade, Whitley, por que eu faria isto?

Antes que ela pudesse perguntar alguma coisa, ele se inclinou para a frente e a beijou nos lábios. Ela amoleceu em seus braços, e ele a abraçou, levando a mão ao rosto dela, sentindo sua pele quente. Drew manteve o Punho Branco nas costas dela, mas a mão de Whitley logo o encontrou, entrelaçando carne

com metal. A lua os iluminava, despejando seu brilho mágico sobre os dois transmorfos.

— O que isso significa, Drew? — murmurou Whitley. — Como isso pode dar certo?

— E por que não? — questionou o jovem da Costa Gélida. — Eu escolho você, Whitley. E não só em relação a Gretchen ou a qualquer outra lady dos Sete Reinos. Prefiro você ao trono e à coroa da Westland. Se não puder me casar com você, abro mão de tudo isso. Aliás, quem disse que quero ser rei? A Westland não precisa de outro Werelord no trono, e eu com certeza não preciso de um palácio. Posso até viver em um buraco no chão, se for necessário. Não quero nada além de você a meu lado.

Whitley passou a mão trêmula pela barba por fazer do queixo dele, observando os olhos cinzentos que brilhavam em meio aos cabelos escuros, compridos e rebeldes.

— Drew Ferran, você é um tolo.

— Mas um tolo apaixonado, milady — ele respondeu com um sorriso travesso. Depois saiu andando, e em seguida correndo, puxando consigo a jovem de Brackenholme, que ria como uma garotinha atrás dele.

— Aonde vamos? — ela perguntou, ofegante.

— Atrás de seu pai — respondeu Drew, aos risos. — Tenho uma coisa para perguntar a ele!



8

Migalhas da mesa

Havia poucas refeições ao longo de sua vida que Trent guardava na memória. Aniversários e solstícios quando menino na fazenda, algumas raras visitas a Tuckborough em dia de feira. Os assados do Plum Dove eram lendários, leitões servidos inteiros com pedaços crocantes de torresmo.

Mas tudo isso parecia não ter nenhuma importância em comparação com a refeição que apreciava naquele momento. O filé não durou muito, esfaqueado e devorado em questão de instantes. O Cavaleiro Lupino quase se engasgou em sua avidez de se alimentar. Quando a carne acabou, o Alto Lord Leon jogou mais um pedaço tirado de seu prato. Trent o apanhou no ar e o comeu com mais calma dessa vez. Pensou que o grunhido vinha de sua barriga, mas então sentiu a garganta reverberar.

— Não se preocupe, garoto — disse Leon. — Não vou tirá-lo de você. Pode acreditar: tem mais de onde esse veio.

O prato de Leon transbordava com vários cortes de carne, todos malpassados, quase intocados pela brasa. O Alto Lord dos Werelions observava Trent com atenção. O jovem sentia os olhos de Leon o tempo todo sobre si, acompanhando cada mordida.

— Não posso dizer que não entendo você — comentou Leon, cortando um filé com a faca. — Também prefiro passar fome a me alimentar de outra criatura com alma, seja um humano ou um transmorfo. Meu neto compartilhar desse hábito é algo horrendo e motivo de desgosto para mim.

Ele enfiou um pedaço de carne na boca coberta de cicatrizes e se recostou no trono, saboreando o alimento. Trent permanecia acorrentado ao poste

central, na lateral da enorme cadeira de madeira de Leon, mas o Alto Lorde trouxera almofadas da própria cama para o Manto-Cinza se deitar, além de um jarro d'água. Ele podia até ser um prisioneiro, mas não padecia mais nas mãos do rei, nem nas dos monstruosos Lobos Selvagens. Era tarde da noite, e o aposento estava envolto em escuridão, as sombras criadas pelas luzes das velas dançando nas paredes de veludo.

— O que pretende fazer com Lucas? — perguntou Trent, enfim recuperando a voz.

— Provavelmente ele vai ser destruído pela Fera de Bast na luta que se aproxima — disse Leon. — Onyx nunca foi do tipo que demonstra misericórdia em batalha. Mas meu neto mostrou muita resiliência nos últimos anos diante de fatos inesperados. Não me surpreenderei se Lucas apresentar algum truque escondido na manga quando chegar a hora.

— E se ele sobreviver?

— Ele vai ser destituído da posição de rei quando a guerra for ganha — revelou o Alto Lord. — Não seria bom para ele abdicar no meio do confronto. O exército precisa de uma figura simbólica. Já é ruim o suficiente as Panteras e os Tigres terem nos traído. Precisamos de estabilidade. Quando os inimigos estiverem derrotados, ele será mandado de volta a Bast.

— E depois, milorde? — perguntou Trent, lembrando-se de usar as boas maneiras.

Leon grunhiu.

— Eu... não decidi ainda. Mas ele vai responder por suas transgressões. Matar o próprio pai, meu filho, daquela maneira? Diga, Ferran: que tipo de homem era seu pai?

Trent precisou pensar por um momento; as lembranças mais distantes pareciam enevoadas e escassas. Recordou-se do rosto de Mack Ferran, com sua expressão rígida e séria. Sem nenhum senso de humor.

— Era um homem firme, mas também justo, milorde. Lutava na Guarda Lupina antes de ir morar na fazenda.

— Ah, a lendária Guarda Lupina. Um grupo orgulhoso de soldados, pelo que me lembro. Uma pena para Wergar que a própria ganância e sede de batalha tenham se tornado sua ruína no fim das contas. Ele facilitou um bocado a tarefa do meu filho de invadir a Westland e tomar o trono bem debaixo de seu nariz.

Trent não respondeu. Não havia conhecido Wergar; não tinha ligação nenhuma com o antigo rei. Seu laço verdadeiro era com Drew, o Wolflord

que fora criado para o pastoreio na Costa Gélida, seu irmão em todos os sentidos, menos o sanguíneo.

— Seu irmão, Drew Ferran... ele não é como Wergar. O velho Lobo era impulsivo e egoísta; aceitava provocações facilmente. O novo Lobo é mais cauteloso. E pensa nos outros... em seu povo.

— Ele foi criado pelas mesmas pessoas que eu, milorde, Mack e Tilly Ferran. Boa gente. Humanos. Isso dá a ele uma outra perspectiva em comparação com vocês, Werelords.

— Faz sentido — falou Leon, balançando a cabeça em concordância enquanto cortava outro pedaço de carne. — Vocês dois são próximos?

— Fomos em uma época.

— Com certeza os dois têm coisas a lamentar, Trent Ferran. Mas me deixe perguntar uma coisa.

Trent ergueu a cabeça, engolindo o último pedaço de carne. O Alto Lord continuou:

— Seu irmão é um jovem sensato? Sabe ceder quando surge a necessidade?

— Acho que sim. — O Cavaleiro Lupino aprisionado ergueu os ombros, fazendo as correntes tilintarem. — Ele não vê as coisas só em preto e branco; sabe enxergar o que cada um tem de bom e de ruim.

— Isso me faz pensar... o que ele faria para salvar sua vida?

Trent ficou sem saber o que dizer. Como responder a essa pergunta?

— Já ficou claro que ele valoriza muito a família — comentou Leon, erguendo a mão. — Eu também tenho esse mesmo problema. Mas, no caso de seu irmão, isso pode significar o fim da guerra.

— Como?

— Você pode ser a moeda de troca de que precisamos para fazê-lo se retirar do conflito, junto com seus exércitos.

— Ele não vai se render só por causa de minha alma infeliz — disse Trent, apesar de uma pequena e mesquinha parte sua desejar que fosse esse o caso.

— Guerras exigem sacrifícios, milorde. E estou disposto a fazer minha parte.

— Pode até ser, rapaz, mas isso vale para *seus* sentimentos, não para os de seu irmão. O que ele não daria para ver você de novo, hein?

— Quando souber que o sangue envenenado dos Lobos Selvagens corre dentro de mim, acho que vai querer apressar meu sono eterno. Seria um ato de piedade.

— Já desistiu de querer ser humano de novo?

— Olhe só para mim — disse o jovem Manto-Cinza, erguendo as mãos. Uma pelagem escura cobria seus membros, e suas unhas tinham sido substituídas por garras amareladas. Seu rosto permanecia humano na forma, mas a barba rala que cobria seu queixo estava mais espessa, espalhando-se pelo pescoço, pelo peito, ao redor das bochechas e das sobrancelhas. Seus dentes roçavam uns nos outros e, quando passava a língua por eles, imaginava quanto deviam parecer monstruosos.

— Sempre existe um jeito. Foi a magia que pôs você nesse caminho. Talvez a magia possa tirá-lo dele também.

— Um magíster?

— Isso mesmo — respondeu o Alto Lord. — As Filhas de Icegarden estão na companhia do Lobo. Acredito que possam fazer alguma coisa para deter o processo da magia selvagem.

Uma faísca de esperança surgiu no coração de Trent.

— Acha mesmo?

— Vale a pena tentar descobrir, não vale?

— Como?

Leon afastou o prato, esfregando os dedos nodosos na mesa, pensativo. Seu rosto coberto de cicatrizes estava iluminado pelas velas acesas nos candelabros.

— Eu poderia viajar para me encontrar com seu irmão amanhã, antes do combate marcado para o dia seguinte. Se puder negociar com ele, talvez possa fazê-lo ouvir a voz da razão. Em troca de sua libertação, os exércitos do Lobo sairiam da guerra, deixando a Westland e Sturmmland para meus Leões. Talvez eles possam ceder, e então juntaríamos forças contra as Panteras — ele falou com um sorriso enrugado.

— Vocês querem Sturmmland também? Já tiveram a Westland antes.

— Sim, rapaz, mas todos sabem onde está a verdadeira riqueza da Lyssia.

— Ele apontou para o norte, agitando o dedo ossudo, a voz assumindo um tom frio. — Sob Strakenberg, os Ursos Brancos de Icegarden acumularam tesouros durante séculos. Está na hora de os entregarem a seus superiores.

— Mas quem reina em Icegarden é Mão Negra, junto com os Corvos.

— Vou passar por cima deles para tomar a cidade congelada.

— Drew não vai concordar com isso — disse Trent com cautela, balançando a cabeça em uma negativa. — Ele não vai arriscar tudo pelo que lutou para conquistar só por minha causa.

— Essa decisão não é sua, Ferran — rebateu o Alto Lord de Leos,

recostando-se na cadeira. — É uma questão a ser resolvida entre o Lobo e o Leão.

Trent se encostou no poste a que estava acorrentado. Haveria alguma maneira de evitar mais conflitos; alguma forma de encerrar a guerra e fazer com que Trent recuperasse sua vida? “As Filhas de Icegarden podem mesmo me ajudar? Ainda tenho uma chance de redenção?”

Olhou para o Alto Lord no momento em que uma figura se materializou nas sombras atrás de seu trono. Os cabelos loiros, apesar de desalinhados, estavam limpos agora, reluzindo como um halo dourado em torno da cabeça quando ele se aproximou por trás da cadeira e agarrou o avô pela garganta. Os olhos de Leon se arregalaram imediatamente, porém era tarde demais. A pressão que Lucas imprimia era firme como aço, e seus braços musculosos prenderam o Alto Lord no assento, enquanto seus dedos obstruíam suas vias aéreas.

— *Sua* guarda pessoal não parece ser tão eficiente quanto a minha, avô — o jovem Leão murmurou no ouvido de Leon. — Meus Lobos Selvagens estão se banquetecendo com a carne deles agora mesmo. Ouviram dizer que a carne dos bastians é a mais tenra que existe.

O velho Leão lutava e se debatia, mas era incapaz de se transformar totalmente por causa das patas de Lucas em sua garganta. Suas garras arranhavam os antebraços peludos do agressor, mas a pressão ali era bem firme. A cadeira se sacudi quando Lucas puxou o avô para trás, e o Alto Lord de Leos soltou um gorgolejar horrendo, esperneando em vão. Um pé acertou a mesa, mandando o prato de metal para o chão. A carne e os talheres caíram sobre Trent.

Com um rosnado, Lucas deu uma última torcida no pescoço do velho, e com um estalo a resistência acabou. Ele o soltou, posicionando o Alto Lord no trono como se dormisse. Os únicos sinais de seu falecimento eram os olhos abertos e a língua pendurada para fora. Lucas ficou de frente para ele e, com um movimento ágil do dedo, enfiou-a de volta na boca do avô. Em seguida, passou a mão no rosto do Werelion, fechando seus olhos pela última vez. Virou-se então para Trent. O Cavaleiro Lupino estava sujo de sangue e amedrontado.

— Espero que tenha se alimentado — disse o rei. — Temos uma longa caminhada pela frente.



9

A união

A cerimônia foi singela, muito diferente da pompa típica de um casamento real. O céu estava límpido e azul. O ar estava imóvel; nem uma mísera brisa soprava, e o alto do morro parecia transformado em relação à noite anterior. A mesa de pedra ainda estava lá, agora limpa de todo o sangue e sem a plateia por perto. Ao lado de Miloqi, que conduzia o ritual, havia só mais duas pessoas presentes. O duque Bergan, o habitante mais orgulhoso de Brackenholme naquele momento, estava ao lado da filha. Junto com ele estava Gretchen, sentindo-se honrada por poder testemunhar a união de seus amigos queridos.

Drew absorvia tudo atentamente. Uma guirlanda de ervas fora enrolada em torno das mãos unidas do casal, seguindo pelos pulsos e alcançando os cotovelos. As palavras de Miloqi, apesar de desconhecidas para eles, transbordavam de amor e afeto, orações com votos de paz e um futuro próspero. Pequenas flores brancas e azuis cobriam o alto do morro, um cenário feliz de verão. Essas mesmas flores haviam sido dispostas por Gretchen nas longas tranças que prendiam os cabelos castanhos de Whitley. Eles estavam presos no alto da cabeça, revelando as linhas elegantes do pescoço da Bearlady. O olhar de Drew se fixou no rosto dela, onde foi recebido com um sorriso carinhoso e convidativo.

— Você está parecendo meio abobado — ela comentou, arrancando uma risadinha de Drew.

— Não posso nem olhar para você?

— Vou demorar um pouco para me acostumar com isso.

— Vocês estão tagarelando demais — disse Miloqi com um ar divertido, interrompendo a conversa. Ela desenrolou as ervas e tirou o arranjo das mãos deles. — Menos conversa e mais beijos.

Quando Drew tomou Whitley nos braços e a beijou, Bergan e Gretchen aplaudiram e se abraçaram. O Bearlord não resistiu a soltar um grito de alegria, que se transformou em um rugido triunfante. Gretchen puxou a amiga dos braços de Drew e a abraçou. Bergan puxou Drew para mais perto dele, a fim de lhe dar uns tapinhas nas costas. O Wolflord sentiu o ar ser expulso dos pulmões a cada tapa. Com a empolgação, o velho duque perdera a noção de sua força. Por fim, Drew se virou para a vidente de Shadowhaven.

— Obrigado, Miloqi — disse com um sorriso. — O fato de você ter feito isso por nós significa muito para mim.

— Devia sorrir mais, Filho Cinzento — ela disse, inclinando a cabeça. — Você fica bonito quando não está com a cara fechada.

— Você também viveria de cara fechada se tivesse uma vida como a minha — respondeu Drew. Dando um passo à frente, abraçou Miloqi, enquanto Whitley e Gretchen continuavam conversando animadamente. — Mais uma vez, obrigado.

— Isso não foi um casamento, Filho Cinzento. Não sou uma sacerdotisa, sou apenas uma menina que vê coisas estranhas nos sonhos. Foi uma bênção, um ritual preliminar, uma proclamação do amor que sentem um pelo outro, um sinal para Brenn de que vocês assumiram um compromisso hoje.

Drew sorriu, e Miloqi se aproximou dele outra vez.

— Aproveite estes momentos, Filho Cinzento — ela murmurou em seu ouvido. Em seguida, beijou-o no rosto e se afastou, caminhando na direção do acampamento de guerra.

Drew a observou, intrigado e fascinado pela figura da Loba branca. Seus pensamentos foram interrompidos por um tabefe nas costas. Bergan o parabenizava mais uma vez.

— Vai haver uma cerimônia, filho, em Brackenholme. Ou em Highcliff, se preferir, mas não existe nada como um casamento no alto das árvores.

— Temos uma guerra para vencer antes disso — argumentou Drew.

— Perguntei a você se não havia algo que pudesse fazê-lo desistir de enfrentar Onyx — disse Bergan. Ele se virou e olhou para a filha, que ria e cochichava com Gretchen. — Vou perguntar de novo, Drew, e pense bem no que vai responder.

Era um golpe baixo, mas Drew entendia a posição de Bergan — ele teria

dito a mesma coisa no lugar dele. Afinal, as coisas haviam *mesmo* mudado.

— Você é astuto, meu velho. Seu sentimento é compreensível, mas é preciso que seja eu. A guerra é entre o Lobo e os Catlords. Se é para resolvê-la em um combate, é entre nós que deve ser. Jamais pediria a alguém algo que eu não pudesse fazer pessoalmente.

— O dia de hoje — suspirou o Bearlord — deveria ser de vocês, seu e da minha filha. Você não deveria ter que ir se preparar para uma batalha. Trate de voltar para ela, pelo amor de Brenn, ouviu bem?

Drew balançou a cabeça em concordância, abrindo um sorriso cauteloso.

— Mais pressão. Era exatamente disso que eu precisava. — Deu uma piscadela antes que Bergan pudesse fazer alguma objeção. — Só Brenn sabe quanto eu gostaria de ficar com ela, hoje mais do que nunca, mas você entende o que precisa ser feito.

O Bearlord concordou relutantemente com um gesto de cabeça enquanto um trio de figuras familiares subia o morro na direção deles. Um quarto indivíduo os acompanhava, olhando para o céu.

— Está pronto, garoto? — gritou Krieg. — Estamos perdendo tempo. Você já se divertiu, agora é hora de trabalhar.

Beemote balançou a cabeça e acrescentou mais três palavras ao discurso:

— Isso mesmo, Krieg.

— Como vocês são pontuais — comentou Drew. — Um sujeito não pode nem ter um tempinho com sua amada?

— Parabéns — sibilou Taboo para Drew e Whitley. Por mais que não fosse essa sua intenção, cada palavra que saía da boca da Tigresa soava como uma ameaça.

— Obrigada, Lady Taboo — disse Whitley, o que arrancou risadinhas de Krieg e Beemote. A Tigresa olhou feio para eles antes de retribuir o sorriso da Bearlady.

— Mudança de planos — anunciou Taboo. — Parece que houve uma confusão no acampamento de guerra do Leão. Você não vai mais enfrentar Lucas; ele está desaparecido. Vai lutar contra um Apelord... Lord Ulik.

— Eu conheço Ulik — contou Beemote. — Um primo distante de Arik e Balk, que lutavam na Fornalha. Ele é chamado de Macaco Pelado, um gigante como eu, sem nenhum pelo sobre o corpo. Um monstro no campo de batalha.

— Eu também o encontrei uma vez no campo de batalha, antes de ser mandado para Scoria — acrescentou Krieg. — De todos os Primatas, é

provavelmente o mais nobre, mas também o Werelord mais irritadiço que você vai ver na vida.

Drew sentiu a náusea tomar conta de seu corpo. Com o Leão desaparecido, só Brenn sabia onde, um aperto se abateu sobre seu peito. Virou-se para Whitley, que estava abraçada a Gretchen.

— Vejo você mais tarde — ela disse simplesmente.

— Preciso ir, Whitley. Desculpe, mas...

— Drew, eu entendo. Sei mais do qualquer um o que o dever significa para você. Vá. Treine duro com os gladiadores e faça o melhor que puder. — Ela ergueu a mão e acariciou seu rosto. — Cumpra seu dever, Drew. Você tem minha bênção.

— Já disse que amo você? — perguntou Drew.

— Bom, acho que você mencionou isso meio por alto — ela respondeu com um sorriso. — Adeus, Drew.

Ele então se pôs a descer o morro, os gladiadores a seu redor.

— Preparamos uma espécie de *ludus* — anunciou Krieg.

— Uma área de treinamento — acrescentou Beemote, sua voz retumbante reverberando nos ossos de Drew.

— Todas as lembranças felizes de Scoria vão voltar em um instante — respondeu o Wolflord. — Já alcanço vocês.

Antes que pudessem fazer alguma objeção, Drew se afastou do grupo e tomou a direção da quarta figura que subira o morro. Florimo estava imóvel, as pernas ligeiramente afastadas e a cabeça voltada para o céu ensolarado. A bandana estava inclinada para o lado, ainda com a pena rosa presa a suas dobras escuras. O navegador estava concentrado em seu trabalho.

— E então, Florimo? — perguntou Drew. — Nossos cálculos estavam certos?

O excêntrico Ternlord se virou para ele sem demonstrar nenhum vestígio de senso de humor no rosto sempre risonho. Era estranho ver o velho marujo tão sério, mas o futuro dos Sete Reinos dependia de sua resposta.

— Estavam, milorde — ele respondeu, apertando o ombro de Drew com a mão ossuda. — Os astros estão alinhados.

Do alto do morro, Whitley e Gretchen olharam para baixo, sozinhas depois que o duque Bergan partira atrás dos demais. O sorriso fixo no rosto de Whitley se atenuou um pouco quando a Foxlady de Hedgemoor se voltou para ela. O rosto de Gretchen tinha uma expressão dura como pedra quando deu as costas para aqueles que desciam a encosta.

— E então? — perguntou a garota das Dalelands. — Sabe para onde Lucas está indo, não sabe?

— Tenho um amigo entre os cavaleiros de Brackenholme — contou Whitley. — Ele pode preparar Chancer e Bravura para a viagem em uma hora.

— Não vai se despedir de Drew?

— Eu já fiz isso — respondeu Whitley, descendo a encosta a passos apressados, pisoteando as flores brancas e azuis. — Vamos, o norte é um lugar traiçoeiro. Temos muito chão pela frente, e os pés das montanhas estão apinhados de tropas de Bast. Precisamos ser discretas e silenciosas.

— Tem certeza de que quer me acompanhar? — questionou Gretchen, segurando a amiga e apertando suas mãos. — Posso fazer isso sozinha. Não precisa se arriscar por Trent. Você nem o conhece. Não quero que corra perigo.

— Depois de tudo por que passamos, Gretchen? — rebateu Whitley. — Ele é irmão de Drew. Como eu poderia *não* ajudar? Além disso, Hector está por lá. Cá entre nós, eu e você podemos ajudá-lo a recobrar o juízo. Vamos. Também temos um dever a cumprir.

PARTE V

A batalha da Pedra Preta





1

Enfim, o encontro

Drew estava de pé no topo do pico vulcânico, o sol escondido no céu às suas costas. O tempo mudara, e não para melhor. Nuvens escuras de chuva se acumulavam, projetando sombras sobre a Pedra Preta. A superfície rochosa e acidentada transportara Drew ao inferno da Fornalha, onde havia lutado pela própria vida junto com os demais gladiadores. Olhou por cima do ombro. Krieg estava lá, os olhos cravados nele. Florimo estava por perto, com Opal, Bo Carver e o duque Bergan. O Garajau observava o céu fechado. O olhar que lançou ao Wolflord não transmitia muita confiança.

Os preparativos naquela manhã não tinham sido os ideais. Depois de treinar até o pôr do sol, seguindo o cronograma implacável de Krieg, Drew fora direto para a cama, imaginando que Whitley estaria à sua espera. A garota não estava por perto, e ele se entregou a um período de sono breve, porém intenso, sendo despertado ao raiar do dia por Taboo. Drew esperava ver Whitley a seu lado de manhã, porém a Bearlady também não estava presente. A caminho da versão improvisada da *ludus* — a escola de gladiadores onde aprendera seu “ofício” —, Drew mandara chamar Bergan, na esperança de descobrir o paradeiro de Whitley. O Bearlord não a vira, e Gretchen também não estava no acampamento. A ansiedade que tomava conta de Drew se tornou ainda mais forte.

Batidas de asas anunciaram que não estavam mais a sós. Quatro Canelords aterrissaram, dois dos quais dividiam a tarefa de carregar uma figura de físico imponente. Ela desceu no centro do pico da formação rochosa e, em seguida se ergueu para revelar todo o seu tamanho. Beemote não havia

mentido sobre o Apelord; ele devia ter quase dois metros e meio de altura, e nem estava transformado ainda. Os dois outros Grous pousaram a seu lado. Um dos Canelords se aproximou para apresentar seu guerreiro.

— Lord Ulik de Fim do Mundo, milorde, representante dos Leões de Bast.

— O Macaco Pelado — disse Krieg com um grunhido. — Já nos encontramos antes. Na batalha de Umbar.

Ulik balançou a cabeça com gestos lentos.

— Um dia difícil para os Rinocerontes. Você foi um dos poucos sobreviventes?

— Não graças aos de sua espécie — retrucou Krieg, cuspidando no chão.

— Guerras são negócios — disse Ulik, sem sequer piscar. — Tente não levar para o lado pessoal.

— O que aconteceu com Lucas? — questionou Opal. — Pensei que o representante de vocês seria ele.

Ulik permaneceu em silêncio, e o Canelord deu um passo à frente, suas insígnias balançando sob a brisa.

— Lady Opal. Como vai a vida depois de se voltar contra os de sua espécie?

— Surpreendentemente libertadora, no fim das contas — respondeu a Pantherlady. — E como vai a sua vida de puxa-saco, Clavell?

O Grou ignorou a Pantera e se virou para Drew.

— Sou o general Clavell, comandante dos Canelords das Planícies Alagadas. O rei estava escalado para lutar hoje. Infelizmente houve um... incidente no nosso acampamento. O Alto Lord Leon está indisposto, e o rei Lucas está ocupado com outra tarefa. Nossas esperanças estão depositadas sobre os ombros largos de Lord Ulik.

— Como assim, *indisposto*? — perguntou Drew.

— Até o momento, nós não...

— Lucas o matou — informou Ulik, a voz monótona e impassível, sob o olhar horrorizado de Clavell. — Lucas agora despachou o próprio avô, além do pai. Ser parente do rei é algo perigoso nestes dias.

Bergan deu uma risadinha ao ouvir as palavras frias do Apelord.

— Se Leon está morto e Lucas, desaparecido, por quem exatamente estão lutando? — questionou Bo Carver.

Ulik olhou por cima do ombro para os dois cavaleiros de armadura vermelha, cujos rostos felinos permaneciam inabaláveis. Depois se voltou para o Lord dos ladrões.

— Os Leões são muitos, humano. Outro deles vai assumir o trono de Leos em breve, e seu olhar vai se voltar para a Lyssia. Ele vai saber recompensar a quem soube ser leal quando outros sucumbiram.

— Você é um tolo, Apelord — disse Carver. — Esta é a sua chance de quebrar os grilhões que o aprisionam. Você pode voltar a ser livre.

— Voltar? Eu nasci como um servo dos Leões de Leos — rebateu Ulik, enquanto os olhares se voltavam para a chegada do último combatente. — Nunca fui livre.

Drew aproximou-se da extremidade da rocha, olhando para o vazio e sentindo um vento súbito que o fez recuar. Um bando de Abutres se elevou sobre ele. Um depois do outro, foram depositando seus passageiros sobre a Pedra Preta.

Um Buffalolord aterrissou primeiro, seus chifres já ameaçando emergir do rosto em transformação. Sua cabeleira e sua barba trançadas fizeram Drew se lembrar de Stamm, seu falecido amigo da Fornalha. No entanto, ao contrário do amigo, não havia nada de cordial naquele sujeito.. Em seguida veio o xerife Muller, autoproclamado senhor das Terras Áridas.

— Bo Carver — disse Muller, um velho conhecido do submundo do crime. — Você anda acompanhado de uns tipos bem estranhos ultimamente.

O Lord dos ladrões o encarou.

— Posso dizer o mesmo de você, Muller — respondeu Carver. — Sempre soube que você não valia nada.

Depois chegou um velho conhecido de Drew, e o Lobo sentiu o estômago revirar ao ver Lord Chanceler aterrissar, o corpo envolvido pelo manto escuro. Seu rosto estava escondido pelo capuz, mas Drew reconheceria o Wererat Vanmorten em qualquer lugar. Quase perdeu a compostura, berrando ao ver aquele monstro que matara Tilly Ferran, mas então uma última figura apareceu.

Os dois Abutres tiveram que se esforçar para carregar Onyx pelos últimos metros, enfim conseguindo posicioná-lo sobre a rocha vulcânica. Drew ouviu os transmorfos atrás de si soltarem um suspiro enquanto o ar entalava em sua garganta. A Fera de Bast se ergueu lentamente, uma torre de músculos tonificados e pele coberta de cicatrizes colecionadas ao longo de uma vida de violência. Seus olhos amarelos brilharam ao ver Opal do outro lado da plataforma rochosa.

— Irmã! — ele exclamou com um sorriso. — Que bom ver você. Venha me dar um abraço. — Ele deu um passo à frente e abriu os braços, esperando

que ela se aproximasse. Opal estreitou os olhos para Drew, que já a conhecia bem o suficiente para compreender quando estava com medo. O jovem Lobo se voltou para o Pantherlord.

— Trate de falar comigo, Onyx, não com Opal. Você não está aqui para uma reunião familiar.

— Que pena — comentou a Fera. — Temos muito que conversar. Talvez possamos fazer isso mais tarde, não é, querida?

— Deixe-a em paz — ordenou Drew.

— Ora, ora — falou a Pantera. — Enfim nos encontramos, Wolflord. Você não perde tempo em dizer a seus amigos o que fazer. Sou obrigado a reconhecer que você está acostumado a conseguir o que quer. Pena que isso vai acabar de maneira súbita e violenta, hoje mesmo.

— É assim que derrota seus oponentes, Onyx? Matando-os de tédio com suas bravatas?

O Pantherlord sorriu. Mesmo na forma humana, era absolutamente intimidador.

— Vejo que trouxe seus brinquedinhos também — disse a Pantera, caminhando pela superfície rochosa. Quando deu um passo à frente, os demais presentes se afastaram, o que também pôs Ulik em movimento. Drew seguiu a deixa, e em questão de segundos circulavam uns aos outros.

— Está se referindo à manopla e à espada? — perguntou Drew.

— O Punho Branco de Icegarden e a Moonbrand, se não me engano. Tenho minhas fontes de informação, Wolflord, e já encarei o Punho antes.

— Ouvi dizer — respondeu Drew. — O Leão teve que terminar a batalha, já que você não conseguiu.

— Não — grunhiu Onyx. — O pestinha mimado intercedeu sem ser chamado e arruinou um enfrentamento dos mais honrados.

— Fico impressionado ao ouvir você falar de honra depois do que fez com Taboo anos atrás.

As sobrancelhas de Onyx se arquearam para Opal.

— Vejo que você tem uma língua um pouco solta, não, irmãzinha? Precisa aprender uma lição sobre disciplina. Nosso pai pode se encarregar disso depois de acabarmos aqui e vencermos a guerra. — Ele arreganhou os dentes, e o rosto de Opal se franziu, em um raro momento de fraqueza.

— Concentre-se em mim, Onyx — disse Drew. — Fale apenas comigo.

— Estes brinquedinhos não vão servir de nada, garoto — garantiu a Fera. — A lua não vai ajudar você hoje. Vou esmagar seu aço sturmiano como um

pedaço de lata velha. Mas me diga: como conseguiram afixar o Punho em seu braço? Pensei que lutaria com um aleijado hoje, não com um guerreiro de membros postiços.

Drew desembainhou a Moonbrand. Ulik não tinha nada a dizer. Os olhos do Macaco Pelado se voltaram para o Lobo, depois para a Pantera. Ele levou a mão para trás e pegou o cabo de madeira de uma longa corrente com elos de prata. Drew encarou a arma com curiosidade. Havia o que parecia ser uma enorme bala de canhão na ponta da corrente, do tipo que os bastians lançavam com sua pólvora. Aquela, porém, era feita de aço maciço temperado com prata. Drew estremeceu ao pensar no estrago que aquilo poderia causar a seu corpo.

Ele dera uma volta inteira no topo da elevação rochosa e estava quase diante de seus aliados de novo. Krieg gesticulava para chamá-lo, enquanto Florimo continuava a olhar para as nuvens escuras ao redor, saltando de um pé para o outro. Por todos os arredores da Pedra Preta, uma tempestade se aproximava.

— É uma pena que Lucas não esteja aqui, aquele louco parricida — comentou Onyx com um tom de voz mais grave e sério. — Mas com certeza vamos nos enfrentar em breve.

Drew viu a pelagem negra surgir sobre a pele de Onyx. Seus ossos se alargaram, suas mãos se transformaram em patas, e seu peito começou a estalar e ranger. Mais músculos apareceram pelo corpo do Werepanther, que se mostrava em toda a sua glória. Drew ouviu a voz de Krieg murmurando às suas costas enquanto evocava o Lobo. Fechou os olhos acinzentados por um instante, e as palavras do Rinoceronte se repetiram em sua mente como um mantra:

— Lembre-se: não demonstre nenhum sentimento ou compaixão. O perdão é uma fraqueza. É matar ou morrer.

Quando afastou as pálpebras de novo, o que se viu foi o olhar amarelado e implacável do Lobo.



2

Os três lados da batalha

No tempo que passou na Fornalha, Drew tinha aprendido que não havia nada mais simples do que uma batalha envolvendo um trio. Compreensivelmente, breves parcerias costumavam se formar, com os dois gladiadores mais fracos se juntando contra o adversário mais forte. Quando, e se, o combatente mais perigoso fosse eliminado, uma luta secundária se desenrolava, com os antigos aliados se enfrentando. Contudo, nenhum acordo tácito desse tipo se estabeleceu na Pedra Preta naquele dia. Era cada transmorfo por si, e todos pareciam ter a mesma chance.

Transformado, Lord Ulik era uma massa de carne pálida e força bruta, os braços musculosos prontos para a luta. A cabeça de contorno levemente inclinado do Wereape, sem nenhum fio de cabelo visível, assim como no restante do corpo da fera, dava-lhe uma aparência demoníaca, os dentes afiados se projetando do maxilar como estalagmites amareladas e retorcidas. Seu tronco era imenso, a caixa torácica tendo a largura de uma roda de carroça. Sua maior vantagem era a envergadura. O Primata podia atacar de uma distância muito maior que Drew e Onyx.

A Pantera tinha uma ampla variedade de armas naturais à disposição, mas a principal era a agilidade. Sua velocidade era diferente de tudo o que Drew já vira. Suas patas dançavam com leveza pela superfície de pedra rústica à procura do primeiro golpe significativo contra os oponentes. O que o Macaco Pelado tinha de feio, Onyx tinha de belo, sendo o transmorfo de aparência mais impressionante que Drew já vira. Não havia nem um grama de gordura no corpo reluzente e musculoso do felinotropo, uma máquina de matar em

perfeito funcionamento.

Drew olhou para o sol, ainda parcialmente escondido pelas nuvens. O calor da semana anterior não pairava mais no ar, e o clima na Pedra Preta era frio, quase outonal. O vento soprava sobre o topo da formação rochosa, levantando uma fina camada de poeira no ar. A transformação de Drew estava completa. Mal havia sentido a mudança, a dor dos ossos estalando e dos tendões se esticando para acomodar o licanthropo. Drew sentiu a musculatura inchar em suas pernas poderosas, prontas para impulsioná-lo à frente a qualquer momento. A Moonbrand estava empunhada junto de si, a mão firme no cabo da arma, enquanto o Punho Branco de Icegarden permanecia aberto, as garras se agitando em expectativa.

A Pantera atacou primeiro, cruzando a arena rochosa como um relâmpago negro. Os braços do Primata entraram em ação rapidamente, mas não com tanta agilidade quanto os do felinotrope. As quatro patas de Onyx atingiram Ulik no peito largo, fazendo o Primata tombar para trás com as costelas feridas. Aproveitando o impulso, o Catlord saltou na direção de Drew, já que o primeiro rival já cambaleava perto do despenhadeiro. O Wolflord ergueu a Moonbrand, cortando o ar com o aço sturmiano e mirando o rosto da Pantera. Garras escuras interceptaram a lâmina e foram deslizando para o cabo da arma. Drew ouviu o metal cortar a carne e o osso, ameaçando rasgar a pata ao meio, mas Onyx apertava com cada vez mais força. Segurando a Moonbrand, ele diminuía o impacto do golpe da espada à custa da própria mão, conseguindo assim se aproximar do Lobo. Os dois foram ao chão, com a Pantera por cima.

Drew atacou com o Punho Branco, acertando o queixo de Onyx, mas, antes que pudesse fazê-lo de novo, o Pantherlord segurou a manopla com a outra pata. Com o rosto marcado pelo soco desferido por Drew e o olho direito fechado e ensanguentado, Onyx não deu atenção à dor. Os dentes do Felino se aproximaram, e Drew virou a cabeça para detê-los com os seus. As presas dos dois se engalfinharam, arrastando-se umas contra as outras enquanto ambos tentavam fechar a boca e morder o rosto do oponente. Lábios se arreganhavam, bigodes se contorciam e gengivas eram cortadas e dilaceradas. O corpo gigantesco da Pantera pesava sobre Drew, expulsando o ar de seus pulmões e aniquilando a resistência de seus membros. A Moonbrand permanecia fora de combate, pois Onyx continuava agarrado à lâmina com a pata ensanguentada. Largando a arma, Drew estendeu a mão e cravou as garras no pescoço do Pantherlord. O monstro virou a espada em sua mão

destroçada e a voltou contra o Lobo, provocando uma dor lancinante no estômago do licantropo ao atingi-lo com a própria lâmina.

A cabeça da Pantera foi lançada de forma súbita para o lado com o impacto de algo pesado contra a lateral de seu crânio. Um coro de gritos e assobios se ergueu dos espectadores quando o felinotrope foi arrancado de cima do corpo do Lobo. A arma do Apelord cortou os ares mais acima, desferindo um golpe atordoante no Werepanther, a bola e a corrente ganhando velocidade nas mãos do gigante careca, agora já recuperado enquanto se erguia sobre os dois adversários, ele próprio lançando uma sombra sobre o bloco de pedra com seu corpanzil imenso. O Lobo ouviu algo ressoar em seus ouvidos. Era a voz de Carver:

— Mova-se, Drew!

Ele entrou em ação no momento em que a arma mudou de direção para atingi-lo no chão. Drew rolou para o lado, e a bola temperada com prata transformou em poeira a pedra do local onde estava deitado pouco antes. O pé gigantesco de Ulik baixou sobre o jovem Lobo, agarrando seu braço com os dedos e arremessando-o para o outro lado da elevação. Clavell vibrou, batendo palmas animadamente enquanto o Werewolf derrapava rumo à queda. O Punho Branco arranhava o chão, diminuindo sua velocidade em direção ao abismo, as garras se cravando na rocha vulcânica, deixando sulcos na superfície em seu rastro. Drew parou já com as pernas pairando sobre o vazio, à beira da morte certa. Olhou para cima, esperando que a bola e a corrente o atingissem com um golpe final, mas o Primata e a Pantera se enfrentavam outra vez.

O jovem Lobo se impulsionou para o alto da elevação, a respiração ofegante e a ferida na barriga vertendo sangue no chão. Era um ferimento profundo, não um mero arranhão que pudesse ser ignorado. Era a marca da Moonbrand, um corte de aço indelével como o da prata. Olhou para Florimo, que continuava com a cabeça voltada para o céu escuro. Drew viu o rosto do Primata colado ao chão, golpeado pela Pantera, que de alguma maneira arrancara a arma das mãos de Ulik. A corrente de prata estava enrolada com força na garganta do Macaco Pelado, a bola estando sob o poder de Onyx, que a usava para atingir repetidas vezes o crânio do adversário. Os braços de Ulik se projetavam para trás, tentando em vão agarrar o Pantherlord, mas Onyx não permitia. Os enormes membros despencaram por fim. O Apelord derrotado encontrava-se próximo do último suspiro, sem demonstrar mais nenhuma resistência. O Catlord o subjugara, e a morte estava a um golpe de

acontecer.

De repente, porém, a cabeça da Pantera foi puxada para trás pelo Punho Branco, cujas garras se cravaram no couro cabeludo de Onyx e o arrancaram de cima do Wereape. Um rugido emergiu da garganta da Fera de Bast quando uma tira de pele foi arrancada de sua cabeça, revelando a alvura do crânio mais abaixo. O céu acima escurecera consideravelmente, como se uma nuvem de tempestade estivesse pairando sobre a elevação. A Pantera se virou para o jovem da Costa Gélida. O Lobo parecia exausto, o ferimento no abdome empapando de sangue a pelagem cinzenta. Onyx seguiu o olhar do licantropo até o local onde a Moonbrand estava largada, aos pés de um dos presentes. Era Muller. O xerife abriu um sorriso ao chutar a espada para o Pantherlord.

Onyx apanhou a lâmina sturmiana diante de um Lobo cambaleante e um Primata sufocando no chão, a corrente ainda firme no lugar. Drew avançou. “Em frente, Drew. Só mais um pouco. Você consegue.” Aproximou-se da Pantera, tentando dissimular seu ataque com um volteio de corpo, mas Onyx percebeu o golpe. Um punho fechado lançou Drew pelos ares, quase deslocando seu maxilar. O licantropo caiu sobre um dos joelhos, a mão direita encostada no corpo, tentando estancar o sangramento. Fez força para se levantar, porém acabou ajoelhado de novo.

A Pantera soltou um rugido de triunfo em meio à escuridão cada vez mais profunda.

— Lembre-se bem deste momento, porque você não vai viver para ver outro dia! — gritou Onyx, aproximando-se do Wolflord ajoelhado sobre uma poça de sangue. — A história está sendo feita aqui. O futuro dos Sete Reinos vai ser decidido no meu próximo golpe!

Nesse exato momento, a condição no céu mudou. As nuvens se abriram, e o mundo foi envolvido pela escuridão. O sol, oculto do campo de visão por tanto tempo, revelou-se na forma de um disco negro com um halo de fogo ao redor, lançando raios energizantes sobre o corpo do licantropo. A lua achara seu caminho pelos céus, obstruindo o sol e projetando seu poder sobre o mundo.

Era o evento celeste de que Florimo falara e que Drew tanto esperava. Tudo o que ele e seus amigos tinham feito nas semanas anteriores culminava ali. Todas as suas esperanças se baseavam na ideia não só de chegar a Robben a tempo, mas também de que a Fera de Bast fizesse seu presunçoso desafio.

Todos os presentes na Pedra Preta se distraíram com o eclipse solar, inclusive o Pantherlord, que adiou o golpe fatal sobre Drew. Um sibilo alto se fez ouvir na garra de Onyx quando a Moonbrand de repente ganhou vida. Mas não se tratava do lendário fogo branco que o aço encantado sturmiano expelia sob o luar. Em vez disso, chamas negras e sinistras subiram por toda a sua extensão, pegando a Pantera totalmente de surpresa. A espada se agitou e quase escapou da mão de Onyx, como se soubesse que estava sendo brandida por uma alma indigna, lançando uma chuva de faíscas e energia ancestral contra o peito do Catlord.

Fosse qual fosse a magia canalizada pela lua através do sol, teve um efeito profundo sobre o rapaz da Costa Gélida. A ferida em seu corpo cicatrizava à medida que ele se movia, em um processo de cura aceleradíssimo. Nem mesmo um ferimento infligido pela Moonbrand resistia ao poder de cura da lua, e o Werewolf da Westland desfrutava da bênção do luar como nenhum outro transmorfo. Ele renascia sob aquela luz escura, a energia lunar reverberando por todo o seu corpo. Quando Drew se levantou com um salto e os olhos de Onyx contemplaram a visão terrível de um licantropo totalmente recuperado, o destino da Fera de Bast já estava selado.

O Punho Branco de Icegarden se transformara em uma manopla flamejante de fogo negro, e as garras afiadíssimas fizeram sulcos vermelhos que subiam da barriga da Pantera até seus ombros, quase rasgando Onyx ao meio. Os espectadores arquejaram ao ver os papéis se invertendo. A Pantera de Braga estava agora de joelhos diante do Werewolf. A Moonbrand caiu da mão inerte de Onyx com um ruído pesado. Drew a apanhou e foi para onde Ulik se encontrava.

O Macaco Pelado tentava se livrar da corrente em torno do pescoço. Seu rosto estava roxo e ensanguentado, os lábios feridos e um olho inchado. A lateral de seu rosto, que Onyx golpeará repetidamente com a bola, estava desfigurada, o olho desaparecendo sob a órbita dilacerada. Drew se pôs ao lado de Ulik, o sol negro brilhando às suas costas. Viu os lábios do Primata formarem silenciosamente a frase: “Acabe comigo”. O Punho Branco agarrou as correntes, as juntas flamejantes encostadas na garganta de Ulik. O Werewolf apertou e puxou, arrebatando os elos de prata e jogando a corrente no chão. O Apelord inspirou profundamente pela boca enquanto Drew se levantava, virando-se para os espectadores.

— É o fim — disse o Werelord, a pelagem cinzenta se agitando sob a brisa enquanto caminhava ao redor do topo da Pedra Preta, olhando para cada um

dos presentes, inclusive Ulik. — É o fim. Recolham seus mortos e feridos. Reúnam seus exércitos e naveguem para longe de nossas praias, *de minhas praias*, para nunca mais voltar. A Lyssia e seu povo pertencem aos lyssianos, não aos bastians. E, se vocês ousarem voltar, não serei assim tão benevolente.

Ele parou ao lado de Onyx, que mal conseguia se equilibrar. Um sopro mais forte do vento o lançou sobre o chão de pedra. O monstruoso Werepanther não parecia mais tão assustador. O brilho de seus olhos, outrora o flagelo dos Sete Reinos, apagou-se quando a imensa Fera de Bast tombou para nunca mais se levantar.



3

Decolagem

O dia de celebração estava se transformando em uma noite memorável. As margens do lago e as campinas do vale do Robben estavam iluminadas pelo fogo e pelos risos em meio à comemoração pela vitória do Lobo. Tambores e flautas ressoavam, rabecas tocavam e vozes se erguiam, tanto as belas como as desafinadas. Fogueiras estalavam, lançando faíscas pelo ar, que pairavam sobre a água antes de se apagarem como vaga-lumes. Gente de Sturmland, de Brackenholme, das Longridings e os nômades romaris davam-se as mãos e brindavam com barris dos melhores vinhos do Redwine. Provisões estocadas para a guerra tinham sido abertas e devoradas. Canções foram compostas para homenagear os heróis que haviam levado o povo à vitória. Gaviões e Cavalos, Touros e Ursos, Rinocerontes e Carneiros — todos foram mencionados nas baladas dos menestréis. Um nome, porém, destacava-se sobre todos os demais, o mais cantado entre todos os Werelords conhecidos.

O povo celebrava Drew Ferran.

* * *

— Preciso ir — disse Drew.

— Como assim? — questionou Bo Carver. — Temos festividades às quais comparecer, Majestade. As tropas querem vê-lo. *Precisam* vê-lo.

— Minha presença é necessária em outro lugar — respondeu Drew, fazendo uma pausa e batendo no braço do homem. — Desculpe.

— Isso não é nada ortodoxo — grunhiu o Lord dos ladrões, servindo vinho em uma taça. — Já ouviu falar de um rei que não comparece à comemoração da própria vitória? O que pode ser mais importante que isso?

— Um marido indo atrás da esposa — respondeu o duque Bergan, aparecendo na barraca de comando, o rosto escondido pelas sombras. — Não consegue encontrá-la?

Drew ajustou o cinturão, prendendo o couro com firmeza na fivela para garantir que ficasse no lugar. Ele fez uma careta de desconforto, pois os pontos dados em sua barriga por Greta e Miloqi ainda eram recentes.

— E você consegue, por acaso? — Ele não queria ser grosseiro, mas sua irritação só crescia. — O tempo está contra nós, velho Urso. Todos sabemos para onde ela foi. Para onde *elas* foram.

Bergan balançou a cabeça, e os demais membros do Conselho Lupino apareceram atrás dele. O sorriso desapareceu do rosto de todos quando viram a expressão tempestuosa no rosto de Drew.

— Pelo amor de Brenn, o que está acontecendo? — questionou o duque Brand, o último dos nobres a entrar na barraca de comando. — Por que essas caras? Estão parecendo um bando de Cavalos assustados!

Ele cutucou Conrad a seu lado, e o Lord de Cabo Gala soltou um grunhido de desaprovação diante do terrível senso de humor do Touro. Brand continuou sorrindo, a cabeça calva coberta de suor depois de se exceder no tropel que chamava de dança.

— Whitley e Gretchen estão desaparecidas — anunciou Drew, sem fazer nenhuma menção ao humor do Touro. — Vou atrás delas.

— Como assim, desaparecidas? — perguntou Conrad.

— Meu irmão Trent é prisioneiro de Lucas. Amanhã é noite de lua cheia, e a magia selvagem vai mudar Trent para sempre. O Leão está a caminho de Icegarden. Quer se vingar do Boarlord, o barão Hector, por ter matado a rainha Amelie, a mãe dele... e minha também. Todos os caminhos apontam para Icegarden, e é para lá que eu vou.

— Acha que as Wereladies foram para Sturmmland? — questionou o general Fry.

— Tenho certeza, Reuben — respondeu Drew. — Estou sentindo. Gretchen é... ela gosta de Trent. Ela e Whitley jamais o deixariam nas mãos de Lucas. Eu também não, caso não tivesse me comprometido a enfrentar a Pantera e o Primata na Pedra Preta. Assim que soube que Lucas não ia, ficou claro para mim quais eram as intenções dele. Whitley e Gretchen devem ter pensado a mesma coisa.

Krieg entrou na barraca de comando, vindo de outra direção, sem fôlego por causa da correria.

— Ontem mesmo, logo depois da cerimônia, as meninas pegaram dois cavalos, um deles o seu, e foram embora. O cavaleiro pensou que estivessem saindo para uma simples missão de reconhecimento.

Drew afivelou a armadura de couro no peito, deixando uma parte frouxa sobre o pescoço para prender o manto cinzento.

— Conde Carsten, vou precisar de suas asas uma última vez — ele disse. — Sinto muito ter que pedir isso. Sei que preferiria comemorar com seus irmãos.

— Será uma honra para mim carregá-lo até Icegarden, Majestade.

Drew sorriu e se virou para o mais idoso entre seus conselheiros.

— Preciso de você aqui, velho Urso. Você é minha voz enquanto estiver ausente, entendido?

— Eu vou com você — respondeu Bergan.

— Não posso permitir isso — rebateu Drew. — Sua presença é necessária aqui, Bergan. A sua e a de Manfred. Não sei o que vou enfrentar. Na melhor das hipóteses, meu amigo Hector está sendo feito prisioneiro pelos Crowlords. Na pior, Sturmland agora está nas mãos dos mortos-vivos.

— Você não pode pedir que eu fique aqui enquanto vai atrás de minha filha no meu lugar! — rugiu Bergan.

— Não só posso como vou — garantiu Drew, sem alterar o tom de voz. — Preciso de você aqui, liderando o povo e olhando por Manfred, que ainda chora a perda de Milo.

— Estamos falando de Whitley, filho. Ela precisa de mim.

— Seu povo precisa de você, e os Sentinelas da Floresta também, tanto os que estão aqui como os que estão à sua espera em Brackenholme. A duquesa Rainier está em seu salão, esperando por você e Whitley. Ela já perdeu Broghan. Não deixe que aconteça a mesma coisa com seu marido e sua filha.

— Mas ela está em perigo...

— Eu sei. Deixe-me buscá-la, Bergan. Por favor.

Bergan não se manifestou, mas também não discordou. Limitou-se a encarar o Wolflord, os olhos cheios de lágrimas.

— Traga minha filha de volta para mim, filho. Aconteça o que acontecer.

Drew abraçou o Lord de Brackenholme e deu um beijo em seu rosto barbado.

— Farei isso, futuro sogro. Você tem minha palavra.

A pergunta seguinte, ele fez para ninguém em particular:

— Nossos amigos que não estão aqui... alguém sabe do paradeiro deles?

— Shah continua na cidade de Robben com Lady Bethwyn e o pai — informou Carver.

— Alguém devia mandar chamar a Hawklady — grunhiu o duque Brand, terminando seu vinho.

— Sabemos quanto tempo o exército ainda vai demorar para chegar de Omir? — perguntou Drew.

— Pelas minhas contas, ainda estão a três dias de Robben — informou Florimo. — Dois dias, se apertarem o passo.

— Ótimo — disse Drew. — Todos nós vamos dormir muito melhor quando soubermos que nossas fileiras estão mais numerosas e que nossos irmãos e irmãs voltaram a nosso convívio.

— O que quer que façamos enquanto esperamos a chegada do exército de Tiaz? — questionou Brand, servindo outra taça de vinho a si mesmo.

— Bom, ficarem sóbrios é um bom começo — respondeu Drew, o que provocou uma risadinha de deboche por parte do Touro. — A guerra está vencida, se o trato que fizemos for cumprido. Os exércitos dos Catlords devem estar levantando acampamento agora, de acordo com os juramentos feitos na Pedra Preta. Mas só vou ficar satisfeito quando souber que todos os nossos inimigos já foram embora da Lyssia.

Grunhidos de aprovação foram emitidos por toda a barraca de comando. Pronto para partir, o Wolflord se virou para Carsten e viu Krieg, Taboo e Beemote reunidos ao redor dele.

— Nós vamos com você — anunciou Krieg. — Já falei com Carsten. Ele pode ceder alguns de seus irmãos para nos transportar.

— Não posso permitir.

— Você não tem como nos impedir — retrucou Taboo. — Não somos seus súditos, como os lyssianos.

— Não temos família nem entes queridos a perder — acrescentou Krieg.

— E, além disso — pronunciou-se Beemote —, já chegamos bem longe. Sempre quis saber como eram as Whitepeaks. Agora vou poder descobrir.



4

Uma novíssima união

Lord Ulik fez uma careta enquanto os magísteres enfaixavam sua cabeça com panos embebidos em ervas. Jamais voltaria a enxergar com um dos olhos, que praticamente fora reduzido a pó pela bola de prata de sua arma. A bandagem foi apertada e amarrada sobre o pedaço de carne disforme que um dia fora sua orelha. Com a morte do Alto Lord Leon, a barraca de comando havia sido transformada em sala de cirurgia para Ulik. As dores ainda castigavam o corpo do Macaco Pelado, inclusive um latejar no ombro, que havia sido deslocado após um puxão violento dado pela Fera de Bast, que tentara arrancar seu braço. Suas costas pareciam ter sido pisoteadas por uma tropa de Weremammoths. “Talvez isso tenha dado um jeito em meus problemas de coluna”, ele pensou, e teria aberto um sorriso tristonho caso não estivesse testemunhando uma reunião que o deixara com um frio no estômago ferido. Seu único ouvido ainda bom se concentrou na conversa.

— Admito que não esperava uma visita sua — disse o general Clavell, sentado no trono do Leão assassinado. — Caso esperasse, teria providenciado boas-vindas em um local menos insalubre.

— Não se preocupe, general — disse o Alto Lord Oba do outro lado da mesa redonda. Ele segurava uma das miniaturas usadas por Leon durante a campanha militar, um leão vermelho. Oba ergueu a cabeça e viu que Ulik o encarava. — Eu teria mandado um mensageiro antes, mas são tempos estranhos estes. Pensei que podia dispensar o decoro em virtude da urgência.

— Faz todo o sentido — respondeu Clavell. — Vejo que trouxe uma comitiva e tanto consigo.

Estavam todos lá. O Hippolord general Gorgo estava de pé ao lado da Pantera, os olhos fixos nos anfitriões. Atrás de Gorgo estavam o barão Overmeir, o Búfalo das Planícies Dilapidadas, com o xerife Muller, o humano da comitiva, às suas costas. Os conselheiros mais próximos de Clavell e a Guarda Leonina estavam reunidos ao redor deles, e os dois jovens felinotropos de Leos estavam próximos dos visitantes. Sobrinhos do falecido Leon, os Lords Luc e Lex estavam ansiosos para mostrar seu valor, decepcionados com o fato de a guerra ter chegado ao fim antes mesmo de começar. Seguravam as espadas na mão, abaixadas, porém prontas para entrar em ação, dadas as companhias que tinham no momento.

— Estou em uma terra desconhecida, general — justificou-se Oba. — É melhor ter a companhia de quem sabe onde está pisando, não é, Muller? — Ele sorriu para o humano, arreganhando os dentes.

— É verdade, Alteza — respondeu o xerife, fazendo uma mesura repleta de nervosismo.

— Talvez não seja a melhor hora para ter nos encontrado — disse Clavell. — Estamos levantando acampamento. Amanhã tomaremos o rumo da costa.

— Então nós os encontramos na hora certa — disse Oba. — Tenho uma proposta para você.

Clavell arqueou uma das sobrancelhas finas, inclinando-se para a frente.

— Não sei o que veio me oferecer, Alto Lord Oba, mas já estou lhe prestando mais respeito do que de fato merece. Meus senhores em Leos não vão gostar de saber que eu o recebi.

— Não que tenha nos recebido de fato — grunhiu Gorgo. — Não nos ofereceu nem uma bebida, Canelord.

A Guarda Leonina se mexeu imperceptivelmente ao redor, uma onda de tensão percorrendo os soldados enquanto seguravam as armas. Overmeir e Muller se viraram, olhando para os Mantos-Rubros e o par de Werelions às suas costas.

— Você sempre foi um grosseirão mesmo, não é, Gorgo? — comentou Clavell. — Diga: qual de vocês matou meu irmão Slean?

Ninguém respondeu. Oba desviou os olhos do Canelord, acariciando o cabo da foice na cintura.

— Andem, não sejam tímidos — instigou Clavell, enfim se levantando e encarando um por um. Contornou a mesa e parou diante de Oba. — Somos todos amigos aqui, não somos?

— Foi Vanmorten quem desferiu o golpe final — respondeu a Pantera em

tom áspero —, mas não foi o único a colaborar com a morte dele.

— Ele não pôde vir?

— O Lord Chanceler está... ocupado. Ele tem as próprias questões a tratar.

— Você o defenderia de mim se eu fosse atrás de justiça?

— Estamos em guerra. Havia muitas pedras a remover de nossos sapatos naquela noite.

— Pedras no sapato? É assim que via meus irmãos?

— Aqueles que estavam em nosso acampamento, sim — respondeu Oba.

— Aconteceram coisas das quais nenhum dos dois lados se orgulha, acredito eu, mas isso é coisa do passado. Não podemos seguir em frente?

Clavell soltou um rosnado.

— Você pode até conseguir, mas eu...

Antes que a Guarda Leonina pudesse reagir, a foice do Alto Lord Oba se cravou três vezes na barriga do Cranelord. Com o golpe final, a Pantera abriu o peito de Clavell e fez o corpo do aviatropo ir ao chão em uma massa gorgolejante.

— Os Birdlords são bem entediantes às vezes — ele comentou, sacudindo o sangue da foice antes de guardá-la de volta no cinto. Quando ergueu a cabeça, deu de cara com as armas da Guarda Leonina apontadas para si, inclusive as dos Werelions gêmeos.

— Digam-me — falou Oba, diretamente para os irmãos —, desde quando um Catlord de Bast recebe ordens de um aviatropo? Só eu perdi esse comunicado do Fórum dos Anciãos?

— O Fórum não existe mais — grunhiu Lord Lex, os bigodes aparecendo sobre os lábios retorcidos enquanto escancarava os dentes.

— Você provocou seu fim quando mandou matar Leopold — acrescentou Lord Luc, a armadura vermelha rangendo enquanto o peito se expandia.

Overmeir e Gorgo já estavam transformados. O Búfalo e o Hipopótamo bufavam, preparando-se para o pior. Apenas Oba mantinha a forma humana e uma postura relaxada enquanto conversava com os Lionlords.

— Deixemos de lado o passado para contemplar o futuro, meus primos.

— Primos? — sibilou Luc.

— Deixem-me terminar antes de nos atacarem com suas garras e presas — disse Oba, erguendo a mão para silenciar o jovem Werelord. — Conheço vocês desde que eram dois filhotinhos em Leos. Já nessa época eu dizia que eram destinados à grandeza. E aqui estamos nós — ele concluiu, apontando para a barraca escura.

— Não estou vendo nenhuma grandeza aqui.

— Potencial, Luc — explicou Oba. — Estou me referindo a potencial. Diga-me: quem os espera no retorno a Bast? Um monte de tios e primos que passaram a vida engordando com todo o conforto entre as muralhas de Leos?

Luc e Lex se entreolharam enquanto ouviam a Pantera.

— Vocês viajaram até aqui, arriscando a vida e seu legado por eles... em troca do quê? Se morrerem, eles escreverão baladas a respeito de vocês. Se sobreviverem, eles vão engordar ainda mais por causa do que fizeram, e vocês vão continuar sendo marionetes que eles podem manipular quanto quiserem.

— Como Onyx era para você? — questionou Lex.

— Onyx era uma arma a serviço de todo o continente de Bast. Ele viveu e morreu pela glória de sua terra natal — argumentou Oba, orgulhoso. — Ele nunca quis uma vida normal, um trono. Sempre preferiu a guerra. O sangue. Vocês também têm o mesmo desejo, ou será que estão interessados em um belo par de coroas?

— Qual é sua proposta, Oba? — Luc quis saber.

O Alto Lord de Braga abriu um sorriso escancarado, que iluminou seu rosto escuro.

— Vamos formar outra aliança, para tomar os Sete Reinos em nome dos Leões e das Panteras. Sem os Tigres, que são nossos inimigos tanto quanto o Lobo. Bast vai ser nossa outra vez, meus caros primos, e dividiremos entre nós as terras do Alto Lord Tigara.

— Fizemos um juramento quando concordamos com o enfrentamento na Pedra Preta — disse Lex. — Mandamos nossos representantes e prometemos que os derrotados iriam desistir de tentar conquistar a Lyssia. Um juramento feito sob o olhar de nossos antepassados, Oba. Nossa palavra precisa ser cumprida. O fato de querer fazer isso só mostra quanto você é baixo.

Oba deu uma risada e se inclinou sobre a mesa, olhando para o mapa.

— Eu fiz o juramento pelas Panteras de Braga. Leon, creio eu, deu sua palavra pelos Leões de Leos. Esses exércitos, na prática, estarão extintos assim que acertarmos nossa nova união, primos. Existe um vácuo na Lyssia que nós podemos preencher. Uma nova era espera pelos Catlords, em que o Lobo e seus amigos serão colocados nos devidos lugares. Quanto aos humanos dos Sete Reinos, o lugar deles é sob o chicote e as correntes. Eles ficaram ambiciosos demais, mimados por seus senhores. O Lobo e seus aliados permitiram que se rebelassem. Está na hora de voltarem a rastejar no

chão.

O xerife Muller estremeceu ao ouvir as palavras do Alto Lord Oba e vê-lo colocar a mão em torno de uma pilha de miniaturas vermelhas, que representavam as forças dos Leões. Com a outra mão, ele arrastou as peças douradas, que assinalavam a presença das Panteras. Juntou as peças e criou um grupo que superava numericamente todos os outros espalhados pelo mapa.

— Um novo exército está sendo criado, com Leões e Panteras, em nome de Bast. Nem um juramento sem sentido nem o ajuntamento que luta em nome do Lobo poderão ficar em nosso caminho.

O sorriso permaneceu estampado no rosto de Oba enquanto os dois jovens Lionlords se entreolhavam, os olhos brilhando ao contemplar as possibilidades. Agindo de forma sincronizada, guardaram as espadas na bainha, passaram por cima do cadáver de Clavell e estenderam a mão. Oba os segurou pelo antebraço, puxando-os para mais perto e abraçando-os, como um pai faria com seus filhos.

— A grandeza nos espera, meus garotos — disse a Pantera, soltando os dois. — O reino de Leopold em breve vai ser uma lembrança distante, e o louco rei Lucas não passará de um galho seco na árvore genealógica dos Leões, um galho que poderemos arrancar quando chegar a hora.

Os dois Leões se aproximaram dos conselheiros de Oba, trocando com eles cumprimentos e juramentos de lealdade. Lex se virou para um comandante da Guarda Leonina.

— Mande avisar os oficiais. Que interrompam os preparativos para levantar acampamento e preparem os homens para a batalha — ele rosnou. — Viemos até aqui para uma guerra, e é isso que vamos ter.

Oba percorreu a tenda com o olhar enquanto os homens celebravam as palavras ousadas do jovem Leão. Havia algo faltando ali.

— Milordes — comentou o Werepanther, claramente incomodado —, aquele brutamontes, o Macaco Pelado. Onde ele está?

Lex vasculhou o local com o olhar, assim como todos os demais.

— Estava aqui agora mesmo, sendo costurado.

— Encontrem-no, por favor, meus caros primos — pediu o Alto Lord de Braga. — Não gostei da maneira como ele estava me olhando.



5

O fim da longa espera

O caminho para Icegarden estava apinhado de cadáveres. Trent viu mãos enterradas na neve de ambos os lados da estrada, dedos congelados erguendo-se para o céu em um aceno vazio e inerte. Cabeças e troncos estavam parcialmente visíveis, semienterrados pelo gelo nos locais em que tinham caído. As vítimas não se restringiam a apenas um dos exércitos. Encontraram Mantos-Rubros e Elmos-Dourados espalhados pelo vale, lado a lado com homens da Guarda Vermiriana, toda a carne do corpo devorada por animais carniceiros. E, mais acima da linha da neve, havia os cadáveres dos sturmianos, os mantos brancos e os casacos de pele duros como pedra, congelados sobre a terra que tanto amavam.

O sol se punha no terceiro dia da marcha forçada de Trent montanha acima, com as facas de Coração Negro e a espada de Lucas fustigando suas costas. Os Lobos Selvagens pareciam não sentir o efeito das condições duríssimas do clima. Como eram selvagens, estavam acostumados a circular nus pela Dyrewood. A pelagem imunda que agora cobria seus corpos deformados era uma defesa adicional contra as intempéries. Já Trent não estava se saindo tão bem. Ainda humano, pelo menos até a chegada da lua cheia, não conseguia mais sentir as mãos e os pés, apesar dos pedaços de tecido que enrolara nas extremidades do corpo. Um fim próximo era o que mais desejava o Cavaleiro Lupino. Só esperava conseguir matar Lucas e o xamã antes disso.

— Vejam — disse o rei, apontando para as muralhas brancas mais adiante.
— Icegarden. — Ele se virou para os Wyldermen e sorriu. — Nosso novo lar

— acrescentou.

Lucas tinha pouco a dizer a Trent. Passara a viagem toda em conversas acaloradas com Coração Negro, revelando em detalhes suas intenções. Sua fuga do acampamento de guerra do Leão fora frenética e sangrenta, com os Lobos Selvagens destruindo todos os que apareciam pelo caminho. Ninguém os perseguiu; por que alguém iria atrás de um rei louco e seu bando de transmorfos mestiços? “Que a neve os carregue”, deve ter sido o pensamento dos homens da Guarda Leonina. Enquanto subiam pelas encostas cobertas de neve, a verdadeira extensão do ódio de Lucas por Mão Negra, o Boarlord, veio à tona.

O necromante que matara a mãe do rei pelo visto era só uma parte da história. Havia também o jovem e estudioso magíster que servira ao príncipe na adolescência como aprendiz do velho Ratlord Vankaskan. Mas, assim que Drew aparecera, Hector se aliara ao Lobo, ajudando-o em sua tentativa de destronar Leopold. Na visão enfurecida de Lucas, matar Mão Negra era um gesto tão nobre quanto o de qualquer herói dos livros de ficção.

— Onde está o exército dele? — questionou Coração Negro.

— Acovardado dentro das muralhas, talvez — respondeu Lucas. — Ele tem os guerreiros ugris de Tuskun sob seu comando. Eles vão molhar as calças quando virem seus irmãos chegarem aos portões.

— Os portões já estão abertos — disse o xamã, apontando uma garra para os campos congelados além das defesas da cidade. — Esse Mão Negra poderia estar à sua espera?

Lucas olhou para as muralhas e os portões escancarados. Pelo que Trent podia ver, as gigantescas estruturas estavam sem nenhum vigia, assim como a guarita. A escuridão do fim de tarde fazia a abertura em meio aos blocos de gelo parecer a boca de uma fera monstruosa, só esperando para engolir qualquer um que ousasse se aproximar.

— Aquele porquinho sempre foi um idiota — comentou Lucas. — O que ele pode saber sobre defender uma cidade? Não é o tipo de coisa que se aprende lendo um livro!

Coração Negro puxou Trent pela corrente presa em seu pescoço enquanto continuavam a marcha para a cidade. O Cavaleiro Lupino olhou para o céu que cobria Strakenberg, a montanha gigantesca que pairava sobre Icegarden. A lua ia se erguendo lentamente. Em algum momento, apareceria no alto da montanha, lançando seu brilho sobrenatural sobre a cidade mais abaixo. Lançando seu terrível feitiço sobre Trent.

— Parados aí!

O grito veio de cima e fez a comitiva do Leão deter o passo de repente. Vasculharam com os olhos os arredores à procura de sinais de vida, mas não encontraram nenhum.

— Quem ousa dar ordens a mim, o rei da Westland? — berrou Lucas. Ele se virou para um dos Lobos Selvagens atrás de si. O lobisomem saiu em disparada com um rosnado. Quando havia se afastado no máximo cinco metros do rei, foi atingido por uma flecha no peito, que atravessou seu esterno, encontrando o coração. A fera tombou de costas, os membros inertes sobre a neve, soltando os últimos suspiros pela mandíbula aberta.

— A próxima é para você, Lucas! — gritou a voz, quase um grunhido. — Liberte seu prisioneiro.

Trent fez uma careta ao sentir uma dor lancinante na barriga. Era uma cólica absurda, como se uma faca o estivesse rasgando por dentro. Gritou, atraindo a atenção de Coração Negro, mas o rei seguiu em frente.

— Você trabalha para Mão Negra? Posso recompensá-lo também. Abra caminho para que eu passe. O assunto que vim tratar só diz respeito a seu senhor.

— Mão Negra não é meu senhor — rebateu o estranho. — O prisioneiro... agora!

— E aí você nos deixará passar? — Não houve resposta. Lucas se virou para Coração Negro.

— O Cavaleiro Lupino já está se transformando — o xamã disse baixinho. — Acho melhor entregá-lo. Esse tolo não sabe no que está se metendo ao tirar nosso amigo de nós.

Lucas sorriu enquanto o xamã soltava a corrente que prendia Trent.

— Siga seu caminho, *irmão* — Coração Negro sussurrou ao ouvido de Trent, antes de empurrá-lo para a frente. Trent começou a correr e ouviu o xamã gritar atrás de si: — Fique de olho na lua, Trent Ferran! Talvez voltemos a nos encontrar do outro lado!

Trent foi cambaleando pela neve, ignorando os gritos às suas costas, enquanto os Lobos Selvagens se espalhavam pela neve dos dois lados da estrada, agachando-se para se proteger. Já era possível ouvir os sons de rosnados e latidos que emitiam entre si enquanto avançavam. Mais um espasmo de dor fez a barriga de Trent se contrair, quase mandando-o ao chão, mas de alguma forma ele se manteve de pé, cambaleando em direção a Icegarden. De repente, uma figura se ergueu de uma das margens cobertas de

neve da estrada. Usava um manto verde e portava um arco apontado para a estrada atrás dele.

— Corra — disse a figura, a voz agora mais delicada, mais feminina. Ele contornou o monte de neve e encontrou outro Manto-Verde ao lado de um par de montarias: um belo garanhão castanho e um robusto cavalo de batalha branco. A segunda figura arrancou o capuz, revelando as mechas de cabelos ruivos que emolduravam seu rosto.

— Trent — murmurou Gretchen, abrindo os braços para ele, que sentiu vontade de correr até ela e abraçá-la, mas hesitou. Olhou para as próprias mãos, com garras e cobertas de feridas devido ao frio, trêmulas sob os farrapos encharcados de sangue. Os pelos escuros dos braços estavam marcados por cortes e feridas provocados pelas surras de Lucas e seus lobisomens. Não se olhava no espelho fazia semanas, mas sabia muito bem que seu rosto devia estar horroroso. A terrível licantropia se espalhava por seu corpo, mudando-o um pouco mais a cada dia. Trent se virou, por não querer que ela o olhasse.

Ela, no entanto, levou a mão ao rosto dele e o virou para si. Caso tivesse ficado horrorizada com o que vira, não demonstrou. Gretchen o abraçou com força, e ele retribuiu o gesto na mesma proporção, sentindo as lágrimas escorrer dos olhos embaçados. Outra vez, uma onda de dor o sacudiu, fazendo-o soltá-la e despencar na neve. Uma faca invisível percorria sua espinha, fazendo-o se contorcer sobre o gelo. Nesse instante, Whitley apareceu.

— Precisamos sair daqui — disse a jovem de Brackenholme. — Agora.

As garotas ajudaram Trent a se levantar no momento em que um terrível uivo reverberou ao vento. Palavras desconhecidas, com um poder ancestral, ecoaram por Icegarden, ultrapassando as muralhas e se espalhando pelo vale mais abaixo. Os três sentiram as palavras atravessarem seu corpo, fazendo o sangue gelar. Um uivo gorgolejante e assustador se elevou a distância, e Trent não pôde mais se conter. Desvencilhou-se das duas e subiu no monte de neve para ver o que estava acontecendo. De lá, conseguiu ver um dos Lobos Selvagens a no máximo quarenta metros de distância, em confronto corporal com uma figura na neve. A pelagem do agressor estava incrustada de pedaços de gelo, e ele parecia tentar morder o lobisomem. Era possível ver outros vultos se materializando sobre a superfície congelada, levantando-se da terra coberta de branco.

— Já chega — disse Whitley, arrastando Trent de volta para o limiar do

caminho. — Você vai no Bravura com Gretchen. — Ela puxou ambos para o cavalo de batalha e foi montar Chancer.

Whitley segurou as rédeas do cavalo no exato instante em que o animal relinchou bem alto. Havia um homem do outro lado de Chancer, os dedos enroscados na crina da fiel montaria da garota. Era um sujeito grandalhão, aparentemente um nortista, talvez um dos guerreiros ugrís de Tuskun. Sua pele era enrugada, e a boca e o peito estavam tingidos de vermelho. Um grande pedaço de carne de cavalo pendia de seus dentes. Os olhos do homem reluziam com um fogo azulado que transportou a Bearlady de volta às celas da prisão sob Highcliff, onde vira Hector fazer a comunhão com um Manto-Rubro morto. Lembrou-se também do morto-vivo da Guarda Leonina que a mordera em Talstaff, imune a todo e qualquer golpe, a não ser pancadas na cabeça. Whitley gritou ao ver a neve ao redor do desesperado Chancer de repente se encher de sangue. O guerreiro morto-vivo deu mais uma mordida no pescoço do cavalo antes de puxá-lo para o chão, tombando o animal sobre as próprias patas.

Gretchen puxou Trent para a sela de Bravura e segurou suas rédeas com firmeza, tirando o cavalo da beira da estrada em meio a outros mortos-vivos que começavam a surgir da neve ao redor.

— Whitley! — gritou. — Corra, pelo amor de Brenn!

A jovem de Brackenholme observava horrorizada enquanto seu amado cavalo esperneava e bufava, o monstro ainda mordendo e arranhando seu flanco. A faca de caça foi sacada em um instante, e ela saltou sobre o cavalo caído para cravar a lâmina no crânio do morto. Ele parou de se mover imediatamente, e Whitley se agachou ao lado do cavalo. Da sela do cavalo de batalha, Trent viu quando ela murmurou palavras de despedida ao amigo, antes de passar a faca no pescoço do animal. A jovem então se levantou com cautela, correndo aos tropeções atrás de Gretchen e Bravura, que tomaram o caminho por onde os mortos ressuscitados apareciam em número cada vez maior em meio à neve. Seus gemidos, carregados pelo vento, aterrorizaram o coração do amedrontado trio. Havia só um lugar para onde poderiam ir: Icegarden. Em questão de instantes, estavam diante das muralhas. O luar surgiu sobre Strakenberg, e eles foram engolidos pela sombra da monstruosa guarita.



6

Tremores

A centenas de léguas de seu antigo lar em Highcliff, entre o vale do Robben e as Terras Áridas, Bo Carver se viu ao lado de uma companhia nada habitual. Patrulhando o perímetro do acampamento de guerra do Lobo, trocando breves saudações com os vigias, sentia-se como um adolescente embasbacado diante da presença de tamanha beldade. Carver, o pé-rapado que fora alçado de ladrão a comandante, andava ao lado de Lady Shah, a Hawklady das Barebones, herdeira do trono de Windfell. O contraste entre os dois não poderia ser maior. A conversa que estavam tendo tornava a interação ainda mais desconfortável, por causa do tema: seu velho amigo Vega, o Sharklord de fala mansa que claramente ainda era o dono do coração dela.

— Vega é uma boa alma em um corpo indisciplinado — disse Carver. — É verdade que ele cria controvérsia por onde passa, mas posso dizer com toda a sinceridade que ele sempre falava sobre o amor de sua vida.

— Ele pagou você para me dizer isso — rebateu Shah, mas com um sorriso, remexendo a terra com os pés enquanto caminhavam sob a luz das estrelas.

— Ele nunca me paga nada. Se eu fosse cobrar todas as coisas que ele me prometeu ao longo dos anos, teria um tesouro de rei e ainda sobraria algum dinheiro para comprar as minas de Strakenberg.

A risada de Shah era como um trinado melodioso, provocando um frio na espinha de Carver.

— Você parece ter uma boa amizade com o duque Bergan — disse a Hawklady.

— Tivemos de aprender a confiar um no outro depois que fugimos juntos de Highcliff. É estranho como o destino pode unir duas almas tão diferentes, não é?

Ele arriscou uma olhadela, mas ela não parecia estar caindo na conversa dele. “Está perdendo o jeito, Carver”, pensou, divertindo-se consigo mesmo.

— Ele está com medo por causa da filha — ela comentou.

— Como qualquer pai ficaria. A menina foi para o norte enfrentar sabe Brenn o quê. Rezo para que Drew chegue lá a tempo.

— Meu primo Carsten vai conseguir, não precisa se preocupar. A perda de um filho é algo que ninguém deveria ter que suportar.

— Pois é. Veja só o pobre Manfred. O velho Cervo perdeu o caçula em Hedgemoor, devorado quase inteiro por Lucas, aquele monstro. Se Drew tiver a chance de fazer alguma coisa quando chegar a Icegarden, precisa mergulhar aquele Leão no sono eterno de uma vez por todas. Se tem alguém que eu não suporto, é esse Lucas.

Para Shah, não havia sequer o que discutir.

— Você também tem uma filha, pelo que percebi. A menina Pick?

Carver abriu um sorriso.

— Você não é a primeira a dizer isso. Não, Pick não é minha. É uma sobrevivente de Highcliff, uma batedora de carteiras das docas que queria fazer parte da Guilda dos Ladrões. É uma menina esperta. Eu teria orgulho de ser pai dela, acredite em mim. Você também não tem nenhum?

Ela parecia prestes a dizer algo, mas então balançou a cabeça em uma negativa.

— Não se preocupe, milady. Talvez você só precise encontrar o homem certo.

— Pensei que tivesse encontrado — ela murmurou.

Mais alguns vigias fizeram uma saudação quando eles passaram, esforçando-se para permanecer alertas depois da onda de entusiasmo e celebração que havia tomado conta do acampamento. Carver viu um jarro de vinho sobre uma pedra ali perto, o que significava que os homens estavam um pouco à vontade demais. Agachou-se para recolhê-la.

— Vou levar isso de volta para as barracas — disse Carver. — Fiquem atentos, rapazes. Ouviram?

Grunhidos envergonhados foram emitidos em resposta quando os dois seguiram em frente.

— Está preocupado? — perguntou Shah.

— É bom ter cautela — ele respondeu. — Tive muitos problemas com ladrões e transmorfos ao longo dos anos para acreditar que as coisas podem ser assim, preto no branco. Só vamos poder relaxar quando os bastians forem embora de verdade. Até lá, precisamos estar preparados para tudo. Se pensa que...

Shah ergueu a mão e levou um dedo aos lábios dele. O coração de Carver disparou por um momento, enquanto o adolescente que ainda havia dentro dele esperava ganhar um beijo. Teria uma bela decepção.

— Silêncio — ela falou, indicando o leste com o dedo da outra mão, em direção à Pedra Preta. Ele seguiu o dedo dela, que apontava para a frente como o focinho de um cão de caça.

— O que devo procurar? — Carver perguntou baixinho.

— Não está vendo? — questionou a Hawklady de olhos afiados. Ela balançou a cabeça. — Peço desculpas, Carver. Esqueci que você é um simples humano.

Estivesse ou não apaixonada por Vega, como ela poderia se interessar por um reles mortal como Bo Carver? Ele estreitou os olhos para a escuridão.

— Está vendo alguma coisa?

— Estou vendo alguém.

Ela se afastou do Lord dos ladrões e começou a se transformar. As asas emergiram da armadura dourada que usava sobre o peito. O rosto se alterou rapidamente e, mesmo deixando de ser uma beldade para se tornar uma fera, não era menos atraente aos olhos dele. Estava prestes a decolar quando Carver estendeu o braço e a segurou pelo pulso.

— Aonde você pensa que vai?

— Investigar.

— Não. Sem mim, não vai, não.

Shah não contestou, e o ladrão se arrependeu da intromissão quando as garras dela se cravaram em seus ombros e a Hawklady decolou. Ele estendeu as mãos e se agarrou às pernas da ave, tentando aliviar a pressão sobre os próprios ossos. Enquanto voavam noite adentro, rumo à Pedra Preta, a superfície passava em alta velocidade sob seus pés. Quando a Hawklady diminuiu a velocidade, Carver a soltou, aterrissando sobre o campo e sacando as facas da cintura conforme se levantava.

Shah pousou a seu lado e tirou o arco do cinturão. Carver logo reconheceu o adversário que iriam enfrentar. Os Lord dos ladrões o vira lutar na Pedra Preta e tinha certeza de que o brutamontes que representara os Leões morrera

em virtude dos ferimentos sofridos. Porém, lá estava ele, Lord Ulik, o Macaco Pelado de Fim do Mundo, com sua enorme cabeça envolta em bandagens. Não portava nenhuma arma e tinha uma das mãos no quadril, como se estivesse ferido. Ele ergueu a outra mão e acenou.

— Eu não sou seu inimigo — grunhiu, quase sem fôlego. — Eles são — complementou, apontando para trás com o queixo.

Carver e Shah olharam para o local de onde viera o Wereape. De onde estavam anteriormente, patrulhando os arredores do acampamento, não havia como terem visto a enorme horda que contornava a rocha vulcânica espiralada em direção ao vale. Mesmo assim, lá estavam eles, uma massa borbulhante de figuras minúsculas, provocando uma ondulação na linha do horizonte com a aproximação de um exército poderoso. Não carregavam tochas, e só os raios do luar iluminavam vez ou outra a grande variedade de armas que portavam para a batalha.

— Como isso é possível? — questionou Carver, a voz mal saindo. — Todas as partes fizeram um juramento na Pedra Preta.

— Um juramento que eu respeitei — disse Ulik —, mas outros decidiram não ser tão honrados assim. Os Leões e as Panteras se uniram de novo. Avise seu pessoal, avise o Lobo, e sem demora.

Ouvia-se um leve tremor no chão, quase imperceptível. A terra sentia os efeitos do avanço constante dos exércitos de Bast. A cabeça de Carver entrou em parafuso ao pensar em quantos eram e em quem eram: Mantos-Rubros da Lyssia e de Bast, Elmos-Dourados do continente da selva, a brutal Guarda Vermiriana e o exército de bandidos do xerife Muller. As máquinas de guerra do oeste e os canhões explosivos do sul. Abutres e Grous, Búfalos e Hipopótamos, Leões e Panteras reunidos de novo. Carver se virou para Shah, e o temor era visível nos olhos dos dois.

— Voe de volta para lá, milady. Avise Bergan, Manfred e Brand sobre o perigo que se aproxima. Depois vá para Robben. Peça a ajuda do barão Mervin. Estamos em muita desvantagem numérica em relação aos inimigos. Vamos precisar de toda a ajuda possível.

Shah decolou imediatamente, e Carver envolveu o exausto e ferido Wereape em seus braços.

— Vamos, Lord Ulik — disse o Lord dos ladrões. — Você está entre amigos agora.

PARTE VI

A guerra dos Werelords





1

Uma recepção fria

Drew sentiu um aperto no coração enquanto era carregado sobre as muralhas de Icegarden, vendo as estradas e avenidas mais abaixo. Silhuetas se espalhavam pelas ruas cobertas de neve, aproximando-se cada vez mais do monumento imponente no coração da cidade. O palácio dos Ursos Brancos ficava encravado em Strakenberg, apoiado em enormes colunas. Um templo dedicado à glória de Sturmland. As figuras que perambulavam pela cidade seguiam todas na mesma direção, para as enormes portas do palácio, como se atendessem a algum chamado sinistro. Estavam aglomeradas nos degraus, golpeando e arranhando a madeira, querendo entrar para reivindicar sua recompensa. Quando o conde Carsten desceu um pouco mais, os andarilhos olharam para cima, voltando os olhos com chamas azuis para o Lobo e seus aliados.

Icegarden estava dominada pelos mortos.

Uma varanda circundava toda a extensão das muralhas sobre a grande entrada, a mais ou menos cinquenta metros acima do nível da rua, sem dúvida um local de onde os Ursos Brancos costumavam saudar seu povo. Quando os Hawklords depositaram seus passageiros sobre a plataforma cercada por uma balaustrada, os degraus que levavam às portas mais abaixo estavam totalmente encobertos pelas assombrações que tomavam conta da cidade. Drew viu algo brilhar do outro lado da rua, diante do Portão de Strakenberg — um cavalo branco, sem ninguém em cima, sendo atacado pelas garras dos cadáveres reanimados enquanto passava correndo. Mesmo de longe, sabia que era Bravura. Apavorado, perguntou-se se seu cavalo de batalha seria a

única criatura ainda viva em Icegarden.

Beemote passou por Drew e olhou para os arcos abertos que serviam de entrada da cidade. Havia seis aberturas, e todas levavam a um lance de escada com acesso ao palácio. Cortinas rasgadas ainda estavam penduradas nas paredes, superfícies outrora impecáveis estavam agora cobertas de neve e gelo. O cheiro que subia da escada fez o Weremammoth levar uma das mãos gigantescoas à boca.

— Está pior que o cheiro da tanga de Krieg depois de um dia na *ludus* — ironizou Beemote, puxando a enorme marreta das costas. Seu amigo o encarou e sacou do cinto a maça com pontas. Taboo passou pelos dois e entrou no palácio com a lança erguida.

Drew seguiu logo atrás dela, assim como os Hawklords e os demais gladiadores, que começaram a descer os degraus. A construção tinha um saguão de entrada enorme, o carpete que cobria a escada estava repleto de manchas, rasgos e detritos. Armaduras jaziam espalhadas pelo chão, do mesmo tipo que os Cavaleiros de Icegarden usavam no vale do Robben. No alto da escada, uma porta dupla, toda ornamentada, feita de madeira clara e pintada de branco, parecia indicar a entrada do palácio propriamente dito, enquanto atrás da escadaria ficava a entrada principal. Os gemidos terríveis dos mortos vinham de todas as direções, invadindo o saguão ancestral, cuja estrutura de pedra e madeira era incapaz de isolá-los.

Drew deteve o passo e deixou que os outros passassem por ele, pois havia visto algo nos degraus mais abaixo que despertara seu interesse. Agachou-se e apanhou uma pena preta e oleosa da superfície de pedra, girando-a entre os dedos. Um grunhido atrás da escada fez com que todos se virassem para as sombras naquela direção. Havia uma figura recostada contra as portas, o sangue escorrendo pela garganta e pelo peito, segurando com as garras a barra que as mantinha fechadas. Drew reconheceu o vulto de imediato como sendo um licantropo, porém era uma criatura horrenda e deformada, com músculos e ossos desproporcionais e retorcidos e uma esparsa pelagem, cheia de falhas, recobrando a pele.

Uma risadinha vinda das portas brancas no alto da escadaria fez com que todos se virassem e vissem Lucas, cercado por mais Lobos Selvagens, fechando as portas de acesso ao interior do palácio atrás de si, bloqueando o caminho de Drew e seus amigos lá para dentro. A batida na madeira reverberou pelo saguão de entrada, e, ao ouvir aquele som, o lobisomem ferido entrou em ação.

— Não! — gritou Drew, erguendo o Punho Branco para impedir a criatura, mas era tarde demais. A barra de madeira se partiu e as portas se escancararam, dando passagem à entrada dos mortos. O lobisomem foi o primeiro a tombar, oferecendo pouca resistência, tendo seu corpo destruído pela turba em segundos enquanto os demais avançavam com seus passos arrastados, os braços estendidos, em um gesto faminto, para os Werelords.

Os Hawklords e os gladiadores se aproximaram, e os que ainda não estavam transformados trataram de fazer isso às pressas, erguendo uma barreira de armas para segurar os cadáveres ambulantes. Antigos soldados de Sturmland e guerreiros de Tuskun, os ex-inimigos tornaram-se aliados na morte em uma guerra contra os vivos. Beemote virou-se de costas para os demais, encarando as belas portas brancas com um grunhido. O Weremammoth afastou os pés elefantinos e ergueu a marreta gigante. Com um grito que lembrou o som de um trompete, atingiu a superfície com a arma de pedra com força suficiente para destruir qualquer tipo de madeira.

* * *

Lucas sorriu ao fechar as portas brancas, tendo Coração Negro a seu lado. Um punhado de Lobos Selvagens permanecia com ele, alguns gravemente feridos, rosnando uns para os outros, as mãos na barriga. O próprio rei tinha uma mordida no pescoço e o ombro direito manchado de sangue ao se virar para o grande Salão de Icegarden e avançar a passos cambaleantes, olhando tudo com admiração. Mais acima, o teto incrustado de pedras preciosas reluzia, como se o enorme aposento estivesse a céu aberto. Imensos pilares de mármore se alinhavam em fileiras elegantes para sustentar o peso da estrutura, projetando grandes sombras ao redor. O trono desocupado estava sobre um pódio na extremidade do salão, e o tapete vermelho que levava até ele encontrava-se manchado e rasgado.

— Para onde vocês fugiram, miladies? — riu-se Lucas, e sua voz ecoou pelo vasto salão. — Vamos, saiam, onde quer que estejam!

Coração Negro seguia o rei de perto, espreitando a semipenumbra em busca de algum sinal de vida, enquanto seus irmãos Lobos Selvagens continuavam se estranhando. Whitley prendeu a respiração quando os olhos do xamã passaram por seu esconderijo em um canto mais recôndito do salão. Ele era o único que passara ileso pela batalha. A fera que ela conhecera como Rolff não apresentava nenhum ferimento.

— Quantos? — murmurou Gretchen, estendendo a mão para trás e tocando o ombro de Trent, que tinha a cabeça enterrada no peito.

— Estou vendo cinco lobisomens e Lucas — contou Whitley, ofegante, tentando recobrar o fôlego. — São muitos.

— Vamos esperar — disse Gretchen. — Logo eles devem ir para os outros aposentos do palácio. Quando saírem do salão, *nós* sairemos daqui também. Já conseguimos o que viemos buscar. Que Lucas e seus asseclas se virem com os mortos.

— Mas e quanto a Hector? — questionou Whitley. — Vamos deixá-lo aqui?

— Nem sabemos se ele está vivo — respondeu a outra Werelady, apertando a mão da amiga. — Esta cidade pertence aos mortos. Ninguém que estivesse vivo conseguiria sobreviver aqui.

Whitley concordou com um gesto de cabeça, desejando que a morte de Hector tivesse sido rápida e indolor.

— Majestade!

As palavras ecoaram pelo salão, deixando todos imóveis. Whitley espiou mais uma vez por trás do pilar, vendo Lucas responder à voz misteriosa.

— Estou em posição desvantajosa aqui! — gritou o rei. — Você me conhece, mas eu não sei com quem estou falando. Será que pode ser um velho amigo que está feliz em me ver?

— Ah, duvido que a sua relação com seu antigo boticário fosse essa.

Whitley reconheceu aquela voz: era Hector.

— Parece que você sabe se colocar no devido lugar, Boarlord. Reconhece que eu sou o rei!

— Aceito o fato de que você se denomina o rei da Westland, pequeno Lionlord. Mas está no meu reino agora.

Lucas soltou uma risada. As portas brancas na frente do salão estremeceram sob um poderoso impacto.

— Está me dizendo que é um rei, Piglord? Lord dos livros talvez, ou mestre dos pergaminhos, mas nunca vai ser nada além disso.

— Você sempre ridicularizou os livros e os pergaminhos de Hector, Lucas — disse o Javali, a voz ecoando pelo recinto. — Mas não faz ideia do que esses livros e esses pergaminhos foram capazes de fazer. Você é fraco, Lionlord. Patético.

Foi a vez de Hector soltar uma risada enquanto o Werelion grunhia, rosnando e mostrando os dentes para as sombras.

— Mostre sua cara, maldito magíster! Você vai pagar pelo que fez com minha mãe!

Mais risadas.

— Você não liga para o que aconteceu com a bruxa velha! — retrucou Hector.

Whitley ficou chocada com as palavras do Boarlord.

— Sempre teve inveja de Hector, da mente brilhante dele, isso sim. Sempre o tratou como se fosse um magíster fracote, já que sua inteligência não é como a dele. A velha Loba ter morrido pela minha mão é só um pretexto para sua vingança ridícula.

Whitley olhou para Gretchen. Ambas estavam perplexas com a maneira como Hector falava. O que teria dado nele?

— Quanto mais você se esconder na escuridão, mais demorada será sua morte! — rugiu o Leão. As portas foram sacudidas outra vez, e a madeira começou a rachar.

— Não estou *escondido* nas sombras, Lionlord — disse o magíster com uma risadinha. — As sombras são minhas amigas...

Nesse momento, vultos começaram a surgir da escuridão, saindo de trás dos pilares e cambaleando em direção aos vivos. Seus ossos estalavam, e era possível ver asas imóveis em suas costas, bem como garras nos pés arranhando o piso de pedra. A maioria tomou a direção do Werelion e seus companheiros no centro do salão, a expressão dos monstros sendo um ricto de horror. Dois dos terríveis Crowlords mortos-vivos, porém, avistaram as Wereladies e Trent e viraram o rosto retorcido para o esconderijo, a chama azul brilhando em seus olhos.

— Precisamos sair daqui — disse Gretchen, segurando Trent pelo ombro. — Agora!

A cabeça do Cavaleiro Lupino se ergueu de repente, quase arrancando os dedos da Foxlady com uma mordida. Ela gritou e deu um passo para trás, caindo nos braços de Whitley. O rapaz da Costa Gélida começou a se levantar. Seu peito estalava e se expandia, as garras cresciam nos dedos ensanguentados e o focinho rasgava a pele de seu rosto para dar lugar à mandíbula, que se deslocava. Os olhos amarelos e apavorantes do lobisomem estavam voltados para as duas transmorfas apavoradas.

Estavam fixos em sua caça.



2

Palavras convincentes

— Escute o que ela está dizendo, pai. Você sabe que ela está certa.

Lady Bethwyn se ajoelhou ao lado do trono, segurando as mãos cobertas de manchas do barão Mervin enquanto argumentava com o velho Gato Selvagem. Atrás dela estava Lady Shah, as mãos na cintura e o rosto contorcido de frustração. Ela encarou os demais nobres no recinto, que desviaram o olhar, receosos de sua desaprovação.

— Não posso fazer isso — disse o Lord de Robben. — A única esperança para o povo daqui é não entrar no conflito.

— Como pode dizer isso? — questionou Shah, cansada do método de persuasão sutil que a filha do barão tentava empregar. — Você é um membro fundador do Conselho Lupino. Virar as costas para eles agora, no momento de maior necessidade, é uma tremenda covardia.

— Como ousa, Lady Shah? — retrucou o velho, levantando-se e soltando a mão de Bethwyn. — Você tem a audácia de falar comigo assim, depois de tudo o que arrisquei para ficar ao lado do jovem Lobo?

— Fique ao lado dele de novo, é só isso que estou pedindo!

— Da última vez que fiz isso, o que ganhei em troca? Lucas me considera um prisioneiro de guerra, e os Mantos-Rubros saquearam o vale do Robben e expulsaram gente de paz de suas casas. Viu as barracas e os acampamentos espalhados pela ilha? Estamos lotados de refugiados, Hawklady! Quer que eu mande lavradores e lenhadores para a guerra?

— Mas e quanto a seus soldados, seu exército? A Guarda de Robben poderia reforçar nossas fileiras.

Mervin caminhou na direção dela, espumando.

— Não vou mandar meus homens para a morte certa!

Shah balançou a cabeça. Bethwyn enfim resolveu se manifestar de modo mais veemente.

— O que aconteceu com o homem que eu tinha orgulho de chamar de pai?

— ela murmurou, o rosto molhado pelas lágrimas.

— Se estivesse aqui quando o Conselho Lupino perdeu a Westland para os Catlords e visse o que os bandidos do xerife Muller aprontaram em nossos campos, poderia ter outra opinião sobre isso — suspirou Marvin. — Não me julgue dessa forma, filha.

Mervin provavelmente diria mais algumas palavras a Bethwyn, mas as portas do salão se abriram de repente, batendo com força nos batentes. Homens da Guarda de Robben entraram correndo, gritando pedidos de desculpas, os capacetes de couro balançando sobre a cabeça, enquanto um grupo de homens armados marchava para dentro. Uma confusão se estabeleceu entre os intrusos e os soldados do barão, que tentavam bloquear a passagem deles. Armas foram sacadas, e por pouco não houve confronto físico.

Faisal abriu caminho entre os guardas. O rei Chacal de Azra parecia mais atento à decoração do salão do que à tentativa de resistência. Djogo, o velho amigo de Shah, vinha caminhando logo atrás, lado a lado com o marechal de campo Tiaz, antigo comandante do exército dos Catlords. Florimo também estava lá, esforçando-se para manter o mesmo passo do sujeito que ia à frente do grupo. O líder usava uma capa preta com barrado vermelho caída sobre um dos ombros, por cima de uma camisa branca impecável. Seus pés calçados com botas pisotearam o chão de pedra até que ele se aproximasse do Lord de Robben, um sorriso escancarado no belo rosto. O coração de Shah disparou. Mesmo depois de todos aqueles anos, o príncipe dos piratas das Ilhas Cluster ainda sabia causar uma impressão e tanto ao chegar de surpresa em um lugar.

— Barão Mervin, meu velho amigo — disse o conde Vega, batendo uma mão na outra antes de abrir os braços. — Como vai, meu caro? E, pelo amor de Brenn, o que está fazendo escondido aqui em sua ilha?

— Minha guerra terminou, Vega — respondeu o velho transmorfo, sacudindo o dedo e fazendo uma careta de desaprovação. — Não vou me deixar arrastar para outro conflito com os Catlords.

Vega deu um passo à frente e esbofeteou o barão. A cabeça de Mervin

virou com força para o lado enquanto ele cambaleava para trás e caía de volta no trono. Os presentes soltaram um arquejo de susto. O Gato Selvagem encarou o Sharklord, ultrajado. O conde ficou em silêncio por alguns instantes, ajeitando os punhos da camisa, antes de erguer as mãos como quem se desculpa.

— Perdão, barão Mervin. É uma tremenda grosseria minha aparecer em sua corte dessa maneira com meus novos amigos. E pior ainda encostar um dedo que seja em nosso anfitrião. Mas é o seguinte, milorde...

Vega passou por Shah e Bethwyn, sentando-se com sua calça justa de couro no braço do trono de Mervin. O velho o encarou com um olhar assustado. O Sharklord continuou:

— Sofri como um pobre-diabo desde a última vez que vi você, quando destronamos Leopold e colocamos um Lobo no lugar dele. Fui caçado, traído, esfaqueado e quase assassinado, e fiquei preso por um tempão também, amarrado a uma torre no meio do oceano. Vi a morte de homens e mulheres de valor e de gente nova demais para encerrar sua passagem por este mundo, além de ter visto gente muito menos nobre que você dar tudo o que tinha em nome da liberdade.

Vega se inclinou para a frente e deu um tapinha no joelho trêmulo de Mervin.

— Aí ouvi dizer que você está... digamos, relutante para entrar na batalha; para ir em socorro de nossos camaradas em um momento de necessidade. Bom, isso faz meu sangue ferver. Isso me faz querer me transformar, Mervin, assim como nos velhos tempos em que lutávamos ao lado de Wergar. Lembra-se dessa época, não? Posso ser bem feroz na batalha, não posso? Entro em uma espécie de frenesi, pode-se dizer. Saio atacando às cegas, atingindo todo mundo, aliados ou inimigos.

Vega olhou para o velho barão. Shah ficou impressionadíssima com o silêncio que pairava sobre o salão.

— Estou perdoado? — questionou Vega, inclinando a cabeça e fazendo uma careta tristonha. O Gato Selvagem assentiu, e o conde continuou: — Mais importante que isso, você vai mandar a Guarda de Robben para ajudar nossos irmãos no continente? É a batalha final, Mervin. Você também pode ajudar. Pode até estar velho, mas ainda deve causar um belo estrago.

O velho acenou com a cabeça em concordância, e sua filha foi correndo abraçá-lo, aos prantos. Vega se virou para os presentes.

— Todos vocês podem fazer sua parte... Todo mundo tem sua

importância, basta criar coragem para ajudar seus conterrâneos lyssianos contra nossos terríveis invasores. — Ele apontou para a porta. — Se estiverem saudáveis e em forma; se souberem empunhar uma espada, uma lança ou um arco, saiam por aquela porta e dirijam-se à margem do lago. Peguem um bote, um esquife, ou sigam a nado, se for preciso, mas dirijam-se à margem ocidental na extremidade do vale do Robben. Seus vizinhos precisam de vocês.

* * *

Shah caminhava pelas ruas de Robben, ladeada por Vega e seus companheiros. O marechal de campo Tiaz conversava com o barão Mervin, já de espada e armadura e acompanhado de sua comitiva armada. Soldados e marujos carregavam tochas e lampiões, tocando sinetas pela cidade e convocando a população. A cada construção por que passavam, as fileiras engrossavam mais um pouco, com homens e mulheres, jovens e velhos que saíam de suas casas prontos para a luta, entrando na fila que se dirigia ao atracadouro.

— Acho que seu amigo caolho não gosta muito de mim — Vega murmurou para Shah, sorrindo e apontando para Djogo com o queixo.

— Djogo é um bom homem — respondeu Shah. — É um pouco desconfiado, só isso.

— Não sei o que fiz para ele desconfiar de mim — comentou o Tubarão, dando de ombros e jogando os cabelos para trás. — Talvez o desagrade o fato de eu me sentir confortável com meu lado feminino. Alguns sujeitos se sentem ameaçados por um camarada de cabelos compridos.

— Talvez ele considere você arrogante — retrucou Shah, revirando os olhos. — Não seria o primeiro.

Shah foi andando na frente dele, ao mesmo tempo irritada e empolgada. O Sharklord ainda a encantava. Por mais que tentasse resistir, quanto mais tempo passava na companhia dele, mais o encantamento aumentava. Ela sorriu ao avançar pelas ruas com calçamento de pedra, rumo ao atracadouro, escondendo sua alegria do convencido conde.

— Capitão!

A voz do menino se sobrepôs ao alarido da cidade de Robben, que se preparava para a guerra. O pequeno vinha correndo pelas ruas de pedra na direção deles. Tinha cabelos escuros e um jeito confiante e pomposo que lembrava o de Vega.

— Licença, moça — disse o garoto em um tom mais baixo. Os dois se

encararam. Shah inclinou a cabeça, e o menino fez o mesmo. Havia algo familiar naqueles olhos grandes e cinzentos fixos nela.

— Ah — disse Vega quando os alcançou, bagunçando os cabelos do menino. — Você já conheceu Casper.

— Não diria que conheci — respondeu a Hawklady enquanto o menino se punha ao lado do conde para caminhar com ele. — Diria mais que esbarrei com ele.

Eles viraram uma esquina e olharam para a água. Shah quase perdeu o fôlego quando viu a armada atracada no cais. Conhecia aquelas embarcações, que vira antes no mar do Reino do Deserto. Eram trinta naus de guerra bastians, usadas pelos Catlords para desembarcar tropas na costa de Omir. Estavam ancoradas lado a lado, só esperando para levantar velas. Os conveses encontravam-se apinhados de soldados. Fúrias de Felos lado a lado com homens de Azra, além de bárbaros de Sturmland brandindo seus machados e lanças, ansiosos para entrar em ação. O Lobo branco Mikotaj acenou do convés do *Turbilhão*, pedindo que se apressassem. O lendário navio do príncipe dos piratas parecia minúsculo em comparação com os gigantes a seu redor, mas era a embarcação mais bonita e cheia de estilo da frota.

— Então — disse Vega, batendo no ombro de Casper, que estava entre ele e a Hawklady. — Eles estavam parados à toa na embocadura do Rio Robben. Sem nenhuma tarefa especial.

Vega se agachou ao lado do garoto enquanto os demais continuavam passando e segurou a mão de Shah, depois a do camareiro. O sorriso que abriu para Casper era diferente de qualquer outro que a Hawklady já vira. Era gentil. Amoroso.

— Esta é a lady de quem eu falei, filho — disse Vega, olhando para Shah. Casper seguiu o olhar do conde para encarar a perplexa Lady de Windfell, que arregalou os olhos acinzentados. — Esta é sua mãe.

Dessa vez, Shah perdeu o fôlego de verdade.



3

O golpe mais cruel

As portas brancas do salão de Icegarden estremeceram, cedendo ao golpe final da marreta de pedra de Beemote. Drew e seus companheiros correram para dentro, saltando sobre as tábuas quebradas, os mortos cambaleando em seu encalço. O Weremammoth foi o último a passar, com a cobertura dos Hawklords, que golpeavam com espadas e lanças para livrar o gigante das investidas inimigas. Mais adiante, o Werewolf corria pelo salão cavernoso, a Moonbrand em punho. Krieg e Taboo seguiam logo atrás.

Na extremidade oposta do aposento, um confronto irrompera diante do trono de granito, com o Werelion e seus Lobos Selvagens cercados por um grupo de criaturas sórdidas. Drew desacelerou o passo quando percebeu que as figuras horrendas eram Crawlords, que foram atrás do Leão quando ele subiu na cadeira de pedra e começou a atacar com a espada e as garras para mantê-los a distância. Devia haver ali uma dúzia daqueles monstros em estado de decomposição, as asas sem movimento penduradas nas costas, arranhando, bicando e mordendo os lobisomens e seu senhor. Apesar de estarem mortos, ainda mantinham parte da força dos transmorfos com a qual tinham sido abençoados ao nascer. Um dos Lobos Selvagens tombou diante de suas garras e bicadas.

Uma risada sinistra ecoou no salão, um gorgolejar doentio que causou ondas de medo no coração de todos os gladiadores. Drew sentiu o estômago revirar. O Rinoceronte vomitou a seu lado, enquanto Taboo rosnava para as sombras. Olhos azulados brilhavam na escuridão, e mais Crawlords ressuscitados apareceram para atormentar os vivos, revelando sua presença

pouco a pouco. Um grito de mulher vindo de trás de si atraiu a atenção de Drew. Em um canto mais distante, viu a luz de uma tocha dançando entre os pilares. Lucas também havia escutado e saltou do trono, desaparecendo atrás das colunas.

Drew e seus companheiros viram seu caminho ser bloqueado por quatro cadáveres reanimados cambaleando em sua direção. Dois eram Corvos, e os outros eram ugris, todos famintos por carne fresca. A espada, a maça e a lança entraram em ação, fraturando ossos e esmagando costelas. Mesmo com as mãos decepadas, os mortos continuavam a avançar, agarrando os Werelords com seus braços putrefatos, abocanhando armaduras e tentando mordê-los a todo custo. Drew sentiu seu manto ser puxado por um deles. As mandíbulas fétidas do monstro se abriram, e a criatura puxou o Werewolf para junto de si. O Punho Branco a agarrou pelo peito, arrebatando o lado direito de seu tronco, mas o morto-vivo não se abalou. Então a Moonbrand entrou em ação, arrancando o braço esquerdo da criatura, mas Drew continuava preso, e a mordida era uma possibilidade cada vez mais próxima.

— Vá em frente, garoto! — gritou Krieg, baixando a cabeça para atacar. Ele avançou com sua maça repleta de pontas, acertando o cadáver reanimado que segurava Drew e arrastando-o para longe. A capa do Werewolf foi rasgada, e por uma fração de segundo ele teve uma brecha, aproveitando para se desvencilhar. Drew ainda viu Taboo rugindo alto ao entrar na batalha, acertando um dos ressuscitados com um golpe certo na cabeça.

A cada passo, Drew encontrava mais mortos-vivos cambaleando de trás das colunas e avançando para ele. Fora Hector quem os evocara? “Filhos da Chama Azul.” Se aquilo era obra de Hector, então ele andara bem ocupado. O que dera em seu amigo para tomar um caminho tão obscuro e demoníaco? As criaturas estavam sob seu comando ou atacavam por instinto, famintas pela carne fresca e pelo sangue dos vivos? Manfred alertara Drew sobre o que acontecera com o Boarlord, mas ele não conseguira acreditar. Testemunhando em primeira mão o destino de Icegarden, porém, convenceu-se de que as palavras do Staglord eram verdadeiras.

Saltando por entre as colunas e se desvencilhando dos mortos, Drew chegou à área iluminada pelas tochas. As chamas estavam presas em suportes dos dois lados de uma porta aberta, e uma brisa que vinha lá de dentro fazia o fogo oscilar e crepitar. Os primeiros degraus de uma escada em espiral estavam visíveis sob a luz, e o restante envolto em escuridão. Uma figura havia se postado na passagem, um gigante com um machado em cada mão.

Parecia até uma estátua. O queixo estava enterrado no peito, como se dormisse em pé, e a pele era pálida como a neve do outro lado das muralhas. Mas o bárbaro congelado era a última das preocupações de Drew.

Lucas segurava Gretchen pela garganta, prensando-a contra a parede, a espada apontada contra a barriga dela. “A Wolfshead.” Aquela arma pertencera a Drew e tinha sido perdida muito tempo atrás, junto com sua mão, na batalha em Cabo Gala. Como poderia estar em poder do Leão? Whitley encontrava-se a alguns metros de distância, as mãos para cima, argumentando com o Werelion. Notando a aproximação de Drew pelo chão de pedra, virou-se para ele às pressas, erguendo a mão.

— Para trás, Drew! — ela berrou, e o Werewolf imediatamente deteve o passo.

— Mas ele está com Gretchen!

— E eu vou cortá-la ao meio se der mais um passo, irmão — rosnou Lucas. — Mostre sua cara, Boarlord! — ele gritou para o teto, sem obter resposta. Ainda não havia nenhum sinal de Hector, apenas mais risadas doentias ecoando pelo salão.

Drew olhou por cima do ombro quando um vulto enorme passou atrás de si, ágil demais para ser um dos Corvos ressuscitados.

— Solte-a, Lucas — pediu Whitley.

— Ela é minha noiva, menina Ursa — esbravejou o rei. — Posso fazer o que quiser com ela.

— Eu não me casei com você, seu louco! — rebateu Gretchen, as feições da Raposa aparecendo enquanto Lucas apertava sua garganta.

Sentindo-se sufocada, a Werelady lançou as garras contra ele, mas Lucas se limitou a apertar a Wolfshead com mais força contra suas costelas, ameaçando rasgar sua carne. Ele ouviu um grunhido atrás de si, um pouco mais próximo, e as patas da fera pisoteando o chão.

— Para trás, Drew Ferran, ou juro por Brenn que você vai ver as entranhas da minha noiva. Vim aqui para me vingar. E vou levar a Raposa comigo também.

— Eu não saí do lugar, Lucas — respondeu Drew.

O Leão virou a cabeça, dando de cara com o lobisomem que avançava. Drew viu o monstro aparecer entre as colunas, rosnando para o Leão. Ao contrário dos Lobos Selvagens que vira antes, aquele parecia mais inteiro, mais limpo, mais humano. Suas feições e seus membros estavam transformados como os dos outros, mas a pelagem que cobria seu corpo era

mais clara, quase dourada. O grotesco licantropo se virou para o Wolflord, e um olhar de reconhecimento apareceu no rosto distorcido da fera. “Você me conhece?”

— Estou pedindo pela última vez, Lucas: solte-a! — disse Whitley.

O rei soltou uma risadinha nervosa ao olhar para o Werewolf e para o lobisomem.

— Ah, isso é bom demais para ser verdade! Drew Ferran cara a cara não só com um, mas com seus *dois* irmãos.

Drew piscou algumas vezes, confuso, enquanto o monstruoso lobisomem voltava o olhar carregado de ódio para o Leão. Ele ergueu uma das mãos com garras, apontando para Lucas, e falou com uma voz gorgolejante:

— Grrrr... cherrrrn!

“Gretchen.”

De repente, tudo se tornou absolutamente claro para Drew: aquele era *Trent*. Em seu íntimo, a criatura na qual Trent Ferran se transformara sabia que o Leão precisava ser detido. Mas será que também compreendia o perigo que suas ações poderiam representar para Gretchen?

Ele estava prestes a dar o bote em Lucas quando Drew estendeu o braço, segurando as garras do monstro. Ele puxou o licantropo para trás, colocando-se diante dele. O lobisomem rosnou para o Werewolf, mas Drew não se deixou abater.

Não podia permitir que seu irmão prejudicasse Gretchen. Tampouco desejava entrar em uma luta com ele. Quem saberia dizer como um confronto desses poderia acabar?

— Trent, sei que você está aí. Mantenha-se a distância, por favor. Não ataque. Se fizer isso, ele vai machucar Gretchen.

— Que maravilha! — exclamou Lucas. — Isso. Mantenha essa fera horrenda longe de mim. Aja como um bom Lobo.

Encostado na parede, o Werelion arrastou Gretchen para longe do guerreiro paralisado com os dois machados, observando a dupla de licantropos. A Werefox então cravou os dentes no antebraço de Lucas, enfiando-os profundamente na carne do Leão. O Werelion gritou, erguendo a espada para golpear Gretchen. Nesse instante, o lobisomem avançou sobre o peitoral cinzento de Drew e o jogou no piso de pedra, para saltar sobre o Leão.

A Wolfshead mudou de direção, cortando o ar para atingir o lobisomem. O golpe o acertou com tanta força que o fez girar no ar. Lucas ergueu a espada

para desferir um segundo golpe. Foi então que Drew ouviu Whitley rugir. A Werebear se atirou para a frente, saltando sobre o licantropo e segurando suas garras, afastando-o do enfrentamento. Nesse momento, a Wolfshead cortou o ar atrás dela, e Whitley foi ao chão, caindo ao lado de Drew. O lobisomem ferido tombou perto do guerreiro paralisado que bloqueava a escadaria, cravando as garras no chão para tentar se reequilibrar, sem sucesso.

Drew cravou os olhos nos de Whitley, caída no chão a seu lado, o corpo rapidamente recuperando a forma humana. Ela parecia em choque; estava trêmula. Drew ergueu a cabeça e viu que Lucas se afastava. Gretchen se desvencilhara dele e estava de joelhos ao lado do Lobo Selvagem em que se transformara Trent.

O guerreiro paralisado pareceu despertar de seu sono e levantou a cabeça. O ugrí morto olhou para Gretchen e o Lobo Selvagem. Depois deu dois passos à frente, erguendo os machados e girando-os no ar. A voz sobrenatural ressoou outra vez, carregada de malevolência:

— Mate-os, Dois Machados. Todos eles.

O Lionlord aproveitou a chance e, correndo junto à parede, arremessou-se para dentro da passagem que o guerreiro morto deixara atrás de si. Um machado cortou o ar, mas atingiu a parede de pedra, soltando faíscas. O rei já tinha passado e corrido para longe. O gigante ergueu seus olhos de chamas azuis para o licantropo ferido a seus pés. O Lobo Selvagem rosnou para ele.

— Drew! — gritou Gretchen.

O Wolflord, porém, estendia as mãos para a ofegante Whitley, erguendo-a nos braços. Os lábios dela estavam ficando roxos, e seus dentes batiam uns nos outros sem controle. As costas da Bearlady estavam molhadas; era possível sentir a umidade, mesmo por cima do pano pesado do manto. Drew olhou para seus dedos e viu que estavam manchados de sangue. As pálpebras de Whitley se moviam freneticamente enquanto Gretchen berrava. A respiração dela tornava-se mais e mais difícil, errática e desesperada. O ar parecia entalado em sua garganta.

— Não — murmurou Drew, e o caos ao redor tornou-se silencioso e distante. Naquele momento, ele era só um rapaz da Costa Gélida segurando a jovem de Brackenhholme nos braços pela última vez. Então ela parou de respirar.



4

Uma onda de esperança

— Comigo!

O rugido de Bergan ecoou, e os Mantos-Verdes atenderam. Homens dos Sentinelas da Floresta de Brackenholme e de Darke-in-the-Dyrewood atenderam ao chamado de seu senhor, correndo entre arbustos e árvores, entrando no campo de batalha e abrindo caminho por entre as tropas até o ponto onde eram mais necessários. O Bearlord estava na última linha de defesa no fundo do vale, com água até os joelhos, cercado de corpos vivos e mortos. Alguns guerreiros fíbios estavam com ele, liderados por Shoma, que tinha Kholka a seu lado. Na beira do rio coberto de névoa, a batalha era feroz. O exército do Lobo tentava impedir a força dos Catlords de chegar ao local em que o rio se transformava no Lago Robben. O rio era o ponto fraco, e os felinotropos tinham percebido isso.

As linhas de batalha estavam traçadas, erguendo-se do vale para além dos morros. Os bastians atacavam de vários pontos e levavam a melhor sobre os lyssianos em todos eles. Os Horselords e seus irmãos das Longridings não estavam em nenhum lugar visível. Bergan só esperava que Brand e Conrad não tivessem desertado, e rezava a Brenn para que estivessem defendendo o flanco norte, mantendo sua posição, conforme prometido. Os Fúrias que haviam acompanhado Whitley na marcha ao norte de Calico também estavam longe do campo de visão. Poderiam ter de novo juntado forças com seus antigos aliados? Seriam assim tão traiçoeiros?

Outros nobres e notáveis Werelords estavam reunidos em torno do Bearlord, formando uma fila na água ao lado dos homens-sapo, detendo o

avanço dos inimigos. Seu irmão, o barão Redfearn, estava de um lado, enquanto o duque Manfred, de Stormdale, subia um pouco mais ao longo do rio, brandindo a espada acima da cabeça coberta de galhadas, ferindo todos ao redor, tanto aliados como inimigos. O Staglord lutava com a fúria cega de um homem ensandecido, buscando vingança pela morte de seu irmão Mikkel e de seu filho caçula, Milo. Um escaramuçador, um dos odiosos guerreiros de Muller, tentou passar pelo Bearlord a nado, aproveitando a brecha deixada pela movimentação do Cervo. Bergan baixou seu machado, e o corpo do homem boiou sem vida.

— Manfred! — ele gritou a plenos pulmões. — Volte para cá! Precisamos de você aqui!

Bergan sentiu vontade de chorar quando o Cervo olhou para trás antes de retomar a batalha, um sorriso estampado no rosto ensanguentado. Manfred estava perdido, justamente quando o Bearlord mais precisava dele a seu lado.

— Ir com ele! — gritou Kholka, subindo o rio com suas pernas poderosas. Seu comandante, Shoma, berrou atrás dele, seguindo com relutância em seu encalço ao ver que os demais guerreiros fíbios seguiam Kholka. Espadas e lanças despencaram sobre os homens-sapo, que se esforçavam para seguir no rastro do Staglord. Os Mantos-Verdes, até então espalhados por todas as partes, apareceram na barranca, os arcos em punho, despejando flechas sobre os bastians. O general Harker os liderava, sempre atento aos chamados de seu senhor, abrindo caminho com a espada pelas fileiras inimigas. Mas sua situação não era fácil. As balestras cantavam em resposta, perfurando o couro das armaduras e a carne dos arqueiros. Aquela era a última linha de defesa, a última fileira de combalidas almas lyssianas entre o exército dos Catlords e os refugiados na margem oeste do Lago Robben. Não estavam mais dispostos a fugir e, caso estivessem, para onde poderiam ir? Os Sete Reinos estavam condenados.

Um rugido à direita de Bergan foi interrompido quando uma seta de balestra atingiu o barão Redfearn na garganta. O Urso despencou em meio à névoa, provocando um ruído forte na água. Bergan imediatamente correu até ele. Redfearn rosnou, a ponta da arma ainda no pescoço, o sangue se espalhando por entre seus dentes escancarados. A seta não acertara a traqueia; estava encravada apenas na musculatura. O ursinotrope afastou o duque e se levantou.

— Preocupe-se com sua vida, irmão — grunhiu Redfearn, pegando de novo o machado e assumindo seu lugar ao lado de Bergan mais uma vez. —

Não vamos arredar pé daqui hoje.

O Lord de Brackenholme abriu um sorriso. Mesmo com a batalha chegando ao fim, e tão longe de casa, tinha seu irmão a seu lado. Isso não era pouco.

— Pela Dyrewood!

Como um tsunami, uma nova leva de Elmos-Dourados de Braga apareceu no meio da neblina, espadas e escudos em riste para avançar sobre os Bearlords. O aço temperado com prata, mortal para qualquer transmorfo, desceu sobre eles. Os irmãos ursinos sentiram seu toque amargo na carne. Na beira do rio, onde estavam os Mantos-Verdes, os guerreiros da Pantera atacaram com toda a força, e os Sentinelas da Floresta estavam sendo esmagados por seu avanço.

Mais uma seta de balestra passou zunindo, raspando a orelha marrom de Bergan. Uma segunda o atingiu na coxa. Seu machado partia corpos ao meio, as presas dilaceravam rostos e as garras decepavam membros. O sangue escorria sobre seus olhos, prejudicando sua visão. Entre um e outro golpe, agachou-se para jogar água no rosto. Quando se ergueu, uma forma gigantesca surgiu no meio do rio, jogando água fria em todos ao redor ao atacar o Urso de Brackenholme. Redfearn atingiu o monstro em um dos flancos, mas foi imediatamente afastado pelos Elmos-Dourados, que se colocaram entre os irmãos. O duque e seu agressor transmorfo afundaram para o universo escuro e enlameado do rio.

Bergan sentiu a barriga ser aberta por um chifre ou uma espécie de dente. Era possível sentir suas entranhas boiando na água, e ele queria enfiá-las de volta no corpo para seguir lutando. Precisava respirar, mas viu bolhas ensanguentadas diante do rosto enquanto o monstro que o atacava expulsava o ar de seus pulmões. Tendo perdido o machado, estendeu a mão para agarrar a cabeça gigantesca do inimigo. O Urso a torceu com todas as forças, desviando as mandíbulas horrendas de sua barriga. De alguma forma, conseguiu rolar para o lado e ficar de joelhos outra vez na beira do rio. Contudo, o monstruoso Werelord de Bast apareceu na superfície outra vez, o machado de Bergan na mão.

— O rio é nosso! — berrou o general Gorgo, o Hipopótamo, brandindo a lâmina em formato de meia-lua para o céu, triunfante. Era uma figura gigantesca, com braços flácidos e gordos, mas com uma força imensa. As presas se projetavam da enorme mandíbula, manchadas de amarelo devido à idade e ao desgaste.

— Os rios, as montanhas, o ar que respiramos — disse Bergan, cuspidando sangue —, isso nunca vai ser seu. Os Sete Reinos vão ser para sempre dos lyssianos. Vocês nunca serão donos destas terras.

— Aproveite bem esse ar, Bearlord — respondeu o monstro, sentindo o peso do machado nas mãos e se preparando para atacar Bergan. — Vai ser a última vez que você o respira.

A gritaria dos bastians ao redor fez o Hippolord erguer a cabeça de repente e, ao olhar por cima da cabeça do Bearlord ajoelhado no rio, ver um vulto de tamanho significativo surgir na água. Bergan olhou por cima do ombro quando o navio ficou visível, cortando a neblina e sulcando o leito do rio com seu casco. A madeira rangia e estalava ao entrar em contato com as pedras, a água invadindo com rapidez os conveses inferiores. O *Turbilhão* parou de forma súbita, e seus ocupantes foram desembarcando pendurados em cordas e redes. Quem chamou a atenção de Bergan, no entanto, foi o capitão, que saltou da proa girando acima da cabeça uma corda presa a uma âncora e seguiu na direção dos dois Werelords que se enfrentavam. Sua pele estava cinzenta, e as fileiras de dentes, escancaradas. O olhar mortal do Tubarão estava fixo no Hippolord.

Bergan não pôde evitar uma careta ao ver a âncora se encravar na carne de Gorgo, quase partindo o general ao meio e lançando seu corpo dilacerado para cima dos perplexos Elmos-Dourados que lutavam no rio. O conde Vega aterrisou ao lado do Bearlord, puxando a âncora do cadáver do Hipopótamo e lançando-a ao ar novamente. Dessa vez, ela atingiu o rosto de um par de bastians antes de voltar às suas mãos.

Um barulho tremendo se elevou da margem do lago atrás deles quando mais navios chegaram e um exército inteiro desembarcou para entrar na batalha. O grande Werewolf Mikotaj avançou sobre os Elmos-Dourados no barranco, arrancando-os de cima dos homens de Harker e lançando-os no rio. O uivo terrível de Miloqi se elevou da margem do lago, avançando sobre o rio como um tsunami e instilando o medo no coração de cada um dos inimigos. Tiaz, o Tigerlord, ia à frente, ladeado pelos Fúrias, abrindo caminho pela refrega como quem abre passagem no mato. Djogo vinha logo atrás, sempre no encalço do Weretiger. Lord Chollo corria na frente, tão veloz que seu corpo parecia um borrão com garras e presas.

— Para cima deles, rapazes! — gritou o príncipe dos piratas das Ilhas Cluster, andando rio acima e se dirigindo ao coração do exército dos Catlords. — Vamos ver se esse pessoal é mesmo bom de briga!



Lágrimas de sangue

Estavam correndo na floresta. Ela ia à frente, aos risos, fora de seu alcance, provocando-o enquanto era perseguida. Usava o manto verde dos homens da floresta, mas seu bastão e seu arco haviam sido deixados para trás. Os dois estavam descalços, sentindo a terra quente sob os pés, o cheiro do mato ao redor. Ele estendeu a mão, e seus dedos roçaram os cabelos dela, que escaparam de seu alcance. Ele deu risada, chamando-a pelo nome, e ela olhou para trás, sorrindo. E então ela foi abrindo distância, mais rápida e ágil, deixando-o ao longe na floresta. Mais uma vez ele gritou seu nome, pedindo que o esperasse, pedindo que voltasse, mas ela sumiu, desaparecendo entre as árvores até ser engolida pela escuridão.

Ele estava sozinho na floresta. Sozinho...

— Drew!

O grito de Gretchen o arrancou de seu devaneio, uma voz aguda de pânico. A cabeça de Whitley estava em seu colo, e seus dedos acariciavam o rosto dela. Drew estava em sua forma humana de novo, sentindo sua pele contra a dela, ainda quente. Ela parecia estar dormindo, feliz. Como poderia terminar assim? Depois de terem passado por tanta coisa, suportado tantas provações, a menina que amava seria tirada dele desse jeito? Ela havia tentado salvar Trent da lâmina de Lucas, empurrando o Lobo Selvagem para longe do ataque do Werelion e levando o golpe fatal por ele. “Por que você fez isso, Whitley? Que Brenn me ajude a entender... Por quê?”

— Drew!

Dessa vez, Drew ergueu a cabeça. Em meio às lágrimas, viu vultos se

movendo na semipenumbra, a luz das chamas se refletindo na pele do guerreiro paralisado. Faria diferença se ele decidisse ficar ali ajoelhado com a garota de Brackenholme nos braços? Alguém sentiria sua falta caso se deitasse ao lado dela e desistisse de lutar? Sua família não existia mais — Mack e Tilly, Amelie, e até mesmo Trent, condenado a se transformar em uma versão corrompida de um Wolflord. “O que ainda resta para mim?”

— Drrrruuuuuu!

Era um grunhido grave e gorgolejante, vindo do Lobo Selvagem caído e ferido. A Werefox estava de pé ao lado dele, protegendo-o do cadáver com os machados. Os olhos de Drew se cravaram nos da fera. Seu irmão. “Você ainda está aí, Trent?” Os olhos que o encaravam em resposta eram amarelos, lupinos, e não aqueles de íris azuis que faziam as meninas de Tuckborough se jogarem aos pés dele. Whitley dera sua vida para que os irmãos pudessem ficar juntos. Para que Gretchen sobrevivesse. Para que os demais seguissem em frente.

Seguissem em frente.

Com cuidado e delicadeza, Drew deitou Whitley no chão, como se temesse acordá-la. Pegou a espada e se levantou, enxugando as lágrimas com o antebraço. Depois deu um passo à frente, a princípio cambaleante, mas sendo dominado pela raiva pouco a pouco, transformando-se a cada passo.

A Werefox continuava a proteger o licantropo ferido, esforçando-se para manter o ugrí morto-vivo a distância. Os dois machados permaneciam nas mãos do cadáver como se estivessem congelados no lugar, impossíveis de ser removidos. O monstro derrubou a jovem no chão, subjugando-a fisicamente, apesar de não conseguir frear a determinação da Raposa. Ela manteve os braços cravados nos dele, impedindo-o de atacá-la com os machados, embora os dentes do cadáver tivessem entrado em ação, ficando cada vez mais próximos dela. Uma luz pálida iluminou o ugrí por um instante. Um de seus braços foi arrancado, sendo decepado na altura do ombro. Gretchen o jogou para o lado, enquanto um segundo golpe da Moonbrand cortava o outro.

O cadáver ressuscitado de Dois Machados, defensor de Tuskun, líder dos guerreiros ugrís, virou-se para encarar seu agressor. De repente, fez-se mais um clarão de luz branca. O tronco do monstro estacou, mas a cabeça continuou se movendo, projetando-se do pescoço decepado. As chamas azuis se apagaram em seus olhos fantasmagóricos quando a cabeça rolou no chão.

— Whitley? — perguntou Gretchen, a voz fraca e temerosa.

O Werewolf balançou a cabeça em uma negativa, incapaz de encarar a

Werewolf. Taboo e Krieg chegaram correndo, junto com Beemote e dois dos Hawklords. Todos estavam cobertos de carne podre e ossos partidos dos mortos-vivos. Detiveram o passo ao ver a garota no chão. Taboo ergueu a arma, pronta para atacar o Lobo Selvagem ferido.

— Baixe essa lança, Taboo! — gritou Gretchen, levantando a mão para deter a Weretiger. — Este é Trent Ferran, irmão de Drew.

Guardando a Moonbrand de volta na bainha, Drew se abaixou e pegou Whitley nos poderosos braços. A cabeça dela tombou sobre seu peito.

— Tenho um favor a pedir a vocês — disse Drew, em meio aos gemidos dos mortos e os rosnados dos Lobos Selvagens que ecoavam pelo salão. — Se alguma coisa acontecer comigo, alguém precisa levar Whitley de volta para o pai. Ela não pode ser deixada para trás.

Krieg deu um passo à frente, apertando ligeiramente o ombro de Drew antes de pegar a Bearlady de seu colo.

— Ela vai voltar para casa, milorde — disse o conde Carsten em um tom de voz sério. — Não se preocupe.

— E meu irmão — continuou Drew, observando Trent com uma expressão de piedade. — Ele precisa de ajuda. Deve haver alguma esperança para ele, alguma maneira de reverter a magia terrível de Coração Negro.

Ele virou as costas para o monstro, com o coração partido, incapaz de suportar mais sofrimento em um único dia. Seu mundo estava em ruínas. Só havia um modo de fazer aquela noite terrível valer a pena. Lucas matara seu amor, e Hector evocara o horror que tomara conta de Icegarden. Olhou para a escadaria que o Leão havia subido. A risada sinistra não ressoava mais pelo salão, nem os rosnados dos Lobos Selvagens. Apenas os mortos erguiam a voz em uma sinfonia de gemidos famintos, em meio a uma miríade de olhos de chamas azuis que observavam os Werelords a distância.

— Procurem nos andares superiores, meus amigos — disse Drew, voltando à ação de forma súbita. — Encontrem uma varanda, alguma maneira de sair daqui. Não fiquem neste salão.

— A escadaria — disse Taboo, apontando para a abertura na parede. — Onde ela vai dar?

— Em Lucas. Ele está à procura de Hector, e eu vou atrás dos dois.

— Dos dois? — suspirou Gretchen. — O que vai fazer se encontrar Hector?

Os olhos amarelados do licantropo faiscavam com o desejo de vingança. A Werewolf se aproximou de Drew, colocando as garras avermelhadas sobre o

Punho Branco de Icegarden.

— Whitley queria salvar Hector, lembra? Ele ainda é nosso amigo.

— Veja só a loucura ao nosso redor, Gretchen. Só existe uma maneira de salvar nosso amigo. O corpo dele está perdido. Tudo o que podemos fazer é dar um descanso à sua alma agora.

— Drew, não — ela falou, segurando a manopla enquanto ele tentava se desvencilhar.

Drew saiu correndo, deixando para trás seus aliados e passando pela porta rumo à escadaria gélida e estreita com suas poderosas pernas lupinas, a Moonbrand iluminando o caminho. Ouviu Gretchen gritar, pedindo que parasse. E também os berros de Krieg, falando que os esperasse. Ainda ouviu Taboo sibilar e correr atrás dele. Seus olhos, porém, permaneceram fixos na escadaria em espiral, sentindo o fedor do Werelion invadir seu nariz, sua garganta e seu coração.



6

O chamado do sono eterno

A espada baixava sem parar, cortando, decepando e rasgando. A neblina no ar reluzia com uma névoa vermelha com gosto de sal, metal e vingança. O duque Manfred continuava a subir, os cascos fendidos se enfiando na terra enquanto ele se deslocava pelo terreno alagadiço, atraído pelas capas vermelhas da Guarda Leonina como um touro raivoso. Mais um deles caiu a seus pés, e seus cascos o comprimiram ainda mais contra o barro ao pisoteá-lo. Um ruído o fez se virar, e a espada logo se encarregou do escaramuçador, não sem antes a marreta do homem acertar a cabeça ensanguentada do Staglord.

Ele caiu de joelhos, ofegante, sentindo o mundo girar. Ao erguer a cabeça, encarou a lua cheia como se fosse a primeira vez que a via na vida. “Onde estou? Como vim parar aqui?” Uma grama amarelada brotava da várzea ao redor, e um vapor se erguia do chão encharcado na noite fria. Suas coxas, suas mãos e seu peito estavam cobertos de sangue. “Isso tudo é meu?” Havia feridas abertas em seu corpo, sem dúvida nenhuma, mas era sangue demais para ser só dele. “Quantos eu matei?”

Sua cabeça girava. Ele ergueu as mãos e passou os dedos tortos e fraturados pelos chifres partidos. Uma das pontas estava pendurada, como um galho de árvore quebrado. A raiva que o impulsionara na batalha por entre as linhas inimigas, ao subir o vale para perseguir os Mantos-Rubros, de repente o deixara. Tentou recolher a espada do chão, mas suas mãos se recusaram a obedecer. Ergueu a cabeça para gritar por ajuda, mas achou melhor não. Poderia estar cercado pelos inimigos.

Confirmando seus piores temores, Mantos-Rubros e escaramuçadores começaram a aparecer em meio à névoa que pairava sobre a várzea. Os enfurecidos e enlouquecidos rugidos do Staglord claramente tinham cessado, e os inimigos tinham voltado para investigar. Tomando coragem ao se verem em maioria numérica, o que descobriram na neblina não foi uma fera monstruosa das Barebones, o poderoso Lord de Stormdale, mas um velho ensanguentado e maltratado, batendo às portas da morte, atendendo ao chamado do sono eterno.

Manfred suspirou e olhou para a lua. “Fiz jus a você, Milo? Meu lindo menino, fiz jus a você? Vou reencontrá-lo em breve.” Fechou os olhos quando os Mantos-Rubros se aproximaram.

Um berrante ecoou, seu chamado afastando os soldados dos Catlords do combalido Werelord. Eles olharam para o outro lado da várzea quando o solo começou a tremer sob seus pés. A visão dos Cavaleiros de Stormdale subindo o barranco, os cascos da montaria pisoteando o terreno inclinado, derrubou o moral dos Mantos-Rubros em um instante. Os desertores fugiram, dessa vez para o outro lado, sob os golpes dos Staglords e dos soldados montados das Barebones.

Manfred ergueu a cabeça quando um cavalo parou a seu lado, revelando a silhueta do cavaleiro sob a luz da lua. O cavaleiro saltou da montaria, aterrissando com um estrondo e o tilintar da armadura. O duque reconheceu suas galhadas imediatamente. O Staglord se ajoelhou e o abraçou.

— Pai — disse Lord Reinhardt, balançando o velho nos braços. Havia só mais três adagas, e duas delas estavam em suas mãos. Ele se encontrava no coração do território inimigo, a bandoleira perigosamente quase sem facas. As chances de Bo Carver sobreviver não pareciam ser das maiores. Porém, ele tinha Reuben Fry a seu lado, o que não era pouca coisa. Os dois haviam se tornado bons amigos desde que o mundo de ambos fora virado de cabeça para baixo em Highcliff, e não havia homem melhor para Carver ter a seu lado em um momento de aperto. Fry já descartara seu arco fazia tempo, pois a luta naquele momento era corpo a corpo. A armadura também não estava mais sobre o tórax, dispensada depois que um golpe de machado quase a partira ao meio. Com espada e adagas na mão e o rugido da queda-d’água inundando seus ouvidos, os dois esperavam pelo momento certo enquanto a Guarda Vermiriana passava correndo para reforçar as fileiras inimigas.

Os homens saltaram de trás da pedra que lhes servia de esconderijo, cada

um aterrissando sobre um punhado de homens de manto negro da Guarda do Rato. Carver e Fry se levantaram rapidamente, desferindo golpes com as lâminas, à procura de pontos fracos nas armaduras metálicas dos oponentes. Dois vermirianos tombaram para trás e foram engolidos pelas cataratas do Robben. Outros dois caíram gorgolejando, sem dúvida nenhuma lamentando o fato de estarem usando armaduras tão pesadas. Alguns ainda estavam de pé e se viraram para encarar os inimigos infiltrados em suas linhas.

Antes que os vermirianos pudessem atacar, porém, ouviu-se um rugido, e um braço poderoso os atingiu. O enorme Lord Ulik, o Wereape de Fim do Mundo, mandou os soldados para o fundo do vale rochoso mais abaixo. Os homens gritavam enquanto caíam para se juntar a seus camaradas na água. Cego de um olho, o Macaco Pelado só reconheceu Fry e Carver quando estava prestes a atacá-los. Um gigante entre os Werelords, Ulik era uma boa companhia. A fera apontou para um local além das quedas, a sudoeste dos morros.

— As linhas deles estão vazadas — murmurou Ulik por entre os dentes cerrados e mortais. — Seus Staglords chegaram, e os homens das Longridings estão logo atrás de mim. Estou pressentindo a vitória!

Fry sorriu e deu um tapinha no peito de Carver.

— Milorde!

Era uma voz fina que vinha do alto. Carver não a procurou — afinal de contas, quem se referiria a *ele* dessa maneira? A curiosidade o fez erguer a cabeça. Seu coração se apertou. Pick, a menina de Highcliff que o seguia por toda parte desde que tinham fugido de sua terra natal, estava agachada sobre a pedra atrás da qual ele e Fry haviam se escondido.

— Não saia daí, menina! — ele gritou, irritado, correndo para o limiar da elevação rochosa. Assim que terminou de escalá-la, ouviu o primeiro grito mais abaixo e espiou por cima da rocha.

Um enorme Catlord emergira da escuridão, a pelagem negra camuflando seu avanço. Usava uma canga de cota de malha, com uma foice reluzente na cintura. Estava ao lado de Lord Ulik, cravando uma lança de prata no Wereape, mantendo assim o gigante preso ao chão de pedra. Fry estava caído a alguns metros de distância, esforçando-se para ficar de pé depois de ter sofrido um golpe do Werepanther. Os Elmos-Dourados os cercaram, mantendo-se próximos de seu senhor e comandante. Mais adiante, os primeiros Horselords se aproximavam, liderados por Lord Conrad. Ele deu uma boa olhada na Pantera.

— Oba! — gritou o Werestallion, apontando a espada para o gigante bastian. — Desafio você para uma batalha!

— Tudo tem seu tempo, pônei! — sibilou o Werepanther enquanto seus Elmos-Dourados apontavam os arcos para os humanos e transmorfos das Longridings. A fera se virou de novo para o Primata.

— Ora, ora — disse o Alto Lord Oba. — Parece que você fugiu *mesmo* para alertar o inimigo, não foi, Ulik? — Ele torceu a ponta da lança que prendia o Wereape ao solo, fazendo com que o Primata soltasse um grito terrível. — Ora, fique à vontade para se juntar a eles — continuou a Pantera, erguendo a arma para cravá-la no peito de Ulik. — No inferno!

Antes de se dar conta do que fazia, Carver já saltava sobre o Catlord. Aterrissou sobre os ombros de Oba, envolvendo o pescoço da Pantera com as pernas e cravando-lhe profundamente as duas lâminas que levava nas mãos. Ambas as adagas encontraram o rosto, o pescoço e os ombros do monstro, entrando e saindo em uma rápida sucessão de golpes que arrancavam mais sangue a cada facada. O Werepanther rugiu, levando o braço às costas para pegar o humano. Carver sentiu uma enorme pata se fechar com força em torno de seu braço direito. As adagas caíram de sua mão, e seus ossos se partiram como gravetos quando Oba o ergueu no ar, arremessando-o para o precipício rochoso perto de Fry. O Lord dos ladrões viu estrelas por um momento antes de a careta de dor de Reuben Fry aparecer diante de seu campo de visão.

— Que bom ver você — Carver gemeu para o sturmiano por entre os dentes cerrados, levando o braço ainda bom à bandoleira e sacando a última faca. A lança de prata o acertou nas juntas, rasgando a mão de Carver e mandando a adaga para longe. Oba ficou de pé ao lado deles, olhando para um e depois para o outro, o rosto ensanguentado retorcido em uma careta furiosa.

— Humanos patéticos e inúteis — falou Oba com desprezo. Bastians e lyssianos observavam a cena, sem ter por onde escapar da garganta no alto do vale. — Como ousam desafiar a mim, o Alto Lord Oba, superior de seus superiores? Seus vermes desprezíveis! Quem pensam que são? O lugar de vocês é rastejando no chão diante de mim, implorando por uma misericórdia que não merecem! Querem desafiar a mim, um Werelord? Então vão morrer como Werelords, os dois!

Oba partiu a lança com pontas de prata ao meio, direcionando uma ponta para o ladrão e outra para o soldado. Enquanto ouviam o discurso trovejante

do Pantherlord e o estalo da arma se partindo, o Catlord e seus Elmos-Dourados não notaram a aproximação discreta da menina por trás da Pantera. As mãos de Pick foram velozes, arrancando a foice de prata da cintura de Oba. Ela a arremessou para Carver, enquanto o Werepanther de Braga voltava o olhar cheio de raiva para os humanos.

Carver não perdeu tempo, atacando assim que pegou o cabo da arma com a mão ferida. A foice abriu um corte perfeito na enorme barriga preta de Oba, da esquerda para a direita. Então Carver moveu o braço para o outro lado, abrindo mais um corte. Os fragmentos de lança caíram das mãos de Oba. O Werepanther fraquejou enquanto tentava enfiar suas entranhas de volta no corpo. Oba encarou os dois homens com os olhos arregalados de horror e incredulidade, sentindo seu fim se aproximar rapidamente. Os Elmos-Dourados, também perplexos, abriram espaço para seu líder cambalear para trás, até por fim tombar do alto das pedras rumo às cataratas.

As águas do Rio Robben se tingiram de vermelho até desembocarem no lago mais abaixo.

Os gritos de comemoração começaram no alto do vale, onde as quedas-d'água rugiam. De lá, foram se espalhando morro abaixo, ganhando força, minando o ânimo de cada bastião no caminho e acalentando a alma de todos os lyssianos. Quando chegaram às margens do Lago Robben, os gritos se tornaram urros de delírio, emanções de sentimentos à flor da pele enquanto os homens e as mulheres livres dos Sete Reinos se abraçavam para celebrar.

O conde Vega estava no campo de batalha, em meio aos corpos dos que haviam tombado. Não era mais o temido Tubarão do lendário *Turbilhão*. Voltara a ser apenas o ousado bucaneiro conhecido como príncipe dos piratas. Até conhecer Drew Ferran, Vega jamais imaginara que chegaria o dia em que os Catlords não mais dominariam a Lyssia com patas de ferro. A esperança que surgira na forma do jovem Lobo fora algo totalmente inesperado. Drew confiara em Vega quando ninguém mais o fizera; acreditara no Sharklord quando todos o chamavam de mentiroso, de imprestável. Vega sorriu consigo mesmo. Daria as costas a todas as riquezas do oceano para continuar servindo ao Lobo. Bom, à maioria delas, pelo menos.

Começou a vagar em meio à neblina, tomando a direção da beira do lago. No caminho, passou por Mantos-Verdes e homens das Longridings, por nortistas e sulistas. Todos saudaram o conde, cuja atuação no campo de batalha já se tornara lendária. O inimigo estava derrotado, baixando espadas,

escudos e lanças e correndo para se salvar. Os que não tinham fugido haviam se rendido. Os Fúrias de Felos encarregavam-se dos prisioneiros sob o olhar atento de Tiaz. O Tigre se mostrara um aliado mais do que capaz. Quem poderia saber se o caminho deles se cruzaria de novo quando tudo chegasse ao fim?

Vega com certeza gostaria de rever Opal. A aparência da Pantherlady continuava tão impactante quanto da primeira vez que a vira. Vega balançou a cabeça. Em breve tudo aquilo ficaria no passado. Precisava pensar em Shah e em Casper. Que aquela guerra terrível pudesse ter reunido uma família, era algo inimaginável para o Sharklord. Ele só precisava consertar o *Turbilhão*, e então a verdadeira aventura poderia começar. Havia um mundo inteiro a ser explorado, mares à espera de serem navegados e mapeados. Talvez o velho Garajau Florimo pudesse acompanhá-los. Um bom par de olhos era sempre útil.

Vega não viu o homem se aproximando por trás. Virou-se no último instante, surpreso ao ver Djogo ali. O Sharklord estava prestes a abrir a boca para dar os parabéns ao camarada pela vitória quando sentiu a adaga de prata em sua barriga. A lâmina entrou de novo, e de novo, e o guerreiro se afastou do conde com um brilho enlouquecido em seu único olho bom. Um Manto-Verde que passava e testemunhou o ataque gritou, perseguindo Djogo em sua fuga.

Vega despencou na beira do rio, tão perto do *Turbilhão* que podia distinguir o contorno do navio em meio à névoa. Dava para ver outra forma escura também, na margem oposta. A Fera de Bast estava lá, observando sua queda. Ela assentiu e se virou, engolida para sempre pela névoa.



Luz contra noite

Seus amigos estavam muito atrás, e pela frente só havia inimigos. Além de uma infinidade de degraus. As pernas queimavam devido ao cansaço, e o corpo inteiro estava desorientado por causa das voltas e mais voltas da espiral. A parede gelada parecia se inclinar, tombando para a esquerda, mais próxima a cada passo. Não havia sinal do Lionlord, mas seu cheiro pairava no ar... junto com algo mais — um aroma adocicado e pútrido que fazia Drew se lembrar de seus dias na fazenda da Costa Gélida. Ovelhas e bovinos mortos eram encontrados com frequência em valas e campinas, tanto por causas naturais como por predadores. Os cadáveres tinham um fedor inconfundível, principalmente os que ficavam expostos ao sol enquanto a morte exercia sua magia inevitável sobre a carne. Aquele odor estava em seus pulmões, atraindo-o ainda mais para cima.

Mais uma mancha de sangue na parede, as gotas vermelhas ainda escorrendo, para confirmar as suspeitas de Drew. Lucas estava logo à frente. Drew acelerou o passo, forçando o corpo a continuar, apesar de os músculos gritarem por misericórdia. A raiva que o impulsionava permanecia, mas a tristeza se intensificava, crescendo a cada instante. Whitley continuava ocupando seus pensamentos. O bondoso coração da jovem o inspirara a fazer coisas grandiosas. Era impossível imaginar o mundo sem ela. Talvez, quando chegasse à beirada da torre, pudesse simplesmente dar mais um passo à frente. “Talvez o céu seja o lugar para mim, com Whitley à minha espera.”

Drew viu o brilho pálido da lua refletido nos degraus irregulares mais à frente, atravessando as rachaduras nas paredes e atraindo-o para cima. O

poder daquela estranha luz se despejou sobre ele antes do inevitável confronto com seu meio-irmão e seu melhor amigo. Ou, pelo menos, com aquele que um dia fora seu melhor amigo. Só Brenn sabia no que Hector se transformara desde a última vez que os dois tinham se visto.

Vozes exaltadas desceram pela escada. Uma disputa violenta ocorria no alto da torre. O Werewolf subiu os degraus que faltavam, usando o Punho Branco para tomar impulso. Quando saiu no alto da torre, foi imediatamente atingido por uma rajada de vento.

O Werelion estava atracado com um vulto preto e espectral. A princípio, Drew imaginou que fosse Hector, mas então percebeu que a figura era alta e magra demais. Pernas esqueléticas impulsionavam o homem, as botas esfarrapadas na altura dos decrepitos tornozelos. Seus braços se agitavam, dedos esqueléticos esticados. Chamas azuis brilhavam no rosto descarnado do morto. Dentes afiados mastigavam a carne que tinham arrancado de Lucas. Duas facas compridas permaneciam na bainha pendurada no cinto, e seu rasgado manto marrom flutuava sobre os ombros desconjuntados, preso por um broche em formato de javali.

Atrás dos dois monstros que se enfrentavam havia uma terceira figura, o manto preto balançando ao vento, a lua escondida sob as nuvens às suas costas. Foi só então que Drew se deu conta da altura assustadora em que se encontrava. Lembrou-se da escalada até o topo da Tor Raptor, a tumba ancestral dos Hawklords das Barebones. Mas a vertigem que experimentara lá não era nada em comparação àquilo. A plataforma de pedra em que se encontravam tinha apenas dez passos de comprimento, e a luta entre o morto-vivo e o felinotrope ocupava boa parte do espaço. Um empurrão mais vigoroso mandaria qualquer um dos dois lá para baixo, por cima da mureta quebrada que circundava o perímetro da torre. Os olhos do Werewolf se estreitaram ao se fixar em um ponto atrás do Werelion e do faminto Filho da Chama Azul. Hector o encarou em resposta, abrindo um sorriso no rosto pálido e magro.

— Estão lutando para nosso entretenimento, Wolflord — disse o magíster, abrindo os braços como se estivesse crucificado. Sua mão esquerda estava negra, e os dedos retorcidos lembravam gravetos sacudidos pela brisa. A pele estava toda repuxada, e os músculos que ainda restavam tinham sido destituídos de todo o líquido, envolvendo a seco os ossos aparentes. Drew ficou pálido, horrorizado com a transformação do amigo.

— O que aconteceu, Hector? — Drew gritou por cima dos gemidos e

rosnados dos combatentes. — Como foi que você ficou assim?

— Hector está morto, Wolflord. Está falando com Mão Negra, Lord de Icegarden.

— Lord dos mortos, é o que parece — rosnou Drew, voltando os olhos para Lucas e o cadáver. O Leão agora empurrava o morto pelo terraço de pedra da torre. As garras do rei desceram em alta velocidade, rasgando o corpo do membro ressuscitado da Guarda Javalina. Enraivecido e coberto de feridas, Lucas ergueu o corpo desconjuntado, que ainda tremia em espasmos, e o jogou lá do alto, fazendo-o desaparecer noite adentro como uma chuva de carne podre e dilacerada.

— Pobre Ringlin — murmurou Mão Negra. — Foi um bom servidor em vida. E na morte também, aliás.

Lucas ergueu a cabeça, ofegante. A juba do Leão se agitou quando desviou o olhar do magíster para o Werewolf.

— Todos juntos de novo, então? — rosnou o Werelion.

— Eu sei por que você veio até aqui — disse Drew, ignorando o cinismo do Leão. — Mas me deixe falar com Hector primeiro. Sei que quer se vingar da morte da nossa mãe...

— Ela nunca foi *sua* mãe! — esbravejou o rei. — Aparecer do nada no fim da vida dela fingindo ser seu menino perdido não faz de você filho dela!

Drew viu que o magíster se mexia, colocando a mão para trás, para tirar algo de dentro da roupa.

— Tudo o que é bom sempre chega ao fim — murmurou o Werelion por entre os dentes cerrados, erguendo a Wolfshead.

— Tudo o que é ruim também — rebateu Drew, empunhando a Moonbrand.

— Espero que sua Ursa tenha conseguido descansar em paz. Ela morreu, não foi? Peço desculpas por não ter ficado para assistir, mas ela tinha o mesmo olhar de sofrimento do irmão quando eu o matei...

A Moonbrand atingiu a Wolfshead com tamanha ferocidade que partiu a arma ao meio. A lâmina de aço sturmiano continuou sua trajetória, aterrissando no ombro do Werelion. Lucas rugiu, revidando com um golpe da lâmina quebrada de Mack Ferran no lado esquerdo do peito de Drew. O Werewolf uivou ao sentir o toque da arma do Leão, que feriu o corpo do Lobo. Depois, os irmãos saíram rolando pelo alto da torre, largando as armas e se atracando com dentes e garras. As espadas saíram tilintando pelo chão de pedra.

Lucas conseguiu ficar por cima de Drew. Ele era mais novo, no entanto, mesmo na forma humana, era maior que o irmão. Transformado, a diferença era ainda mais gritante. Os ombros do Leão eram mais largos que os do Lobo, seu peito era amplo e musculoso, e a juba espessa subia desde a garganta. Marcas de mordidas dos mortos-vivos se espalhavam pela pelagem dourada, mas Lucas, perdido em seu furor vingativo, nem se dera conta. O Punho Branco de Icegarden era a única coisa a evitar que as mandíbulas do rei se cravassem na garganta de Drew. O Lobo controlava a distância do oponente usando o cotovelo. O pé do Leão se ergueu, e as garras se cravaram na barriga de Drew, arrancando tiras de pele cinzenta e tentando perfurar suas entranhas.

Mão Negra os rodeava, aos risos. Drew viu o que o magíster pegara de dentro das roupas: um pedaço retorcido e enegrecido de metal que parecia um para-raios. Suas pontas eram afiadas, e o magíster o girava na mão necrosada, esperando sua vez de encarar o Lobo e o Leão. O Boarlord foi até os dois irmãos engalfinhados e usou o bastão como lança, acertando a coxa do Werewolf e puxando-o de volta com a ponta ensanguentada. Foi uma perfuração leve, mas uma dor gelada e lancinante se espalhou a partir do local atingido. Drew tentou ignorar os gritos carregados de sadismo do magíster, bem como o efeito do ferimento sinistro, concentrando todas as suas forças em tentar agarrar Lucas pelo pescoço. As nuvens se abriram no céu, e o luar se espalhou pelo topo da Torre do Osso.

O Punho Branco se acendeu como um farol, apertando com cada vez mais força a garganta do Leão. Drew viu os olhos de Lucas se arregalarem enquanto os dedos afiados se cravavam em sua carne, perfurando-lhe a pele. Toda a dor e a raiva de Drew se concentraram naquele braço, todo o ódio por tudo o que lhe tinha acontecido, por tudo o que precisara suportar. O Leão levou as patas à garganta e começou a retomar a forma humana, agarrando a manopla de aço sturmiano com suas mãos rosadas. Drew o sacudiu, rosnando, enquanto lágrimas escorriam pelo focinho do Lobo. Mão Negra gargalhava atrás dele.

— Acabe com ele, Wolflord! Quebre seu pescoço! Faça isso para eu poder ressuscitá-lo!

As palavras terríveis de Mão Negra reverberaram nos ouvidos de Drew, tirando-o de seu frenesi assassino e trazendo o rapaz da Costa Gélida à tona outra vez. Um jovem loiro e desganhado estava sendo esganado pelo Punho Branco, os olhos se revirando no rosto. Drew aliviou a pressão, deixando que

Lucas fosse ao chão, a respiração gorgolejante. O Werewolf se voltou para o magíster, que fechou a cara.

— Que tipo de Werelord é você, incapaz de matar esse vilão? Este é o Leão! A fera que tirou tudo de você!

Hector atacou outra vez com o para-raios, mirando a barriga do Werewolf. Drew se esquivou e o segurou com o Punho Branco. Qualquer que fosse o poder sinistro que seu velho amigo Boarlord tinha a seu dispor, Drew se deu conta de uma coisa: a fonte era aquele bastão. Onda após onda de magia sinistra invadiu seu corpo, emanando diretamente do magíster. A manopla encantada brilhou em um tom de cinza, sua luz natural ofuscada pelo fogo escuro emitido por Mão Negra. Drew caiu de joelhos, sentindo suas energias sendo sugadas através da luva de aço pelo para-raios. A pelagem cinzenta que cobria seu corpo recuou, os músculos começaram a se encolher, e todo o poder fornecido pela lua foi se transferindo para Mão Negra. O magíster bufou e guinchou. As presas apareceram em seu rosto pálido e suado quando ele riu, em plena transformação, o corpo estalando e ganhando musculatura à medida que o Javali tomava forma.

— Que poder! — gritou o magíster. — Hector, está vendo isso? Consegue sentir, irmão?

As palavras estranhas de seu velho amigo não passaram despercebidas a Drew. “Irmão? Então é *Vincent* quem está no controle de Hector!” Drew tentou soltar a barra, mas o Punho Branco não se movia. Era como se estivesse soldado ao metal retorcido. Ele voltara a ser humano. O Lobo estava longe de seu alcance, e a manopla, inutilizada. Drew ofegava, tentando resistir à magia que Mão Negra lhe aplicava.

— Pode rosnar à vontade, pequeno Lobo! Veja só você... é um nada! — comentou Mão Negra. — Esse Punho Branco não serviu para muita coisa, não é?

— Eu tenho outro — rebateu Drew. Sua mão direita fechada atingiu o magíster no queixo, fazendo Hector voar pela plataforma, arrancando a barra do Punho Branco. O Boarlord aterrissou perto da beirada da torre, batendo a cabeça no parapeito em ruínas com um estalo forte.

Drew se levantou, cambaleante, quase arrastado pelo vento para a escuridão da noite. Uma movimentação detectada com o canto do olho fez os pelos de sua nuca se eriçarem. A fera dentro dele pressentiu a aproximação do perigo, mas seus reflexos estavam lentos. O aço partido da Wolfshead o atingiu de novo, cravando-se em seu ombro. Ele caiu para a frente, sentindo a

espada deslizar para fora do corpo enquanto desabava sobre o chão de pedra. Ao olhar para cima, viu Lucas parado a seu lado. O olhar do jovem loiro parecia o de um louco, e um sorriso perturbado ameaçava partir seu rosto em dois. As mechas de cabelo em desalinho caíam sobre sua testa, grudadas ali devido ao suor. Lucas atacou com a lâmina quebrada várias vezes, ameaçando desferir o golpe fatal a qualquer momento. Drew rolava de um lado para o outro a fim de se esquivar, mas apenas adiava o inevitável, pois sua resistência diminuía a cada segundo.

— Lucas.

A voz da garota veio de trás do rei, repentina e surpreendente. O Leão se virou para encará-la e ficou imóvel por um instante, como se a raiva que o possuía tivesse se dissipado. A espada quebrada caiu de sua mão e desabou sobre o piso de pedra. Ele estava cara a cara com Gretchen, a jovem de cabelos de fogo que lhe fora prometida. Os olhos verdes dela faiscavam. Ele baixou a cabeça. Ela segurava nas mãos a ponta quebrada da galhada de um jovem Staglord, manchada com o sangue de Lucas. O buraco no lado esquerdo do peito do Leão fazia a vida se esvair de seu coração aberto. Lucas cambaleou para trás, afastando-se do local onde Gretchen estava, diante da escada, e balançou a cabeça, incrédulo, aproximando-se da beirada da torre. Seus calcanhares bateram no parapeito, projetando seu corpo para a escuridão da noite.

Gretchen correu para socorrer Drew, que fazia terríveis caretas de dor. Sentia-se morto por dentro, com o coração e a alma vazios. A Werefox o abraçou, murmurando palavras de tristeza, alívio, lamento e alegria, mas ele não ouvia nada. Olhou para o corpo caído do Boarlord. Apertando os antebraços de Gretchen, apontou com o queixo para Mão Negra. A forma do Javali desaparecera, dando lugar a um rosto pálido e humano.

— Drew? — murmurou o magíster, em um tom que em nada lembrava o das palavras venenosas que emitira antes. — Você voltou para mim, meu velho amigo.

Hector chorava, as lágrimas escorrendo pelo rosto pálido. Ele estendeu as mãos, oferecendo um abraço ao amigo. Quando seus olhos notaram a mão enegrecida, ele hesitou e estremeceu, sentindo a pele estalar ao flexioná-la. Drew notou que os ossos ameaçavam rasgar a carne necrosada a qualquer momento. O olhar de Hector se voltou para o velho amigo.

— Era Vincent — ele murmurou. — Não venho sendo mais eu mesmo desde que você partiu, Drew. Foi uma coisa atrás da outra. Fiz um monte de

escolhas erradas. Onde você estava? Eu precisava de você.

— A Lyssia precisava de você, Hector — rebateu Drew quando os dois se viram agachados frente a frente. — Pensei que você estivesse a salvo em Highcliff.

— O perigo estava dentro de mim — suspirou Hector. — Era a magia, a arte dos magísteres, a comunhão. Quando tomei esse caminho, não consegui mais voltar. Só quando você foi embora percebi quanto precisava de sua presença.

— E eu da sua, meu amigo.

Os dois jovens se abraçaram no alto da torre, com Gretchen chorando logo atrás.

— Você era minha bússola moral, Drew.

— E você era quem punha as coisas em perspectiva para mim, Hector — respondeu o Wolflord com um sorriso tristonho enquanto se levantava. — Você me ensinou tanta coisa... sobre o mundo, sobre os Werelords, sobre o que esperavam de mim. Você amenizou o caos que existia em mim, meu amigo. Me tornou uma pessoa melhor.

Drew se afastou, desaparecendo brevemente atrás de Gretchen. Quando voltou, estava com a Moonbrand em punho.

— O que está fazendo? — questionou a Raposa de Hedgemoor.

— O que precisa ser feito — disse Drew, aproximando-se do local onde estava o Boarlord, ainda no chão.

— Você não pode fazer isso — falou Gretchen, a voz repleta de desolação, horror e raiva.

— Não só pode como vai — retrucou Hector. — Vincent vai voltar. Estou sentindo a presença dele de novo. Ele é quem tem o poder sobre este corpo. Já não estou no comando há muito tempo. O dono deste saco de ossos é o vil.

— Tem que existir um outro jeito — argumentou a Werefox. — Não faça isso, Drew. Whitley queria que você salvasse Hector, lembra? Queria que você o curasse.

Drew olhou para os olhos vermelhos de choro da jovem. Sentiu o peso da Moonbrand na mão, observando as chamas brancas percorrerem a arma.

— É assim que vamos salvá-lo, Gretchen. É a única cura, não entende?

Ela se virou, incapaz de continuar olhando quando Drew se posicionou ao lado do amigo. Hector continuou ajoelhado, os braços abertos, derrotado.

— Você lembra? — perguntou Hector. — Muito tempo atrás, conversamos sobre este momento.

— Ah, é?

— As profecias sempre destacaram este dia. Os Sete Reinos em frangalhos, uma batalha entre irmãos, mortos andando sobre a Terra, um Defensor da Luz contra a Noite. Sempre pensei que eu fosse ser esse defensor. Que tolice a minha, que imaginação fértil... Mas veja só você, com o Punho Branco de Icegarden! Combina com você. No fim, eu era o outro lado da batalha — ele falou, olhando para o membro retorcido. — Eu era a Noite. — Os olhos de Hector se voltaram para o Wolflord. — Quem poderia imaginar que essas profecias infelizes nos trariam para cá, não é?

Drew tentou sorrir, mas sua testa estava franzida, e as lágrimas escorriam de seus olhos.

— Vejo você à mesa de Brenn — murmurou o Boarlord de Redmire, fechando os olhos. — Amo você, Drew Ferran, meu rei, meu irmão, meu melhor amigo.

Drew fungou e ergueu bem alto a espada branca.

— Que Brenn me perdoe.

A Moonbrand zuniu no ar.



8

O último adeus

O vale do Robben era um território pouco povoado entre Sturmland e as Dalelands, e nada digno de nota tinha acontecido antes naquele local. As poucas pessoas que o habitavam eram pastores que remontavam a muitas gerações. Em um vale tranquilo, à beira de um lago de águas mansas, levavam uma vida sem grandes sobressaltos. Tudo isso mudou quando a guerra chegou ao norte e a batalha dos Sete Reinos se desenrolou bem debaixo do nariz deles. Pela primeira vez na história pacífica de Robben, o vale ameno e verdejante tinha sido o centro das atenções. Mais especificamente, fora o palco da maior celebração que a Lyssia já testemunhara.

Os participantes da guerra eram muitos e variados e, nos anos seguintes, contariam por todos os cantos do reino que estavam lá naquele dia. Werelords das casas mais nobres estavam ali representados, em especial os da Dyrewood, das Barebones e das Longridings. Os transmorfos de pele clara de Sturmland haviam atendido ao chamado, e Ursos e Lobos de pelagem branca tinham lutado lado a lado, como nos velhos tempos. Até mesmo os Lords das Dalelands ainda vivos haviam aparecido, liderados pelo barão Mervin. O Gato Selvagem de Robben recuperara sua antiga reputação, enfrentando os adversários mais ferozes na linha de frente e sobrevivendo enquanto muitos sucumbiam. Mas não se tratava de uma guerra vencida pelos gloriosos transmorfos, por mais colossal que tivesse sido o esforço deles. Os verdadeiros vitoriosos eram os humanos.

Os Werelords eram abençoados por Brenn com algo próximo da

imortalidade. Viviam por longos anos, muitíssimo mais que os humanos. Poucas coisas eram capazes de feri-los além da prata, da magia e das garras e presas de outros transmorfos, embora um golpe direto no coração provavelmente fosse capaz de matá-los de modo instantâneo. Com uma resiliência sobrenatural, os lendários Lords dos Setes Reinos eram capazes de encarar a batalha com uma segurança que os humanos jamais teriam.

No entanto, três humanos haviam se embrenhado no vale mais que qualquer Werelord, infiltrando-se nas linhas inimigas e enfrentando o Alto Lord Oba, o Werepanther de Braga.

Houve muitas vitórias notáveis naquela noite — a do conde Vega no rio, a do duque Manfred na várzea, a do rei Faisal na beira do lago e a do barão Mervin na vanguarda —, mas todas perdiam o brilho diante da queda de Oba. O Pantherlord despencara nas pedras das cataratas do Robben por obra de um arqueiro de Sturmland, um bandido reabilitado e uma menina órfã da região mais pobre de Highcliff. Os três eram humanos e tinham sido os vitoriosos mais celebrados nos dias, semanas e meses que se seguiram.

Fry, Carver e Pick seriam lembrados por muito tempo depois que partissem para o sono eterno. Nos primeiros dias, com a guerra vencida e os prisioneiros acorrentados, as pessoas viajavam de longe só para conhecê-los. Jovens e velhos, por mais frágeis e temerosos que estivessem, todos queriam estar lá para celebrar seus semelhantes e incentivar os bravos heróis da batalha dos Sete Reinos. Os que não puderam fazer a viagem diziam ainda assim que haviam estado lá, repetindo a mesma história tantas vezes que convenciam a si mesmos de que contavam a verdade. A mentira se tornou mito, e então fato. Os primeiros cronistas escreveram que cinquenta mil almas tomaram parte na batalha final. Ao longo dos anos, esse número foi multiplicado por dez.

Drew caminhava por entre a multidão eufórica, as palavras de Bergan ressoando em seus ouvidos. O duque fora o primeiro com quem falara ao chegar ao acampamento, montado em Bravura. O cavalo conseguira encontrar o caminho de volta pelos campos cobertos de neve além das muralhas de Icegarden, depois de fugir dos mortos que infestavam a cidade do Urso Branco. O restante da comitiva de Drew ainda marchava para o acampamento de guerra do Lobo. Ele esperava que os encontros com os mortos tivessem se encerrado. Os Filhos da Chama Azul podiam ficar com Icegarden, por ora. Mais tarde, os aliados de Drew poderiam voltar em maior número para acabar com o que restara da sinistra presença de Mão Negra na

cidade. Em algum momento, os sturmianos voltariam para casa. Se conseguiram superar os horrores que os tinham abatido, era outra história.

O conde Carsten viera voando na frente, carregando Whitley de volta para o pai. Quando Drew chegou, em meio a um coro de gritos e saudações, sentiu o estômago revirar. Cada passo de Bravura o transportava para mais perto do encontro com o Bearlord. Mas a conversa que se seguiu não foi a que ele esperava.

— Ela foi até lá por vontade própria, Drew — disse o duque, com o coração partido, dentro de sua barraca. Whitley estava deitada e vestida como uma lady da Lyssia. Lady Greta e Miloqi a haviam preparado para a viagem de volta a Brackenholme. — Não culpo você, meu garoto. Você a teria impedido, assim como eu, se soubesse quais eram suas intenções. Ela agiu por amor, rapaz. E não morreu em vão... salvou os amigos, que ajudaram a salvar o reino.

Os dois se abraçaram, longe dos olhos da multidão que cantava e vibrava do lado de fora da barraca.

— Sua presença é muito necessária lá fora, rapaz — disse o Bearlord em meio às lágrimas. — As pessoas precisam ver você, precisam saber que ainda está vivo. Erga a cabeça, Drew Ferran. Sorria e acene para o povo, ainda que esteja de coração partido. É assim que fazem os reis.

Drew saiu da barraca para cumprimentar aqueles que haviam lutado em seu nome, aceitando sua adulação e seu amor. Sorriu e brindou por todo o acampamento, apesar de se sentir arrasado por dentro.

Tinham vencido, contrariando todas as possibilidades. A Lyssia estava livre de novo. Sua esperança era de que os Sete Reinos jamais fossem escravizados novamente pelos Catlords de Bast. O trajeto para o encontro com Bergan fora duro, e a caminhada que fazia no momento era igualmente difícil. Não estava mais montado em Bravura. Foram os próprios pés que o conduziram pela beira do rio até o grande navio escuro encalhado nas águas rasas, o casco arrebatado.

Drew subiu a prancha baixada no barranco. Enquanto todos ao redor celebravam, o *Turbilhão* estava em silêncio. O navio estava tombado como um bêbado, as velas penduradas e agitadas pela brisa. A tripulação não estava por lá. Sem dúvida comemorava, assim como todas as outras almas de Robben. Quem poderia culpá-los por isso? Os homens do navio pirata tinham sofrido mais que a maioria deles durante a guerra. Era justo que pudessem brindar e cantar sua vitória.

Figgis esperava Drew no alto da prancha. O velho pirata balançou a cabeça quando o Wolflord se aproximou. Era um dos homens mais durões que Drew conhecera. Seu corpo pequeno escondia uma força e uma determinação que eram a razão de ter sobrevivido tanto tempo em uma profissão tão perigosa. O rosto marcado do homem estava mais carrancudo que o habitual, e o jovem Lobo notou uma lágrima escorrendo de seu olho. Drew fez uma pausa e apertou o ombro do marujo em um gesto solidário. Em seguida tomou o rumo da escotilha, descendo os degraus que levavam à cabine do capitão.

Vega não estava sozinho. O duque Manfred estava parado à porta, com Bo Carver a seu lado. A precoce batedora de carteiras Pick estava de mãos dadas com o Lord dos ladrões, a tristeza estampada no rosto. Miloqi e Mikotaj aguardavam nas sombras do outro lado, escondidos atrás da porta aberta. O enorme Lobo branco soltou um grunhido de reconhecimento ao notar a chegada de seu primo distante. Eric Ransome, capitão do *Nêmesis*, a nau de guerra bastian, fez uma saudação para Drew, um gesto cansado e desprovido de ânimo, seus olhos estavam voltados para a figura deitada na cabine.

O barão Eben se levantou do pé da cama, fechando as fivelas da maleta de remédios. O jovem magíster andara ocupado, sobretudo a bordo do *Turbilhão*. Lady Shah e Casper estavam sentados do outro lado da cama, aparentemente dormindo. Eben pigarreou ao ver Drew.

— Pode entrar — disse o Ramlord de Haggard. — Acho que alguns de nós já podem sair. A hora está próxima.

Ele acenou para Drew ao passar pelo jovem. O Lobo branco e Ransome o seguiram para fora. Carver se virou para segui-los, mas Pick largou a mão dele e correu para a cama. Ela abraçou Casper, que ficou surpreso com a demonstração de carinho, erguendo os dedos trêmulos para acariciar os dela antes que a garotinha saísse da cabine. Carver olhou para trás, a seriedade tomando todo o seu rosto.

— Adeus, velho amigo — disse o Lord dos ladrões. A serpente tatuada em seu rosto oscilou quando ele o franziu. Depois disso, saiu da cabine atrás da menina. Apenas Manfred permaneceu, a cabeça envolta por bandagens e o rosto tão machucado que estava quase irreconhecível. Drew caminhou até o leito do capitão.

Vega não estava morto, pelo menos ainda não. O Sharklord tinha mais alguns suspiros para gastar antes do derradeiro. Eben passara horas a seu lado depois de o Tubarão ter sofrido as fatídicas punhaladas, mantendo-o vivo e respirando por tempo suficiente para que Drew pudesse vê-lo. O Wolflord se

pôs ao lado de Shah. A Hawklady de Windfell ergueu a cabeça, os olhos cinzentos imóveis, porém secos. Talvez já tivesse chorado tudo a que tinha direito.

— Estou sentindo o cheiro de um Lobo em meu navio? — resmungou Vega, o peito chiando e as pálpebras oscilantes. Sua pele estava absurdamente pálida. O famoso sorriso apareceu em seu rosto quando ele viu o jovem licantropo.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou Shah. — É só me dizer que eu faço, Vega.

O Sharklord ergueu a mão e acariciou o belo rosto da Hawklady.

— Quero conversar um pouco com meu amigo Drew Ferran, meu amor — ele falou. — Leve Casper. Vá esticar um pouco as pernas. Não tenha medo; não vou a lugar nenhum. Não ainda.

Ela segurou a mão dele junto ao rosto, passando as juntas dos dedos nas bochechas antes de soltá-la. Casper se aproximou e abraçou o pai, de forma suave porém firme, mantendo-se assim por um tempo. Shah tocou as costas do filho e o puxou para trás lentamente.

— Venha, Casper — ela murmurou. — Você ouviu seu pai. Vamos voltar daqui a pouco.

O menino se afastou com a Hawklady, olhando para trás o tempo todo, até desaparecer porta afora. Drew então se sentou na beirada da cama, fazendo o colchão estalar sob seu peso.

— O que posso fazer por você, amigo? — ele perguntou, forçando um sorriso para Vega.

— Foi uma tremenda aventura, não foi? Quem poderia imaginar que terminaríamos aqui, hein?

— Lamento por não estar aqui.

— Agora você está.

— Mas poderia ter feito mais — comentou Drew, entristecido. — As coisas foram por água abaixo bem rápido.

— Por água abaixo? Vencemos a guerra, Drew Ferran. Os Sete Reinos estão livres de novo. Você é o orgulho da Lyssia, rapaz.

Drew deu de ombros.

— Muita gente colaborou para isso. Ninguém mais do que Carver.

— Sim, ele é um homem de fibra — disse o Sharklord. — E pensar que houve quem duvidasse quando sugeri que pedíssemos a ajuda dele! — Vega olhou para Manfred, parado junto à porta. O Staglord bufou.

— Se você bem se lembra, Vega, o homem estava acorrentado e era um prisioneiro da Westland na época.

— Um prisioneiro de Leopold, Manfred — corrigiu o Sharklord. — Lembre-se: o criminoso de um é o combatente da liberdade de outro.

— Está sempre procurando brechas, não é, Sharklord? — sorriu Manfred, incapaz de discutir com o amigo em um momento tão triste.

— Estou sempre procurando o que existe de melhor nas pessoas, Cervo. E encontrei isso em você, não encontrei?

Manfred deu uma risadinha, e Vega sorriu, mas de repente foi acometido por um acesso de tosse. Drew pegou um copo de água ao lado da cama e o levou à boca do conde, que bebeu o líquido com vontade. Ele estalou os lábios e recostou a cabeça no travesseiro.

— Vou abdicar — avisou Drew com um sussurro.

— Vai fazer o quê? — suspirou Manfred.

— Não quero a Westland, nunca quis. Não sou um rei e nunca vou ser.

— Você liderou nosso povo na guerra, rapaz. Se isso não faz de você um líder, o que fará?

— Não disse que não sou um líder, Manfred. Sei reconhecer uma luta justa quando vejo uma. Liderei os Sete Reinos contra os bastians com um objetivo: libertar um povo oprimido, um povo sob o jugo de outros que se julgavam melhores do que nós.

Manfred fez um gesto negativo com a cabeça, mas foi Vega quem se manifestou.

— Quer dizer que vai entregar tudo para eles, não vai? — questionou o Tubarão.

— Eles? — perguntou o Cervo, confuso.

Drew se virou para Manfred, que se aproximara do pé da cama.

— A humanidade deve ficar com a Westland. Foi uma conquista merecida. Liberdade em todos os sentidos, inclusive do domínio dos Werelords.

— Isso é algo jamais visto...

— Mas é o que vai acontecer — disse Vega, interrompendo o Cervo. — Isso é mesmo uma surpresa para você, Manfred? Sempre soubemos o que o garoto pensa. Você nunca escondeu sua opinião sobre isso, não é mesmo, rapaz?

Drew balançou a cabeça em concordância.

— Pode pôr a culpa no fato de eu ter sido criado por humanos, se quiserem. Mas sei que é a coisa certa a fazer.

— Sabe que existem pessoas que aceitam de bom grado ser governadas por Werelords, não sabe?

— Sei, e elas podem ficar à vontade para exercer a servidão em qualquer um dos outros seis reinos, mas na Westland não vai haver senhores. E aqueles que vivem em uma terra governada por transmorfos devem ter a liberdade para buscar uma nova vida no oeste, se quiserem. É uma via de mão dupla, Manfred.

O Staglord assentiu, resignado.

— E quem governaria essa nova terra?

— Carver, Fry, Ransome — disse Vega. — Existem muitos que podem formar um governo por lá.

— Era isso que eu estava pensando — concordou Drew. — Homens e mulheres de coragem que provaram seu valor aos olhos de toda a Lyssia.

Manfred começou a assentir com maior vigor à medida que ia se convencendo da ideia.

— Esses três fizeram por merecer uma posição no governo.

— Se eles quiserem — falou Drew. — Lembre-se: não é todo mundo que nasceu para governar. — O destino de Drew o colocara no poder, como um líder para os Sete Reinos, mas em seu íntimo ele ainda era um pastor da Costa Gélida.

— Lamento muito por Whitley, garoto — disse Vega.

Manfred se aproximou, colocando a mão na cabeça de Drew em um gesto paternal. O Wolflord ficou comovido com o gesto de solidariedade, mas tentou não demonstrar. Já estava precisando se esforçar demais para encarar Vega sem chorar. Falar sobre a jovem de Brackenholme podia levá-lo além de seu limite.

— E lamento muito por Djogo — respondeu Drew.

— Eu sei — falou Vega, fazendo uma careta. — Quem poderia imaginar que ele seria capaz de me ferir? Nunca nem falei com o sujeito.

— Por que ele fez isso? — Drew quis saber.

Vega sorriu.

— Acho que foi Opal quem o convenceu. Ela nunca me perdoou pelo papel que tive em sua traição aos parentes. Não era segredo nenhum que o homem era apaixonado por Shah. E estava na companhia de Opal desde que ela fora mandada para Azra. Desconfio que as palavras dela tenham envenenado seus ouvidos.

— Não consigo deixar de me sentir culpado — disse Drew, fungando um

pouco.

— Bobagem — falou Vega, o suor brotando no rosto contorcido pela dor. — Não guardo nenhum rancor de Djogo. O coitado foi usado por ela, e isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Não é possível levar uma vida como a minha sem fazer inimigos pelo caminho. Acho que existe uma bela fila de gente que queria me ver morto. Talvez o desejo deles vire realidade, não?

— Djogo foi capturado?

— Não — contou Manfred. — Ainda está à solta. Assim como Opal. Existem outros que também não foram localizados nas fileiras dos inimigos. Vanmorten, por exemplo.

Um rosnado se fez ouvir da garganta de Drew. O Ratlord sempre parecia dar um jeito de escapar quando precisava pagar por seus crimes.

— Você ainda tem disposição de sobra, rapaz — disse Vega, segurando o Punho Branco de Icegarden com as duas mãos. — Isso é bom. Siga em frente. Está abrindo mão da posição de rei, mas não de sua vida.

— Ainda tenho trabalho a fazer — revelou Drew. — A guerra está ganha, mas ainda existem batalhas a enfrentar.

— Vou estar do seu lado — anunciou Manfred solenemente, batendo na armadura com o punho fechado.

— Você tem sua família, Alteza — disse o Lobo. — Estão todos à sua espera em Stormdale, os que sobreviveram. Precisa ficar ao lado deles.

O Cervo murmurou uma objeção não muito convicta. Queria mais do que nunca estar com sua gente, principalmente depois de ter perdido o caçula na guerra.

— Eu gostaria de estar a seu lado — comentou Vega —, mas acho que não tenho como me juntar a você. Meu navio já zarpou.

Drew passou a mão na testa de Vega, afastando os cabelos molhados de suor.

— Não precisa ficar tão triste — disse Vega. — Se não fosse você, eu nunca reencontraria Shah. Jamais teria conseguido reunir meu menino com sua mãe.

— Mas vocês mereciam passar um tempo juntos. O destino juntou vocês por alguma razão.

— O destino é um bichinho sem-vergonha, não é? — riu-se o Sharklord. — Não, está na hora de o príncipe dos piratas das Ilhas Cluster fazer sua viagem final, Wolflord. — Ele ergueu a mão e apertou o ombro trêmulo de Drew. — Foi uma honra servir a você, Drew Ferran. O fato de ter se

arriscado e confiado em um velho peixe traidor como eu me mostrou que nunca é tarde demais; que nenhuma alma jamais se perde totalmente.

— Adeus, conde Vega — disse Drew, cedendo e deixando as lágrimas caírem. — Vejo você na mesa de Brenn para um belo banquete algum dia.

— Só daqui a um bom tempo, rapaz — respondeu Vega, recostando-se no travesseiro e fechando os olhos. — Só daqui a um bom tempo mesmo.

PARTE VII

O preço





1

A garota na árvore

Três meses tinham se passado desde a batalha dos Sete Reinos, e o verão se tornou outono em toda a Lyssia. As Longridings foram recuperadas pelos Horselords, e as Barebones voltaram para a proteção dos Staglords de Stormdale. As montanhas do sul estavam mais seguras do que nunca, com os olhos cautelosos de conde Carsten e seus Hawklords vigiando tudo com a ajuda de seu ancestral de Windfell. As Dalelands tiveram uma colheita abundante, e seus produtos navegaram tranquilamente pelo Redwine até Highcliff, e de lá para o restante do continente. O Conselho de Humanos mudou o destino de seu reino, fazendo a Westland renascer com o Alto Governador Carver e o general Fry na liderança, além do almirante Ransome patrulhando o Mar Branco por toda a Costa Gélida.

A paz permanecia sob ameaça, com os velhos vilões sempre por perto. Apesar de não ser mais o xerife das Terras Áridas, Muller assumira o controle da Guilda dos Ladrões de Highcliff. E não estava sozinho. Havia boatos de que o bandido reabilitado Ibal retornara à vida do crime, tornando-se uma espécie de sócio silencioso — embora risonho — de Muller. As Ilhas Cluster continuavam um mundo de águas indomáveis sem lei. Os piratas que as consideravam seu lar não perderam tempo em retomar seus negócios, tanto os legítimos quanto os ilegítimos. O barão Bosa foi elevado ao posto de comissário de Angra do Veleiro. O Werewhale ficaria no trono até que um ocupante legítimo pudesse ser encontrado. Poucos acreditavam que ele tivesse alguma intenção de fazer de fato essa busca. Os outros reinos ainda estavam em dificuldade. Em Sturmland, o inverno cruel se aproximava, e a

cidade de Icegarden ainda não estava sob o controle dos Ursos Brancos. Os mortos-vivos continuavam reinando dentro das muralhas congeladas. Talvez na primavera os sturmianos pudessem tomá-la de volta.

O vasto Reino da Floresta era o terreno selvagem que sempre fora, lar de todos os tipos de perigos sinistros. As estradas Dymling e Dyre não estavam mais infestadas de trepadeiras e cipós e não eram mais temidas por humanos e transmorfs, como nos tempos do rei Leopold. As corajosas almas dos Sentinelas da Floresta e do povo nômade dos romaris as haviam tomado, criando assentamentos ao longo dos caminhos que ofereciam abrigo contra os predadores da Dyrewood. Os principais lugares entre esses refúgios ainda eram Darke-in-the-Dyrewood e Brackenhholme, lar dos Bearlords da floresta ancestral. As defesas da cidade estavam refeitas, e o comércio fora retomado. Folhas marrons, vermelhas e amareladas do outono cobriam as estradas desgastadas.

Apesar de as luzes terem voltado à Dyrewood, o mal ainda espreitava os portões de Brackenhholme.

Drew foi até o armário e tirou o manto verde do cabide. Jogou-o sobre os ombros e o prendeu sob o queixo com o broche com o símbolo da Wolfshead, olhando-se no espelho.

— Nada mau para um Sentinela da Floresta — disse para si mesmo.

— Eles aceitam qualquer um hoje em dia — comentou Bergan, provocando um sobressalto. Drew se virou e deu de cara com o Bearlord à porta de seu quarto, com um sorriso sob o grosso bigode.

— Aqui em Brackenhholme não se bate na porta?

— Você está na minha casa agora, garoto. Não pense que aqui se trancam portas ou coisas do tipo.

Bergan sorriu quando Drew apanhou sua bolsa ao pé da cama. A cama de Whitley. O jovem lobo fez uma pausa, correndo os olhos pelo cômodo.

— Foi assim que ela deixou?

— Praticamente. — Bergan suspirou. — Ela nunca teve muitas coisas de menina na vida. Tinha um guarda-roupa cheio de vestidos caros que nunca usou. “Deixe isso para meninas como Gretchen”, era o que ela dizia. Seu coração pertencia aos Sentinelas da Floresta. E a você, claro.

Drew foi até o velho duque e o abraçou. Os meses anteriores tinham sido estranhos. Virando as costas para o restante da Lyssia, Drew voltara a Brackenhholme com o Bearlord. A floresta era o único lugar dos Sete Reinos onde se sentia em casa.

— Era para cá que eu e ela viríamos, Bergan. Queríamos que Brackenholme fosse nosso lar.

— E é o seu lar, Drew, hoje e sempre. A bênção que você e Whitley receberam em Robben só confirmou aquilo que eu já sabia. Fazemos parte da mesma família, Drew, eu e você. E eu o amo como se fosse meu filho, nunca se esqueça disso.

O jovem assentiu e sorriu, jogando a mochila sobre o ombro.

— Tem certeza de que não quer minha companhia? — perguntou o Urso.

— Você já ficou longe de sua gente por tempo demais — respondeu Drew.

— Deixe esse trabalho para os Sentinelas da Floresta. Quem precisa acertar essas contas sou eu.

Os dois saíram do quarto, marchando pelo Salão de Brackenholme a caminho das gaiolas de bambu que os levariam para a superfície mais abaixo. O duque ainda não se despedira dele, pois acompanharia Drew até os portões da cidade. A Guarda Ursina escoltou a dupla até o elevador, e com as roldanas em movimento eles começaram a descer pelo tronco do Grande Carvalho.

Nos locais em que Brackenholme fora reduzida a uma pilha de carvão e cinzas fumegantes, novas casas, hospedarias e lojas tinham sido erguidas. O trabalho ainda estava em andamento, e demoraria anos para que a cidade retomassem de fato sua antiga glória. Mesmo assim, a visão do povo trabalhando duro, cheio de disposição e esperança, era motivo de grande alegria para os transmorfos.

— Encontro você no portão da Dyre — disse Drew quando saíram do elevador e pisaram no solo. — Preciso fazer uma coisa antes.

— Você vai vê-lo, não vai? Bom, talvez seja uma boa ideia passar pela Faia Rainha primeiro — comentou o Bearlord. — Tem uma coisa lá que vai querer ver.

Drew acenou e se afastou, sem entender o que o duque queria dizer. Bergan sabia quem o jovem estava indo visitar — o jovem Lobo era um escravo da rotina —, mas desejava que ele passasse pela árvore morta primeiro. Drew foi andando pela rua, sorrindo para o pessoal da cidade e para os romaris, que o reconheciam, retribuindo com acenos e saudações. Passou sob os galhos do Carvalho Branco, a enorme árvore pálida que abrigava a Casa da Cura, e se encaminhou para o que restara da Faia Rainha.

A enorme árvore perecera durante a batalha de Brackenholme, tendo as raízes devoradas pelo fogo, restando dela apenas um tronco preto e retorcido,

além de uma pilha gigantesca de cinzas. Com carinho e dedicação, os romaris tinham posto mãos à obra, removendo a casca carbonizada e a madeira queimada, revelando assim a madeira ainda boa que havia por baixo. Os artesãos então pegaram seus cinzéis e seus martelos e entalharam um memorial dedicado àqueles que haviam perdido a vida na guerra, não só em Brackenholme, mas por todos os Sete Reinos.

Drew se manteve em silêncio, observando as cenas e os rostos que adornavam a belíssima escultura. Seu velho amigo Rufus Rubro estava lá, as asas entalhadas eternamente abertas, mas não foi o Hawklord que atraiu seu olhar. Ele já vira a escultura muitas vezes, mas havia uma nova imagem retratada ali. A semelhança era notável. Drew soltou um suspiro, dando um passo inseguro à frente.

— Sinto sua falta, Whitley, em todas as horas do dia — ele murmurou, erguendo a mão e passando os dedos no rosto de madeira perfeitamente polida. — O mundo está vivo e pulsando a meu redor, mas eu estou no limbo, perdido sem você. Como seguir em frente? Por favor, meu amor, me diga.

O rosto de Whitley permaneceu imóvel, obviamente. Sua expressão estava congelada no tronco da enorme árvore para sempre, mas naquele momento algo estranho aconteceu. Nuvens passaram pelo céu, escurecendo momentaneamente a cidade e lançando uma sombra sobre o rosto da Bearlady, cujas feições se transformaram diante dos olhos de Drew. Por um instante, ela pareceu sorrir para ele, e o coração do Lobo se acelerou.

— Curioso, não, o que acontece no rosto dela com a mudança de luz... — disse uma voz familiar ali perto. — Por outro lado, ela sempre foi uma pessoa surpreendente.

Com lágrimas nos olhos, Drew se virou e viu Yuzhnik encostado na escultura. O romari estava sem camisa, o peito largo ainda coberto de suor e serragem. Um cinto de ferramentas estava preso ao redor de seu quadril. A imagem de Whitley era obra do gigante.

— Sempre foi mesmo — respondeu Drew, maravilhado com a habilidade do homem. — Ficou incrível. Nem sei o que dizer. Não existem palavras para expressar o que isso significa para mim.

— Não fiz isso para ganhar sua gratidão, Drew. Mas gostaria que fizesse uma coisa por mim e pela memória de Whitley. — Ele se aproximou do jovem e pôs as mãos nos ombros dele. — Viva, rapaz. Não se afunde no sofrimento até o dia de se juntar a ela. Whitley não iria gostar disso. Faça sua vida valer a pena.

Drew levou a mão e o Punho Branco de Icegarden aos antebraços poderosos de Yuzhnik, assentindo com a cabeça. O sol voltara a brilhar. Deu mais uma olhada em Whitley, beijando a ponta dos dedos e tocando os lábios dela antes de retomar seu caminho.

Ele estava em Brackenholme fazia nove semanas, e não se passava um único dia sem que visitasse seu hóspede na Árvore da Guarnição. Drew atravessou a cidade rumo à enorme árvore escura, com seus galhos desfolhados apontando para o céu como dedos esqueléticos. A ironia de ser aquela a residência escolhida não passou despercebida a Drew. Os Sentinelas da Cidade o saudaram com o respeito reservado a um capitão dos Sentinelas da Floresta. Ficara relutante em aceitar o título, mas era impossível negar a estima que os soldados lhe dedicavam. “Aqui foi meu lar também certa vez”, o Lobo pensou enquanto subia a gigantesca escadaria em espiral, passando pela cela em que fora jogado muito tempo antes, em sua primeira visita a Brackenholme.

Enquanto subia, pensou nos amigos. Taboo, Krieg e Beemote tinham voltado a Bast na companhia de Tiaz. Sem dúvida nenhuma, a guerra os esperava, pois os Catlords ainda precisavam disputar a supremacia no continente da selva. Os Tigres estavam em melhor situação para isso, pois contavam com o apoio dos povos libertados de Bast. Drew desejava que estivessem bem e rezava para que voltassem a se encontrar algum dia. De Opal, ninguém tinha notícias. E quem poderia saber por onde andava Djogo? Quanto aos derrotados Werelords de Bast, como o conde Costa, e Lex e Luc, os Lionlords, tinham sido mandados para casa em liberdade. Drew esperava que essa anistia apaziguasse as Panteras e os Leões, mas temia pelo pior.

Faisal estava de volta a Omir, governando o Reino do Deserto. Hayfa e os Doglords ainda eram uma pedra em seu sapato, e sempre seriam. Porém, o Chacal sabia que Drew sempre seria seu amigo e que, em caso de necessidade, o Lobo iria correndo em seu socorro. Os fíbios dos Brejos de Bott haviam voltado para a água sem seu líder, Shoma, que morrera na batalha travada no rio. Kholka assumira seu lugar. Os homens-sapo não eram mais tratados como estranhos, tampouco voltariam a ser caçados ou demonizados pelos demais humanos e transmorfos da Lyssia. O velho cão-do-mar Figgis assumira o *Turbilhão* depois da morte do conde Vega, ao lado do esperto Garajau Florimo, e juntos tinham consertado o navio pirata e voltado para o mar aberto.

Seu hóspede estava abrigado no cômodo mais alto da Árvore da

Guarnição, um antigo observatório voltado para o norte da cidade, que oferecia uma bela vista da estrada Dymling no trecho em que cortava a Dyrewood, a caminho do Redwine e das Dalelands. Um guarda parado à porta fez um aceno de cabeça, puxando a chave do bolso e abrindo a porta de tábuas escuras. Drew bateu com os dedos do Punho Branco na madeira, sem se esquecer das boas maneiras, como Tilly Ferran lhe ensinara. A porta se abriu, e ele entrou.



2

A caçada ao Lobo

Embora o local costumasse ser um observatório, agora era uma biblioteca. Os livros do Salão de Redmire salvos da ruína tinham sido enviados para lá. Tratavam de história, geografia e das grandes raças e nações da Lyssia. Havia tomos sobre idiomas e lendas, bem como mapas e pergaminhos tão antigos quanto o próprio Brenn, mas nada sobre magia e assuntos afins.

Hector ergueu a cabeça de onde estava sentado, um banco perto da janela, enrolado em um cobertor, pois o vento frio de outono corria pelo recinto. Fechou o livro e o colocou sobre o assento com um gesto desajeitado ao se levantar. Ainda não estava habituado à vida com apenas um braço. O mal fora exterminado junto com o membro corrompido, mas suas consequências atormentariam o magíster até o fim de seus dias.

O jovem Boardlord sorriu quando Drew entrou, e seu amigo retribuiu o gesto.

— Hoje você veio cedo — comentou o magíster. — A que devo a honra?

— Vou ficar fora uns dias. Houve um incidente na Dyrewood.

— Um incidente? — perguntou Hector. — Parece ser sério.

— E pode ser mesmo.

— Quer que eu vá com você?

Drew abriu um sorriso sem graça.

— De jeito nenhum, Hector.

O Boardlord assentiu vagarosamente.

— É verdade. Você não confia em mim.

Drew deu de ombros.

— Pode até ser, mas sou eu que pergunto: você confia em si mesmo? Tem certeza de que Vincent se foi para sempre?

Hector ergueu o braço esquerdo, decepado logo abaixo do cotovelo. Não respondeu; apenas ficou olhando com o rosto pálido e uma expressão distante. Devia estar pensando no que acontecera na Torre do Osso em Icegarden, foi o que Drew concluiu, e nos acontecimentos sinistros que tinham se desenrolado por lá. O Werewolf subira a torre para pôr um fim a duas almas atormentadas: Lucas e Mão Negra. O Leão fora morto, e, quando surgira a oportunidade de matar o magíster, Drew havia hesitado. Não era um necromante caído diante dele — naquele momento, fora a voz de seu querido Hector a emergir do corpo corrompido do magíster. O Wolflord tomou uma decisão repentina. O mal estava concentrado na mão necrosada, que tomara vida própria. A Moonbrand zuniu no ar e desceu sobre a mão enegrecida, que saiu voando do alto da torre, desaparecendo noite adentro. Os Gaviões então os tinham levado do alto da Torre do Osso para além das muralhas de Icegarden e para longe das hordas de mortos-vivos.

— Vincent pode ter sumido, mas as cicatrizes vão permanecer para sempre — comentou Hector, olhando para o braço decepado.

— Todos nós pagamos um preço — respondeu Drew. — Ninguém saiu ileso de Icegarden naquela noite.

Ele carregara pessoalmente o corpo de Whitley, declinando a ajuda oferecida pelos amigos. Só a soltara quando chegara o momento do encontro com Bergan. Quando chegara ao acampamento do Lobo, Hector fora mandado para as Filhas de Icegarden junto com Trent. Enquanto as magísteres da Ursa Branca limpavam e costuravam o ferimento de Hector, outras se encarregaram de cuidar do Cavaleiro Lupino. O irmão de Drew ainda estava em processo de cura, mesmo tanto tempo depois, mas ele sabia que Trent jamais seria o mesmo. Drew se perguntou se algum deles seria.

Hector o encarou.

— Então, quanto tempo vou ficar por aqui, Drew? Uma semana? Um mês? Um ano?

— Não está feliz aqui, Hector? O quarto não está arrumado a seu gosto? Mandei trazer livros, para que você se sentisse em casa.

O Boarlord abriu um sorriso forçado.

— É uma prisão, Drew.

O jovem Lobo tentou retribuir o sorriso, mas não conseguiu. Quando voltou a falar, sua voz estava embargada:

— Jurei no alto da Torre do Osso que cuidaria de você, Hector, e vou cumprir minha palavra. Apesar de você ser queridíssimo para mim, não é só por isso. Todos vimos o que aconteceu em Icegarden, o poder que você foi capaz de evocar. Nunca vou permitir que isso aconteça de novo. Não enquanto eu for vivo.

— Então você é meu carcereiro, Drew?

— Ah, não — respondeu o rapaz da Costa Gélida. — Sou muito mais que isso.

Drew abraçou Hector e sentiu a tensão se dissipar imediatamente. O Boarlord relaxou e retribuiu o abraço. Ele ouviu o choro do magíster quando murmurou em seu ouvido:

— Eu sou seu amigo.

— Por que tanta demora? — reclamou Mikotaj, sentado na sela do garanhão preto. O cavalo batia as patas nervosamente contra o chão, com o enorme Lobo de Shadowhaven no lombo. O animal relinchou, e o bárbaro o segurou pela crina, praguejando. — Ei! Pare com isso, ou eu e você vamos ter problemas.

— Não gosta de cavalos? — perguntou Trent Ferran, montado em Tempestade. A égua marrom bufava de contentamento, feliz com o reencontro com o dono perdido.

— Eu não diria isso. Se for bem cozido, fica uma delícia — respondeu o Lobo branco, e a montaria protestou outra vez.

— Como vai você? — Bergan perguntou a Trent. O Bearlord estava de pé ao lado deles. O general Harker segurava as rédeas de Bravura, o cavalo branco de Drew, à espera da chegada do capitão.

— Estou bem — mentiu Trent com um sorriso. Lady Greta e as Filhas de Icegarden haviam se dedicado a curá-lo, expulsando de seu corpo a magia selvagem que o transformara em uma fera. Os traços físicos do licantropo desapareceram de sua pele, mas sua mente continuava atormentada pelos desejos sombrios que o tinham consumido naquela noite em Icegarden. Aquelas imagens voltavam na forma de pesadelos que o mantinham acordado à noite quando a lua estava cheia no céu, deixando-o febril e coberto de suor. O monstro parecia ter sumido, mas algo dele ainda permanecia — sentidos apurados e um entendimento instintivo do modo de pensar dos Lobos Selvagens. Da maneira como caçavam.

— Vai querer voltar para Gretchen em Hedgemoor, então? — perguntou Mikotaj.

— Quando tudo estiver terminado. Só depois disso — respondeu Trent. — E você? Shadowhaven está à sua espera, não?

— De fato — respondeu o gigante de cabelos claros. — Mas tudo tem seu tempo. O lugar virou uma cidade-fantasma, com mais ruínas que construções. Ninguém está com pressa de voltar enquanto Icegarden ainda estiver em poder dos mortos. Não, Shadowhaven pode esperar um pouco mais. Além disso, está frio como o traseiro de um Urso Branco lá no norte!

Todos caíram na risada, observando a aproximação de Drew Ferran, capitão dos Sentinelas da Floresta, que marchava pela estrada Dyre na direção deles. Seus passos eram rápidos e determinados.

— Obrigado, Harker — ele falou, sorrindo para o general, que lhe entregou as rédeas de Bravura.

— Foi um prazer, capitão — respondeu Harker, batendo no flanco firme do animal enquanto Drew subia na sela.

— O que sabemos?

— Um deles foi visto por uma família de lenhadores vinte léguas ao sul de Darke — respondeu o general, falando bem sério.

— Ele atacou alguém? — perguntou Mikotaj.

— Foi atrás de um menino, mas algumas flechas bem atiradas expulsaram a fera e salvaram a criança. — Harker entregou um mapa a Drew. — O local está marcado aqui, da melhor maneira possível, de acordo com as informações dos batedores do barão Redfearn.

— Não podemos permitir que ele morda ninguém — disse Trent. — A transmissão é pelo sangue, lembra?

— Não precisa ter medo — respondeu Mikotaj. — Você foi mordido e sobreviveu, não foi?

— Eu fui forte — respondeu Trent, com mais raiva na voz do que gostaria, arqueando uma das sobrancelhas para o nortista.

— Sabemos se é Coração Negro? — questionou Drew.

— Desconfio que não seja — falou Harker. — O Lobo Selvagem em questão tinha marcas de tintura azul e uma pelagem sarnenta. Embora Coração Negro ainda esteja à solta.

— E nós vamos encontrá-lo — disse Drew, mais seguro do que nunca de suas palavras. Os Lobos Selvagens que tinham sobrevivido aos horrores de Icegarden haviam fugido para o sul e voltado para seus antigos lares na floresta com o rabo entre as pernas. Eram líderes de várias tribos de Wyldermen escondidas nos recantos mais obscuros do Reino da Floresta.

Alguns até poderiam ter voltado a viver em meio a seu povo. Como se tratava de uma infecção violenta, poderia provocar um desastre na Dyrewood, com consequências catastróficas.

— Vamos encontrar todos eles — acrescentou Trent, lançando um olhar bem sério para o irmão. Drew entendeu o que ele queria dizer. Além de Coração Negro, havia outro que escapara de suas mãos quando a guerra havia terminado: Vanmorten. Ninguém sabia onde estava o Ratlord, mas nem por isso os irmãos desistiriam de encontrar seu rastro. Vingariam os crimes cometidos por aquele monstro, principalmente o assassinato de Tilly, mãe deles, muito tempo antes. O Rato podia fugir e se esconder, mas os Ferran o encontrariam.

Trent impulsionou Tempestade com os calcanhares, e o cavalo de Mikotaj foi em seu encalço, as rédeas presas com força pelas mãos enormes do nortista. Bergan pôs a mão no joelho de Drew antes que ele saísse galopando atrás dos dois.

— Tudo bem, filho?

Drew entendeu muito bem a pergunta.

— Ela estaria conosco hoje. Conhecia esta floresta melhor que ninguém.

— Ela está com você, filho — respondeu o duque, erguendo a mão para bater na armadura de couro sobre o peito de Drew. — Bem aqui. Sempre vai estar.

Drew sorriu, reconfortado pelas palavras do amigo.

— E como estava nosso hóspede hoje?

— Bem — respondeu Drew, enquanto o sorriso desaparecia de seu rosto. — Vai demorar um tempo para Hector voltar a ser como era... se voltar. Ele precisa ser vigiado. Devemos ficar atentos, Bergan.

— Ainda bem que conseguimos trazê-lo de volta quase inteiro — respondeu o duque, batendo no cavalo de Drew. — Não se preocupe. Vou ficar de olho nele como um Hawklord faria enquanto você estiver fora.

— Isso mesmo — falou Drew. — Seria bom ter Shah por perto nessas horas. Sempre fico me perguntando onde ela foi parar.

— Pois é. Foi estranho ela e o menino terem sumido daquele jeito, não foi?

— E levado o corpo de Vega com eles.

— Sem nem ao menos se despedir — disse o duque, balançando a cabeça, desolado.

— Tem gente que prefere ter privacidade ao enterrar seus entes queridos. Shah deve ter levado Vega a algum lugar importante para ele, um lugar com

forte significado. Nosso amigo merecia um bom leito para descansar o sono eterno.

— Ele não parecia muito cansado da última vez que o vi — comentou Bergan, e seus bigodes se contorceram quando ele abriu um sorriso.

Drew encarou o transmorfo barbudo.

— Pelo amor de Brenn, do que está rindo, meu velho?

O Bearlord de Brackenhholme deu um tapa no lombo de Bravura. O cavalo empinou e agitou as patas da frente.

— Vá logo, Drew Ferran! — berrou o duque, soltando uma gargalhada que fez o peito largo se agitar. — Que Brenn o abençoe, meu rapaz! Você tem lobos para caçar!

Bravura disparou, levantando poeira e uma nuvem de folhas secas em seu rastro. Drew se dobrou sobre a sela e saiu ao encontro de seus companheiros, a risada do Bearlord ainda ressoando em seus ouvidos enquanto galopavam pela estrada Dyre rumo ao coração da floresta.

Sobre o autor



crédito da foto: Curtis Jobling

O escritor e ilustrador **Curtis Jobling** nasceu em Blackpool, Inglaterra, em 1972. Criador das séries de animação infantil *Bob, o construtor* e *O gato Frankenstein*, que lhe renderam os prêmios Bafta e Pulcinella, e conhecido por seu trabalho na TV, Jobling tem outro amor: histórias de horror e fantasia. “Wereworld” é sua primeira série para jovens. Saiba mais sobre seu trabalho em www.curtisjobling.com.

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Sumário](#)

[Lista de personagens](#)

[PARTE I: O retorno do Lobo](#)

[1 O Curral do Touro](#)

[2 Charme matador](#)

[3 Uma onda de aço](#)

[4 A paciente prisioneira](#)

[5 A isca e o anzol](#)

[6 Diante dos portões de Azra](#)

[7 O Cavaleiro Lupino](#)

[8 A única opção](#)

[PARTE II: Os caminhos são traçados](#)

[1 Esturricado](#)

[2 Farpas e espinhos](#)

[3 Pai e filho](#)

[4 Acerto de contas](#)

[5 Ruínas](#)

[6 O porto das almas perdidas](#)

[7 O encontro noturno](#)

[PARTE III: Sangue derramado](#)

[1 De passagem](#)

[2 No limite](#)

[3 Filho Cinzento](#)

[4 A fazenda e o fogo](#)

[5 Hedgemoor](#)

[6 A batalha da Falha de Bana](#)

[7 Lar desfeito](#)

[8 Aliados relutantes](#)

[9 O Sharklord e a Hawklady](#)

[PARTE IV: A sorte está lançada](#)

[1 Carne vermelha](#)

[2 Fora das montanhas](#)

- [3 Enfrentamentos](#)
- [4 Uma mãozinha inesperada](#)
- [5 O senhor de todos os Leões](#)
- [6 O artesão e a cirurgiaã](#)
- [7 A escolha mais simples](#)
- [8 Migalhas da mesa](#)
- [9 A união](#)

[PARTE V: A batalha da Pedra Preta](#)

- [1 Enfim, o encontro](#)
- [2 Os três lados da batalha](#)
- [3 Decolagem](#)
- [4 Uma novíssima união](#)
- [5 O fim da longa espera](#)
- [6 Tremores](#)

[PARTE VI: A guerra dos Werelords](#)

- [1 Uma recepção fria](#)
- [2 Palavras convincentes](#)
- [3 O golpe mais cruel](#)
- [4 Uma onda de esperança](#)
- [5 Lágrimas de sangue](#)
- [6 O chamado do sono eterno](#)
- [7 Luz contra noite](#)
- [8 O último adeus](#)

[PARTE VII: O preço](#)

- [1 A garota na árvore](#)
- [2 A caçada ao Lobo](#)

[Sobre o autor](#)